

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOSSOCIOLOGIA DE
COMUNIDADES E ECOLOGIA SOCIAL**

**Ecovilas: A construção de uma cultura
regenerativa a partir da práxis de Findhorn,
Escócia**

Taísa Pinho Mattos

Rio de Janeiro
2015

Dedico este trabalho aos meus pais, Sônia e Roberto, que me permitiram chegar até aqui,
e agradeço a cada um que, de alguma forma, contribuiu para esta realização.

“Viver de modo mais ético com os semelhantes e com o planeta
não significa voltar ao passado, mas sim desenvolver novas e
criativas tecnologias e formas de organização social.”
(CAPRA, 2006 apud BÔLLA, 2012, p 79)

“Enquanto seres humanos, nossa grandeza reside não somente
em sermos capazes de refazer o mundo, mas em sermos capazes
de refazer a nós mesmos.”
Mahatma Gandhi

RESUMO

Partindo de um olhar crítico sobre o nosso processo de desenvolvimento, e as diversas consequências da manutenção do modelo capitalista vigente, no que se refere aos impactos ambientais, disparidades socioeconômicas, além de questões mais sutis, relacionadas aos aspectos culturais, vemos o surgimento de grupos e comunidades intencionais propondo outra forma de se viver e relacionar, a partir de valores e princípios distintos, como uma reação a este modelo, indicando possíveis caminhos na transição para um modo de vida sustentável.

Ecovilas são comunidades intencionais, multifuncionais, cujo foco é o desenvolvimento local sustentável. São laboratórios vivos, comunidades da práxis, que estão criando e experimentando novas formas de vida e relacionamento, proporcionando, ao mesmo tempo, qualidade de vida e baixo impacto ambiental. As Ecovilas podem ser vistas como exemplos para a criação de novas formas de habitar o planeta.

A partir da realização de uma pesquisa etnográfica na Ecovila Findhorn, na Escócia, utilizando as técnicas de observação participante e entrevistas semi-estruturadas, em profundidade, complementada por pesquisa realizada durante a Conferência Anual da Rede Global de Ecovilas em 2014, tornou-se possível articular os dados para uma maior compreensão das subjetividades envolvidas na construção do estilo de vida, valores e práticas das Ecovilas.

Em Findhorn, o cuidado com a forma de se comunicar e de se relacionar, a busca por uma governança efetivamente participativa e uma espiritualidade relacionada à conexão com a natureza, emergem como grandes aliados do grupo, que contribuem não somente para a vitalidade e longevidade comunitária, mas sedimentam as bases de uma cultura regenerativa.

Palavras-chave: Ecovilas, Sustentabilidade, Cultura Regenerativa, Comunidades Intencionais, Desenvolvimento Sustentável.

ABSTRACT

Looking from a critical perspective to our development process and the consequences of the current capitalist model related to the environmental impact, socioeconomic disparities and other subtle issues related to cultural aspects, we see the emergence of groups and intentional communities proposing other ways of living and relating, from different values and principles, as a reaction to this model indicating possible directions in the transition to a sustainable way of life.

Ecovillages are multifunctional intentional communities focused on local sustainable development. They are living laboratories, communities of *praxis* that are creating and experiencing new forms of life and relationships, promoting, at the same time, quality of life and low environmental impact. Ecovillages can be seen as examples for creating new ways of inhabiting the planet.

From an ethnographic research conducted in Findhorn Ecovillage, in Scotland, using the techniques of participant observation and semi-structured interviews, in depth, complemented by a research conducted during the Annual Conference of The Global Ecovillage Network in 2014, it became possible to articulate the data for a greater understanding of the subjectivities involved in the construction of the lifestyle, values and practices of the Ecovillages.

In Findhorn, a special care on relationships and how to communicate, the participatory governance and a spirituality related to the connection with nature emerge as allies that contribute to community vitality and longevity and serve as basis of a regenerative culture.

Keywords: Ecovillages, Sustainability, Regenerative Culture, Intentional Communities, Sustainable Development.

BREVE APRESENTAÇÃO DA AUTORA

A primeira vez que ouvi falar do Movimento de Ecovilas foi em 2002, quando o primeiro Treinamento em Ecovilas foi realizado no Brasil, na atual UNILUZ, em Nazaré Paulista, interior de São Paulo. Em 2004, fiz parte da terceira turma do treinamento, cujos módulos foram realizados de forma itinerante, em Ecovilas e iniciativas afins, como comunidades intencionais, centros de Permacultura e bioconstrução, e centros de vivência Brasil afora. Foi muito inspirador!

Enchi-me de esperança: “Sim, é possível viver de outra forma!” Mergulhei de cabeça, me reinventei. Até ali, era oficialmente publicitária e produtora cultural, mais produtora do que publicitária, pois as artimanhas da publicidade e do marketing, na sedução para o consumo, me assustaram desde o início. Segui com a cultura, que sempre me interessou e, de alguma forma, me mantinha em um espaço de neutralidade. Mostrar a cara do povo brasileiro, desvendar os muitos “Brasis” e suas belezas, riquezas, nuances. Isso ainda me encantava. Mas viver para produzir documentários e programas para os mais diversos canais de TV, ainda não fazia o devido sentido.

Fui atrás do meu sonho: juntei-me a um grupo de amigos, fiz cursos e formações, viajei para conhecer experiências inovadoras. Fundamos primeiro uma Rede de Economia Solidária, com moeda social própria, a Flor & Ser, no bairro Santa Teresa – RJ, onde vivia. A experiência rapidamente cresceu e agregou muitos adeptos. Tínhamos reuniões semanais, feiras de troca mensais, boletins de produtos e serviços disponíveis. Foi, sem dúvida, um grande aprendizado que durou cerca de 2 anos.

A economia faz o mundo girar, mas a vontade era de ir além disso, e fomos. Procuramos até encontrar o local adequado, no alto das montanhas, cercado de florestas, com águas abundantes. Lá compramos uma terra, na Mantiqueira - MG, um espaço para criar a nossa Ecovila, batizada de Terra Una. Muitos ideais, algumas pessoas e um sonho em comum: aprender a viver de outra forma, com outros valores, mais perto da natureza, co-criando uma outra forma de vida e relacionamentos.

Desde 2004 participo ativamente do Movimento de Ecovilas, tendo visitado diversas iniciativas no Brasil e no exterior. Sou co-fundadora da Ecovila Terra Una, e ex-residente de Nazaré UNILUZ. Vivi também em pequenas comunidades urbanas no

Rio de Janeiro. Estou vinculada à Rede Global de Ecovilas (GEN) e integro a equipe do Programa *Gaia Education* em diversas localidades no Brasil e afora. O programa, elaborado por um grupo de educadores de diferentes Ecovilas, foi reconhecido como uma contribuição oficial à Década Internacional da Educação para o Desenvolvimento Sustentável da ONU (2005-2014), sendo realizado atualmente em 39 países.

Durante os anos da pesquisa, mergulhei em uma investigação mais ampla sobre as Ecovilas, a cultura que as alicerça, seus princípios e práticas. De volta à Academia, busco contribuir com a sistematização da experiência das Ecovilas, para torná-las ainda mais inspiradoras.

Sumário

1	INTRODUÇÃO	14
	Crise como Oportunidade de Transição	14
	Ecovilas e Comunidades Intencionais como Movimentos Sociais de Transição	18
	O Conceito de Cultura e suas Variáveis: vislumbrando a emergência da cultura regenerativa	20
1.1	OBJETIVOS E ESTUDO.....	23
1.2	ORGANIZAÇÃO E APRESENTAÇÃO DO TRABALHO.....	24
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	27
2.1	ECOVILAS E O DESENVOLVIMENTO LOCAL SUSTENTÁVEL.....	27
2.2	OS DILEMAS DO DESENVOLVIMENTO.....	30
2.2.1	Desenvolvimento x Crescimento Econômico: os limites ambientais.....	31
2.2.2	Do Desenvolvimento Sustentável à Economia Verde.....	33
2.2.3	Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.....	36
2.2.4	Os Desafios da Sustentabilidade: ações globais ou locais?	39
2.2.5	Sustentabilidade x Resiliência	40
2.2.6	Outras visões do desenvolvimento: desafios sócio-econômicos.....	42
2.2.7	Desenvolvimento Local e Participação Social – em busca de cidadania.....	45
2.2.8	Novos Indicadores de Sustentabilidade	47
2.2.9	Desenvolvimento, Cultura e Identidade - outros efeitos da globalização.....	49
2.2.10	Cultura da Sustentabilidade x Cultura Regenerativa.....	50
2.2.11	Desenvolvimento Regenerativo: construindo um futuro sustentável	56
2.2.12	Capitalismo e a Crise Global – uma mudança é possível?	60
2.3	EM BUSCA DE COMUNIDADE	63
2.3.1	As Comunidades Intencionais	69
2.3.2	Ecovilas.....	71
2.3.3	Origens e Inspirações das Ecovilas	75
2.3.4	As Especificidades das Ecovilas.....	78
2.3.5	Breve Panorama das Pesquisas sobre as Ecovilas.....	85
2.3.6	Desafios na Criação e Manutenção de Ecovilas e Outras Comunidades Intencionais	87
2.3.7	Os Desafios da Gestão Comunitária	89
2.3.8	Desafios Sociais e Culturais das Ecovilas	91
3	METODOLOGIA DE PESQUISA	95
3.1	ANTECEDENTES: O MEU ENVOLVIMENTO COM FINDHORN E O MOVIMENTO DE ECOVILAS	97
3.2	UM BREVE HISTÓRICO DE FINDHORN	97
3.3	A REDE GLOBAL DE ECOVILAS: HISTÓRIA E ORGANIZAÇÃO GERAL.....	101
3.4	O TRABALHO DE CAMPO.....	102
3.4.1	A Pesquisa de Campo em Findhorn	108
3.5	ANÁLISE DE DADOS	113
3.5.1	Perfil dos Entrevistados	114
3.6	ÉTICA NA PESQUISA	116
3.7	DESAFIOS RELACIONADOS À REALIZAÇÃO DA PESQUISA	117
4	RESULTADOS DA PESQUISA DE CAMPO	118
4.1	A VIDA COMUNITÁRIA EM FINDHORN: VISÃO E PRINCÍPIOS FUNDADORES ...	119
4.2	O ESPAÇO FÍSICO DA COMUNIDADE EM FINDHORN E OS ASPECTOS ECOLÓGICOS	120
4.3	FINDHORN E A NOVA ECONOMIA	128
4.4	DIFERENCIAIS DA VIDA COMUNITÁRIA EM FINDHORN: BAIXO CONSUMO, BAIXO IMPACTO AMBIENTAL E ALTA QUALIDADE DE VIDA.....	133
4.5	A EFERVECÊNCIA DA VIDA CULTURAL COMUNITÁRIA	134

4.6	RITMO E DETALHAMENTO VIDA COMUNITÁRIA COTIDIANA EM FINDHORN.	137
4.7	HISTÓRICO DO DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO E DAS ORGANIZAÇÕES: A CRIAÇÃO DA 'COMUNIDADE DE COMUNIDADES' E SEU IMPACTO NA REGIÃO	144
4.8	A GOVERNANÇA EM FINDHORN.....	149
4.8.1	Histórico da Liderança em Findhorn	150
4.8.2	Outras considerações sobre liderança.....	152
4.8.3	Modelo de funcionamento atual: a estrutura de gestão da Fundação Findhorn ...	155
4.8.4	Processos participativos de governança e tomadas de decisão: do consenso para a sociocracia	156
4.8.5	Rank, poder e privilégio.....	160
4.8.6	Os desafios da governança em Findhorn.....	162
4.9	ESPIRITUALIDADE	165
4.9.1	Espiritualidade como suporte pessoal e comunitário	167
4.9.2	Meditação e outras práticas espirituais	168
4.9.3	Serviço como espiritualidade na prática.....	169
4.9.4	O sagrado no cotidiano	171
4.9.5	Co-criação com a Natureza e o Divino: conexão com 'algo maior'	172
4.9.6	Espiritualidade socialmente engajada.....	174
4.10	RELACIONAMENTOS.....	177
4.10.1	Confiança, a base dos relacionamentos	180
4.10.2	A Convivência e os aprendizados sobre a natureza humana.....	181
4.10.3	Partilha, a essência da vida comunitária.....	183
4.10.4	Os relacionamentos e a vida em comunidade	184
4.10.4.1	Crescimento pessoal e grupal	185
4.10.4.2	Suporte comunitário, senso de pertencimento e apoio mútuo.....	186
4.10.4.3	Comunidade x Individualidade.....	188
4.10.5	Findhorn e as Relações	191
4.10.5.1	As Muitas Visões de Família.....	191
4.10.5.2	As Relações Conjugais: encontros e desencontros.....	193
4.10.5.3	O Lugar das Crianças.....	194
4.10.5.4	O Cuidado com os Mais Velhos	197
4.10.5.5	A Comunidade e as Fases da Vida	198
4.10.5.6	Revedo as Concepções de Amizade	199
4.10.5.7	As Relações de Trabalho	200
4.10.5.8	A Comunidade e sua Relação com o Entorno	204
4.10.6	Estratégias para favorecer os relacionamentos	206
4.10.6.1	Nível físico: preparando o espaço para acolher o grupo.....	Erro! Indicador não definido.
4.10.6.2	Nível institucional: criando acordos, documentos e procedimentos para facilitar os processos de convivência.....	207
4.10.6.3	Práticas: criando comunidade a partir das práticas cotidianas.....	209
4.10.7	Conflitos nos relacionamentos.....	212
4.11	COMUNICAÇÃO.....	217
4.11.1	A comunicação em Findhorn	217
4.11.1.1	Ferramentas utilizadas por Findhorn para a comunicação interpessoal e grupal	218
4.11.1.2	Comunicação interna e regional: o Rainbow Bridge	222
4.11.2	O papel central da comunicação nos relacionamentos	223
4.12	REDE GLOBAL DE ECOVILAS: O MOMENTO ATUAL - NOVA DEFINIÇÃO, VISÃO DE FUTURO E DESAFIOS.....	225
4.12.1	O Movimento de Ecovilas no Brasil: relatos a partir da experiência vivencial	228
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	Erro! Indicador não definido.
	ANEXO I – TERMO DE CONSENTIMENTO TRADUZIDO	246
	ANEXO II – ROTEIRO DE ENTREVISTA	248

**ANEXO III – DOCUMENTO ‘COMMON GROUND’ FINDHORN (diretrizes de
conduta)..... 250**

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Gráfico mostrando a trajetória do modelo usual ao regenerativo. Fonte: Fleming (2013)	48
Figura 2: Ilustração comparando os fluxos de entrada e saída de recursos em uma cidade convencional (metabolismo linear) e outra sustentável, com o metabolismo circular. Fonte: Girardet (2010).....	50
Figura 3: Gráfico comparando os modelos de desenvolvimento: convencional, verde, sustentável e regenerativo. Fonte: Girardet (2010)	53
Figura 4: <i>Original Caravan</i> . Findhorn. Foto: Taisa Mattos	94
Figura 5: <i>Original Caravan</i> e <i>Original Garden</i> . Findhorn. Foto: Taisa Mattos.....	95
Figura 6: Mapa localização Findhorn. Fonte: Findhorn Foundation	97
Figuras 7 e 8: Vista aérea das sedes: The Park (à esquerda) e Cluny Hill (à direita). Fonte: https://stelacramer.wordpress.com/tag/fundacao-findhorn/	97
Figura 9: Assembléia Geral GEN Europe, 2014. ZEGG, Alemanha. Foto: Taisa Mattos	102
Figura 10: Encontro NEXT GEN pré-Conferência 2014. ZEGG, Alemanha. Foto: Taisa Mattos	102
Figura 11: GEN Conference, 2014 – Tenda Principal. ZEGG, Alemanha. Foto: Taisa Mattos	103
Figura 12: GEN Conference, 2014 – Tenda Principal. ZEGG, Alemanha. Foto: Taisa Mattos	103
Figura 13: GEN Conference, 2014 – Workshops temáticos. ZEGG, Alemanha. Foto: Taisa Mattos	104
Figura 14: GEN Conference, 2014 – círculo encerramento. ZEGG, Alemanha. Foto: Taisa Mattos	104
Figura 15: Foto oficial do grupo da Ecovillage Experience Week. Fonte: Findhorn Foundation	106
Figura 16: Cozinhando com o grupo da Experience Week. Cozinha do Park. Findhorn Foto: Taisa Mattos	106
Figura 17: Em sala de aula com o grupo da Experience Week. Findhorn. Foto: Taisa Mattos	107
Figura 18: Conselho ao redor do fogo. Grupo da Experience Week. Findhorn. Foto: Taisa Mattos	107
Figura 19: Apagando a vela do centro. Grupo da Experience Week. Cluny Hill, Forres. Foto: Taisa Mattos	107
Figura 20: Trabalho Cullerne Garden, Findhorn. Foto: Taisa Mattos	108
Figura 21: Tea Break. Cullerne Garden, Findhorn. Foto: Taisa Mattos	109
Figura 22: Tea Break. Cullerne Garden, Findhorn. Foto: Taisa Mattos	109
Figura 23: Cluny Hill. Forres. Foto: Taisa Mattos	118
Figura 24: Traigh Bhan. Iona. Foto: Findhorn Foundation	118
Figuras 25 e 26: Ilha e comunidade de Erraid. Fonte: http://www.erraid.com	119
Figura 27: Mapa sede The Park. Findhorn. Foto: Taisa Mattos	119
Figura 28: Mapa detalhado The Park. Findhorn. Foto: Taisa Mattos	120
Figura 29: Vila dos Barris de Whisky. Findhorn. Foto: Findhorn Foundation	121
Figura 30: Casa ecológica. Field of Dreams. Findhorn. Foto: Taisa Mattos	121
Figura 31: Santiago. Casa Ecológica. Findhorn. Foto: Taisa Mattos	122
Figura 32: Moon Tree. Espaço da equipe do Jardim. Findhorn. Foto: Taisa Mattos	122
Figura 33: Casa de pedras. Field of Dreams. Findhorn. Foto: Taisa Mattos	122
Figura 34: Soillse (Co-housing) Findhorn. Foto: Taisa Mattos	123

Figura 35: Living Machine. Tratamento das Águas. Findhorn. Foto: L. Schnadt	124
Figura 36: Turbinas eólicas para geração de energia. Findhorn. Foto: Findhorn Foundation.....	124
Figura 37: Área de Reciclagem. Findhorn. Foto: Taisa Mattos	124
Figuras 38 e 39: Cullerne Garden. Plantio de alimentos. Findhorn. Fotos: Taisa Mattos / Findhorn Foundation	125
Figura 40: Moeda social EKO. Foto: Taisa Mattos	126
Figura 41: Lançamento EKOS. Phoenix Shop. Findhorn. Foto: Findhorn Foundation	127
Figura 42: Carro Moray Car Share. The Park. Findhorn. Foto: Taisa Mattos	128
Figura 43: Veículos Moray Car Share. The Park. Findhorn. Foto: Taisa Mattos	128
Figura 44: Fachada <i>Boutique</i> . Findhorn. Foto: Taisa Mattos	129
Figura 45: Interior <i>Boutique</i> . Findhorn. Foto: Taisa Mattos	129
Figura 46: Universal Hall. Fachada. Findhorn. Foto: Taisa Mattos	132
Figura 47: Universal Hall. Salão Principal. Findhorn. Foto: Findhorn Foundation....	132
Figura 48: <i>Nature Sanctuary</i> . Findhorn. Foto: Taisa Mattos	135
Figura 49: <i>Main Sanctuary</i> . Findhorn. Foto: Taisa Mattos	136
Figura 50: Área externa Centro Comunitário. Findhorn. Foto: Taisa Mattos	138
Figura 51: Centro Comunitário - salão menor. Findhorn. Foto: Taisa Mattos	139
Figura 52: Centro Comunitário - salão central. Findhorn. Foto Taisa Mattos	139
Figura 53: Diagrama Tomada de Decisão por Consenso. Fonte: Potira Preiss (2008).	154
Figuras 54 e 55: ‘Cartão de Visitas’ Findhorn (frente e verso). Fotos: Taisa Mattos	171

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Perfil dos Entrevistados em Findhorn	111 e 112
Tabela 2: Perfil dos Entrevistados sobre a Rede Global e o Movimento de Ecovilas..	112
Tabela 3: Ritmo atividades semanais Findhorn	134

1. INTRODUÇÃO

Crise como Oportunidade de Transição

Se os atuais sistemas humanos são insustentáveis, é prudente olharmos para aqueles que são pioneiros em práticas sustentáveis. Ignorar comunidades que estão reduzindo drasticamente suas pegadas ecológicas, que estão criando modelos de sustentabilidade literalmente de baixo para cima, seria intelectualmente negligente e pragmaticamente imprudente (LITFIN, 2009, p. 124 e 125 – tradução nossa).

O mundo passa por desafios globais, em relação ao meio ambiente, aos aspectos sociais e à economia (BANG, 2013). As evidências de que os recursos naturais são finitos (MEADOWS, 1973), aliadas à extinção de inúmeras espécies, a perda da biodiversidade, as mudanças climáticas (TRAINER, 1997), além da desigualdade social, crescente violência, guerras, crise financeira global (BANG, 2013), entre outros, sugerem que o modo de vida da ‘sociedade de consumo’ é insustentável.

Desde a década de 1990, evidencia-se a relação entre os problemas ambientais e os padrões de consumo das sociedades contemporâneas (PORTILHO, 2010 apud VOGEL, 2012), apontando para a necessidade de uma mudança na nossa forma de habitar o mundo. As desigualdades sociais agravam-se a olhos vistos, gerando consequências adversas. Surge daí a busca por um desenvolvimento sustentável.

A noção de desenvolvimento sustentável (e, por consequência, sustentabilidade) tem sua origem, direta ou indiretamente, na constatação da insustentabilidade dos modos de produção e consumo das sociedades industriais e pós-industriais que, de alguma forma, destituíram a natureza de valor e transformaram indivíduos em peças quase que automatizadas de uma “engrenagem” inspirada por desejos que não podem ser alcançados, pois é na insaciabilidade de desejos que se sustenta esse mecanismo (IRVING, 2014, p. 16).

A sustentabilidade pode ser definida como o equilíbrio dinâmico entre muitos fatores, incluindo os componentes: social, cultural, político, econômico, e a necessidade de preservar o ambiente natural do qual a humanidade é parte. A transição para a sustentabilidade não se refere apenas ao ambiente, mas a uma mudança no estilo de vida, que depende primeiramente de conscientização em relação à interdependência de tudo e todos no planeta, e na alteração do enfoque do crescimento econômico para um desenvolvimento humano integrado.

Os desafios atuais apontam para sintomas ambientais de problemas humanos (GILMAN, 2013). Existem limites para o crescimento, mas a promessa de crescimento econômico continua, apesar das evidências de insustentabilidade do modelo vigente. (TRAINER, 2000). Torna-se cada vez mais inviável continuar operando de acordo com os princípios da cultura dominante, ancorada no fundamentalismo do mercado, no individualismo e na competição. Há uma necessidade urgente de transição, e o principal entrave é social (GILMAN, 2013), uma vez que, para fazer frente aos desafios atuais, precisamos de organização comunitária e responsabilidade para com o todo. (TRAINER, 1997). São necessárias novas habilidades e espírito coletivo, o que só se adquire com a experiência (TRAINER, 2000), além da reintrodução de valores comunitários, senso de comunidade e apoio mútuo (KOZENY, 1995).

O modo de vida associado a estes desafios globais pode ser visto como uma expressão concreta das formas de produção de sentido da cultura dominante ocidental, que operam através da fragmentação em seus três níveis fundamentais: o natural/ambiental, o sociocultural e o socioeconômico. (SIMAS, 2013). Para fazer frente a tais desafios, a prioridade é construir bons exemplos de sistemas integrados, partindo de valores distintos e da implementação de novos arranjos sociais, tecnologias ambientais e ferramentas econômicas. (TRAINER, 1997). Torna-se necessário criar um novo sistema cultural, baseado em sustentabilidade, diversidade, conectividade e auto-organização (GILMAN, 2013).

Uma sociedade sustentável não pode ser uma sociedade de consumo. O que implica em uma boa qualidade de vida é ter o suficiente (TRAINER, 2000) e não degradar o planeta e ignorar o próximo. Os valores da cultura atual contribuem para o esfacelamento do tecido social, além dos impactos ambientais. Os atuais desafios podem ser vistos como uma oportunidade de mudança para se criar outras formas de vida e outros valores, e de avançar no debate sobre sociedades sustentáveis.

Uma sociedade sustentável deve ser: muito mais simples, pequena, com uma economia local forte, contando com a participação dos membros e utilizando sistemas cooperativos, para fortalecer os laços sociais, além de tecnologias ecológicas para minimizar o uso de recursos e o impacto ambiental (TRAINER, 2000). Além disso, é importante ressaltar que não deve haver um único modelo a ser alcançado, mas uma

diversidade de experiências, alinhadas a seus contextos, valores e territórios. (LOUREIRO, 2012).

Sociedades sustentáveis refere-se à negação da possibilidade de existir um único modelo ideal de felicidade e bem-estar a ser alcançado por meio do desenvolvimento (...). Nesta perspectiva, há necessidade de se pensar em várias vias e organizações sociais constituindo legítimas formações socioeconômicas firmadas sobre modos particulares de relações com os ecossistemas (...). Tem como premissa a diversidade biológica, cultural e social (LOUREIRO, 2012, P. 63).

Em meio a este contexto, surge um fenômeno que soa como uma resposta aos desafios atuais: as Ecovilas (KIRBY, 2004). Ecovilas são comunidades intencionais, multifuncionais, cujos princípios e práticas se voltam para a sustentabilidade, em diversas dimensões e níveis. (GILMAN, 1991; SVENSSON, 2002; DAWSON, 2006). São experiências diversas, de grupos que se unem para viver uma vida coletiva, a partir de um propósito comum e de valores partilhados (KOZENY, 1995). Utilizam tecnologias ecológicas para minimizar seu impacto ambiental, abordagens e metodologias sociais para favorecer os relacionamentos, além de ferramentas econômicas para fomentar a economia local. São exemplos de sucesso em termos de redução do consumo e aumento da qualidade de vida, provando, através da avaliação de suas pegadas ecológicas, que é possível transformar as condições de vida no sentido da sustentabilidade (DAWSON, 2006).

As Ecovilas são precursoras de uma nova forma de desenvolvimento na medida em que rejeitam a visão de mundo dominante, reconhecendo a interdependência entre todas as formas de vida, e se reposicionam, ao propor um estilo de vida sustentável, que leva em conta as questões ambientais, socioculturais e relacionais (KASPER, 2008; ERGAS, 2010). Apresentam um forte senso de comunidade, talvez como resposta à alienação e à solidão da modernidade (DAWSON, 2006). Consomem menos e são um exemplo do viver simples (TRAINER, 2000; DAWSON, 2006; SEVIER, 2008). Também revitalizam os sistemas participativos de governança em escala comunitária, e promovem uma educação holística, transdisciplinar (DAWSON, 2006).

As Ecovilas criam um ambiente favorável para o desenvolvimento pessoal e comunitário, estimulando o aprendizado de novas habilidades e o engajamento social na construção de uma nova forma de vida e relacionamentos. São locais onde os grupos estão buscando reassumir o controle sobre aspectos fundamentais de suas vidas, como a

geração de energia e a produção de alimentos. Procuram estabelecer relações harmônicas, respeitando os ecossistemas e os contextos socioculturais nos quais estão inseridas. Muitas das atividades e tecnologias utilizadas pelas Ecovilas para a redução do uso de energia e recursos naturais são também responsáveis pelo aumento da qualidade de vida e pelo o bem-estar¹. Cozinhar juntos, manter um clube de carros compartilhados, ter a posse comunitária de tecnologias para a geração de energia renovável, entre outros, cria o espírito da cooperação que fortalece a comunidade e contribui para o sentimento de bem-estar (DAWSON, 2010).

Apesar de se tratar de um conceito e fenômeno social ainda em formação, a efetividade de suas propostas tem chamado à atenção de diversos organismos, em escalas local, regional e global (SANTOS JR, 2010). Neste último caso, destaca-se, por exemplo, a inclusão das Ecovilas entre as 100 melhores práticas para o desenvolvimento sustentável do Programa *Habitat* da ONU, *como modelos excelentes de vida sustentável*, em 1998, e a nomeação da Rede Global de Ecovilas (*Global Ecovillage Network – GEN*) para o Conselho Econômico e Social do Comitê das Organizações Não-Governamentais das Nações Unidas (UN ECOSOC), em 2000, com *status* consultivo (GEN, s.d.). Além disso, o programa do *Gaia Education* ou *EDE (Ecovillage Design Education)*, elaborado por um grupo de educadores ligados ao Movimento de Ecovilas, obteve inicialmente o endosso da UNITAR – Instituto para Treinamento e Pesquisa das Nações Unidas, sendo também reconhecido como uma contribuição oficial para a Década Internacional da Educação para o Desenvolvimento Sustentável da ONU (2005-2014), sendo atualmente realizado em 39 países, em todos os continentes. (GEN, s.d.; GAIA EDUCATION, s.d.).

É importante ressaltar que ‘a Ecovila ideal não existe’. São projetos ‘em construção’, bastante distintos entre si. (JACKSON, 2004, p.2). Cada qual, com seus desafios e prioridades, mas, sem dúvida, estão contribuindo de forma efetiva para a transição para um modo de vida sustentável e regenerativo. Seus princípios e práticas têm sido aplicados em contextos rurais e urbanos, em países nos mais diversos estágios

¹ “O conceito de bem-estar engloba dois aspectos principais: sentir-se bem e ‘funcionar’ bem. Sentimentos de felicidade, contentamento, satisfação, curiosidade e engajamento são características de uma pessoa que tem uma experiência positiva da vida. Igualmente importante para o bem-estar é a nossa forma de agir/atuvar no mundo. Vivenciar relações positivas, ter um certo controle sobre os aspectos da vida e um senso de propósito são atributos fundamentais para o bem-estar”. (Neweconomics.org, 2011 apud NISSEN 2014, p.12 – tradução nossa).

de desenvolvimento, preservando o ambiente e melhorando a qualidade de vida (DAWSON, 2006).

A partir de um olhar crítico em relação à cultura da ‘sociedade de consumo’ (BARBOSA, 2008 apud VOGEL, 2012), um dos inúmeros rótulos atribuídos às sociedades contemporâneas, as Ecovilas podem ser vistas como criadoras de uma nova cultura, propondo e vivenciando novas formas de vida, trabalho e relacionamentos. (ROYSEN, 2013). Nesta perspectiva, tornam-se um amplo campo de investigação. (KUNZE, 2012).

Ecovilas e Comunidades Intencionais como Movimentos Sociais de Transição

Autores como Raskin (2002) e Beck (1992), além do documento da Agenda 21², revelam a importância dos movimentos sociais e da sociedade civil enquanto iniciadores de uma transformação cultural em direção à sustentabilidade (apud KUNZE, 2012). As comunidades intencionais são vistas como novos movimentos sociais (SCHEHR, 1997), ou ainda como “movimentos de revitalização”, a partir de uma crítica cultural (LOVE-BROWN, 2002, p. 158), socioeconômica e política. São “modos de resistência” (SCHEHR, 1997, p. 3), uma vez que respondem a questões emergentes a partir de suas ações cotidianas.

A vida comunitária é uma forma de colocar a teoria na prática, é uma vida comprometida com a *práxis*³, que vai além do idealismo. É também uma forma de resistir aos padrões da cultura ocidental dominante (ABRAMS et al., 1976). As comunidades intencionais “movem-se da teoria para a prática, e de uma prática individual para uma prática social” (ABRAMS et al., 1976, p.22). Atuam na

² RASKIN, Paul et al. **Great Transition: The Promise and Lure of the Times Ahead**. A Report to the Global Scenario Group. Stockholm Environmental Institute – Boston, 2002.

BECK, Ulrich. **Risk Society: Towards a New Modernity**. Sage Publications, 1992.

UNITED NATIONS. United Nations Conference on Environment & Development Rio de Janeiro, Brazil: **Agenda 21**. 1992. Disponível em: <http://sustainabledevelopment.un.org/content/documents/Agenda21.pdf>

³ *Práxis*, que significa conduta ou ação, remete para os instrumentos em ação que determinam a transformação das estruturas sociais. Para Marx, a práxis é o que fundamenta a teoria. Disponível em: <http://www.significados.com.br/praxis/>

reconstrução da vida comunitária e na criação de uma nova cultura (SIMAS, 2013). Descobriram formas inovadoras de se relacionar, balanceando cooperação com individualidade, unidade com diversidade, planejamento com ação e reflexão (KUNZE, 2012).

Comunidade enquanto lugar da ação, da *práxis*, onde é possível criar uma nova forma de se viver, através da ação coletiva em prol de um objetivo comum. Comunidade enquanto espaço de participação, de empoderamento dos atores sociais que passam a co-criar a sua própria realidade, assumindo o seu lugar enquanto agentes, isto é, “seres capazes de intervir no mundo, com efeito de influenciar um processo ou estado específico das coisas” (GIDDENS, 1989 apud VOGEL, 2012, p. 11). A participação ativa nos processos comunitários proporciona um sentimento de pertencimento, de responsabilidade e de autonomia, por influenciar nos mais diversos aspectos da vida (NISSEN, 2014).

Nesse momento de desafios globais e “de perda das referências e do sentido da vida, surge a necessidade de ressignificação, que passa por um novo conjunto de valores e práticas, por uma nova forma de agir no mundo, e pela (re)construção do sentido de comunidade” (SIMAS, 2013)

“A demanda por comunidade, hoje, requer um pensamento e uma prática voltados para a reconstrução de comunidades genuínas, como espaços para a experimentação da solidariedade, de laços sociais colaborativos, alinhadas com as demandas de nosso tempo [...] A reconstrução de comunidades é um projeto estratégico diante da necessidade de reinvenção de nossos modos de habitar o mundo” (SIMAS, 2013 p.133-134).

A noção de comunidade é fundamental para a sustentabilidade, pois comunidade é a base das estruturas sociais. Existem vários aspectos inovadores relacionados à reinvenção das comunidades que vem acontecendo através da proliferação de diversos tipos de comunidades intencionais, entre elas, as Ecovilas. Essas comunidades podem ser vistas como “experimentos sociais de um futuro sustentável” (KUNZE, 2012, p. 51), ou ainda, como experimentos colaborativos em prol de uma mudança cultural⁴.

⁴ Wahl, Daniel. Slides apresentação no *Cicle de Conferencies a Sa Farinera Sineu*. Mallorca. *La Innovación Social Transformativa: Comunidades Intencionales como experimentos colaborativos para un cambio de cultura*. 12 de junho de 2014.

Apesar das comunidades intencionais terem existido ao longo da história, em todos os tipos de sociedades e culturas (METCALF; CHRISTIAN, 2003), duas características emergem enquanto respostas diretas aos desafios da modernidade:

essas comunidades passaram a se articular em redes, indo além das fronteiras locais e nacionais; e tornaram-se extremamente diversas em termos de filosofia, espiritualidade e estilos de vida. Sua ideia de comunidade não está na criação de um sistema único de crenças ou em um único estilo de vida, mas em criar unidade na diversidade (KUNZE, 2012, p. 56 e 57 – tradução nossa).

Apesar de serem comunidades intencionais, as Ecovilas apresentam algumas especificidades em relação às demais, como: o foco central na busca pela sustentabilidade em seus diversos aspectos e por autonomia; a visão holística; uma forte conexão com a natureza; o reconhecimento da noção de interdependência; além de manifestarem uma enorme diversidade em termos de experiências, e de serem, em maioria, centros de educação e treinamento (DAWSON, 2006; GILMAN, 2013), verdadeiros laboratórios de sustentabilidade (OVIED, 2013), dedicados a criar, testar e difundir metodologias e ferramentas para viabilizar uma nova forma de vida. Tudo isso contribuiu para a escolha das Ecovilas enquanto objeto de estudo desta pesquisa.

O Movimento de Ecovilas e comunidades intencionais emergem enquanto movimentos sociais que contribuem ativamente para a transição da ‘sociedade de consumo’ para a ‘comunidade de vida’⁵.

O Conceito de Cultura e suas Variáveis: vislumbrando a emergência da cultura regenerativa

A cultura está presente em nossas práticas cotidianas, sendo vivenciada e compartilhada por todos. O conceito de cultura ultrapassou as fronteiras disciplinares fazendo emergir um campo de investigação próprio, interdisciplinar, denominado estudos culturais (MELLO e SOUZA, 2003). Nessa perspectiva, a cultura é vista “como o sistema de significações mediante o qual necessariamente [...] uma dada ordem social é comunicada, reproduzida, vivenciada e estudada” (WILLIAMS, 2011a, p.13). É um processo social constitutivo que cria “modos de vida,” estando sua ênfase nas práticas

⁵ A Carta da Terra. Valores e Princípios para um futuro sustentável. Princípio 1º - Respeitar e cuidar da comunidade de vida.

cotidianas. “A noção de cultura como um modo de vida demonstra que se trata de algo comum a toda a sociedade, incluindo além das grandes obras e formas de criação, os significados e valores que organizam a vida comum” (CEVASCO, 2003, p.110).

Cultura é um conceito complexo, que possui ‘variáveis dominantes, residuais e emergentes’, visto que nenhuma cultura é capaz de esgotar toda a gama da prática humana (WILLIAMS, 2005). Em qualquer sociedade e em qualquer período “há um sistema central de práticas, significados e valores que podemos chamar especificamente de dominante” (WILLIAMS 2011b, p.53), que busca manter a ordem social vigente. Os processos educacionais, os processos de socialização na família e em outras instituições sociais, a organização do trabalho, todos estes aspectos estão envolvidos na elaboração contínua da cultura dominante (WILLIAMS, 2005). Nas sociedades capitalistas contemporâneas, a mídia tornou-se o instrumento primordial de mediação social, difundindo valores e práticas da cultura dominante, gerando consequências adversas, como veremos ao longo deste trabalho.

As ‘variáveis residuais’ são características vivas do passado, que vão sendo atualizadas e incorporadas às práticas cotidianas do presente, enquanto as ‘variáveis emergentes’ referem-se aos novos significados e valores que resultam de uma nova ordem de relações sociais. Ambas estão em contínua criação e possibilitam a emergência de um cenário alternativo à cultura dominante (WILLIAMS, 2005).

Por “residual” quero dizer que algumas experiências, significados e valores que não podem ser verificados ou não podem ser expressos nos termos da cultura dominante são, todavia, vividos e praticados como resíduos – tanto culturais como sociais – de formações sociais anteriores. [...] Por “emergente” quero dizer, primeiramente, que novos significados e valores, novas práticas, novos sentidos e experiências estão sendo continuamente criados (WILLIAMS, 2011b, p.56-57).

Uma sociedade complexa deve, portanto, reconhecer “os significados e valores alternativos, as opiniões e atitudes alternativas, e até mesmo algumas visões de mundo alternativas, que podem ser acomodadas e toleradas no interior de uma determinada cultura efetiva e dominante” (WILLIAMS, 2011b, p.55) sem falar naquilo que lhe é opositor.

A cultura dominante contemporânea opera através da visão de mundo capitalista, mas convive com outras formas de ver o mundo, como a cultura da sustentabilidade (WAGNER, 2013) e a cultura regenerativa, enquanto culturas emergentes.

A cultura regenerativa tem como premissa o reconhecimento da interdependência e a colaboração. Abrange novos valores e princípios como o apreço à diversidade e a busca pela auto-regulação. Envolve a observação dos padrões e ciclos da natureza para criar ciclos virtuosos em todas as áreas da vida, que se retroalimentam, podendo ser constantemente recriados, contribuindo, assim, para a regeneração da vida no planeta.

Cabe dizer que o sistema regenerativo não substitui o sustentável, coexiste com ele (REED, 2007; JENKIN; ZARI, 2009). Enquanto o atual ‘paradigma da simplicidade’ exclui, fragmenta, o ‘paradigma da complexidade’ (MORIN, 1990/1991 apud VASCONCELOS 2002) compreende as diversas conexões e articulações presentes nos sistemas vivos.

Ecovilas são inovações sociais (KUNZE, 2012), modelos de regeneração. Desenham processos e estratégias a partir da observação dos padrões e ciclos da natureza, que possibilitam a compreensão e a recriação de sistemas sustentáveis e regenerativos. Estão criando os fundamentos de uma nova sociedade através da revalorização do ser humano e da ressignificação da vida. Os ‘Ecovileiros’ estão ativamente buscando uma vida com significado, integrando os valores à prática cotidiana. (NISSEN, 2014).

Ecovilas contribuem para o desenvolvimento humano, sendo esta a chave para redefinirmos a noção de desenvolvimento. As várias formas de relação presentes no cotidiano das Ecovilas (trabalho, amizade, família, etc.) fazem com que as pessoas possam se conhecer melhor e compreendam a complexidade dos sistemas vivos (GREENBERG, 2011), além de reaprenderem sobre a essência da vida em comunidade, da cooperação, do viver em relação. A partir da observação da natureza e dos sistemas vivos, criam ciclos virtuosos que não apenas contribuem para a regeneração ambiental, mas para a motivação comunitária (LITFIN, 2009), estabelecendo as bases de uma cultura regenerativa.

As Ecovilas apresentam uma enorme diversidade e enquanto comunidades de conhecimento holísticas estão construindo sistemas de vida viáveis como alternativas ao legado da modernidade. “O movimento de ecovilas é memorável tanto por sua unidade quanto pela diversidade” (LITFIN, 2009, p. 125). Sua visão de mundo tem como premissa o holismo e a interdependência. A metáfora que informa a visão de mundo do movimento de ecovilas é a dos sistemas vivos. O movimento é também efetivo em nível subjetivo, oferecendo um senso de significado, satisfação e integridade pessoal e evidenciando o papel central do indivíduo na mudança cultural. Suas ações baseiam-se no empoderamento individual e nas relações cooperativas para criar, além de ciclos virtuosos, engajamento global (LITFIN, 2009).

1.1 OBJETIVOS E ESTUDO

O principal objetivo deste trabalho é investigar as contribuições de Findhorn, uma das grandes referências do Movimento de Ecovilas, na construção e difusão de uma nova cultura. Para isso, optamos por analisar, de forma mais aprofundada, os aspectos relacionados à sustentabilidade sociocultural da Ecovila, reconhecendo as novas propostas de governança e comunicação utilizadas, e mapeando as ferramentas e metodologias sociais que favorecem os relacionamentos e apoiam a gestão comunitária, além dos aspectos subjetivos que sustentam suas práticas.

Para melhor enquadrar nosso objeto de estudo, buscamos ainda compreender, complementarmente, o papel da Rede Global de Ecovilas (GEN, em suas iniciais inglesas), na difusão dessa cultura (princípios e práticas) do local para o global, possibilitando uma perspectiva ampliada em relação ao Movimento de Ecovilas.

Para atingir os objetivos deste trabalho, realizamos uma pesquisa etnográfica na Ecovila Findhorn, na Escócia, além de pesquisa durante a Conferência Anual da Rede Global de Ecovilas em 2014, em ZEGG, na Alemanha. Findhorn foi escolhida por ser uma das experiências mais antigas e estruturadas do Movimento de Ecovilas, tendo se desenvolvido nas diversas áreas da sustentabilidade e, portanto, podendo nos oferecer um panorama completo em relação aos aspectos que devemos atentar na construção de

uma nova forma de vida e cultura. Possui também um papel de destaque em relação ao Movimento de Ecovilas, tendo sido o local onde a Rede Global de Ecovilas (GEN) foi criada, e abrigando, atualmente, o escritório da GEN Internacional.

O trabalho de campo foi dividido em duas fases: a primeira ocorreu entre maio e junho de 2014, com uma imersão de um mês na Ecovila Findhorn, onde a pesquisadora engajou-se nas atividades cotidianas da comunidade, e utilizando as técnicas de observação participante e de entrevistas semi-estruturadas, em profundidade, além de entrevistas informais, foi possível uma investigação aprofundada sobre a cultura e modo de vida da Ecovila. Em julho, ocorreu a segunda fase da pesquisa, realizada durante a Conferência da Rede Global de Ecovilas, onde através da utilização das mesmas técnicas, buscou-se compreender de que forma a experiência se enquadra numa perspectiva global, ao observarmos as contribuições da Rede Global de Ecovilas na difusão dos princípios e práticas do Movimento.

Foram realizadas um total de 16 entrevistas semiestruturadas, em profundidade, sendo 12 com pessoas exclusivamente ligadas a Ecovila Findhorn, e 04 entrevistas complementares com pessoas que trazem uma perspectiva ampliada sobre o Movimento de Ecovilas, sendo 03 lideranças do Movimento, e uma pesquisadora que tem livro e artigos publicados sobre as Ecovilas. Os entrevistados são homens e mulheres de diversas nacionalidades que atuam em áreas distintas, nos permitindo ter uma visão abrangente sobre Findhorn, enquanto estudo de caso, além de uma perspectiva em relação ao Movimento de Ecovilas.

1.2 ORGANIZAÇÃO E APRESENTAÇÃO DO TRABALHO

Este trabalho está organizado em três grandes capítulos, além da introdução e da conclusão. São eles: o capítulo de fundamentação teórica, onde é oferecido o embasamento teórico do trabalho; o capítulo da metodologia de pesquisa, que apresenta o método e as técnicas de pesquisa utilizadas, introduz o campo, informa sobre a análise de dados e os cuidados referentes à ética na pesquisa, entre outros; e o capítulo de resultados, onde são descritos e discutidos os resultados do campo, apresentando as contribuições desta pesquisa.

No capítulo de fundamentação teórica investigamos a trajetória de desenvolvimento das sociedades ocidentais modernas e os desafios gerados por uma visão de mundo que alia desenvolvimento a crescimento econômico, sem atentar para o desenvolvimento humano e social, e para os impactos ambientais resultantes deste modelo. Abordamos a cisão histórica entre sociedade e comunidade que se deu com o advento da industrialização, e a consequente fragilização dos laços sociais e valores comunitários que foram sendo substituídos por valores individuais e laços de interesse nas sociedades modernas, culminando com a perda da identidade a partir dos processos de globalização, além da perda do sentido de comunidade e suas consequências adversas. Vimos a multiplicação de comunidades intencionais propondo novos valores e formas de vida, até chegar à emergência das Ecovilas na década de 90, comunidades intencionais, com foco no desenvolvimento local sustentável.

Com foco nos aspectos socioculturais que fundamentam a experiência das Ecovilas, buscamos investigar como os valores e princípios destes grupos se manifestam em suas práticas cotidianas, possibilitando a emergência de um novo estilo de vida e formas de agir no mundo, pautados em uma nova ética, que contribui para a construção de uma cultura regenerativa.

Ao analisarmos o *ethos* e a visão de mundo da Ecovila pesquisada, foi possível compreender os métodos e as práticas que fomentam a construção dessa nova cultura, compreendendo que a cultura abrange, simultaneamente, o *ethos* e a visão de mundo de um determinado grupo social, sendo o *ethos* o modelo ideal, o discurso de como as coisas deveriam ser, enquanto a visão de mundo revela como a vida se desdobra na prática, e como as pessoas explicam o mundo (GEERTZ, 2008).

A partir da pesquisa de campo na Ecovila Findhorn, algumas chaves se evidenciaram enquanto meios para a emergência dessa nova cultura. São elas: a importância central dos relacionamentos, sendo a comunicação a base das relações pessoais e comunitárias; uma governança participativa, inclusiva, que cria as diretrizes de conduta no grupo e empodera cada membro para a gestão partilhada; além de uma espiritualidade socialmente engajada, que traz de volta o sagrado para o cotidiano e contribui para a conexão de cada um consigo mesmo, com o outro e com a vida de forma mais ampla.

Este trabalho pode contribuir para preencher uma lacuna ao trazer uma perspectiva em relação aos aspectos subjetivos e operacionais que sustentam o estilo de vida e a cultura das Ecovilas e que, não apenas favorecem a vida comunitária, gerando motivação, engajamento e novas práticas, como indicam caminhos na transição para outras formas de habitar o planeta.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 ECOVILAS E O DESENVOLVIMENTO LOCAL SUSTENTÁVEL

Para se compreender a contribuição das Ecovilas enquanto laboratórios de formas de vida sustentáveis, é importante antes reconhecermos como se deu o processo de desenvolvimento nas sociedades ocidentais modernas, além dos sentidos que o termo desenvolvimento foi adquirindo ao longo da história e seus mais diversos significados. As Ecovilas propõem outros modos de desenvolvimento, onde a busca pelo crescimento econômico dá lugar à busca pelo cuidado com a vida. Procuram criar comunidades locais fortes, usam tecnologias ecológicas para minimizar seu impacto ambiental, produzem boa parte de seus alimentos, criam metodologias para facilitar as relações sociais e a governança participativa, consomem menos e desenvolvem ferramentas para fomentar a economia local, entre outros.

Na maior parte dos discursos, o conceito de desenvolvimento está profundamente relacionado à noção de crescimento econômico, que depende do consumo crescente de energia e recursos naturais. Essa busca por um crescimento econômico contínuo, característica do capitalismo, propiciou um aumento sem precedentes da escala das atividades econômicas na modernidade, e de seus efeitos adversos sobre o ecossistema global, desdobrando-se em toda uma crise referente aos limites do crescimento, no que se refere ao contexto ambiental.

O desenvolvimento merece ainda ser analisado em sua vertente social. Todo o esforço desenvolvimentista, impulsionado por princípios materialistas, individualistas e competitivos, acabou por gerar enormes desigualdades sociais, guerras e conflitos, além de um esfacelamento do tecido social, já que o que importa é o acúmulo de bens materiais, e não reforçar laços sociais e garantir uma vida com qualidade para todos.

Com a premissa de desenvolvimento global, surgem ainda outros desafios, referentes aos aspectos culturais, uma vez que as estratégias de globalização fragilizam as tradições locais, ao instalarem modelos universais (HALL, 2003), gerando uma uniformidade cultural. E outros entraves ainda mais sutis, relativos à questão da liberdade (SEN, 2000), já que os referenciais foram deslocados e as “preferências” individuais e coletivas passaram a ser direcionadas pelos meios de comunicação de massa (EVANS, 2002).

A atual crise civilizatória exige novos pactos globais, uma reflexão aprofundada acerca do significado da noção de desenvolvimento, além de mudanças de rumo (IRVING, 2014) no sentido da implementação de novas formas de agir no mundo. O desenvolvimento precisa ser fundamentado no desenvolvimento humano, na melhoria da qualidade de vida das pessoas e no aumento da capacidade de cada um escolher o que é melhor para si, a partir de seus próprios referenciais e valores. O desenvolvimento precisa ainda contribuir para garantir a possibilidade de vida no planeta, fomentando a criação de ciclos virtuosos que proporcionam a saúde dos ecossistemas, ao invés de degradá-los dia após dia.

Partindo deste cenário, diversas iniciativas emergem buscando fazer frente aos desafios atuais. Estão no exercício de criar e testar possíveis soluções ao implementarem novas formas de se relacionar com o meio ambiente e novos sistemas econômicos, resgatando valores e princípios de culturas tradicionais e propondo outras estruturas sociais, (BANG, 2013) entre elas, as Ecovilas, objeto de estudo deste trabalho.

As Ecovilas propõem uma outra forma de desenvolvimento, uma vez que estão atuando, de forma sistêmica, na construção de uma nova socialidade, a partir de modelos locais que podem ser adaptados e recriados em outros contextos, estabelecendo as bases para a emergência de uma cultura regenerativa, a favor da vida. Estão construindo comunidades resilientes⁶, que partem do diálogo para tomar decisões de forma participativa, utilizam fontes de energia renováveis e recursos locais para minimizar sua pegada ecológica⁷, cultivam seus próprios alimentos orgânicos, desenvolvem negócios sociais buscando melhorar a qualidade de vida na região, sem explorar as pessoas nem o ambiente, ou seja, cuidando das relações sociais e de trabalho e não extrapolando os limites ambientais.

Várias Ecovilas, entre elas Findhorn, estudo de caso dessa pesquisa, foram reconhecidas como melhores práticas para o desenvolvimento sustentável pelo Programa *Habitat* da ONU, *como modelos excelentes de vida sustentável*, e desde então o exemplo das Ecovilas tem sido utilizado para fomentar a criação de comunidades

⁶ Capazes de voltar ao seu estado original após passarem por choques externos. O conceito será desenvolvido ao longo do trabalho.

⁷ Pegada Ecológica é a medida do impacto ambiental das atividades humanas numa determinada área. Os resultados avaliam a quantidade de recursos (água e terra) que a população utiliza para produzir os bens e produtos necessários para manter seu estilo de vida e para absorver seus resíduos. O cálculo é feito em hectares globais.

sustentáveis, como é o caso do Senegal, onde foi criada a ANEV – Agência Nacional Senegalesa para Ecovilas, dentro do Ministério do Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável, com o objetivo de transformar 14 mil vilas tradicionais em Ecovilas, (JOUBERT, 2014) implementando tecnologias ambientais adequadas e fomentando o desenvolvimento local, ao mesmo tempo em que preservam as tradições culturais. O exemplo das Ecovilas também está sendo utilizado em casos de reconstrução pós-desastres ambientais, como no caso de Pescomaggiore, na Itália. O vilarejo, que em 2009 foi gravemente abalado pelo terremoto L’Aquila, foi reconstruído por iniciativa dos moradores nos moldes das Ecovilas, utilizando materiais locais e tecnologias apropriadas e ao mesmo tempo, fortalecendo a comunidade envolvida. De acordo com um estudo realizado no local, Pescomaggiore serve de exemplo como uma solução que emergiu da comunidade, a partir de um momento de crise, resultando não apenas na recuperação da área, mas também na criação de resiliência⁸ comunitária (FOIS, FORINO, 2014).

Os “Ecovileiros” iniciaram uma mudança radical que transformou uma vila socialmente isolada e em depressão econômica em um espaço dinâmico orientado no sentido de fortalecer a comunidade local e desenvolver uma abordagem ecologicamente sustentável. Em virtude dos novos laços comunitários, práticas diárias sustentáveis e novos planos para o futuro, Pescomaggiore se tornou um exemplo paradigmático de reconstrução pós-desastre “*bottom-up*” (de baixo para cima, partindo da comunidade) em áreas afetadas. (FOIS, FORINO, 2014 p. 735 – tradução nossa).

Torna-se necessário refletir acerca do verdadeiro significado de desenvolvimento. O desenvolvimento deve estar relacionado à melhoria da qualidade de vida das pessoas, ao empoderamento comunitário para uma ação coletiva capaz de favorecer aquela localidade e região, sendo, portanto, avaliado por indicadores integrais e não apenas econômicos.

Desenvolvimento local sustentável seria um processo de mudança e ampliação das oportunidades na própria sociedade, compatibilizando, nas escalas de tempo e espaço, crescimento econômico, conservação ambiental, qualidade de vida e equidade social; com base em um claro

⁸ Resiliência pode ser entendida como a habilidade de os ecossistemas retornarem ao seu estado natural após um evento de perturbação natural ou não natural, sendo que, quanto menor o período de recuperação, maior é a resiliência de determinado ecossistema. Pode também ser definida como a medida da magnitude dos distúrbios que podem ser absorvidos por um ecossistema, sem que o mesmo mude seu patamar de equilíbrio estável. As atividades econômicas apenas são sustentáveis quando os ecossistemas que as alicerçam são resilientes (Arrow et al., 1995).

compromisso com o futuro e solidariedade entre gerações (BUARQUE, 1994 apud IRVING, 2014 p. 24).

É este o propósito e a prática das Ecovilas, promover o desenvolvimento local sustentável a partir de suas ações cotidianas, favorecendo não somente a comunidade envolvida, mas seu entorno e biorregião, conectando-se em rede com demais iniciativas para compartilhar experiências, fortalecendo-se mutuamente. Além de difundir seus princípios e experiências referentes à outra forma de desenvolvimento através dos programas de educação que oferecem, ampliando suas contribuições do local para o global, como veremos ao longo deste trabalho.

2.2 OS DILEMAS DO DESENVOLVIMENTO

A noção de desenvolvimento nos faz refletir acerca de nossa trajetória enquanto humanidade. O alinhamento do conceito de desenvolvimento com progresso e crescimento econômico gerou inúmeros impactos ambientais e sociais. A busca por um desenvolvimento global continuado contribuiu para a perda dos referenciais locais e consequentemente, das identidades. Diante da crise civilizatória generalizada em que vivemos, cabe investigarmos mais profundamente a noção de desenvolvimento, incluindo os aspectos referentes ao desenvolvimento humano e a urgência da criação de modelos que possam servir de exemplo enquanto novas formas de desenvolvimento integral. É nesse contexto que a discussão acerca do desenvolvimento se relaciona com a proposta das Ecovilas.

Partindo dessas reflexões, investigaremos os dilemas do desenvolvimento: do equívoco de aliar desenvolvimento a crescimento econômico e a crise ambiental gerada em consequência dos limites do crescimento, passando pela emergência da noção de desenvolvimento sustentável, que esbarra na criação de uma economia verde, até chegar à elaboração dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) no âmbito das Nações Unidas. Abordaremos ainda os aspectos relacionados a ações globais e locais em relação ao desenvolvimento, além de questões mais sutis, ligadas aos aspectos subjetivos do verdadeiro significado de desenvolvimento. Investigaremos os conceitos de sustentabilidade e resiliência. Trataremos dos novos indicadores de desenvolvimento, além de questionarmos de que forma nossa caminhada pelo desenvolvimento vem impactando nossas vidas e suas consequências relacionadas à atual crise generalizada,

que nos leva a refletir acerca do sistema capitalista e da demanda da reconstrução do sentido de comunidade e de criarmos novas subjetividades capazes de alicerçar a emergência de uma cultura regenerativa, que possa contribuir não apenas de sustentar, mas para restaurar e regenerar a ‘teia da vida’ (CAPRA, 1997), servindo de base para a criação e manutenção de comunidades resilientes.

2.2.1 Desenvolvimento x Crescimento Econômico: os limites ambientais

Para se falar de desenvolvimento, é preciso antes conceituá-lo, já que são tantas as visões e definições. Segundo o Dicionário Aurélio, desenvolvimento significa: “*Ação ou efeito de desenvolver; crescimento. /Economia. Crescimento global de um país, de uma região / Progresso.*” Atrelar desenvolvimento a crescimento econômico e progresso gerou toda uma crise ambiental, referente aos impactos desse modelo de desenvolvimento, revelando os limites do crescimento e as contradições do sistema atual, principalmente no que diz respeito à forma de produção e consumo, mas também à visão de mundo capitalista.

De acordo com a *Avaliação Ecossistêmica do Milênio*⁹ (2001-2005), uma iniciativa das Organizações das Nações Unidas (ONU), de realizar um estudo envolvendo cientistas de todo o mundo com o objetivo de avaliar as consequências das mudanças nos ecossistemas para o bem-estar humano e fornecer bases científicas para a ação necessária ao avanço na conservação e uso sustentável dos sistemas que suportam a vida no planeta - a escala do sistema econômico e os padrões de consumo decorrentes do estilo de desenvolvimento em curso são insustentáveis do ponto de vista ecológico, pois levam ao esgotamento dos recursos naturais dos quais a humanidade depende.

O dilema entre desenvolvimento e natureza entra em pauta com o livro *Primavera Silenciosa* (1962), de Raquel Carson (CARSON, 1964) onde se evidencia o risco de sobrevivência humana a partir dos processos de degradação ambiental. Anos depois, é publicado o Relatório do Clube de Roma, também conhecido como Relatório Meadows, intitulado *Os Limites do Crescimento* (1972), questionando principalmente o aumento da população, o limite dos recursos e a contaminação do meio ambiente (MEADOWS et al., 1973). Estas e outras publicações anunciam a insustentabilidade do modelo de desenvolvimento em curso.

⁹ Disponível em: <http://www.millenniumassessment.org/documents/document.446.aspx.pdf>

De acordo com a Organização das Nações Unidas, 24 elementos são fundamentais para a reprodução da vida. Hoje, 15 deles estão em alto grau de degradação, o que significa dizer que a vida está ameaçada.¹⁰ Para além da perda da biodiversidade e a extinção de inúmeras espécies, a quantidade de gases estufa na atmosfera atinge índices alarmantes. Segundo os observatórios internacionais, em 2013, chegamos a 400ppm de CO2 na atmosfera terrestre. Apesar dos alertas da comunidade científica, principalmente do grupo de cientistas reunidos no Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas da ONU, alcançamos o um patamar considerado como um risco para que os fenômenos climáticos não ameacem a vida tal como a conhecemos. De acordo com o 5º relatório do IPCC, o aquecimento global é inequívoco e sua principal causa é a emissão de gases estufa pelas atividades humanas. (IPCC, 2014). A Terra vive hoje uma grande crise, já não é capaz de se auto-regular após as excessivas intervenções do ser humano¹¹.

Também em relação ao uso dos recursos naturais e padrões de consumo, passamos dos limites do planeta. Desde a década de 70, estamos excedendo a capacidade de carga¹² do planeta e, atualmente, nossa pegada ecológica mundial equivale, em média, ao consumo de 1½ planetas por ano. (GLOBAL FOOTPRINT NETWORK, s.d). Ainda mais alarmante é atentar para o fato de que apenas uma pequena parte da população mundial (em torno de 20%) consome a grande maioria dos recursos naturais disponíveis, ou seja, são poucos a usufruir dos benefícios de tamanha devastação. Precisamos mudar a nosso estilo de vida, nossa forma de produzir e principalmente, de consumir. Só é possível produzir dentro dos limites que o planeta suporta, para atender às necessidades humanas.¹³

Sendo o planeta Terra também um ser vivo, um organismo que se auto-regula (LOVELOCK, 2000), e o ser humano, parte do meio ambiente, da comunidade da vida, assim como todos os outros seres que aqui habitam, e estando tudo interligado, conectado, a questão torna-se bastante mais complexa. Não se trata mais de encontrar

¹⁰ Palestra Leonardo Boff intitulada: *Rio + 21 – um ano depois, e aí?* - parte da série de conferências Diálogos Sociais 2013, realizado pelo CIEDS / SESC Rio, em 11/06/2013. Boff atentou para a necessidade emergencial de cuidarmos da comunidade de vida do planeta, trazendo dados sobre as mudanças climáticas, extinção de espécies, perda da biodiversidade, entre outros, e o quanto isso vem sendo falado nas conferências internacionais de sustentabilidade há décadas, mas muito pouco foi implementado até o momento.

¹¹ Idem item 4

¹² Capacidade de carga ou capacidade de suporte é a “capacidade ou habilidade dos ambientes em acomodar, assimilar e incorporar um conjunto de atividades antrópicas sem que suas funções naturais sejam fundamentalmente alteradas”(FILET,1955)

¹³ Idem item 4

um modelo de desenvolvimento sustentável ou de equacionar isso ao crescimento econômico, mas de garantir a continuidade da vida no planeta. Hoje muito se fala em sustentabilidade, mas a sustentabilidade precisa ser vista de forma sistêmica, e não apenas na perspectiva do ser humano. A sustentabilidade só é possível quando todos os seres conseguem se manter, se reproduzir e manter a interdependência existente entre eles, uma vez que cada ser tem o seu lugar no processo da vida. Torna-se urgente criar uma outra maneira de habitar o planeta.¹⁴

2.2.2 Do Desenvolvimento Sustentável à Economia Verde

Ao longo dos anos, novos conceitos foram surgindo, na busca de um apaziguamento entre as vontades econômicas e as limitações ambientais, como o controverso termo desenvolvimento sustentável, em teoria, aquele que não esgota os recursos para o futuro. O conceito aparece inicialmente nos relatórios da União Internacional para a Conservação da Natureza (IUCN em suas iniciais inglesas) no início dos anos 80, sendo posteriormente utilizado no Relatório Brundtland (*Nosso futuro comum*) de 1987, elaborado pela Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, criada pela ONU para discutir e propor meios de harmonizar o desenvolvimento econômico e a conservação ambiental, com o desenvolvimento humano e social.

No Relatório Brundtland, o desenvolvimento sustentável é definido como aquele que:

procura satisfazer as necessidades da geração atual, sem comprometer a capacidade das gerações futuras de satisfazerem as suas próprias necessidades, significa possibilitar que as pessoas, agora e no futuro, atinjam um nível satisfatório de desenvolvimento social e econômico e de realização humana e cultural, fazendo, ao mesmo tempo, um uso razoável dos recursos da terra e preservando as espécies e os *habitats* naturais. (COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO, 1988).

O desenvolvimento sustentável sugere qualidade em vez de quantidade, o uso consciente de matérias-primas e produtos. Para ser alcançado, implica em planejamento e reconhecimento de que os recursos naturais são finitos e que devem servir a todos, ou

¹⁴ Idem item 4

seja, na busca por um desenvolvimento sustentável, precisamos equacionar a sustentabilidade ecológica com a eficiência econômica, garantindo a equidade social.

Embora não haja consenso teórico sobre a definição de desenvolvimento sustentável, o termo popularizou-se mundialmente a partir da Rio 92 - Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, realizada no Rio de Janeiro, em 1992. Há quem diga que o desenvolvimento sustentável não existe, pois não é possível um desenvolvimento sustentável no sistema em que vivemos, com os atuais valores vigentes. Esta seria apenas uma nova face do capitalismo, trazendo melhorias em áreas como eficiência energética e gestão dos recursos, mas não modificando o sistema econômico em seus fundamentos, sobretudo no que diz respeito à maximização do lucro, a redução dos custos de produção e, principalmente, à mercantilização da vida e da natureza. Outros acreditam que é possível criar uma equação balanceada entre desenvolvimento econômico, desenvolvimento social e meio ambiente, levando-se em conta, principalmente, a disponibilidade dos recursos naturais e a escala de produção, além de uma justiça distributiva.

Atualmente, o termo desenvolvimento sustentável vem perdendo força, e tem sido substituído, principalmente a partir da Conferência das Nações Unidas sobre o Desenvolvimento Sustentável - Rio + 20, por um outro conceito, também polêmico e impreciso, o de Economia Verde. Na definição do PNUMA:

Economia Verde é aquela que resulta em melhoria do bem-estar humano e da igualdade social, ao mesmo tempo em que reduz significativamente os riscos ambientais e a escassez ecológica. Possui três características preponderantes: é pouco intensiva em carbono, eficiente no uso de recursos naturais e socialmente inclusiva.

Em trecho da declaração final da Rio + 20 (*O Futuro que Queremos*) a comissão responsável afirma:

Consideramos a economia verde [...] como uma das importantes ferramentas disponíveis para alcançar o desenvolvimento sustentável. [...] a economia verde deve contribuir para a erradicação da pobreza e para o crescimento econômico sustentável, reforçar a inclusão social, melhorando o bem estar humano, e criar oportunidades de emprego e trabalho digno para todos, mantendo o funcionamento saudável dos ecossistemas da Terra. (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2012, p.11).

Pela primeira vez, as formas de produção e consumo entram no debate, ainda que timidamente, e reforçam-se as preocupações relativas aos desafios sociais, como mostram também outros trechos da declaração: “... mudanças fundamentais na forma como as sociedades consomem e produzem são indispensáveis para se alcançar o desenvolvimento sustentável global” (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2012). E ainda:

Avaliamos como essencial a tomada de medidas de urgência locais (e globais) para eliminar padrões insustentáveis de produção e consumo; para garantir a sustentabilidade ambiental e promover a conservação e o uso sustentável da biodiversidade e dos ecossistemas, a regeneração dos recursos naturais; e promover um crescimento global sustentável, inclusivo e justo. (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2012, p.13)

Aqui novamente observa-se o alinhamento no discurso dos termos crescimento e desenvolvimento, além da busca por um crescimento-desenvolvimento global sustentável, apesar de todas as evidências nocivas que resultam dessa perspectiva, uma vez que o crescimento ilimitado é nitidamente insustentável. O documento também se refere a mudanças, sem detalhar como estas mudanças podem acontecer. Por um lado, é interessante ver a economia no centro do debate já que ela nunca deixou de ocupar esse lugar, mas fica claro que o termo Economia Verde precisa ser revisto, tratando-se apenas de um novo nome para manter velhas práticas.

No documento final da Cúpula dos Povos: *Por justiça social e ambiental, em defesa dos bens comuns, contra a mercantilização da vida*, a Economia Verde é claramente entendida como uma nova fase do capitalismo. A transformação de bens comuns da humanidade em mercadorias, como a compra e venda de espaço na atmosfera por meio do mercado de emissões de carbono, seria apenas mais uma forma de criar novos mercados e produtos para servir à acumulação capitalista. Como evidencia o documento, o que vemos é a privatização dos recursos naturais, o “seqüestro dos bens comuns da humanidade para salvar o sistema econômico-financeiro”, além de “retrocessos significativos em relação aos direitos humanos”. (CÚPULA DOS POVOS, 2012. p. 1 e 2) ¹⁵. Em outros trechos, a comissão responsável

¹⁵ Documento Final da Cúpula dos Povos na Rio + 20: *Por justiça social e ambiental, em defesa dos bens comuns, contra a mercantilização da vida*

aponta alternativas como: um novo paradigma de produção, distribuição e consumo; a economia solidária; a gestão participativa; a mudança da matriz energética, entre outros. (CÚPULA DOS POVOS, 2012). Precisamos de solidariedade, respeito à diversidade e do fortalecimento das economias locais para fazermos frente aos atuais desafios.

Em artigo publicado no periódico Política Ambiental, D'Avignon e Caruso, alertam: “Pintar a economia neoclássica [e neoliberal] de verde não será a solução. É necessária uma mudança estrutural da ‘administração da casa’ [...], referindo-se ao planeta como a casa de todos os seres vivos e, como tal, necessitando ser conservado e respeitado”. (D’AVIGNON, CARUSO, 2011). É preciso cuidar não só do planeta, mas também das pessoas, e da manutenção da vida, de forma mais ampla. Enquanto as questões ambientais vão sendo gradativamente camufladas pelo panorama verde, evidenciam-se grandes riscos referentes às crescentes desigualdades sociais. No ano 2000, a ONU, ao analisar os maiores problemas mundiais, estabeleceu 8 Objetivos do Milênio – ODM, que deveriam ser atingidos por todos os países até 2015. É relevante atentar para o fato de que apenas um deles se refere ao meio ambiente, sendo todos os demais relativos a questões sociais. (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2000).

Torna-se necessária a criação de uma nova visão de desenvolvimento e uma nova cultura capaz de garantir a manutenção da vida, a longo prazo, e de uma vida com qualidade para todos. Essa é uma das grandes contribuições do Movimento de Ecovilas, criar e experimentar novas maneiras de se viver e de se desenvolver, dando importância central à preservação da vida, valorizando os aspectos humanos, a diversidade, repensando as formas de produção e reduzindo o consumo, fortalecendo as economias locais, utilizando tecnologias ambientais e implementando uma gestão participativa, entre outros.

2.2.3 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável

Atualmente está sendo elaborada a nova agenda de desenvolvimento das Nações Unidas, com a criação dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), que pretendem dar diretrizes ao ‘desenvolvimento global’, orientando as políticas públicas a partir do fim do prazo estabelecido para o cumprimento dos Objetivos de

Desenvolvimento do Milênio (ODM), em 2015. O relatório intitulado: *O caminho para a dignidade até 2030: acabando com a pobreza, transformando todas as vidas e protegendo o planeta*, que começou a ser elaborado na Rio+20, aponta 17 objetivos e 169 metas sobre questões de desenvolvimento sustentável, focando nos 3 pilares fundamentais da sustentabilidade: o social, o ambiental e o econômico. A intenção é dar continuidade à proposta anterior, procurando também responder a novos desafios. (ECODESENVOLVIMENTO, s.d.)

Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) são vistos como um conjunto integrado de prioridades globais para o desenvolvimento sustentável. No que se refere aos aspectos ecológicos, destacam-se: alcançar a segurança alimentar e promover a agricultura sustentável; garantir disponibilidade e manejo sustentável da água e saneamento para todos; garantir acesso à energia barata e sustentável; construir infraestruturas resilientes e fomentar a inovação; combater a mudança do clima e seus impactos; promover o uso sustentável dos oceanos, mares e recursos marinhos e dos ecossistemas terrestres, com especial atenção às florestas, a degradação do solo e a perda de biodiversidade. (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2012)

Em relação às questões sociais, os novos objetivos pretendem: assegurar uma vida saudável e promover o bem-estar para todos; garantir educação inclusiva de qualidade; alcançar igualdade de gênero; promover sociedades pacíficas e inclusivas; tornar as cidades e os assentamentos humanos inclusivos, seguros, resilientes e sustentáveis; e revitalizar a parceria global para o desenvolvimento sustentável. (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2012)

Já no âmbito econômico, pretendem erradicar a pobreza; reduzir a desigualdade entre os países e dentro deles; assegurar padrões de consumo e produção sustentáveis; além de promover o crescimento econômico inclusivo e sustentável; (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2012), mas sem analisar os fatores que têm gerado justamente o inverso.

Se compararmos os ODS com os ODM, podemos observar algumas diferenças entre eles. Enquanto os ODM se importavam mais com os aspectos sociais, dando maior atenção às necessidades dos países em desenvolvimento, e abordando as questões econômicas de forma difusa, os ODS são mais globais e incluem os desafios ambientais.

(ECODESENVOLVIMENTO, s.d.). Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), apesar de bastante inspiradores, e de incluírem os mais diversos aspectos aos quais devemos atentar para garantir uma vida de qualidade para todos, continuam acreditando na possibilidade de promover um crescimento econômico sustentável, reduzindo as desigualdades e erradicando a pobreza, sem discutirem a questão primordial da mudança do sistema econômico vigente.

Ao tratarem dos aspectos sociais, ecológicos e econômicos, o que já significa um grande passo em nossa caminhada de desenvolvimento esquece-se de somar ao tripé um novo campo de investigação. Não é possível equacionar esses aspectos sem uma nova visão de mundo, que crie as bases subjetivas necessárias para alicerçar essa transição. Precisamos de novos valores, de uma nova ética, de uma nova filosofia de vida e cultura capazes de sustentar uma perspectiva sistêmica, integral, do desenvolvimento. Desenvolvimento sustentável dentro da visão de mundo capitalista é uma utopia.

Litfin nos fala das quatro dimensões da sustentabilidade, sendo elas: ecologia, economia, comunidade e consciência. Partindo do tripé do desenvolvimento sustentável, que abrange os aspectos sociais, ecológicos e econômicos, a autora, inspirada na proposta das Ecovilas, adiciona a dimensão interna, subjetiva da sustentabilidade, atentando para a necessidade de incluirmos em nossas reflexões e ações as questões profundas de significado e pertencimento que por décadas pavimentaram os caminhos da humanidade (LITFIN, 2014).

As Ecovilas, ao abordarem a educação para o desenvolvimento sustentável, incluem o quarto pilar da sustentabilidade, o qual denominam visão de mundo, que contribui para a criação de novas subjetividades, sendo esta a força motriz e o sustentáculo para a emergência de uma nova cultura. Sem dúvida, após tantos anos subordinados ao império do capitalismo, criar novas subjetividades capazes de garantir a manutenção da vida, não apenas do ser humano, mas de todo o planeta, trazendo isso para o centro do processo de desenvolvimento, é um grande desafio. Proporcionar uma vida com qualidade, simplicidade e dignidade para todos ao invés de aumentar a produção e o lucro, estimular a concorrência para garantir custos baixos, gerando competição além da degradação ambiental e social. A mudança de foco, de valores e prioridades leva tempo, mas alguns grupos já estão nessa caminhada, apontando

possíveis caminhos no processo de transição para um outro modelo de desenvolvimento, como veremos ao longo deste trabalho.

2.2.4 Os Desafios da Sustentabilidade: ações globais e/ou locais?

Cabe ainda investigarmos a noção de sustentabilidade que, começou a emergir, enquanto um valor, nos anos 80. Sustentabilidade “é uma noção que admite a possibilidade de que sejam conservados, e até recuperados, os sistemas vitais que constituem a condição biogeofísica *sine qua non* da própria evolução da espécie humana e do progresso de suas sociedades”, sendo o “cerne da sustentabilidade: sua natureza global” (VEIGA, 2014 p. 7). De nada adianta trabalhar a sustentabilidade apenas localmente, uma vez que os impactos de nossa atual forma de vida são globais e afetam a todos.

Ao abordar os desafios em relação ao curso do desenvolvimento e consequente crise global generalizada, a comissão responsável pelo relatório *Global Environment Outlook 2000* ressaltou: “O curso presente é insustentável e adiar a ação não é mais uma solução.”¹⁶ (GEN, s.d) Cada vez mais evidencia-se a necessidade de se realizar ações coordenadas e desenvolver estratégias para a gestão da vida no planeta, pois a maneira corrente (*business as usual*) não é mais uma opção.

Apesar da urgência em alcançarmos uma mudança a nível global, as pesquisas da cientista política Elinor Ostrom, Nobel de economia em 2009 por sua análise da governança econômica principalmente em relação aos bens comuns, indicam que políticas adotadas apenas em escala global não são capazes de gerar confiança suficiente entre os diversos atores sociais envolvidos, de modo a resultar em uma ação coletiva eficaz. Isso só seria possível através de iniciativas policêntricas, atuando de forma integrada, nos mais diversos níveis: local, regional, nacional e global. Suas pesquisas revelam ainda que a responsabilidade geralmente é mais efetivamente assumida por

¹⁶ The United Nations launched its Global Environment Outlook 2000 report, based on reports from UN agencies, 850 individuals and over 30 environmental institutes, concluding that "the present course is unsustainable and postponing action is no longer an option."

grupos de pequeno e médio portes, ligados entre si em redes. Isso nos informa que assumir compromissos e poder confiar que os outros também estarão assumindo suas responsabilidades e compromissos é algo mais provável de ocorrer em grupos menores, que estejam interligados em redes, trocando informações e monitorando-se mutuamente. Partindo dessa perspectiva, ao invés de um esforço global, seria mais eficaz a adoção de uma abordagem policêntrica na busca pela sustentabilidade, para alcançarmos benefícios em múltiplas escalas. Desta forma, estaríamos estimulando, ao mesmo tempo, a experimentação e o aprendizado de diversas políticas e práticas capazes de nos indicar caminhos para o redesenho emergencial da nossa forma de habitar o planeta. (OSTROM 2010 apud VEIGA, 2014).

Aqui podemos novamente destacar a iniciativa das Ecovilas, comunidades intencionais com foco no desenvolvimento local sustentável, na criação de novas práticas em prol da sustentabilidade. Por se tratarem de experimentos de pequeno e médio porte, vão de encontro às pesquisas de Ostrom no que diz respeito ao empoderamento comunitário e responsabilidade social para uma ação coletiva efetiva a nível local, articuladas e reforçadas por uma rede global, a Rede Global de Ecovilas, como detalharemos mais adiante.

2.2.5 Sustentabilidade x Resiliência

Para trazer um panorama completo das questões que giram em torno da busca pela sustentabilidade, cabe ainda mencionar que não há consenso científico em relação à utilização do termo sustentabilidade, apesar de estar presente na maior parte dos discursos atuais, trabalhos acadêmicos e propostas políticas. Sustentabilidade é um termo polissêmico que implica em uma reflexão sobre o modo de funcionamento da sociedade contemporânea. É um campo complexo, interdisciplinar e plural. O debate sobre sustentabilidade abrange diversas áreas, indo além das questões ambientais, e inclui a dimensão da cidadania em uma perspectiva democrática. (IRVING, 2014)

No cenário científico, existem algumas posições contrárias ao uso da noção de sustentabilidade (CRAIG; BENSON, 2013; BENSON; CRAIG, 2014). Nesta perspectiva, a utilização contínua do termo sustentabilidade ignora a realidade do momento atual, caracterizado pela complexidade, incerteza e mudança sem precedentes.

Propõem-se, portanto, a substituição do foco da sustentabilidade para a resiliência no discurso político e na esfera da governança ambiental global, o que é visto por outros como um grande equívoco. (apud VEIGA, 2014).

Para Veiga, essa abordagem decorre de um erro de avaliação em relação ao “processo histórico que legitimou a sustentabilidade como um novo valor”. (VEIGA, 2014, p.18). O autor reconhece o consenso da comunidade científica em abordar a resiliência como um dos meios para se atingir a sustentabilidade, mas reforça que, desde a década de 80, quando começou a inspirar a estratégia mundial de conservação da União Internacional para a Conservação da Natureza (IUCN), a busca por um desenvolvimento sustentável e, principalmente, a sustentabilidade, enquanto valor, continuam a ganhar força social e a influenciar as políticas internacionais, conforme se evidencia no atual debate sobre os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), no âmbito das Nações Unidas. (VEIGA, 2014).

Cabe, entretanto, investigar o conceito de resiliência.¹⁷ De acordo com ‘The Resilience Alliance’, uma rede internacional de pesquisas e práticas que busca entender a complexa dinâmica dos sistemas sociais e ecológicos, resiliência pode ser definida como: “a habilidade de absorver distúrbios, de ser alterado e ser capaz de se reorganizar, mantendo a mesma identidade (a mesma estrutura e forma de funcionamento). Isso inclui a capacidade de aprender com os distúrbios.” (The Resilience Alliance, s.d. apud WAHL, 2011, p.42 - tradução nossa).

Torna-se evidente que compreender a relação entre a vitalidade e a resiliência de ecossistemas e comunidades é crucial para alcançarmos a sustentabilidade. Quando falamos de uma perspectiva sistêmica de sustentabilidade, o que buscamos garantir não é apenas o futuro da espécie humana, mas o padrão de interdependência ecológica e saúde planetária do qual depende a vida do planeta (WAHL, 2011).

¹⁷ A base da teoria da resiliência foi publicada por Buzz Holling, em 1973, quando, durante uma pesquisa abordando a dinâmica complexa da mudança nos ecossistemas a partir de estudos sobre as florestas, o cientista observou que após um grave incêndio que devastou uma antiga floresta, esta foi, aos poucos, se recuperando, dando lugar primeiramente a uma vegetação rasteira e, com o tempo, através da sucessão ecológica, voltando a ser floresta. Holling percebeu que os ecossistemas possuíam uma capacidade de equilíbrio dinâmico onde, após distúrbios, poderiam voltar a seu estado original, degenerar-se, ou ainda, em alguns casos, transformar-se de forma a adquirir ainda mais diversidade. Essa capacidade é denominada resiliência. (HOLLING, 1973 apud WAHL, 2011).

Nesse sentido, vamos de encontro à perspectiva de Veiga, mantendo o foco na busca pela sustentabilidade e tendo a resiliência como um parâmetro indicativo da saúde dos ecossistemas e comunidades. (VEIGA, 2014). Havendo resiliência nos sistemas, seguimos na direção da sustentabilidade.

2.2.6 Outras visões do desenvolvimento: desafios sócio-econômicos

Amartya Sen, em seu consagrado livro *Desenvolvimento como Liberdade* evidencia as lacunas existentes entre as perspectivas do desenvolvimento com enfoque na concentração na riqueza econômica, ou com uma abordagem mais ampla sobre a vida, considerando esta a questão fundamental do desenvolvimento (SEN, 2000). Para o autor, o crescimento econômico não pode ser considerado um fim em si mesmo, ou um propulsor de desenvolvimento. Uma concepção adequada de desenvolvimento precisa ir além da acumulação de riqueza, do nível de industrialização dos países e do crescimento do PIB, relacionando-se diretamente à qualidade de vida. Para isso, torna-se fundamental entender as reais condições nas quais as pessoas vivem e se desenvolvem (SEN, 2000). Nas palavras de Sen: “desenvolvimento consiste na eliminação de privações de liberdade que limitam as escolhas e as oportunidades das pessoas de exercer ponderadamente sua condição de agente” (SEN, 2000, p.10). Essa visão reconhece os indivíduos enquanto “agentes ativos no processo de mudança” (SEN, 2000 p.11) por isso a importância crucial da liberdade individual no conceito de desenvolvimento, uma vez que “ter mais liberdade melhora o potencial das pessoas para cuidar de si mesmas e para influenciar o mundo, questões centrais para o processo de desenvolvimento.” (SEN, 2000 p.33).

A proposição básica de Sen é que o desenvolvimento deve ser avaliado em termos humanos, a partir da “expansão das capacidades das pessoas de levar o tipo de vida que elas valorizam” e que têm motivos para valorizar, ou seja, enquanto expansão da sua liberdade. (SEN, 2000, p.32; EVANS, 2002). Desenvolvimento, nessa perspectiva, relaciona-se diretamente às capacidades e oportunidades das pessoas de fazerem aquilo que consideram ser relevante, partindo de seus próprios referenciais e valores. (EVANS, 2002).

O conceito de Desenvolvimento Humano das Nações Unidas vai de encontro às perspectivas de Sen e Evans, significando um processo de ampliação das escolhas das pessoas para que tenham capacidades e oportunidades de serem aquilo que desejam ser. O conceito parte do pressuposto de que para avaliar o avanço na qualidade de vida de uma população é necessário ir além do viés econômico, considerando as características sociais, culturais, relacionais e políticas que influenciam a qualidade da vida humana. (PNUD, s.d.)

Evans chama ainda a atenção para o fato de que a possibilidade de cada indivíduo escolher viver a vida que realmente valoriza depende de uma ação conjunta com outros que também possuem valores e objetivos similares, ou seja, “as capacidades individuais dependem das capacidades coletivas” (EVANS, 2002, p.56). Nesse sentido, a liberdade requer uma ação coletiva, visto que, para esse tipo de questão, uma ação individual, isolada, seria inoperante. Assim, grupos organizados tornam-se fundamentais para garantir a capacidade dos indivíduos escolherem o que realmente valorizam, pois criam o continente necessário para a formulação de valores partilhados e preferências, além de ferramentas para irem em busca do que realmente acreditam (EVANS, 2002). Essa perspectiva, de certa forma, se choca com o discurso dominante e a visão de inúmeros autores que acreditam que grupos e comunidades limitam a liberdade individual (BAUMAN, 2003).

Há anos a psicologia evidencia a importância do apoio social e do sentimento de pertencimento para o fortalecimento dos indivíduos (UCHINO, 2004/ COHEN, 2004). A interação social com outros que partilham os mesmos valores e interesses, sejam eles: amigos, família, comunidade ou outros grupos, é central para o desenvolvimento de nossas identidades, vontades, valores e objetivos. Daí a importância do contexto social e da ação conjunta para que possamos efetivamente intervir na realidade que nos cerca (EVANS, 2002).

Essa perspectiva nos faz refletir acerca do atual processo de individualização e isolamento, tão presentes na atualidade. Hoje cerca de 70 % dos habitantes do planeta vivem nas cidades, em grandes aglomerações, embora os laços de pertencimento sejam quase inexistentes. É raro conhecer os vizinhos, quanto mais participar de grupos sociais, que não sejam de cunho religioso. O engajamento comunitário foi substituído por um crescente individualismo, respaldado pelos meios de comunicação de massa,

que invadem os espaços públicos e privados bombardeando informações catastróficas, que simultaneamente nos paralisam pelo medo, e nos direcionam ao consumo. As consequências são diversas, entre elas, um crescente sentimento de solidão, apatia e despolitização.

Evans enfatiza o perigo do ‘processo de formação de preferências’ na atualidade. Com a concentração do poder econômico e a centralização dos meios de comunicação, a capacidade de escolha dos indivíduos torna-se ainda mais comprometida, já que mesmo um cidadão consciente depende do acesso à informação para avaliar as opções disponíveis, e essa informação está cada vez mais centralizada e manipulada pelos meios de comunicação de massa (EVANS, 2002). Segundo o autor, a concentração de poder econômico sobre os significados da cultura - produzida e difundida - compromete a capacidade das pessoas decidirem aquilo que elas realmente tem razão para valorar, evidenciando “o poder dos vários impérios Coca-cola ou MTV de promover preferências ou prioridades, diferentes daquelas que emergem da autonomia dos indivíduos”. (EVANS, 2002, p. 58 – tradução nossa).

O ‘processo de formação de preferências’ na atualidade é contrário à comunicação aberta, ao diálogo e a discussão pública, que Sen considera fundamentais para aumentar as capacidades individuais e coletivas. (EVANS, 2002) Gera massificação e acaba por enfraquecer e desmobilizar os indivíduos para uma ação coletiva em prol do que realmente acreditam e valoram.

Essa formação de comportamentos que acaba por fazer parecer normal o que não deveria ser, é denominada por Crema (1985), Weil & Leloup (1995) de Normose. Segundo Weil,

Normose é o resultado de um conjunto de crenças, opiniões, atitudes e comportamentos considerados normais, logo em torno dos quais existe um consenso de normalidade, mas que apresentam consequências patológicas e/ou letais. Alguns exemplos de normoses: [...] o paradigma newtoniano cartesiano e a fantasia dualista sujeito-objeto em ciência, o consumismo associado à destruição da vida no planeta (WEIL, 2000, p.62).

A ‘patologia da normalidade’ (CREMA; LELOUP; WEIL, 2003) reina soberana na atualidade impulsionada pelos meios de comunicação de massa e pela cultura global, tornando a liberdade de escolha individual uma possibilidade cada vez mais restrita.

Apenas articulações de grupos são capazes de abrir espaço para o que é realmente autêntico em cada indivíduo, garantindo-lhes a verdadeira liberdade.

As estratégias de desenvolvimento precisam ser democráticas, e isso se dá pelo envolvimento contínuo dos cidadãos na escolha de suas prioridades, envolve planejamento. É emergencial estimular o engajamento social para o cuidado do bem comum, e, antes disso, reverter a perda da liberdade que produz indivíduos apáticos, robóticos e massificados.

Não pode haver uma só visão, um só modelo de desenvolvimento, o desenvolvimentismo, ou crescimento a qualquer custo. É urgente uma mudança de enfoque na política econômica para se compatibilizar desenvolvimento com melhoria das condições de vida e desenvolvimento humano. O esfacelamento do tecido social e a acelerada degradação ambiental deveriam ser vistas como um impedimento ao contínuo crescimento econômico. É fundamental tornar os processos de desenvolvimento e os instrumentos econômicos em ferramentas de promoção da qualidade de vida e da igualdade social, além de servirem à preservação e ao uso consciente dos recursos naturais.

2.2.7 Desenvolvimento Local e Participação Social – em busca de cidadania

Partindo da necessidade do engajamento comunitário, não apenas para a melhoria da qualidade de vida da população, mas para o cuidado dos bens comuns, vemos um estímulo ao desenvolvimento local, uma vez que nessa escala é possível resgatar laços sociais e realizar ações efetivas para a construção de uma nova forma de agir no mundo.

O termo desenvolvimento local vai de encontro ao conceito de desenvolvimento humano, significando satisfazer uma gama de requisitos de bem-estar e qualidade de vida. Dessa forma, está diretamente relacionado à noção de cidadania. A noção de cidadania, não se refere apenas aos aspectos da qualidade de vida, mas ao “indivíduo autônomo, crítico e reflexivo, longe, portanto, do indivíduo-massa” (OLIVEIRA, 2001, p.13).

O desenvolvimento local implica na capacidade de participação dos cidadãos nas questões da governança local, possibilitando a interação dos indivíduos, que vão, aos

poucos, recuperando a sua iniciativa e autonomia na gestão do bens comuns. Passa por um empoderamento comunitário, pelo fortalecimento da auto-estima e dos laços sociais, gerando a capacidade de intervenção na realidade local. “O desenvolvimento local, nesta visão, tende a substituir a cidadania, sendo utilizado como sinônimo de cooperação, de negociação, de convergência de interesses” (OLIVEIRA, 2001, p.24).

Cabe destacar que cidadania aqui é entendida como “algo que cresce à medida em que é adquirida nos espaços de participação”. Está relacionada com “as maneiras pelas quais as pessoas se sentem parte da sociedade” (CORNWALL, A., ROMANO, J.O. e SHANKLAND, 2007, p. 261) e se empoderam para uma efetiva participação social. Cidadania implica na “luta pelos significados, pelo direito à fala e à política”. (OLIVEIRA, 2001, p.21).

Para muitos o desenvolvimento local ainda é visto como uma tendência contrária aos processos dominantes, como um paradigma alternativo a nossa sociedade conflituosa, “capaz de curar as mazelas de uma sociedade pervertida, colocando-se no lugar bucólicas e harmônicas comunidades.” (OLIVEIRA, 2001, p. 13). Mas, para muito além da criação de comunidades utópicas, o desenvolvimento local ancora a possibilidade de redesenho da sociedade, passando pela tessitura dos laços sociais, pela elucidação de objetivos comuns e a consequente ação no sentido de torná-los realidade. Traz em si a possibilidade da criação de outros modelos sócio-econômicos, capazes de retro- alimentar os sistemas dos quais fazem parte, ao invés de degenerá-los, dia após dia.

Mais uma vez, o desenvolvimento vincula-se à participação social que, entre outros, implica em autonomia, liberdade de escolha, e na capacidade de se fazer em conjunto. Esta é a única forma de transformar a realidade local, partindo do fortalecimento comunitário para propor novos modelos, socialmente inclusivos, que resultem na melhoria da qualidade de vida daquele grupo ou comunidade, podendo servir de inspiração e exemplo para muitos outros grupos.

2.2.8 Novos Indicadores de Sustentabilidade

Nos últimos anos, a literatura da economia política aponta para a necessidade de revisão dos significados das noções de desenvolvimento, riqueza e qualidade de vida, entre outros conceitos utilizados para avaliar as sociedades (YORK; DUNLAP, 2012), uma vez que o PIB (Produto Interno Bruto) e seus equivalentes, usados para medir o desempenho socioeconômico dos países, consideram apenas as atividades mercantis, ignorando a depreciação dos recursos naturais e humanos. Segundo Arruda,

o avanço tecnológico já oferece os elementos necessários para o aumento compartilhado da verdadeira riqueza – o tempo disponível, para além daquele que devemos dedicar à produção da nossa sobrevivência individual e coletiva – [...], mas [isso] só pode ocorrer por meio de uma profunda transformação do paradigma civilizatório, que envolve uma nova concepção do sentido do ser humano [e] a subordinação da atividade econômica e da tecnologia aos objetivos maiores do desenvolvimento humano e social (ARRUDA, 2006, p. 345).

Para além da revisão destes conceitos, torna-se necessário inserir o cuidado com a vida no centro do processo de desenvolvimento, onde desenvolver-se passa a significar melhorar a qualidade de vida do planeta e de todos os seres que nele habitam, incluindo os seres humanos. Neste sentido, é preciso buscar novas formas de avaliar o desenvolvimento, que vão muito além de medir o nível de industrialização ou o PIB dos países.

De acordo com Veiga, estamos há quase 40 anos buscando desenvolver indicadores efetivos que possam avaliar a sustentabilidade. (VEIGA, 2010) Nos últimos anos, vemos a proliferação de indicadores complementares ou alternativos ao PIB que vêm sendo criados nos mais diversos países, buscando incorporar variáveis sociais e ambientais, como o IDH (Índice de Desenvolvimento Humano), o IPG (Índice de Progresso Genuíno), a Pegada Ecológica, o FIB (Felicidade Interna Bruta), os Indicadores de Desenvolvimento Sustentável (IDS) criados pelo IBGE, entre outros.

Alguns autores como Patterson (2006) e Veiga (2010), defendem a adoção de uma trinca de indicadores para avaliar a sustentabilidade, uma vez que uma avaliação efetiva implicaria em medidas simultâneas do desempenho econômico do país, de todos os aspectos ambientais e da dimensão social, resultante da qualidade de vida da população. Uma das propostas mais relevantes nesse sentido, surgiu a partir das recomendações de Patterson ao governo da Nova Zelândia, sugerindo que o

desempenho econômico fosse avaliado pelo Índice de Progresso Genuíno (IGP), a dimensão social pelo “*New Zealand Deprivation Index*” e os aspectos ambientais por um novo indicador a ser desenvolvido, capaz de abranger todos os aspectos referentes ao meio ambiente e ao funcionamento ecológico (apud VEIGA, 2010).

A Comissão de avaliação da performance econômica e progresso social (*Comission on the Measurement of Economic Performance and Social Progress*) em seu relatório enfatiza a grande diferença entre avaliar o desempenho econômico, a qualidade de vida e a sustentabilidade do desenvolvimento, recomendando que o PIB seja inteiramente substituído por uma medida da renda domiciliar, e não de produto; que a qualidade de vida só pode ser avaliada por um indicador sofisticado que incorpore, inclusive, as recentes descobertas de um novo segmento denominado economia da felicidade; e ainda que a sustentabilidade ecológica deveria ser avaliada por um grupo de indicadores físicos. (STIGLITZ; SEN; FITOUSSI, 2009 apud VEIGA, 2010).

Nesse sentido, um dos exemplos em curso a ser investigado é o FIB (Felicidade Interna Bruta), criado no Butão, que tem se mostrado bastante relevante, ganhando notoriedade no cenário internacional. O FIB é um indicador sistêmico, que ao invés de associar desenvolvimento apenas à renda da população, integra em suas análises a conservação do meio ambiente e a qualidade de vida da população, englobando, em sua avaliação, nove dimensões: bem-estar psicológico, saúde, uso equilibrado do tempo, vitalidade comunitária, educação, cultura, resiliência ecológica, governança e padrão de vida. O conceito, elaborado em 1972 pelo rei Butanês Jigme Singya Wang-chuck e uma equipe de economistas, foi adotado no país desde então, com o apoio do PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento) e está sendo testado também em outras localidades (FELICIDADE INTERNA BRUTA, s.d).

A partir da criação e utilização de indicadores sistêmicos, será possível avaliar o real desenvolvimento de cada nação, e também seu ‘grau’ de sustentabilidade, dando visibilidade aos aspectos que precisam ser melhorados e também evidenciando o que já está sendo realizado a contento.

2.2.9 Desenvolvimento, Cultura e Identidade - outros efeitos da globalização

Para se falar de desenvolvimento na atualidade torna-se ainda fundamental refletirmos sobre a globalização e seus impactos em relação às questões de identidade e cultura. O conceito de cultura ultrapassou as fronteiras disciplinares constituindo-se em um campo interdisciplinar, sendo central para a análise psicossocial, dado seu papel constitutivo de todos os aspectos da vida social (MELLO E SOUZA, 2003).

Cultura pode ser compreendida como “os significados comuns compartilhados pelas pessoas que fazem parte de uma sociedade e que lhes permitem entender o comportamento e as ações umas das outras na vida cotidiana.” (CORNWALL, A., ROMANO, J.O. e SHANKLAND, 2007 p. 273). À medida que as pessoas criam e são criadas por esses significados, a cultura é reconstruída continuamente como um processo dinâmico. Enquanto ‘teia de significados compartilhados’ (1973) as culturas revelam os valores, as crenças, os costumes, as prioridades, os comportamentos e os modos de relação de cada grupo social. (GEERTZ, 2008).

As culturas são compostas não apenas de símbolos e representações, mas de um discurso, que constrói um sentido capaz de organizar as ações coletivas e a visão de mundo. Esse discurso, ao produzir os sentidos sobre os quais a comunidade pode se identificar, atua na construção das identidades. O conceito de identidade é complexo, mas refere-se principalmente à identificação, ao sentimento de pertencimento a determinada cultura e a determinado grupo ou comunidade. Não nascemos com identidades fixas, elas se formam ao longo da vida a partir de um conjunto de significados partilhados (HALL, 2003).

Nessa cultura desenvolvimentista, produtivista, reinam o individualismo, a competição e o consumismo. O importante é ser o melhor, cuidar de si, e acumular bens materiais. Não há propósito comum, os laços sociais são frágeis, as relações se liquefazem (BAUMAN, 2001). A natureza é vista como recurso, ou melhor, utilizando a linguagem atual, como um ‘serviço ecossistêmico’, que está aí a nosso dispor. Nessa cultura fugaz, cujas bases são os interesses econômicos, a própria vida perde seu valor. Dessa forma, a cultura dominante contribui dia após dia para o fortalecimento da estrutura vigente e para a degradação social e ambiental.

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo ‘mercado global’, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação de massa, mais as identidades se desvinculam de seu contexto original, que lhes daria sentido (HALL, 2003). Com a perda das referências, as identidades entram em crise. Se antes a identidade era formada a partir das relações com outras pessoas que nos importavam, mediando, assim, valores, sentidos e símbolos, ou seja, nossa interação com a cultura local, atualmente, ela é contraditória, fragmentada. O indivíduo pós-moderno assume identidades distintas em momentos distintos.

Com a globalização vemos não só uma homogeneização cultural, mas também uma tensão crescente entre o global e o local na transformação das identidades. Juntamente com o impacto do global, surge um novo interesse pelo local, uma vez que a homogeneização traz consigo um fascínio pela diferença (HALL, 2003). E essa diferença reside hoje em experiências de âmbito local, que se esforçam para manter seu direito à própria identidade.

Se o atual modelo de desenvolvimento se mantém pela difusão da cultura de massa e pela fragilização das identidades, e sabendo que culturas distintas podem coexistir em qualquer contexto, torna-se fundamental a criação de novos modelos culturais, que sirvam a outros propósitos. “Toda cultura humana é fadada a desaparecer ... quando ela não encarna mais o espírito de onde ela nasceu” (SIMMEL apud MACIEL, 2003). Se há interesse pelo local, porque não fortalecer as comunidades locais, que ainda mantêm suas identidades próprias, e seus valores condizentes, para assim contribuir com a construção dessa cultura regenerativa, do local para o global?

2.2.10 Cultura da Sustentabilidade x Cultura Regenerativa

Dada a atual conjuntura de crise generalizada e a necessidade de redesenho da nossa forma de vida no planeta, há os que acreditam na necessidade de criação de uma ‘cultura da sustentabilidade’ (WAGNER, 2013), capaz não apenas de garantir o futuro das próximas gerações, mas a própria manutenção da vida, e outros, que dão um passo além, propondo que após tamanha degradação, seria necessária a construção de uma

cultura regenerativa, capaz de contribuir para a reversão do ‘estado da arte’ atual em que nos encontramos.

Na caminhada de construção de um futuro sustentável, Fleming, observa nossa trajetória de desenvolvimento, que parte do *business as usual* para uma estratégia verde, inicialmente, podendo chegar ao que seria um modelo regenerativo, sugerindo, para isso, a necessidade de uma mudança na visão de mundo. Há necessidade de se investir em uma educação consciente para o redesenho da nossa presença no planeta. Partindo em direção a uma nova visão de mundo, sustentável e integral, torna-se necessário um novo conjunto de valores que nos levem do modelo verde para ideais mais profundos de sustentabilidade e resiliência. (FLEMING, 2013).

A história nos mostra que as mudanças culturais não se dão através de um processo lento e gradual, mas através de uma série de saltos evolutivos na consciência humana. A mudança das culturas nômades de caça e coleta para as sociedades de agricultura centralizada e, em seguida, para nações industrializadas, corresponde à convergência do uso de novas fontes de energia e da invenção das tecnologias da comunicação. Atualmente, estamos passando de uma perspectiva de melhoria do nível de vida através do progresso tecnológico, definido pelo conforto e conveniências, para uma perspectiva de aumento da qualidade de vida, que pode ser percebida através de experiências significativas e de relacionamentos, com a natureza e os demais. (FLEMING, 2013).

Nesta perspectiva, o sustentável seria apenas o ponto neutro. Após anos de ‘*business as usual*’, onde houve um aumento da demanda por recursos naturais e serviços ecossistêmicos gerando um declínio desses recursos e serviços, passamos, num primeiro momento para uma ‘onda verde’, onde a preocupação com o meio ambiente emergiu, e iniciaram-se os esforços na busca por um desenvolvimento sustentável. Vale lembrar que nessa época, ocorreram pequenos avanços, mas também muito *green washing*¹⁸. Seguindo adiante, chegaríamos ao modelo sustentável. Entretanto, passados mais de 20 anos do apogeu da sustentabilidade, na década de 90, ser simplesmente

¹⁸ *Green Washing* ou lavagem verde é uma tentativa de tornar os produtos (e as empresas que os produzem) mais amigáveis ao meio ambiente ou ecologicamente corretos. O termo ‘lavagem’ aqui é utilizado no sentido de uma modificação que busca ocultar ou dissimular algo. O Green Washing busca criar uma imagem positiva de algo que na verdade tem impactos negativos. Disponível em : <http://pt.wikipedia.org/wiki/Greenwashing>

sustentável, já não é suficiente. Torna-se necessário dar um passo adiante, reduzindo a demanda de bens e de energia, repensando o uso dos recursos naturais, redesenhando nossas estratégias e utilizando tecnologias apropriadas não apenas para minimizar o impacto de nossas ações, mas para possibilitar que o planeta atinja um grau de resiliência para que possa vir a ser, aos poucos, restaurado, e por fim, regenerado, como mostra o gráfico abaixo. (FLEMING, 2013).

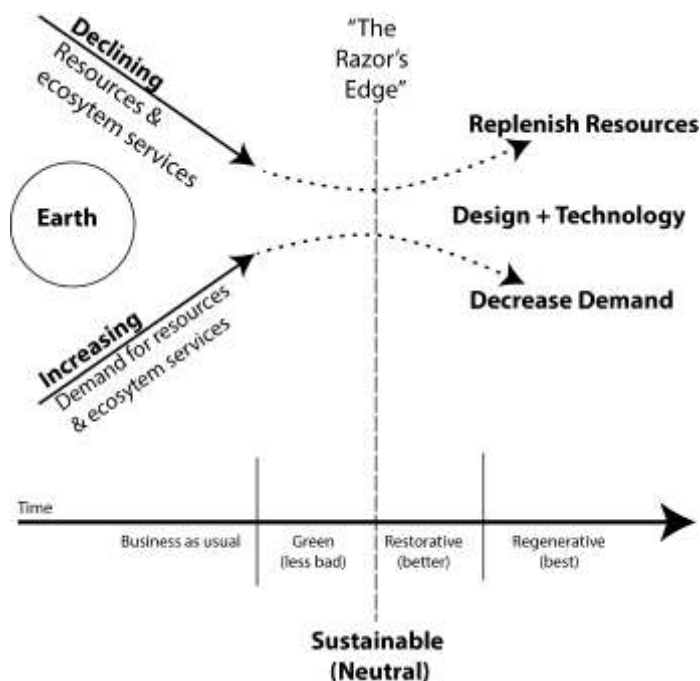


Figura 1: Gráfico mostrando a trajetória do modelo usual ao regenerativo. Fonte: Fleming (2013).¹⁹

Os infindáveis questionamentos em torno do termo sustentabilidade podem estar apontando para a necessidade da emergência de uma nova perspectiva. Enquanto para muitos a sustentabilidade continua a ser vista como algo nebuloso, talvez pela confusão gerada em parte pelo *green washing*, outros acreditam que o termo carrega em si todas as coisas boas, vindo a ser a solução de nossos problemas. (FLEMING, 2013).

Entretanto, nesse momento de incertezas, uma outra noção emerge e passa a ser utilizada por diversos autores (REED, 2007; SENGE, 2008; JENKIN; ZARI, 2009; GIRARDET, 2010; FLEMING, 2013), representando um passo além na busca pela sustentabilidade. Trata-se do modelo regenerativo. O professor do MIT, Peter Senge,

¹⁹ Disponível no livro: Design Education for a Sustainable Future.

em seu livro '*The Necessary Revolution*' também enfatiza a importância de uma mudança de visão de mundo na direção do ele considera ser uma economia regenerativa. Segundo o autor:

Os inovadores criando a economia regenerativa do amanhã, aprenderam todos, de suas próprias maneiras, a ver o sistema maior no qual vivem e trabalham. Eles olham para além de eventos e questões superficiais percebendo as estruturas e forças mais profundas em jogo. Não permitem que barreiras (sejam organizacionais ou culturalmente impostas) limitem seus pensamentos. Fazem escolhas estratégicas levando em consideração os limites naturais e sociais, e trabalham para criar ciclos de inovação – estratégias de mudança que imitam a forma como o crescimento ocorre no mundo natural. (SENGE, 2008 - tradução nossa).

Observar os padrões e os ciclos da natureza para colaborar com a criação de um novo modelo capaz de regenerar o caos que criamos em nossa caminhada desenvolvimentista até aqui, abrindo espaço para a emergência de uma cultura regenerativa é um caminho que começa a ser esboçado nas mais diversas áreas.

A Comissão de Cidades e Mudanças Climáticas do World Future Council e HafenCity University Hamburg (HCU) publicou um relatório, em 2010, intitulado *Regenerative Cities*. Essa comissão internacional foi estabelecida com o objetivo de identificar as melhores estratégias políticas para o futuro do desenvolvimento urbano. No relatório, evidencia-se a necessidade da criação de cidades regenerativas ao invés de apenas sustentáveis como podemos ver no trecho abaixo:

O desafio hoje já não se trata de criar cidades sustentáveis mas verdadeiras cidades regenerativas, assegurando-se de que não se tornem apenas eficientes no uso de recursos e com baixas emissões de carbono, mas que contribuam para aumentar ao invés minar os serviços ecossistêmicos que recebem para além de suas fronteiras. (...) as mudanças transformadoras necessárias para tornar as cidades regenerativas demandam escolhas estratégicas e planejamento de longo prazo, se comparados aos compromissos de curto prazo e soluções retalhadas que caracterizam a maior parte dos nossos sistemas políticos de tomada de decisão em todas as esferas do governo. (GIRARDET, 2010, p. 3 - tradução nossa)

A comissão destaca ainda a proliferação de iniciativas de regeneração urbana focadas na saúde e bem-estar das pessoas e das cidades, principalmente em países ricos como EUA, Reino Unido e Alemanha, mostrando que o processo regenerativo já está em curso. (GIRARDET, 2010)

No relatório, o conceito de cidades regenerativas abrange não apenas as cidades, mas todas as suas relações com outros territórios que as abastecem de recursos vitais, como água e alimentos, ou seja, todos os territórios envolvidos na sustentação dos sistemas urbanos. Desta forma, a regeneração urbana resultaria em uma regeneração de todo o ecossistema. Para isso, a comissão incentiva a implementação de estratégias políticas, financeiras e tecnológicas capazes de garantir relacionamentos restaurativos entre as cidades e os ecossistemas que as sustentam (GIRARDET, 2010), regenerando assim toda a ‘teia da vida’ (CAPRA, 1997).

A comissão sugere ainda que um componente-chave para essa transição é partir da observação e imitação dos sistemas naturais, onde nada se perde e tudo se reaproveita. É o que os Permacultores²⁰ chamam de fechar os ciclos. De acordo com o relatório:

Planejadores procurando desenhar sistemas urbanos resilientes deveriam começar estudando a ecologia dos sistemas naturais. Em um planeta predominantemente urbano, as cidades precisarão adotar sistemas metabólicos circulares para garantir sua viabilidade a longo prazo. Assim como a dos ambientes rurais dos quais dependem. Os ‘descartes’ terão que se tornar insumos nos sistemas de produção local e regional (GIRARDET, 2010 – tradução nossa, p. 11).

A transição para a sustentabilidade envolve uma mudança de processos lineares para processos e tecnologias cíclicos, que podem ser continuados indefinidamente, visto que todos os processos lineares, em um dado momento, chegam ao fim.²¹

²⁰ Permacultores são aqueles que fazem Permacultura, também chamada de ‘cultura permanente’. Ver definição e mais informações na pág 56.

²¹ De acordo com o Dr. Karl Henrik-Robert, citado na Apostila do Treinamento em Ecovilas de Findhorn, 2011, p. 21 – tradução nossa.

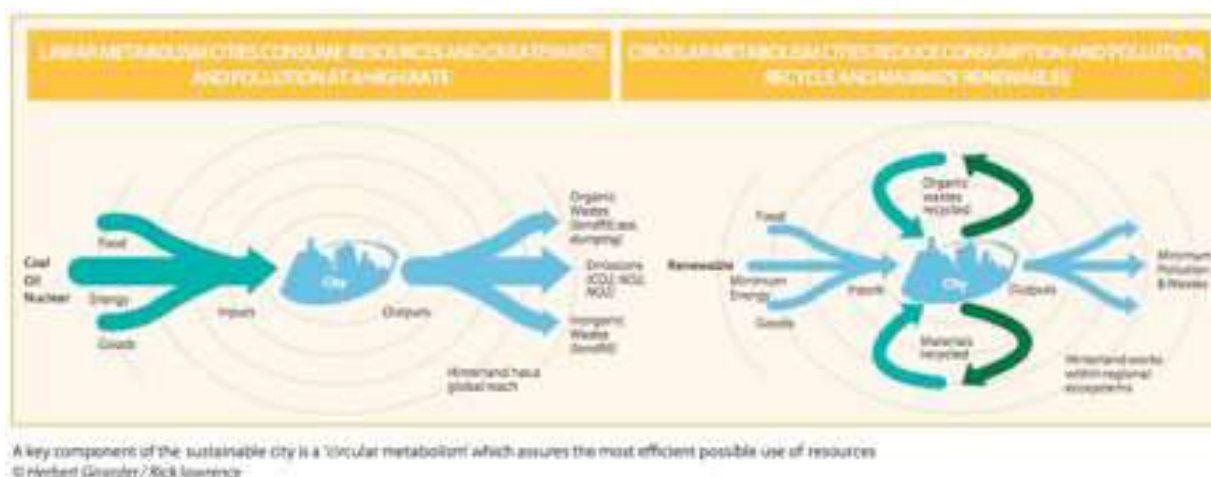


Figura 2: Ilustração comparando os fluxos de entrada e saída de recursos em uma cidade convencional (metabolismo linear) e outra sustentável, com o metabolismo circular. Fonte: Girardet (2010).²²

A figura acima exemplifica a diferença de uma cidade convencional, que utiliza recursos de forma linear, e outra sustentável, cujo metabolismo é circular. Do lado esquerdo, encontra-se o exemplo de cidade com metabolismo linear. Estas cidades produzem grandes quantidades de lixo e poluição, e geralmente utilizam combustíveis fósseis, carvão ou energia nuclear, para a geração de energia. Já a figura do lado direito exemplifica uma cidade de metabolismo circular que, através da reutilização dos recursos e da reciclagem, reduz o consumo e os índices de poluição. Estas cidades usam geralmente fontes de energia renováveis. O Metabolismo circular é um componente chave para se criar uma cidade sustentável pois possibilita a utilização eficiente dos recursos.

Essa perspectiva engloba a criação e replicação de ciclos virtuosos em todas as áreas da vida, que viriam a substituir os atuais ciclos viciosos de desperdício e degradação. Com esse novo modelo em funcionamento estaríamos partindo então da cultura da sustentabilidade para alcançar a cultura regenerativa, capaz de orquestrar todo um sistema que se retro-alimenta, garantindo, assim, a manutenção da vida no planeta a longo prazo. A base dessa nova cultura é o reconhecimento da interdependência e da complexidade dos sistemas vivos, o apreço pela diversidade, além de uma perspectiva sistêmica, integrada.

De acordo com o relatório, o novo sistema resultaria também na criação de novos negócios e oportunidades de trabalho a nível local, dando origem a toda uma estrutura capaz de assegurar a viabilidade de um sistema virtuoso (GIRARDET, 2010).

²² © Herbert Girardet / Rick Lawrence. Disponível em GIRARDET, 2010, p. 11.

2.2.11 Desenvolvimento Regenerativo: construindo um futuro sustentável

O governo da Nova Zelândia, através de seu Ministério do Meio Ambiente, avança ainda mais nessa direção propondo o que chamam de desenvolvimento regenerativo. Embasados por uma pesquisa (JENKIN; ZARI, 2009), buscam encorajar outros governos e organizações a pensarem nos benefícios econômicos, sociais e ambientais de uma abordagem positiva de desenvolvimento (MFE, s.d)²³.

Partindo da advertência da *Avaliação Ecológica do Milênio* ao dizer que as atividades humanas estavam colocando em risco a capacidade natural de funcionamento dos ecossistemas do planeta de garantir o futuro das próximas gerações, buscam implementar outra forma de desenvolvimento capaz de colaborar com a restauração do equilíbrio dinâmico do sistema Terra. Para isso, torna-se necessário ir além das práticas ‘eco-eficientes’, promovendo a melhoria da saúde e bem-estar dos seres vivos e dos ecossistemas como um todo (JENKIN; ZARI, 2009). De acordo com a pesquisa:

O desenvolvimento regenerativo compreende os seres humanos, assim como seus desenvolvimentos, estruturas sociais e preocupações culturais como parte inerente e indivisível dos ecossistemas. Vê o desenvolvimento humano como um meio de se criar saúde nos ecossistemas. Compreendendo os elementos únicos e diversos, humanos e não-humanos, de cada lugar como parte crucial do desenvolvimento regenerativo (COLE et al, 2006; REED, 2007 apud JENKIN;ZARI, 2009 p. 5).

Uma abordagem sistêmica é crucial para o desenvolvimento regenerativo, onde a ênfase está nas conexões entre os diversos componentes do sistema. Quanto mais integrado o sistema, mais isso irá facilitar a sua regeneração, através da criação de ciclos virtuosos, onde ações positivas são reforçadas através dos ciclos de retro-alimentação. É uma nova maneira de pensar que vê o desenvolvimento humano como uma possibilidade de melhorar a saúde dos ecossistemas como um todo (JENKIN; ZARI, 2009).

O desenvolvimento regenerativo busca restaurar ou apoiar a capacidade dos ecossistemas funcionarem em perfeitas condições sem constantes intervenções humanas

²³ Disponível no Site do Ministério do Meio Ambiente da Nova Zelândia - www.mfe.govt.nz

(JENKIN; ZARI, 2009). O gráfico abaixo ²⁴ mostra as diferenças entre as perspectivas: convencional (*business as usual*), verde, sustentável e regenerativa em relação ao desenvolvimento:

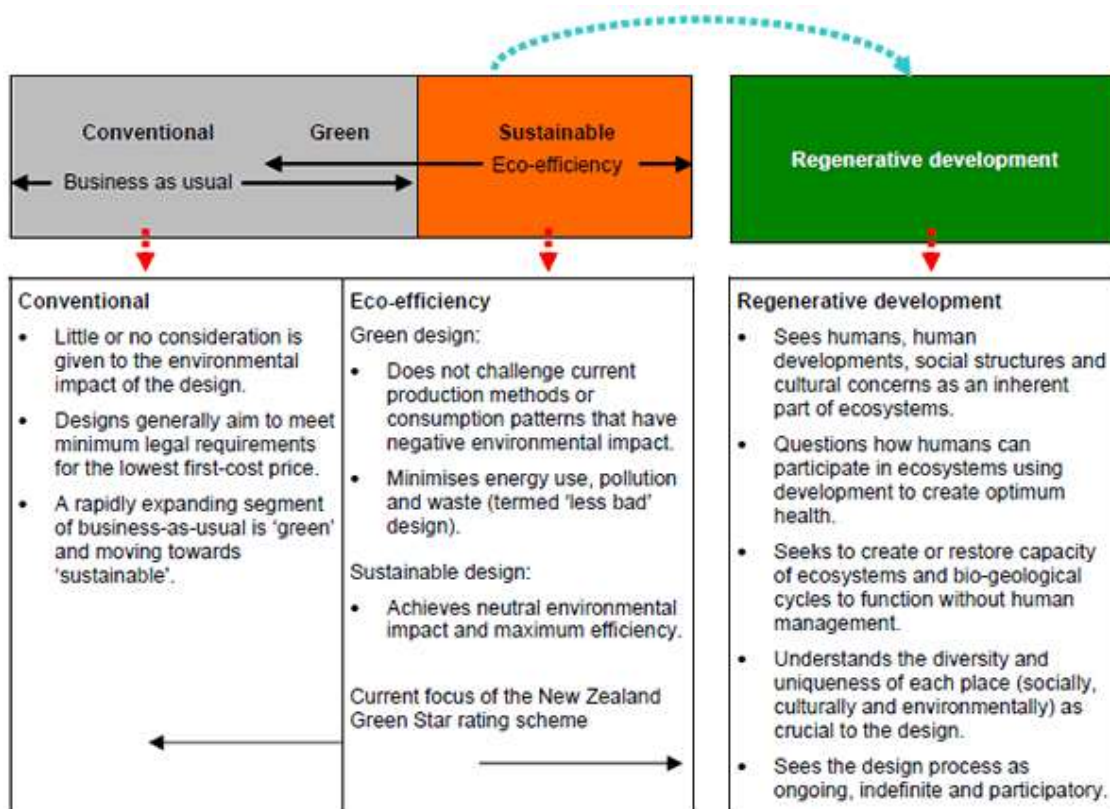


Figura 3: Gráfico comparando os modelos de desenvolvimento: convencional, verde, sustentável e regenerativo. Fonte: Girardet (2010).

Assim como Flemming (2013), a comissão também reconhece a existência de um modelo restaurativo, que seria um estágio intermediário entre o sustentável e o regenerativo. A diferença entre os conceitos se daria principalmente em relação ao papel dos seres humanos. Enquanto o desenvolvimento regenerativo compreende os seres humanos como parte integral dos ecossistemas apontando para um relacionamento de benefício mútuo, a abordagem restaurativa busca melhorar a saúde do ecossistema através de um gerenciamento humano ativo. Em ambos os conceitos é de fundamental importância da observação e compreensão dos ciclos da natureza, buscando replicá-los. Já o conceito de 'eco-eficiência' difere dos demais por operar no mesmo paradigma do

²⁴ Disponível em: GIRARDET, 2010, p. 14. Gráfico adaptado da versão completa original de Rethinking our built environments: Towards a sustainable future (JENKIN; ZARI, 2009 p. 11).

business as usual, sendo seu maior objetivo criar um impacto ambiental neutro, considerado, por muitos, como sustentável (JENKIN; ZARI, 2009). Reed sugere ainda que o desenvolvimento regenerativo engloba os demais estágios, sendo também restaurativo, sustentável e ‘eco-eficiente’ (REED, 2007 apud JENKIN; ZARI, 2009).

O desenvolvimento regenerativo é capaz de criar comunidades fortes e igualitárias ao estimular a participação comunitária no âmbito local. (COUCHMAN, 2007 e REED 2007 apud JENKIN; ZARI, 2009). Essa forma de desenvolvimento contribui para “despertar a conexão entre as pessoas e os lugares que habitam” (HAGGARD 2006 apud JENKIN; ZARI, 2009 p. 23). A abordagem participativa fomenta a criação e a manutenção dos relacionamentos na comunidade, através do engajamento, mantendo assim, as pessoas envolvidas no processo de desenvolvimento. Com isso, emergem diversos benefícios sociais, como o despertar do senso de comunidade, o aumento da sensação de bem-estar, além de caminharem para processos decisórios realmente democráticos (JENKIN; ZARI, 2009).

Cabe destacar a importância de se criar e manter relacionamentos na perspectiva regenerativa, visto que a regeneração se dá a partir dos relacionamentos. “Um objeto, por si só, não pode ser regenerativo. As relações entre os objetos e o fato de estarem em constante evolução é o que os torna regenerativos” (REED, 2006 apud JENKIN; ZARI, 2009 p. 22 – tradução nossa). Nesta perspectiva, a regeneração é compreendida como um processo de engajamento contínuo, que traz benefícios significativos em todos os âmbitos da vida comunitária.

Um dos exemplos de desenvolvimento regenerativo em curso citado pelo Ministério do Meio Ambiente da Nova Zelândia é Dockside Green, uma vizinhança de 300 habitantes e 16 empreendimentos, em Victoria, British Columbia, Canadá, que conta com o engajamento comunitário para o redesenho do espaço urbano, utilizando tecnologias e construções ecológicas, sistemas de *car share* (carros compartilhados), entre outros, para minimizar seu impacto ambiental. A comunidade se fortalece através de processos participativos onde juntos criam e implementam estratégias para construir de um modelo que possa ser perpetuado (MFE, s.d).²⁵

²⁵ Idem referência 15.

Esse modelo de regeneração urbana vai de encontro às iniciativas de Cidades em Transição que surgiram na Inglaterra e estão hoje presentes em 43 países ao redor do mundo. O Movimento Cidades em Transição mostra como é possível transformar as cidades através da mobilização e do engajamento social, da redução do consumo e do impacto ambiental, além do incentivo às economias locais (TRANSITION NETWORK, s.d).²⁶

As Iniciativas de Cidades em Transição são um exemplo do princípio de se pensar globalmente e agir localmente. Através do fortalecimento da comunidade local e do redesenho de espaços, ações e relações, estas iniciativas criam um processo que engaja pessoas e instituições para, juntos, pensarem e implementarem as ações necessárias – de curto, médio e longo prazo – para fazer frente aos desafios atuais como as mudanças climáticas, o pico do petróleo, a crise econômica, a fragilidade dos laços sociais, entre outros. O objetivo do Movimento de Transição é a conscientização e o engajamento comunitário para a realização de ações efetivas visando tornar as cidades mais resilientes, menos dependentes de recursos externos, mais harmônicas e integradas à natureza (TRANSITION NETWORK, s.d).

Podemos também citar o exemplo das Ecovilas, enquanto comunidades rurais e urbanas que se dedicam a criar modelos regenerativos, ao investirem no fortalecimento comunitário, em tecnologias ecológicas e no desenvolvimento de novos sistemas econômicos, além da criação de novas formas de ver e habitar o planeta, como detalharemos ao longo desse trabalho.

Colaborar com a criação de sistemas regenerativos é um dos caminhos que pode nos apoiar na transição do atual modo de vida degradante para um novo modelo que possa ser perpetuado. Partimos de valores igualitários, ainda existentes em algumas sociedades tribais, para a obsessão pelo consumo, pelo ter e vencer. São essas as fundações culturais da sociedade capitalista. (TRAINER, 2000; 2002). Os valores da cultura atual são, entre outros, o individualismo, a competição e a indiferença. Somos reprodutores inconscientes destes valores. Temos o desafio de desconstruir e de

²⁶ Disponível em: <https://www.transitionnetwork.org>

resignificar a nossa cultura se quisermos contribuir para a manutenção da vida no planeta.

2.2.12 Capitalismo e a Crise Global – uma mudança é possível?

O capitalismo se confunde com a modernidade e a crítica ao capitalismo é tão antiga quanto o próprio capitalismo. Critica-se a mercantilização de tudo, a dominação/opressão, a degradação ambiental, as crescentes desigualdades sociais. A falta de internalização das externalidades, isto é, a não valoração e não contabilização dos impactos sócio-ambientais negativos nos preços de bens e serviços, reforça a equação básica de maximização do lucro via redução dos custos de produção, mascarando a insustentabilidade do sistema ao transferir os custos para o social e fazendo com que o capitalismo continue parecendo ‘viável’, mesmo frente a tamanha degradação.

Boltanski e Chiapello chamam a atenção para a ‘plasticidade do capitalismo’ e sua capacidade não apenas de se manter, mas também de se expandir, através de mudanças, reconfigurando-se ao longo do tempo. Recordam sobre o conceito de Weber do ‘espírito do capitalismo’ (WEBER, 1967), a ideologia que justifica o engajamento nesse modelo e que visa deixá-lo desejável. São argumentos e dispositivos que determinam valores, que justificam a sua existência. O ‘espírito do capitalismo’ está submetido a algumas variáveis de acordo com o contexto e com o momento histórico. Sua fórmula básica - o que se mantém ao longo dos anos - é a exigência de acumulação ilimitada (BOLTANSKI, CHIAPELLO, 1999).

Existe uma fórmula excitante no capitalismo, de estimular prazeres, mas esse sistema traz em si contradições notáveis. Ao mesmo tempo em que possui alguns componentes estáveis, como o progresso tecnológico e econômico, e a eficácia de uma produção estimulada pela concorrência, sendo, em teoria, um regime favorável às liberdades individuais e políticas, o capitalismo é também ‘uma máquina de morte’. (BOLTANSKI, CHIAPELLO, 1999). O que vemos é a proliferação de armas físicas, químicas, nucleares e biológicas, a disseminação maciça de uma cultura de guerra, o

aumento da violência e das relações de dominação: da natureza, do outro e de tudo ao redor.

As críticas ao atual modelo sociopolítico-econômico são diversas. Para Bauman,

sem meias palavras, o capitalismo é um sistema *parasitário*. Como todos os parasitas, pode prosperar durante certo período, desde que encontre um organismo ainda não explorado que lhe forneça alimento. Mas não pode fazer isso sem prejudicar o hospedeiro, destruindo assim, cedo ou tarde, as condições de sua prosperidade ou mesmo de sua sobrevivência. (BAUMAN, 2010, p.8)

Estamos vivendo um momento de declínio do modo de vida capitalista. Resta saber se se trata apenas de uma reconfiguração, ou realmente de seu fim. O ‘hospedeiro’ ao qual Bauman se refere é o planeta Terra, que atinge índices alarmantes de degradação, já comprometendo a possibilidade de vida de inúmeras espécies.

O capitalismo está em crise porque transforma tudo em mercadoria, mas existem coisas que não podemos comprar, como a felicidade, a paz, o amor e a própria vida. É preciso pensar em uma economia do suficiente, criar novos índices que não avaliem apenas o crescimento econômico, mas a qualidade de vida e o bem-estar das pessoas, além dos aspectos ambientais. A exclusão faz parte da engrenagem atual, e a violência é uma consequência inevitável dessa exclusão. É fundamental substituir as questões atuais por outras. Não mais ‘quem eu devo ser’ ou ‘o que preciso comprar’, mas ‘do que realmente necessito’. Torna-se necessária uma mudança de hábitos e da forma de ver o mundo, respaldada por uma nova ética, a ética do cuidado, para podermos garantir a vida no planeta a longo prazo (BOFF, 1999).

Antes havia crises localizadas, agora elas são globais, planetárias. Vivemos uma crise sistêmica: mudanças climáticas, perda da biodiversidade, dependência dos combustíveis fósseis, desigualdade social, violência, insegurança. A globalização, a ocidentalização e o modelo de desenvolvimento em curso, fazem parte da mesma engrenagem que produz uma pluralidade de crises, sendo a crise planetária mais marcante, a crise da humanidade (MORIN, 2011 apud IRVING, 2014).

Cabe lembrar que, na raiz dos problemas socioambientais, encontra-se a cisão histórica entre sociedade e natureza. Os atuais desafios ecológicos referem-se, em última análise, à própria produção da existência humana em novos contextos. Torna-se

necessário refletir acerca dessa racionalidade que não leva em consideração os limites ecológicos e valores culturais que sustentam o planeta. Guattari propõe uma articulação ético-política (a qual denomina ‘Ecosofia’) entre os três registros ecológicos: o ambiente, as relações sociais e a subjetividade humana, como resposta. (GUATTARI, 1990, pp. 8; 15). Sem dúvida, a discussão em torno da sustentabilidade envolve necessariamente “uma reflexão ética e política profunda”, “um sentido de cidadania planetária” (IRVING, 2014 p. 26).

A noção de sustentabilidade transcende o compromisso de preservação de recursos naturais e de um desenvolvimento em harmonia com a natureza e implica compromisso de equilíbrio de ser humano consigo mesmo, com o planeta e o universo, ou seja, com o próprio sentido de existência (GADOTTI 2008 apud IRVING, 2014 p. 31).

É necessário despertar o sentido de responsabilidade universal, uma vez que estamos todos interligados e que nada existe sem relação. O universo não é a soma das coisas que a ele pertencem, mas uma grande teia de relações. A degradação do planeta e do nosso tecido social nada mais é do que a degradação das possibilidades de vida no planeta. Em sua primeira visita ao Brasil, em 1992, sua santidade, o Dalai Lama afirmou:

Creio que para enfrentar o desafio de nossos tempos, os seres humanos terão que desenvolver um maior sentido de responsabilidade universal. Cada um de nós terá que aprender a trabalhar não apenas para si, sua família ou país, mas em benefício de toda a humanidade. A responsabilidade universal é a verdadeira chave para a sobrevivência.

É crucial reconhecermos as incongruências da lógica atual, para rumarmos em outra direção, na direção de uma vida mais simples, e da ação coletiva para o cuidado dos bens comuns, do local para o global, ou universal. Felizmente, como nos provam os físicos modernos, o caos nunca é apenas destrutivo, é também, regenerativo. Precisamos despertar a nossa capacidade de regeneração, para assim reinventarmos nossa cultura e forma de vida.

Muito provavelmente em resposta a isso, nas últimas décadas vem sendo notado um número crescente de pessoas que se articulam em grupos, nos mais diversos contextos, procurando criar uma conectividade e um engajamento mais fortes com o mundo (YANKELOVICH, 1981 apud KIRBY, 2003). Trata-se de um desejo por relações interpessoais mais profundas e de um equilíbrio entre aspectos práticos e

subjetivos, o que se evidencia na busca por estilos de vida em que os valores comunitários, a relação com a natureza, o baixo consumo e o baixo impacto ambiental são predominantes. Esses grupos se multiplicam a olhos vistos, nos cenários rurais e urbanos, nos mais diversos países, revitalizando os laços comunitários, engajando-se em prol de uma mudança efetiva e consciente que gera qualidade de vida ao mesmo tempo em que busca preservar e regenerar o meio ambiente. São iniciativas coletivas, como as Ecovilas, que operam em uma lógica distinta da atual lógica capitalista, como veremos a seguir.

A atual crise civilizatória exige mudanças profundas que envolvem uma nova maneira de ver o mundo, de lidar com a natureza, além de novos valores que nos conectem a nossa humanidade. Nesse contexto, a ONU reconhece a busca da felicidade como um direito fundamental do indivíduo (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2011). A mera sobrevivência, e os aspectos puramente materiais vão sendo, aos poucos, substituídos por uma nova demanda, a de assegurar o direito não apenas à qualidade de vida, mas também à felicidade e ao bem-estar (IRVING, 2014). Esforços estão sendo feitos para integrar estes aspectos ao conceito de desenvolvimento (BÔLLA, 2012), buscando incentivar uma nova maneira de desenvolver-se.

2.3 EM BUSCA DE COMUNIDADE

Para se falar das Ecovilas e das questões comunitárias que são centrais nesse modelo, é preciso antes resgatar o conceito de comunidade, percebendo como vem se desdobrando ao longo da história. A Sociologia foi a disciplina que começou a trabalhar o conceito de comunidade, no século XIX, utilizado para designar agrupamentos de pessoas com algo em comum, além do território. Foi quando estabeleceu-se a oposição entre comunidade e sociedade para indicar valores comunitários e não comunitários. (TÖNNIES, 1955; WEBER, 1917 ; NISBET, 1962; SAWAIA, 1996). De acordo com os autores dos séculos XIX e XX, o conceito engloba todos os tipos de relação caracterizadas por laços de pertencimento, sejam familiares, profissionais, residenciais, políticas e/ou religiosas, (TAVERES, 1985) e em torno desses laços comunitários constitui-se a imagem da sociedade ideal. É também nesse momento em que se redescobre o simbólico da comunidade.

Cabe ressaltar que as comunidades são tão antigas quanto à história da humanidade, e onnipresentes em todas as culturas, tendo-se reconfigurado a partir das características de cada época. (EISLER, 1987; KOZENY, 1995). Antes mesmo do surgimento da agricultura, caçadores e coletores viviam em comunidade, dependendo da cooperação para sobreviver, já que as condições daquela época eram hostis. A racionalidade que explica a vida em comunidade como um fenômeno, antecede a configuração do hegemônico modo de produção capitalista, embora as comunidades ganhem notoriedade, como uma via alternativa, a partir do agravamento das expressões deste modelo de produção (EISLER, 1987).

Uma tradicional definição de comunidade foi criada pelo filósofo alemão Ferdinand Tönnies, em 1887. Oriundo de uma família camponesa, Tönnies viu a antiga cultura rural de sua vizinhança transformar-se drasticamente com a industrialização. Com um irmão mercador, teve a oportunidade de vivenciar ambos os mundos: o do camponês, enraizado na terra, e o do mercador, cujo interesse está no lucro advindo do comércio. Cunhou, então, o conceito de *Gemeinschaft* (comunidade) em oposição ao conceito de *Gesellschaft* (sociedade). Para Tönnies, *Gemeinschaft* ou comunidade, envolve relações de pessoas que se sentem parte de uma totalidade. A comunidade pode basear-se em laços de sangue (família, tribo), em uma localidade comum (vizinhança, comunidade rural) ou em uma mentalidade comum (amizade, grupo religioso ou de trabalho), sendo que estas formas de comunidade relacionam-se no tempo e no espaço, e envolvem um entendimento mútuo, além de desejos, atitudes e crenças similares. A vida em comunidade está diretamente relacionada ao trabalho coletivo e à terra, pressupondo a posse compartilhada e o desfrute dos bens comuns. Já a *Gesellschaft* (sociedade), abrange um grupo de pessoas cujas esferas da vida estão, de alguma forma, interligadas, mas, no entanto, se mantêm independentes e livres de relações. Na *sociedade*, os valores coletivos vão sendo substituídos por valores individuais, os vínculos passam a ser de interesse e uma atitude ‘reservada’ em relação ao outro se torna natural: “ninguém quer doar ou produzir nada para o outro, a não ser em troca de um bem ou trabalho equivalente, que considere, ao menos, igual ao que deu” (TÖNNIES, 1955 apud ROYSEN, 2013 p. 38-39).

Tönnies observou, com o passar dos anos, uma mudança contínua na base do viver junto, onde a *comunidade* vai dando lugar à *sociedade*, dissolvendo os laços de

pertencimento que antes uniam os indivíduos à família e à terra. Na *sociedade*, viver em um lugar comum não significa que haja uma relação entre os vizinhos. A vida em família deixa de ser valorada e torna-se frequente partir em busca de negócios e outros interesses. As crenças e tradições que antes uniam as pessoas na *comunidade* são substituídas por regras e leis, na *sociedade*. Os bens comuns passam a ser propriedade do Estado, ou seja, da *Gesellschaft*. Para o autor, esse processo significa a vitória da ganância e do egoísmo, mostrando uma visão de *comunidade* de certa forma em extinção, já que o crescimento e o progresso resultariam na decadência de todas as formas de comunidade, incluindo a família (TÖNNIES, 1955 apud ROYSEN, 2013).

Vemos uma grande mudança da estrutura social com a industrialização, onde a produção passa de uma escala pequena, com sistemas locais e pessoais de troca, para escalas cada vez maiores, mediadas por organizações. A vida comunitária, antes voltada para a produção agrícola, vai perdendo espaço. A comunidade tradicional, que vivia e trabalhava junto vai sendo substituída por famílias nucleares e por comunidades de empregados nas ‘modernas’ fábricas e escritórios. Enquanto a *comunidade* caracterizava-se por relações diretas, pessoais, entre membros específicos, a *sociedade* caracteriza-se por relações impessoais regidas por leis, estatutos e constituições, sendo seus membros, totalmente substituíveis (TÖNNIES, 1957 apud KUNZE, 2012).

Com o advento da Modernidade, comunidade passa a ocupar o centro do debate sendo por um lado considerada antagônica ao progresso e, por outro, almejada como símbolo das coisas boas que o progresso destruiu, como a família e os laços sociais. Sua delimitação pode ser local ou global, desde que haja engajamento moral, coesão e objetivos comuns, além de continuidade no tempo (SAWAIA, 1996).

Diversos autores se debruçaram nessa investigação sobre a ruptura entre comunidade e sociedade na Modernidade. Weber, em suas reflexões sobre as relações sociais solidárias, vai de encontro à perspectiva de Tönnies, ao distinguir *Comunalização* de *Sociação*. Para o autor, *Comunalização* refere-se a relações baseadas no sentimento de pertencimento, como as relações de família, amizade e vizinhança, fundamentando-se em aspectos emocionais ou tradicionais. Já na *Sociação* as relações baseiam-se em compromissos de interesse (em valor ou finalidade) advindos de uma opção racional, e não afetiva (WEBER, 1917 apud SAWAIA, 1996).

Também Simmel, trouxe uma importante contribuição ao conceito de comunidade ao estudar as relações inconscientes da organização social. Simmel, considerado o Freud da sociedade, denunciou a racionalização e a objetivação da cultura moderna e a consequente impessoalidade das relações, como capazes de comprometer a própria subjetividade humana (SIMMEL, 1894 apud SAWAIA, 1996).

Já Marx difere das perspectivas que sustentam o contraste entre comunidade e sociedade, situando o debate no sistema capitalista, ou melhor, na luta de classes. Em sua abordagem do materialismo dialético, a sociedade é conflitiva, sendo que a distinção entre o conflitivo e o harmonioso não depende da presença ou ausência de valores comunitários, mas sim de problemas decorrentes das relações de produção. Marx, entretanto, também vê o comunitarismo enquanto ética de uma vida social digna e justa, embora sua perspectiva de comunidade não se refira a uma volta ao passado ou a recuperação de valores comunitários a nível local, mas a associação do proletariado de diversas nações em uma comunidade transnacional, fortalecendo-se para reivindicar os seus direitos (MARX, 1983 apud SAWAIA, 1996).

Cabe ainda destacar que nas obras da psicologia social, segmento criado no século XX para investigar a relação indivíduo/sociedade, não há referências ao conceito de comunidade até os anos 70, quando, então, surge a psicologia comunitária. No lugar dele, utiliza-se o conceito de grupo para abordar os fenômenos coletivos. (SAWAIA, 1996). Um grupo pode ser definido como um conjunto de indivíduos que possuem objetivos e interesses comuns e estabelecem relações entre si. Um agrupamento de pessoas constitui um grupo quando: interagem com frequência; partilham normas e valores comuns; participam de um sistema de papéis sociais; cooperam para atingir um objetivo comum e se reconhecem enquanto pertencentes a esta unidade social. (Lacospsychelogs, s.d.) O que constitui um grupo não é o número de pessoas envolvidas, nem sua proximidade física, mas sim a existência de relações entre elas. (GUARESCHI, 1996).

A noção de comunidade aparece e desaparece das reflexões sobre o homem e a sociedade de acordo com o contexto histórico, evidenciando a dimensão política desse conceito, que objetiva-se, principalmente, no confronto entre os valores individuais e coletivos (SAWAIA, 1996). A partir das profundas mudanças ocorridas no último século, nossa percepção de espaço e de lugar foram alteradas, ao mesmo tempo em que

houve uma ruptura em relação aos princípios de comunidade (KIRBY, 2003). Com a fragmentação da vida contemporânea, emergiram sentimentos de isolamento e desconexão, além de um afastamento das formas tradicionais de participação social e política (PUTNAM, 2000 apud KIRBY, 2003). O problema não é tanto a perda dos antigos padrões associativos da comunidade, mas o fracasso do sistema vigente em produzir novas formas de associação que tenham algum tipo de significado (NISBET, 1962 apud KIRBY, 2003).

Cabe, entretanto, ressaltar que a ruptura comunidade x sociedade não necessariamente se trata de uma oposição definitiva. Existem outras visões de comunidade. Enquanto para autores como Tönnies e Weber a comunidade vai se extinguindo a partir da nova configuração social, para Buber o desejo por comunidade é inerente ao ser humano, não podendo ser abalado pelas condições externas. Segundo o autor, a vontade de comunidade faz parte da nossa condição de humanidade, evidenciando-se nos vínculos que as pessoas estabelecem entre si e com a própria vida.

Comunidade e Vida são uma só coisa. A comunidade que imaginamos é somente uma expressão de transbordante anseio pela Vida em sua totalidade. Toda Vida nasce de comunidades e aspira comunidades. A comunidade é fim e fonte de Vida (BUBER, 1985, p. 34).

Buber nos faz refletir sobre os vínculos que mantêm os seres humanos unidos uns aos outros, bem como de que forma nos relacionamos com a própria vida e com a vida em comunidade. Em diversos aspectos, essa busca por comunidade estava na base da experiência de muitos grupos que se juntaram para partilhar uma vida coletiva (SANTOS JR., 2006). Sobonfu Somé traz uma perspectiva semelhante ao compartilhar a experiência do povo Dagara, da África Ocidental, para o qual a vida em comunidade continua a ter central importância:

A comunidade é o espírito, a luz-guia da tribo; é onde as pessoas se reúnem para realizar um objetivo específico, para ajudar os outros a realizarem seu propósito e para cuidar umas das outras. O objetivo da comunidade é assegurar que cada membro seja ouvido e consiga contribuir com os dons que trouxe ao mundo, da forma apropriada [...] A comunidade é uma base na qual as pessoas vão compartilhar seus dons e recebem as dádivas dos outros (SOMÉ, 2003, p. 35).

Marcel Mauss, em seu consagrado *Ensaio sobre a dádiva*, ao investigar o sistema de trocas das sociedades arcaicas nos mostra o princípio da reciprocidade enquanto matriz das relações humanas. O autor aponta para a universalidade da obrigação

de “dar, receber e retribuir”, sendo essa reciprocidade, mantida por grupos e não por indivíduos isoladamente. “Se coisas são dadas e retribuídas, é porque se dão e se retribuem “respeitos” – podemos dizer igualmente, “cortesias”. Mas é também porque as pessoas se dão ao dar, e, se as pessoas se dão, é porque se “devem” – elas e seus bens – aos outros” (MAUSS, 2003, p. 263). A dádiva diz respeito à circulação obrigatória das riquezas, materiais e imateriais. A troca de dádivas fortalece os vínculos entre indivíduos e grupos, fazendo emergir a reciprocidade (MAUSS, 2003).

Enquanto nos primórdios da humanidade a vida em comunidade era fundamental, garantindo, muitas vezes, a sobrevivência dos indivíduos, também nos povos tradicionais e na maior parte dos povos de cultura oriental, o pertencimento a um grupo continua a ser valorizado, servindo inclusive, de base para o reconhecimento individual. Já o estilo de vida moderno ocidental, regido pelas leis competitivas do mercado, gerou um individualismo crescente e um esvaziamento das relações sociais. Os vínculos tornam-se cada vez mais frágeis. Segundo Tönnies, o atual modelo civilizatório descaracterizou os laços sociais baseados em tradições comunitárias (TONNIES, 1955). Agora é ‘cada um por si’, e ‘salve-se quem puder’.

Comunidade é um conceito que aparece repetidamente como a utopia da atualidade para fazer frente ao processo de globalização, visto como um vilão da vida em comum. (SAWAIA, 1996 / BAUMAN, 2003). “Toda utopia propõe modelos de comunidade como arquétipo de situação ideal, que teria ocorrido nos primórdios da humanidade.” (SAWAIA, 1996, p. 36) Apesar do desafio da construção da vida em comunidade a partir dos valores da nossa cultura atual, surge uma crescente demanda daqueles que questionam o sistema e prezam pelo senso de comunidade, um sentimento de pertencimento e apoio mútuo. Pessoas não satisfeitas com a distância entre seus ideais e a realidade, buscam encontrar um estilo de vida mais satisfatório do que o oferecido pela cultura dominante (KOZENY, 1995). Para Bauman,

se vier a existir uma comunidade no mundo dos indivíduos, só poderá ser (e precisa sê-lo) uma comunidade tecida em conjunto a partir do compartilhamento e do cuidado mútuo; uma comunidade de interesse e de responsabilidade em relação aos direitos iguais de sermos humanos e igual capacidade de agirmos em defesa desses direitos. (BAUMAN, 2003 p 134).

É nesse contexto que se multiplicam as comunidades intencionais, buscando resgatar valores comunitários e criar novas formas de se viver e relacionar, mais harmônicas e integradas. Entre elas, as Ecovilas, objetos de estudo deste trabalho.

2.3.1 As Comunidades Intencionais

Comunidades intencionais são grupos de pessoas que escolheram viver juntas a partir de um propósito comum, trabalhando cooperativamente para criar um estilo de vida que reflita seus valores compartilhados. (KOZENY, 1995 / CHRISTIAN, 2003 / FELLOWSHIP FOR INTENTIONAL COMMUNITY, s.d). Cada uma tem suas próprias características, que variam de acordo com a sua localização, o número de membros, os objetivos, princípios e crenças do grupo, o estilo de governança, entre outros. É uma definição ampla, abrangendo uma enorme gama de iniciativas. Das comunidades religiosas (ashrams, monastérios) às estudantis, passando pelas comunidades hippies, Cohousings (moradias compartilhadas), Kibbutzim, Ecovilas, entre outras (CHRISTIAN, 2003).

Essas comunidades são hoje um fenômeno global, podendo ser encontradas, em suas várias formas, em quase todos os países. (OVIED, 2013) Segundo Bill Metcalf, a primeira comunidade intencional seria Homakoeion, criada por Pitágoras por volta de 525 AC na região onde atualmente é o sul da Itália. (DAWSON, 2006; METCALF, 2012). Eram centenas de membros, inspirados por caminhos intelectuais e místicos que sonhavam em criar uma sociedade ideal. Os membros eram chamados *homakooi* ‘aqueles que se juntam para ouvir’ e seu salão de assembléia, uma *homakoeion*, ‘um lugar para ouvir juntos’. Eram unidos por práticas de cultos comuns, viviam e comiam juntos, partilhavam seus bens e tinham um profundo respeito pelos animais, tornando-se vegetarianos (KAHN, 2007). Sabemos pouco sobre sua forma de governança, visões comuns e ideais, a não ser a importância da numerologia (METCALF, 2012). Outro exemplo bem documentado diz respeito a Jesus e seus primeiros seguidores, que foram viver juntos em uma ‘comunidade de valores’, adotando um estilo de vida simples e compartilhando o que tinham (KOZENY, 1995). Os monastérios cristãos permanecem atuantes até os dias de hoje, sendo uma das formas mais comuns de comunidades intencionais (METCALF, 2012).

As comunidades intencionais podem ser entendidas como experimentos sociais onde novas teorias e possibilidades são colocadas em prática. (MARQUES NETO, 2005). Os valores primordiais são a abertura a novas ideias, tolerância, igualdade, o compromisso de viver o que reflete seus ideais, a busca por mudar comportamentos e atitudes, além do interesse pelo crescimento pessoal, espiritualidade e cultura de paz. (KOZENY, 1995; OVED, 2013). São ambientes de suporte para desenvolver capacidades, para o crescimento pessoal e espiritual, além de satisfazer necessidades de segurança, cooperação, pertencimento, relacionamento e família (KOZENY, 1995/ CHRISTIAN, 2003). Segundo Kozeny, o propósito mais comum para se fundar uma comunidade intencional tem sido a espiritualidade ou a religião (incluem-se aí os centros de meditação, yoga, entre outros), embora atualmente haja um grande interesse pela ecologia (KOZENY, 1995), o uso de tecnologias de baixo impacto e a busca pela auto-suficiência. (OVED, 2013).

Diferente das comunidades tradicionais, com fortes vínculos de parentesco, as comunidades intencionais são formadas por pessoas de origens diversas, vindas, muitas vezes, de diferentes culturas, constituindo grupos bastante heterogêneos. O que as une é o propósito comum (KOZENY, 1995). Buscam reintroduzir os valores comunitários e acreditam que é possível viver de uma forma melhor. (KOZENY, 1995; CHRISTIAN, 2003; MILLER, 2013). O que a maioria tem em comum é idealismo. Geralmente, os ideais emergem de algo que os membros sentem falta na cultura dominante, buscando criar uma vida baseada nos princípios da amizade e da cooperação e tomando decisões de forma participativa (CHRISTIAN, 2003). A ideia não é um retorno a um período histórico idealizado mas distanciar-se desse modelo social que vem alimentando guerras crônicas, injustiça social e desequilíbrio ecológico (EISLER, 2008).

As comunidades intencionais desenvolveram historicamente estilos de vida modestos, em pequenos grupos coesos, caminhando para uma certa suficiência. (MELTZER, 2013). Relacionam-se de outras maneiras com o meio ambiente e vivenciam novos sistemas sociais, voltando-se para a sustentabilidade. Demonstram uma forma de organização da vida comunitária resiliente e relevante. (COATES, 2013) É importante ressaltar, entretanto, que nenhuma delas é perfeita. (KOZENY, 1995). Os membros trazem consigo os condicionamentos da cultura vigente. Os problemas da sociedade dominante (ego, inveja, desonestidade, poucas habilidades de comunicação,

falta de auto-estima, conflitos, ciúme, entre outros) também estão presentes nas comunidades intencionais. Somos parte dessa cultura e ela inevitavelmente nos afeta. (KOZENY, 1995; CHRISTIAN, 2003.) Não basta querer uma vida mais harmônica e integrada, para se viver de um forma melhor, em comunidade, é preciso criar novas maneiras de agir, novas atitudes, comportamentos e modos de relação (CHRISTIAN, 2003).

Uma contribuição da maior parte das comunidades intencionais é que seus membros estão ativamente procurando identificar os problemas e as lacunas existentes e buscando soluções, além de implementarem as novas descobertas em suas vidas diárias. (KOZENY, 1995; BANG, 2013). Os grupos estão, também, cada vez mais se conectando em rede para partilhar experiências, formando alianças e ganhando visibilidade e suporte. (KOZENY, 1995). A história confirma que esses experimentos sociais conduzem a diversas inovações sociais e tecnológicas que podem ser bastante úteis para outros segmentos. (KOZENY, 1995). Suas conquistas revelam novas formas de se viver junto. Seus fracassos mostram as limitações do modo atual de ser comunidade, de ser humano, que não são definitivas, e as questões a serem trabalhadas. Muitas vezes, o isolamento limita suas contribuições. Apesar disso, são laboratórios extremamente relevantes de outras formas possíveis de vida e relacionamento. (OVED, 2013).

A maior parte das críticas às comunidades intencionais deve-se ao fracasso de experimentos no passado, entretanto, os modelos contemporâneos evoluíram em diversos aspectos, entre eles, na crescente busca pela sustentabilidade ecológica e por novos arranjos econômicos, além de uma maior organização social. As Ecovilas vêm buscando equacionar, individualidade, privacidade e diversidade, de um lado, e envolvimento comunitário, coesão social e um propósito comum, de outro, tornando-se estruturas sociais extremamente adaptáveis que merecem uma investigação aprofundada (LOCKYER, 2010), conforme veremos na sessão abaixo.

2.3.2 Ecovilas

Elas representam uma visão completamente nova de desenvolvimento, com diferentes fundamentos econômicos, usos de energia, estruturas sociais e valores daqueles da sociedade industrial. Ecovilas fornecem modelos para se viver próximos da terra e em comunidade uns com os outros. (NORBERG-HODGE, 2002 – tradução nossa).

O movimento das Ecovilas emerge globalmente como uma resposta consciente ao problema extremamente complexo de como mover a sociedade em direção a um modelo de vida sustentável. (KIRBY, 2004). Ele funciona como catalisador de uma mudança cultural, ética, ambiental, econômica, política e social, e aos poucos se torna a convergência de outros movimentos contemporâneos que também questionam o sistema atual e os valores da nossa sociedade (KOZENY, 1995), como os Movimentos de Permacultura, de Economia Solidária e da Transdisciplinaridade, entre outros.

Ecovilas são comunidades intencionais dedicadas a criar e demonstrar a sustentabilidade ecológica, econômica, social e espiritual. (CHIRAS; CHRISTIAN, 2003; KASPER, 2008). Buscam formas de vida mais humanas e integradas. (CHRISTIAN, 2003). A primeira definição consolidada de Ecovila surgiu em 1991, a partir de uma pesquisa de campo encomendada pela ONG dinamarquesa Gaia Trust, em que o casal Robert e Diane Gilman, então editores da Revista *In Context*, percorreram diversas iniciativas pelo mundo buscando identificar os exemplos mais relevantes no campo das comunidades sustentáveis. A pesquisa incluiu comunidades tradicionais, comunidades alternativas rurais e urbanas, projetos de Permacultura e Cohousing, entre outros, buscando relevar as melhores práticas a nível internacional. Não havia um projeto exemplar, mas um conjunto de iniciativas que esboçavam a visão de uma nova cultura, com um estilo de vida simples, comunitário e integrado com a natureza. O resultado da pesquisa revelou uma síntese dos aspectos em comum entre elas e os atributos que poderiam nos direcionar na transição para um modelo de vida sustentável. (DAWSON, 2006). No relatório, *Ecovillages and Sustainable Communities*, Ecovila é definida como:

assentamento de escala humana, multifuncional, no qual as atividades são integradas sem danificação ao mundo natural, de forma a apoiar o desenvolvimento humano saudável, podendo continuar num futuro indefinido. (GILMAN e GILMAN 1991 - tradução nossa).

A partir daí, representantes de algumas dessas comunidades começaram a se reunir para partilhar experiências e buscar estratégias para aprimorar e difundir o conceito e o modelo das Ecovilas. Em 1992, um outro relatório “*Tecnologias para a vida, tecnologias sustentáveis para Ecovilas*” assinado por Michael Boddington, que trabalhou com Schumacher, também foi instrumental para o desenvolvimento de tecnologias intermediárias que iam de encontro às necessidades das Ecovilas. Passados

alguns anos, os pioneiros do movimento estavam prontos para se lançar. (DAWSON, 2006). Em 1995, na Conferência *Ecovilas e Comunidades Sustentáveis - modelos de vida para o Século XXI*, realizada na comunidade de Findhorn (Escócia), foi criada a Rede Global de Ecovilas (GEN, em suas iniciais inglesas) e lançado mundialmente o conceito de Ecovilas (GREENBERG, 2013). De acordo com a GEN, Ecovilas são:

assentamentos humanos, rurais ou urbanos, que buscam a criação de modelos de vida sustentável. Surgem de acordo com as características de suas próprias bioregiões e englobam tipicamente quatro dimensões: a social, a ecológica, a econômica e a cultural, combinadas numa abordagem que estimula o desenvolvimento comunitário e pessoal. (GLOBAL ECOVILLAGE NETWORK, 1995, tradução nossa).

Dentre as prioridades das Ecovilas estão: a produção local e orgânica de alimentos; a utilização de sistemas de energia renováveis; construções de baixo impacto ambiental, priorizando o uso de materiais locais; sistemas de apoio social e familiar; cuidados com a saúde integral; diversidade cultural e espiritual; governança participativa; economia solidária; educação transdisciplinar holística e processos colaborativos de comunicação.

Diversas comunidades intencionais se atraíram pela proposta das Ecovilas e o movimento rapidamente se disseminou. (CHRISTIAN, 2003; SEVIER, 2008; ERGAS, 2010.) Algumas antigas comunidades precisaram adaptar aspectos na direção da sustentabilidade (passaram a construir com matérias ecológicas ou adicionaram novas formas de captação de energia) para se denominarem Ecovilas, (CHRISTIAN, 2003; WAGNER, 2012), como é o caso de Findhorn, na Escócia, principal estudo de caso desta pesquisa, enquanto outras apenas preservaram a sustentabilidade que sempre praticaram, caminhando na direção de uma melhor qualidade de vida. (KESSLER, 2008). Não é simples afirmar se uma comunidade é ou não uma Ecovila, uma vez que não existem critérios específicos (WAGNER, 2012), mas algumas características as distinguem das demais comunidades intencionais ou projetos ecológicos. São elas: a importância central da vida em comunidade; um conjunto de valores partilhados; o foco na sustentabilidade; a busca por recuperar o controle sobre os recursos de que necessitam, como alimento e energia; uma gestão compartilhada dos bens, além de serem iniciativas de indivíduos, apoiadas nos recursos e visões dos membros; e de atuarem, em sua maioria, como centros de treinamento e espaços de demonstração dessas novas

ferramentas e tecnologias sociais, ecológicas e econômicas (DAWSON, 2006; SEVIER, 2008).

A típica Ecovila não existe, sendo esta flexibilidade um fator de sucesso do movimento. Cada uma tem o seu visual e caráter próprios, de acordo com a localização, o clima, a cultura local, o tamanho do espaço, entre outros (SEVIER, 2008). Trata-se de um movimento repleto de diversidade, com experiências rurais, urbanas, em subúrbios, vizinhanças, presentes em todas as partes do mundo, incluindo culturas e climas variados. De tribos tradicionais à *retrofits* urbanos, projetos recém criados ou já estabelecidos. (JOSEPH; BATES, 2003; DAWSON, 2006). Ecovila é um processo, assim como uma visão (SIRNA, 2000). É um lugar para se viver, trabalhar e brincar, nascer e morrer, celebrar e comercializar serviços e produtos, além de incluir todos os aspectos de uma vida saudável. (GILMAN; GILMAN, 1991). São experimentos em escala humana, onde é possível as pessoas conhecerem-se umas as outras (GILMAN; GILMAN, 1991; SIRNA, 2000) e influenciarem as decisões comunitárias. (CHRISTIAN, 2003). Não esperam por financiamentos, colocam a mão na massa. (JOSEPH; BATES, 2003). Uma Ecovila se propõe a prover casa, oportunidades de trabalho e de crescimento pessoal e espiritual, criando uma comunidade o mais auto-suficiente possível (GILMAN; GILMAN, 1991; CHRISTIAN, 2003).

O Conceito de Ecovila oferece, portanto, um único modelo, embora com múltiplas manifestações locais. No núcleo do conceito está a celebração da diversidade cultural, espiritual, ecológica e o impulso de se recriar comunidades humanas onde as pessoas possam redescobrir relações saudáveis e sustentáveis consigo mesmas, com a sociedade e o planeta. Vale ressaltar que saúde aqui não significa a ausência de doenças, mas sim “um estado de completo bem-estar físico, mental e social” (também psíquico e espiritual), além de “um direito humano fundamental.” (DECLARAÇÃO DE ALMA-ATA, 1978, p.1).

O modelo das Ecovilas combina um contexto de apoio sócio-cultural com um estilo de vida de baixo impacto, ecologicamente sustentável, fomentando a educação e a saúde integral, através da implementação de sistemas participativos e justos. Cabe ressaltar que “mudar os modos de vida, de trabalho e de lazer tem um significativo impacto sobre a saúde”, sendo a saúde “o maior recurso para o desenvolvimento social, econômico e pessoal”. (CARTA DE OTTAWA, 1986, p. 3 e 1 respectivamente).

2.3.3 Origens e Inspirações das Ecovilas

As Ecovilas nascem no contexto da globalização e da crise dos limites do crescimento, e estão fortemente vinculadas a este momento histórico. A busca pela sustentabilidade e o interesse pelo desenvolvimento de tecnologias sócio-ambientais, as reflexões em torno da questão da identidade e das práticas locais, além da noção de rede e o uso da internet para a conexão global, o empoderamento social, a visão holística e uma integração com as demais organizações civis e governamentais estão presentes nos princípios e práticas das Ecovilas (SANTOS JR., 2010).

O Movimento Ecovilas tem suas raízes e busca inspiração em diferentes linhagens, entre elas: as comunidades intencionais religiosas e espirituais; o movimento pacifista antinuclear; o movimento dos direitos civis: raciais e feministas; o movimento ambientalista; o movimento Hippie; os Kibutzim (Israel) e comunidades de Cohousing (Dinamarca); o movimento da Transdisciplinaridade, os princípios Gandhianos, entre outros. (DAWSON, 2006). Todos esses movimentos questionavam e/ou ainda questionam os valores dominantes da sociedade pós-industrial, como: produção desenfreada, consumismo, desigualdade social e degradação ambiental.

A primeira utilização em larga escala do termo Ecovila aconteceu entre os pacifistas alemães, na década de 80, que criaram assentamentos baseados em princípios ecológicos (*ökodorf* que, em alemão, significa Ecovila) perto de usinas nucleares contra as quais protestavam. (DAWSON, 2006). Não apenas os pacifistas como também o movimento feminista, que lutava pela igualdade de direitos das mulheres e o movimento pela igualdade racial, tiveram grande influência no Movimento de Ecovilas, além dos ambientalistas, que reconheciam os direitos da natureza e lutavam por sua preservação.

Como citamos anteriormente, as comunidades religiosas, as mais antigas comunidades intencionais, que viviam uma vida simples, em cooperação, partilhando bens e valores, também serviram de inspiração ao Movimento de Ecovilas. Atualmente, não apenas grupos religiosos, mas outras iniciativas comunitárias não-monásticas têm como princípio a espiritualidade e a busca por uma vida integrada, indo de encontro à proposta das Ecovilas.

Outra referência são os Kibutzim, comunidades intencionais que existem desde o início do séc XX em Israel, sendo uma contribuição única e multifacetada em termos de

comunidades cooperativas. A especificidade do Kibutz é a aspiração de construir uma alternativa social alinhada a princípios influenciados pelas idéias socialistas para a construção de uma nova sociedade. Os ideais de cooperação, fraternidade e igualdade dão significado para a produção cooperativa, o consumo comunitário, a educação e a democracia direta. (AZATI, 2013)

O movimento Hippie, nos anos 60, representou a rejeição da juventude aos valores materialistas, e uma busca pela reconexão com a natureza e por uma cultura de paz. Com o lema “paz e amor” tornaram-se as comunidades intencionais mais conhecidas mundialmente (OVED, 2013), trazendo grande influência para as Ecovilas. Os hippies, apesar de inúmeras contribuições, buscavam romper com o sistema e acabaram por se isolar, enfraquecendo-se, além de terem pouca credibilidade pelo uso de entorpecentes.

Outro referencial foi o movimento de Cohousing (habitação compartilhada), lançado na Dinamarca na década de 70, que se espalhou rapidamente por outros países. O Cohousing representa uma tentativa de criar assentamentos menos impactantes, em sua maioria urbanos, ao mesmo tempo em que proporcionam a seus membros um senso real de comunidade e acolhimento. O foco está no aspecto social da vida comunitária, que envolve processos participativos de tomada de decisão, reuniões comunitárias, refeições partilhadas e celebrações. Vale ressaltar, entretanto, que nas comunidades de Cohousing, partilham-se recursos (ferramentas, espaços, bens), não necessariamente projetos de vida e um propósito comum. Geralmente, cada membro ou família tem sua casa privada e gera sua renda de forma independente, sendo uma alternativa menos radical do que as Ecovilas, enquanto modelo de transição (MELTZER, 2005).

O Movimento das Ecovilas também incorpora a proposta de desenvolvimento de tecnologias intermediárias, que estejam ao alcance de todos, em pequena escala, localizadas e descentralizadas, articulado inicialmente por Gandhi e mais tarde por Schumacher, em seu revolucionário *Small is Beautiful* (1973). Schumacher advoga que ser grande não é necessariamente bom, e que produzir localmente gera melhores resultados sociais e ambientais, propondo um planejamento tecnológico em escala humana como chave para a criação de sociedades integradas e auto-suficientes. Para o autor, uma economia pautada no crescimento é, por definição, insustentável, e o capital deveria servir ao povo ao invés do povo servir ao capital (SCHUMACHER, 1977).

Outras práticas e princípios ligados à filosofia Gandhiana, como a simplicidade voluntária, a não-violência, a democracia participativa e a busca pela auto-suficiência, também serviram de influência para as Ecovilas, além de sua visão holística que integrava a igualdade social com a ecologia e a economia (SANFORD, 2013).

O movimento da Transdisciplinaridade, que propõe uma nova perspectiva da realidade, ao articular elementos que vão além das disciplinas numa busca pela compreensão da complexidade, propondo uma abordagem holística para a educação e uma postura de respeito às diferenças culturais, entre outros, também é uma das vertentes inspiradoras do movimento das Ecovilas. Esta tendência emerge a partir da insatisfação de toda uma geração com um sistema educacional fragmentado, criado para treinar jovens como trabalhadores e consumidores numa economia industrial crescente. O termo, proposto por Piaget, em 1970, ganhou força com Manifesto à Transdisciplinaridade, de Basarab Nicolescu e o trabalho de Edgar Morin, entre outros (THEOPHILO, s.d.).

Mais recentemente o movimento da Permacultura, conceito desenvolvido nos anos 70 pelos australianos David Holmgren e Bill Mollison, começa a ter nas Ecovilas seus laboratórios de design e aplicação. A Permacultura reúne diversas técnicas e princípios para o desenho sustentável de assentamentos humanos, buscando garantir a melhor utilização dos recursos e uma maior integração entre eles. Nas palavras de Mollison:

Permacultura é a integração harmoniosa das pessoas e da paisagem, provendo alimento, energia, abrigo e outras necessidades, materiais ou não, de forma sustentável. [...] O design na permacultura é um sistema para unir componentes conceituais, materiais e estratégicos em um padrão que opera para beneficiar a vida em todas as suas formas (MOLLISON, 1994).

Todos estes movimentos e iniciativas serviram de inspiração ao Movimento de Ecovilas, que aplica cotidianamente vários de seus princípios na busca pela criação e manutenção de modelos de vida sustentáveis que possam ser perpetuados.

2.3.4 As Especificidades das Ecovilas

Apesar de várias características em comum com outras comunidades intencionais, e também tradicionais, algumas especificidades diferenciam as Ecovilas das demais. Principalmente, o foco na vida comunitária e a busca pela sustentabilidade, que se refletem nas características do espaço físico, além de uma profunda conexão com a natureza e a vontade de ser exemplo, de servir como modelo, difundido seus princípios e práticas através dos programas de educação que oferecem.

Ecovilas são ricas em capital humano e cultural. Priorizam as necessidades e a circulação de riquezas à acumulação. Os objetivos do Movimento estão relacionados com as ações do dia-a-dia. O princípio Gandhiano *‘Ser a mudança que queremos ver’* está profundamente enraizado nas ações dos ecovileiros que acreditam que a mudança social será conquistada pela construção e demonstração de outras formas de vida, que possam ser recriadas em outros contextos (KIRBY, 2004). As Ecovilas são exemplos de comunidades locais sustentáveis. (SEVIER, 2008; DAWSON, 2006) Mostram um possível caminho a ser seguido. Funcionam como verdadeiros agentes de mudança nas áreas onde se instalam. (KESSLER, 2008). Há um desejo de resgatar valores e práticas das culturas tradicionais (SEVIER, 2008) e somar isso a tecnologias de ponta, buscando demonstrar um novo modo de desenvolvimento. Distanciam-se das comunidades alternativas “contraculturais” em muitos aspectos, tanto pelas formas mais pragmáticas que elaboram e implementam suas propostas, quanto por estabelecerem diálogos com setores e agentes da sociedade hegemônica. (SANTOS JR, 2010).

Ao contrário das comunidades tradicionais, Ecovilas não são produtos dos seus meios. (ERGAS, 2010). São grupos intencionais formados por pessoas vindas, em sua maioria, de contextos urbanos, com perfil de “classe média” (FOTOPOULOS 2000; KIRBY, 2004; SANTOS JR, 2010), que conscientemente têm optado por buscar uma nova forma de viver, baseada nas relações sociais, na simplicidade e no cuidado com os impactos de suas ações (SEVIER, 2008). Existem motivações diversas para ser membro de uma Ecovila, entre elas, a busca por pertencer a uma comunidade, estar em um ambiente seguro e saudável, afastar-se das influências da sociedade de consumo, além dos princípios ecológicos (KASPER, 2008).

O maior objetivo das Ecovilas está relacionado à sustentabilidade. É vital para a identidade coletiva ser um modelo de sustentabilidade (ERGAS, 2010). As comunidades anteriores também tinham um esforço de viver próximas à natureza, mas a preocupação com a sustentabilidade data do final dos anos 80/ início dos anos 90, acompanhando o surgimento das Ecovilas. Cabe destacar que não existe uma definição teórica consensual do termo sustentabilidade. Alguns buscam defini-la a partir dos aspectos ecológicos (como as tecnologias ambientais e estratégias de design e planejamento), outros enfatizam os aspectos sociais como o cuidado com as relações, a forma de comunicar e lidar com conflitos, a utilização de processos participativos de tomada de decisão, entre outros. Geralmente fala-se em criar sistemas que possam ser continuados em um futuro indefinido (SIRNA, 2000). Uma das definições mais usadas de sustentabilidade é “satisfazer as necessidades atuais sem comprometer a habilidade das futuras gerações de satisfazerem as suas” (UNITED NATIONS, 1987 - tradução nossa).

No Movimento de Ecovilas é comum dizer que cada grupo tem sua “cola”, ou seja, aquilo que os une, o propósito comum, que varia de acordo com as especificidades, demandas e vontades dos coletivos. Diz-se que “cola” geral do Movimento de Ecovilas é a sustentabilidade.²⁷ Vários elementos definem a condição de sustentabilidade nas Ecovilas. São aspectos diversos e complementares, como: produção de alimentos, fontes de energia renováveis, construções ecológicas, economia solidária, educação comunitária, revitalização da cultura local e tradicional, resolução não-violenta de conflitos e processos participativos de gestão (SANTOS, 2011). Para facilitar, a GEN (Rede Global de Ecovilas) criou uma ferramenta para avaliar o *status* da sustentabilidade nas comunidades (CSA - Community Sustainability Assessment), que está disponível em seu site²⁸. É um questionário que funciona como uma ferramenta de auditoria para que cada grupo possa verificar em que aspectos já está sustentável e em quais outros precisa melhorar. Uma comunidade pode ser considerada uma Ecovila se especificar uma missão clara de ser uma Ecovila nos documentos institucionais, acordos comunitários, entre outros, e fizer progressos nesta direção. Não existe um policiamento

²⁷ Informação disponível na Apostila do Treinamento em Ecovilas de Findhorn, 2011. p. 20.

²⁸ Community Sustainability Assessment em: <http://sites.ecovillage.org/page/community-sustainability-assessment>

nesse sentido. (JOSEPH; BATES, 2003). Além disso, a sustentabilidade nas Ecovilas “não é uma característica da comunidade terminada, mas sim, precisa fazer parte do pensamento e dos hábitos do grupo ao longo de sua trajetória” (GILMAN, 1991, p.6).

Outros fatores de destaque nas Ecovilas são a importância da relação com a natureza e a noção de interdependência. (KIRBY, 2004; KASPER, 2008; ERGAS, 2010). As Ecovilas apresentam um forte senso de reconexão com a natureza e de responsabilidade para com o mundo natural. (SEVIER, 2008). Buscam formas de viver em parceria com a natureza, e em comunidade uns com os outros. (NORBERG-HODGE, 2002; SEVIER, 2008). Promovem estilos de vida que regeneram ao invés de diminuir a integridade do meio ambiente. (KASPER, 2008). Uma Ecovila é desenvolvida de tal maneira que os negócios, as estruturas físicas e tecnológicas não interfiram na habilidade inerente à natureza de manter a vida. Um dos princípios fundamentais do modelo é não tirar do planeta mais do que podemos devolver a ele. Há uma profunda reverência pela vida. Outra afirmação comum do movimento é que: “Ecovilas honram, restauram e celebram os quatro elementos e seus processos interconectados à natureza e às pessoas”.²⁹

Os ideais das Ecovilas, como alta qualidade de vida e comunidade forte, estão implícitos nas características físicas das comunidades e podem ser observados a partir da utilização dos princípios da Permacultura no desenho do espaço, como a destinação de parte da propriedade à preservação, garantindo a qualidade de vida da comunidade a longo prazo; a criação de diversos locais de convivência, como praças e áreas de recreação, caminhos para pedestres com distâncias curtas entre os espaços; além das facilidades partilhadas (refeitório comunitário, lavanderia, casa de ferramentas, etc), favorecendo as relações sociais. (CHRISTIAN, 2003). A integração social é um dos requisitos da vida em Ecovilas (BISSOLOTI, 2004). É dada uma enorme importância para os encontros e a interação entre as pessoas. As decisões são tomadas de forma participativa, e as questões do dia-a-dia geridas pela comunidade (KESSLER, 2008). Os membros geralmente fazem as refeições juntos (KASPER, 2008) além de trabalharem juntos na manutenção do espaço, e também realizam em conjunto celebrações e rituais. Os mais velhos são honrados como fonte de sabedoria e as crianças são cuidadas pela comunidade (DAWSON, 2006).

²⁹ Autor desconhecido. Apostila do Treinamento em Ecovilas de Findhorn, 2011, p. 20.

O que reforça a identidade e os objetivos das Ecovilas é se mostrarem como modelos viáveis de uma vida sustentável. Para isso, o investimento em educação é fundamental, uma vez que seus princípios, valores e ferramentas são disseminados através dos cursos e oficinas que promovem (KASPER, 2008). As Ecovilas têm sido consideradas os melhores locais para se aprender sobre sustentabilidade, uma vez que vivenciam a sustentabilidade na prática da vida cotidiana, em seus diversos aspectos (KESSLER, 2008), e a educação tem sido um dos fatores de maior sucesso em criar pontes com a sociedade dominante, tornando-se a base da economia de diversas Ecovilas. (DAWSON, 2006). É através dos programas e treinamentos que as Ecovilas vêm ganhando reconhecimento e legitimidade (KESSLER, 2008).

Apesar de reconhecidas como centros de vivências, experimentações, e treinamento (DAWSON, 2006), as Ecovilas não são espaços de aprendizagem convencionais. São ‘campus’ de experimentação. Promovem uma educação da *práxis*. Para além de livros e salas de aula, usam fazendas orgânicas, sistemas apropriados de tratamento de água e gestão dos resíduos, entre outros, demonstrando na prática a viabilidade dos novos sistemas. E não se trata apenas de aprender os aspectos ecológicos da sustentabilidade, mas experienciar a vida em comunidade como um todo, e a cultura do lugar (KESSLER, 2008). Em uma Ecovila, é comum, por exemplo, os visitantes participarem de práticas de yoga, dança e meditação, além dos círculos de partilha, onde cada um tem a oportunidade de contar ao grupo como vivenciou aquele dia, o que aprendeu, quais foram seus desafios, entre outros. A partilha é um momento de interação profunda entre membros e participantes, onde se experimenta uma das ferramentas utilizadas na gestão comunitária. É importante destacar que essas ferramentas sociais podem ser mais facilmente levadas e integradas na vida e trabalho de quem passa por uma Ecovila (KESSLER, 2008). Segundo Dr. Daniel Wahl, então diretor acadêmico dos cursos de pós-graduação em sustentabilidade do Findhorn College (Escócia):

Ao abordarem a transformação pessoal, dinâmicas de grupo e relações interpessoais, assim como comunicação não-violenta, tomadas de decisão por consenso e facilitação de conflitos, esses programas oferecem o “software” de vital importância para uma cultura sustentável, sem o qual, o “hardware” das tecnologias sustentáveis e design de infraestruturas estariam fadados ao fracasso (apud KESSLER, 2008, p. 62 - tradução nossa).

Mais um diferencial das Ecovilas em relação a outras comunidades intencionais é o engajamento com o entorno (ERGAS, 2010). Ao contrário do que se imagina, morar em uma Ecovila não significa se isolar ou se refugiar num espaço bucólico, mas fazer parte de um objetivo maior (DAWSON, 2006; KASPER, 2008; SEVIER, 2008), contribuindo com o desenvolvimento da sua biorregião e se conectando com uma rede ampla que busca desenvolver e disseminar princípios e práticas relacionadas a sustentabilidade, nos seus diversos aspectos (DAWSON, 2006; ERGAS, 2010) além de uma outra visão de mundo. A intenção é de experimentar o mundo de outra forma, aliando teoria e prática, conhecimento, reflexão e ação (KASPER, 2008). É também, relacionar-se com os outros, ensinar e aprender juntos, multiplicando esses conhecimentos (ERGAS, 2010). Trata-se, acima de tudo, de uma ação política (KIRBY, 2004; ERGAS, 2010) desenvolver um estilo de vida alternativo em resposta aos desafios atuais, criar uma nova cultura que possa fazer frente à cultura dominante, à alienação e ao materialismo da sociedade industrializada. Partem do empoderamento e do engajamento de indivíduos e comunidades, que se conectam em redes, influenciando não apenas a nível local, mas regional e global. Os ecovileiros são vistos como “ativistas pacíficos” (KIRBY, 2004; ERGAS, 2010), que buscam ganhar a opinião pública pelo exemplo. São inovadores e pioneiros em diversos aspectos (KIRBY, 2004; DAWSON, 2006). O modelo das Ecovilas sugere que a possibilidade de sociedades sustentáveis depende não apenas do que fazemos, mas de como pensamos, daí a importância das subjetividades para manter e reforçar a visão de mundo (KASPER, 2008).

Muitos consideram o movimento de Ecovilas como sendo a-político (TRAINER, 2000; FOTOPOULOS, 2000; SANTOS JR, 2010), entretanto, existem outras perspectivas. Criar outra forma de vida que sirva de modelo para a construção de sociedades sustentáveis, também pode ser vista como uma ação política, consciente e efetiva. Segundo Buckminster Fuller, “A única forma de mudar algo é torná-lo obsoleto.” Para tornar obsoleto é preciso criar uma nova forma, melhor, de fazer (apud GILMAN, 2013). Isso é pioneirismo e inovação. É o exercício das Ecovilas, contruir o novo aqui e agora e, aos poucos, ir ganhando adeptos, gerando massa-crítica para essa mudança tão necessária (TRAINER, 2000). Dessa forma, não é preciso o confronto, mas sim, criar, aprimorar e replicar experiências viáveis para maximizar a contribuição na transição para sociedades sustentáveis (TRAINER, 2000).

As Ecovilas nos mostram uma nova forma de atuar e também de fazer política. Trata-se de um movimento afirmativo e não de protesto. Nos países ricos do Norte, buscam revitalizar a vida social e reduzir o consumo. Em países em desenvolvimento, do Sul, elevam os padrões de vida de forma sustentável, incorporando tecnologias ecológicas, ao mesmo tempo em que preservam os aspectos culturais locais. Em ambos os contextos, a motivação partilhada é criar comunidades sustentáveis que possam servir de resposta à crise global (LITFIN, 2009).

Apesar da maior parte dos estudiosos ser favorável ao modelo e estratégia propostos pelas Ecovilas, há quem discorde. Takis Fotopoulos acredita que precisamos de um movimento político de massa para sermos capazes de criar uma nova sociedade. Para o autor, mudar o estilo de vida não faz parte de um programa político compreensivo de mudança de paradigma. Para isso, seria fundamental a luta contra o capitalismo. E vai além em sua crítica ao Movimento de Ecovilas, não o reconhecendo enquanto um movimento, mas como “atividades marginais de grupos que possuem uma filosofia compatível com o sistema atual, e que estão preocupadas com seus próprios interesses” (FOTOPOULOS, 2000), além de ver “a espiritualidade presente nas Ecovilas como uma forma de irracionalismo [...] sendo qualquer forma de irracionalismo incompatível com uma sociedade democrática”. (FOTOPOULOS, 2000, p. 10 – tradução nossa) Desta forma, o autor aponta para o “papel perigoso das Ecovilas” as vendo como “parte do problema atual, não a solução” (FOTOPOULOS, 2000, p. 11). Fotopoulos acredita que irá encontrar as soluções no mesmo modelo que criou os desafios atuais, ou seja, na racionalidade e na luta contra.

Também Garden critica o Movimento de Ecovilas ao afirmar que as Ecovilas não são comunidades alternativas e que, “ao invés de um movimento, seria mais apropriado descrevê-lo como um clube exclusivo elitista que se capitalizou com o crescente interesse no tema da sustentabilidade” (GARDEN, 2006, p. 2-3 – tradução nossa). A autora critica o fato de comunidades pré-existentes ao surgimento das Ecovilas terem que ‘trocar de etiqueta/rótulo’ para se integrarem, e questiona os critérios do que seria ou não uma Ecovila. Garden declara que sua objeção ao Movimento de Ecovilas é por sugerirem que um estilo de vida ecológico e sustentável não seja possível na sociedade dominante, ao mesmo tempo em que dependem da sociedade dominante em diversos aspectos. Também “não acredita que os ecovileiros vivam de forma mais harmoniosa do

que a sociedade dominante” (GARDEN, 2006, p. 3 – tradução nossa), uma vez que os conflitos e contradições também acontecem nas Ecovilas. Por fim, é clara ao dizer que não reconhece o Movimento de Ecovilas enquanto um movimento significativo de transição, uma vez que a maioria das pessoas nunca ouviu falar das Ecovilas. (GARDEN, 2006)

Sem dúvida, o movimento de Ecovilas é um Movimento que emerge na classe-média, mas não podemos negligenciar os inúmeros ‘Ecovileiros’ do continente africano que não podem, de forma alguma, ser considerados como elites. As Ecovilas são parte integrante da sociedade, se reconhecem como tal, e estão atuando na busca de soluções para os desafios globais. Conflitos e contradições demonstram a nossa humanidade, resta buscarmos outras formas de lidar com eles. Ecovilas e comunidades intencionais “contribuem qualitativamente e não quantitativamente para o desenvolvimento sustentável” (KUNZE, 2012, p.50). Demonstram formas inovadoras de co-habitação, novos modelos de governança e de resolução de conflitos, e estimulam o crescimento pessoal (SCHEHR, 1997; KUNZE, 2012). Possuem um enorme potencial enquanto laboratórios vivos nos mais diversos aspectos, “sendo uma resposta direta para os problemas sociais, riscos ambientais e incertezas em todos os níveis”. (KUNZE, 2012, p. 66).

Apesar das críticas, as Ecovilas vão ganhando espaço e adeptos dia após dia, e pelas estratégias utilizadas, o Movimento não é visto como perigoso pelo *status quo* por não optarem pelo enfrentamento direto (KIRBY, 2004), o que é uma vantagem para a difusão de seus princípios e práticas. Embora tenham ainda alguns desafios a superar, estão atraindo a atenção de pessoas e organizações que antes as rotulavam de *hippies*, entre eles, governos e universidades. (DAWSON, 2007; KESSLER, 2008). Como afirma Jonathan Dawson, passamos de “malucos a eco consultores” (DAWSON, 2007). Agora os ecovileiros são requisitados para colaborar na criação e implementação de tecnologias e ferramentas sustentáveis na sociedade dominante.

Muitas das Ecovilas já são *Best Practice da ONU* (reconhecidas como melhores experiências), ditando caminhos que possivelmente se tornarão normas de conduta no futuro. (SEVIER, 2008) Apesar de serem ‘processos em construção’ (JOSEPH; BATES, 2003; CHRISTIAN, 2003; JACKSON, 2004; SEVIER, 2008), as Ecovilas estão estabelecendo as fundações de uma nova cultura (SEVIER, 2008), exibindo uma ética

distinta (KASPER, 2008; SEVIER, 2008), e esse é um dos grandes legados das Ecovilas: lembrar que somos seres interdependentes, e criar modelos cooperativos e resilientes que possam ser replicados e perpetuados, servindo como alternativas a atual forma de vida.

2.3.5 Breve Panorama das Pesquisas sobre as Ecovilas

A pesquisa sobre as Ecovilas ainda é um fenômeno recente, o que não é de se admirar, uma vez que o termo surge na década de 90. É um tema de crescente interesse para estudos e publicações acadêmicas, principalmente do ano 2000 para cá, (WAGNER, 2012), ganhando também visibilidade a partir da divulgação das experiências na mídia, e dos relatos e impressões daqueles que estiveram em uma Ecovila, seja para visitar ou fazer algum treinamento. A partir dos estudos, que são, em sua maioria, dissertações de mestrado, incluindo também teses de doutorado, projetos de graduação e artigos publicados (WAGNER, 2012), podemos observar a abrangência do movimento, com iniciativas presentes em todos os continentes e em diversos países, embora a grande maioria esteja situada em países industrializados, de cultura ocidental, principalmente na Europa e nos EUA. (FOTOPOULOS, 2000; WAGNER, 2012). Ninguém sabe precisar, ao certo, o número de experiências, mas estima-se que haja cerca de 15 mil Ecovilas pelo mundo, (JOSEPH; BATES, 2003; SEVIER 2008), embora sejam poucas por país (SEVIER, 2008). De acordo com as pesquisas, as motivações para se criar Ecovilas são as mesmas nos países desenvolvidos e em desenvolvimento (SEVIER 2008; DAWSON, 2006).

Parece não haver ainda um mapeamento detalhado das Ecovilas em cada país, indicando quantas pessoas vivem em cada uma, qual o tamanho das iniciativas e seu modo de organização, entre outros aspectos. (BÔLLA, 2012) A análise teórico-conceitual no âmbito acadêmico apresenta-se ainda em estágio inicial. Existem poucos trabalhos que visam contextualizar o fenômeno dentro de uma abordagem mais filosófica e/ou das ciências humanas, sociais e políticas. A maioria das pesquisas se concentra nas áreas de arquitetura, urbanismo e meio ambiente, onde o principal interesse está na efetividade das diversas ferramentas e tecnologias de baixo impacto ambiental, ecologicamente sustentáveis, encontradas nas Ecovilas. Nesses trabalhos,

vemos pouco aprofundamento teórico sobre as estruturas sociais, políticas e culturais das experiências. (SANTOS JR, 2010).

Outra questão a ser destacada refere-se à definição de Ecovila, que é bastante ampla e traz direcionamentos, mas não critérios claros. A partir de algumas características primordiais, como o foco na vida comunitária, a busca pela sustentabilidade e o fato de geralmente serem espaços voltados para a educação (DAWSON, 2006), podemos identificar algumas iniciativas, mesmo assim, vale ressaltar que são experiências, muitas vezes, bastante distintas entre si, uma vez que cada uma tem o seu propósito específico. Além de nos depararmos com experiências diversas que se denominam Ecovilas, existem ainda as que, a princípio, poderiam ser consideradas Ecovilas, mas que não se identificam com o conceito, ou seguem integradas a outros movimentos, e também, as que se dizem Ecovila, mesmo sem atender a alguns aspectos fundamentais, como o foco na vida comunitária, por exemplo. É o caso de alguns condomínios residenciais, no Brasil, que por utilizarem tecnologias ecológicas adequadas, se denominam Ecovila, embora sejam apenas um agrupamento de residências particulares, ou ainda, projetos de uma única família ou casal, que possuem a vontade da vida comunitária, mas nunca conseguiram se efetivar enquanto comunidades.

Todas essas questões dificultam a realização de trabalhos como este, principalmente no que diz respeito ao seu referencial teórico, ao mesmo tempo em que revelam um vasto campo a ser explorado e a necessidade de que pesquisas acadêmicas sobre o tema sejam incentivadas. Trata-se de um fenômeno recente, ainda em construção, de amplitude global e sem definição objetiva, que requer a ótica da complexidade para a sua compreensão, uma vez que abrange diversos campos e disciplinas. Ao mesmo tempo, muito já foi vivenciado na prática e a sistematização desse conhecimento pode contribuir, não só na caminhada do próprio Movimento de Ecovilas, mas também para que alguns princípios e práticas exemplares possam ser disseminados de forma mais ampla.

2.3.6 Desafios na Criação e Manutenção de Ecovilas e Outras Comunidades Intencionais

Muitos estão buscando mais comunidade em suas vidas, para sair desse modelo capitalista dominante de isolamento e alienação, mas as pesquisas mostram que 90% dos grupos fracassam na tentativa de implementar comunidades intencionais, sejam elas Ecovilas ou não. (CHRISTIAN, 2003). Muitas pessoas que buscam a vida em comunidade não procuraram investigar a história das comunidades intencionais, e é importante conhecer as experiências para não cair nos mesmos erros (METCALF, 2012). Há uma enorme diferença entre o sonho e a realidade. (KOZENY, 1995; JOSEPH; BATES, 2003). Além disso, a maior parte dos grupos não faz idéia da demanda necessária para se implementar um projeto como este. É preciso tempo, dedicação, planejamento e recursos financeiros, além de um grupo comprometido, com um propósito comum e uma visão clara. (CHRISTIAN, 2003) Fazer com que um grupo de pessoas chegue a um acordo sobre uma visão comum, tome decisões justas colaborativamente e some seus recursos financeiros para partilhar a posse de uma propriedade pode fazer emergir processos emocionais profundos. (CHRISTIAN, 2003). Por todos esses motivos, é de extrema importância que os grupos se capacitem, desenvolvam bons processos grupais, criem formas de resolução de conflitos e aprimorem suas habilidades de comunicação, caso queiram ver seus projetos prosperarem. (CHRISTIAN, 2003).

O casal Gilman, durante a pesquisa de campo realizada nos anos 90, para identificar os principais aspectos que poderiam direcionar as comunidades para caminhos sustentáveis, já elencaram diversos desafios na construção uma comunidade sustentável. Desde os desafios ecológicos, de preservar o meio ambiente, evitar impactos ambientais, buscar fontes de energia renováveis, reciclar e compostar o lixo, tratar as águas e produzir alimentos saudáveis; até os desafios econômicos, de criar uma economia local vibrante, capaz de gerar os recursos necessários para a implementação e manutenção da comunidade, sem explorar as pessoas ou o meio ambiente. Existem ainda, os desafios de governança, de se estabelecer efetivamente processos participativos e, antes disso, de se criar uma visão comum para o grupo. Sem contar as inúmeras mudanças necessárias para se adaptar a esta nova forma de se viver, que demanda tempo, recursos e planejamento. O motivo do fracasso de alguns grupos é

tentar fazer rápido demais, sem ter clareza do processo necessário à implantação de um projeto deste porte (GILMAN, 1991).

Ao longo dos anos, outros desafios, além dos acima mencionados, se evidenciaram no caminho dos Ecovileiros, como a dificuldade de encontrar terras acessíveis, compatíveis com o projeto, e de conseguir as permissões legais necessárias à construção (CHRISTIAN, 2003; SEVIER, 2008; KASPER, 2008). Muitos não conseguem levantar os recursos necessários, outros não chegam a acordos em relação a questões importantes. (CHRISTIAN, 2003). Conflitos emergem já na escolha da propriedade e junto com isso vem o stress pelo alto investimento e o medo de não dar conta da vida em comunidade. Estas são razões comuns para as pessoas desistirem logo no início da empreitada. (CHRISTIAN, 2003; KASPER, 2008). Há ainda os que implementam a comunidade mas não encontram residentes, ou não conseguem criar uma economia interna que possibilite a manutenção do projeto a longo prazo (KASPER, 2008). Uma comunidade, para ser viável, requer um certo número de membros capazes não só de dar conta das tarefas cotidianas, mas também para possibilitar o desenvolvimento de uma economia local forte. Apesar disso, a maior parte das iniciativas continua com um número pequeno de moradores, o que acaba se tornando um desafio para a sua manutenção. (KASPER, 2008). O número de moradores necessários vai depender do tamanho da propriedade e das atividades a serem empreendidas. Existem experiências com aproximadamente 20 pessoas, como é o caso de Terra Una (Brasil) ou Torri Superiori (Itália), assim como pequenas cidades, como Auroville (Índia) com cerca de 2.500 integrantes.

As questões financeiras têm sido também um desafio para a maioria dos grupos. (KASPER, 2008). Desenvolver economias fortes em pequena escala não é algo fácil e leva tempo. (TRAINER, 2000) Muitos precisam trabalhar fora para ter a renda necessária para sua sobrevivência, apesar de concordarem que o ideal seria ter oportunidades de trabalho no local, ou bem próximo (KASPER, 2008). Isso é mais simples de resolver nas comunidades urbanas, mas também pode levar a conflitos, uma vez que alguns vão achar que estão trabalhando mais pelo espaço comum, ou irão se ressentir pelo fato desses outros terem rendimentos maiores. Para minimizar esse tipo de questão, alguns grupos, como é o caso da Vila Yamagushi, em São Paulo, optaram pela criação de um caixa único para a comunidade, que recebe toda a verba gerada por cada

membro individualmente, e também advinda do trabalho coletivo. O grupo faz encontros diários, onde decidem juntos em que investir seus recursos, entre outros. Outro exemplo é o da Ecovila Piracanga, na Bahia, onde, independente das funções e tarefas que realizam, todos os membros recebem o mesmo pró-labore, e destinam 10% de cada retirada ao caixa comum da comunidade, criando assim, um fundo rotativo para alavancar os novos empreendimentos do grupo. Uma outra possibilidade é ter acordos claros definindo tarefas e remunerações, ou mesmo estabelecer o tempo que cada membro deve dedicar ao coletivo.

Nas comunidades urbanas, os principais desafios são o custo das propriedades e as questões legais. Existem muitas leis e regulamentações que fazem as inovações serem ilegais ou demandem muita burocracia. (KOZENY, 1995) Transformar espaços urbanos é geralmente mais difícil. (JOSEPH; BATES, 2003). As Ecovilas urbanas são normalmente adaptadas às construções já existentes, e não construídas. (SEVIER, 2008) A vantagem é que possibilitam aos membros continuarem integrados a suas vidas e trabalhos nas cidades, favorecem as trocas entre a comunidade e a cidade e recebem um maior número de visitantes, tornando-se mais vibrantes socialmente. (KASPER, 2008) Já nas regiões rurais, as propriedades são mais baratas e as regras de construção, menos rígidas. (KASPER, 2008). Geralmente as iniciativas adquirem um visual mais próximo ao sonho coletivo, uma vez que podem testar as diversas tecnologias ecológicas. Ao mesmo tempo, os desafios econômicos são maiores, devido ao isolamento/distância, e também por atraírem um número menor de membros. Mesmo assim, são as mais comuns, embora as cidades e subúrbios necessitem de experimentos inspiradores como estes por perto (TRAINER, 2000). No Brasil, grande parte das iniciativas estabeleceram-se em regiões rurais, enquanto os interessados advêm de contextos urbanos, fazendo com a adaptação à vida no campo seja mais um desafio.

2.3.7 Os Desafios da Gestão Comunitária

Para alinhar o comportamento do grupo aos objetivos estabelecidos, geralmente são criadas algumas regras ou acordos internos. As regras favorecem a harmonia comunitária. (KASPER, 2008). Muitas são relacionadas às construções, como tamanho das casas e tipo de materiais permitidos, e outros aspectos do espaço físico, como áreas

destinadas a atividades coletivas ou particulares, a presença de animais e veículos (KASPER, 2008), mas também se referem ao tempo de trabalho que cada membro deve dedicar à comunidade, a participação nos encontros comunitários, a alimentação ou consumo de forma geral, a entrada e saída de membros, entre outros. Partindo da experiência de muitas comunidades intencionais, que acabaram se desestruturando pela falta de acordos claros, as Ecovilas acabam por ser burocráticas em seus processos. (CHRISTIAN, 2003; KASPER, 2008). A questão é que não basta criar os documentos comunitários, mas sim organizar a vida diária em torno destes princípios coletivos. Os acordos, uma visão clara e objetivos comuns são importantes, mas coloca-los em prática é o grande diferencial. (KASPER, 2008).

Os documentos institucionais e comunitários normalmente são elaborados pelos fundadores, servindo como guia para os processos do grupo. Geralmente são abertos a mudanças e devem ser periodicamente revisitados, incluindo aspectos trazidos pelos novos integrantes. (CHRISTIAN, 2003). Muitas vezes, há direitos diferenciados entre os fundadores e os novatos, ou entre os que pagaram ou não pela propriedade, criando uma hierarquia nos processos decisórios. Apesar da vontade de abertura e inclusão, expressa pela maior parte dos grupos, a prática muitas vezes é contraditória ao discurso, desestimulando o engajamento dos novos membros e fazendo emergir conflitos, uma vez que, teoricamente, essas comunidades adotam processos circulares e não-hierárquicos. Algumas Ecovilas conseguem criar procedimentos claros e detalhados para que os novos participantes sejam acolhidos e, aos poucos, integrados, ganhando voz a partir do seu engajamento e tempo de permanência. Em outras, os documentos originais da fundação nem chegam a ser alterados, ou observa-se que, ao longo de anos, apesar da passagem de algumas pessoas nenhuma permaneceu, revelando aspectos a serem trabalhados pelo grupo nesse sentido.

Integrar-se a uma comunidade já formada nem sempre é simples. Ao mesmo tempo em que algumas questões estruturais já foram resolvidas ou encaminhadas, é necessário se inserir no grupo e conviver, pelo menos por algum tempo, com as regras pré-estabelecidas por eles. Algumas pessoas, mais abertas à experimentação e sem grandes expectativas, se adaptam mais facilmente, enquanto outros preferem nem tentar. Portanto, acaba sendo difícil atrair membros para as comunidades intencionais já existentes, especialmente para aquelas que não oferecem facilidades em termos de

acomodação, trabalho em troca de estadia e alimentação, ou que não são economicamente atrativas. (KASPER, 2008)

Como podemos observar, alguns passos foram dados no intuito de criar o continente necessário para que a vida comunitária se estabeleça de forma mais participativa, mas ainda há muito a ser feito e sistematizado para minimizar os desafios relacionados à gestão das comunidades e acolhida de novos membros.

2.3.8 Desafios Sociais e Culturais das Ecovilas

Muita atenção tem sido dada aos aspectos ecológicos das Ecovilas, embora as Ecovilas dediquem, pelo menos, a mesma atenção às questões sociais, relacionadas principalmente a promoção de uma cultura de confiança, a busca por criar processos participativos de tomada de decisão, além de processos efetivos para facilitar a comunicação e a gestão de conflitos. (DAWSON, 2006). É fundamental destacar que, se os relacionamentos na comunidade não se sustentam, mais cedo ou mais tarde, ela morrerá. (KESSLER, 2008.) Apesar de algumas Ecovilas já serem referências no cuidado de alguns desses aspectos, tendo criado inclusive ferramentas próprias, esta ainda é uma área de vital importância para se aprofundar as pesquisas e experiências (DAWSON, 2006). Muitas habilidades são necessárias para garantir a vitalidade comunitária, mas uma comunicação saudável, processos grupais claros e saber lidar com conflitos são o coração de uma comunidade saudável. (CHRISTIAN, 2003).

O diálogo é fundamental para garantir a vitalidade dos processos grupais. É necessário não apenas dedicar tempo e espaço para as conversas, mas desenvolver habilidades específicas de comunicação, como falar de si, de forma não-violenta, sem acusações ou julgamentos, mas expressando os seus sentimentos e necessidades, além de abrir espaço para realmente ouvir o outro, como sugere o método da Comunicação não-violenta, criada por Marshall Rosenberg. (ROSENBERG, 2006). A intenção é possibilitar a emergência de uma cultura de feedback onde os fatos cotidianos podem ser trazidos à tona com o intuito de retro-alimentar o sistema, e não minando a sua energia, através de conflitos.

Em relação aos conflitos, eles são inevitáveis (CHRISTIAN, 2003; DAWSON, 2006), e foram responsáveis pelo fim de muitos grupos e comunidades intencionais. As Ecovilas buscam desenvolver novas e criativas formas para se lidar com os conflitos, vendo-os não como uma bomba-relógio mas como um sinal de saúde e diversidade no grupo. A proposta não é fazer de conta que o conflito não existe, mas dar-lhe as boas-vindas e encontrar maneiras criativas para que as emoções desconfortáveis possam ser expressas de forma não destrutiva, contribuindo para o crescimento individual e coletivo. Infelizmente, apesar de uma suposta abertura para se trabalhar os conflitos, eles continuam a fazer com que projetos inovadores se dissolvam. É nessa hora também que vemos emergir diversos condicionamentos sociais e culturais, que fazem com que indivíduos ou grupos inteiros repitam padrões de dominação, os quais são fortemente evitados nas Ecovilas. Buscando solucionar essas questões, alguns grupos se aprimoraram em processos de facilitação ou mediação de conflitos, como é o caso de Findhorn, na Escócia. (DAWSON, 2006) e Lebensgarten, na Alemanha. (BANG, 2005)

De acordo com as pesquisas realizadas, na maior parte das Ecovilas as decisões são tomadas por consenso (KASPER, 2008; KESSLER, 2008; DAWSON, 2006), demonstrando uma vontade de que os processos decisórios sejam participativos, e que cada membro seja efetivamente ouvido, buscando-se chegar a uma decisão confortável para todos. No entanto, como alerta Christian, isso pode se tornar um problema, já que o consenso é um processo lento e complexo, que requer a capacitação dos membros, além do treinamento vivencial. (CHRISTIAN, 2003). Muitas vezes, os grupos não destinam o tempo necessário aos processos decisórios, e, por fim, chegam a um ‘cansenso’, por estarem exaustos e acreditarem que precisam sair da reunião com a decisão tomada. Em outros casos, os participantes não sabem ao certo como o método funciona e acabam por decidir de outra forma, apelando ao voto, ou ainda, terminam por aprovar as decisões das lideranças. Alguns grupos têm buscado se aprimorar nessas questões, como é o caso de Huehucocoyotl, uma Ecovila no México, que criou o Instituto Internacional para a Facilitação e o Consenso, funcionando como um centro de pesquisa e treinamento em decisões por consenso e facilitação de grupos. (DAWSON, 2006)

É relevante ressaltar que o processo de tomada de decisão é o aspecto de maior poder na comunidade, e que a partilha de poder gera boa parte dos conflitos. (CHRISTIAN, 2003). Apesar da maioria das Ecovilas buscar uma divisão de poder

igualitária, alguns membros acabam por ter mais poder de decisão do que outros. Isto se dá por motivos diversos, ou por terem mais habilidades de comunicação e conseguirem se posicionar com mais eloquência nas reuniões, ou devido à função que ocupam na comunidade ou até mesmo por seu engajamento. O que torna os processos ainda mais desafiantes é que geralmente essas lideranças emergentes não se assumem como tal e acreditam ter o mesmo poder de decisão que os demais membros, acabando por manipular alguns processos. (CHRISTIAN, 2003). Na prática, todo grupo enfrenta o problema de “controle” na busca por objetivos comuns, sendo a disputa pela liderança um aspecto constante na maior parte dos grupos tentando se manter (HECHTER, 1987 apud MARQUES NETO, 2005). Trabalhar a temática da liderança, incluindo aspectos de empoderamento do grupo e partilha de poder, também se torna fundamental para garantir processos participativos e descentralizados.

O modelo das Ecovilas continua sendo “alternativo” à cultura dominante e seus maiores desafios relacionam-se aos valores e crenças predominantes na visão de mundo da sociedade hegemônica, como o individualismo, a competição e o objetivo do crescimento econômico. Não é simples, depois de tantos anos de socialização com esses valores dominantes, adotar outros. Viemos todos dessa cultura dominante e acabamos refletindo o que vemos lá fora. Mudar hábitos, preferências, valores e comportamentos leva tempo. (KASPER, 2008). São muitos os condicionamentos, e quanto maior a interação social, mais se evidenciam. (CHRISTIAN, 2003). É preciso não apenas vontade, mas treinamento e dedicação, além de um grupo comprometido em estar trabalhando junto essas questões diariamente, na vida cotidiana. São necessárias muitas adaptações para se construir uma vida saudável e sustentável, incluindo uma mudança na visão de mundo e nos valores. (TRAINER, 2000).

A vida em comunidade é um exercício coletivo contínuo de efetivar relações de sociabilidade com base nos princípios e objetivos comuns (SANTOS, 2011) e muitos grupos estão explorando formas de alcançar um verdadeiro senso de comunidade, mantendo um equilíbrio entre privacidade e cooperação (KOZENY, 1995), mas nem todos conseguem avançar nesse sentido. O medo de perder a privacidade e a autonomia são fatores que desencorajam as pessoas na escolha pela vida comunitária. (CHRISTIAN, 2003). Muitos, na busca por segurança e pertencimento, acabam abrindo mão de parte da sua liberdade (BAUMAN, 2003), enquanto outros acabam por ver a

vida em comunidade como limitadora. É preciso encontrar um equilíbrio entre as necessidades individuais e coletivas, criando acordos claros que garantam o tempo e o espaço que cada um precisa para si, e também para dedicar-se às demandas coletivas.

Um outro desafio sócio-cultural que as comunidades intencionais enfrentam é a aceitação local. Geralmente, no início, essas comunidades não são bem-vistas pelos vizinhos. (KOZENY, 1995; CHRISTIAN, 2003) Temos uma tendência cultural de não confiar em estranhos, ainda mais quando são diferentes de nós. Torna-se necessário um investimento no sentido não apenas de conhecê-los, mas de conquistá-los, de certa forma, partilhando os objetivos do grupo e deixando clara a abertura para a convivência e o aprendizado mútuo. (CHRISTIAN, 2003) O fato da comunidade ser implantada no local, normalmente acaba por gerar empregos e aumenta a circulação na região, podendo trazer diversos benefícios para a localidade.

Apesar das Ecovilas terem bastante diversidade cultural, com membros oriundos de diversos países e regiões, uma questão a ser trabalhada é conquistar uma diversidade étnica e socioeconômica. Pesquisas indicam que não há diversidade étnica na maioria das comunidades (KASPER, 2008) e que os Ecovileiros são, em sua maioria, advindos da “classe média” (FOTOPOULOS 2000; KIRBY, 2004; SANTOS JR, 2010). Como atrair pessoas com outros perfis (*backgrounds*) continua a ser uma questão a ser equacionada pelas Ecovilas.

Como vimos, são muitos os desafios referentes à vida comunitária em si e às relações interpessoais. O fato de não estarmos habituados à convivência comunitária e de termos fracas habilidades de comunicação, somado aos condicionamentos sociais da cultura vigente acabam por gerar questões emocionais que muitas vezes geram conflitos graves. Não dedicar tempo suficiente para os processos grupais é um dos motivos que leva inúmeras comunidades ao fracasso. (CHRISTIAN, 2003). É fundamental dedicar-se ao aprendizado e aprofundamento de ferramentas e processos para cuidar das questões sociais, solidificando as bases dessa nova cultura.

3. METODOLOGIA DE PESQUISA

Partindo dos objetivos propostos, optamos por utilizar o método de pesquisa etnográfica, e as técnicas de observação participante e entrevistas semi-estruturadas em profundidade, principalmente, além da análise documental e entrevistas informais, para dar conta da complexidade do campo a ser analisado. A opção pela etnografia se deu por esta permitir estudar toda a teia complexa de relações e significados existente no universo das Ecovilas, um campo interdisciplinar, que envolve relações pessoais, comunitárias, de trabalho, relações com o meio ambiente, uma economia local, uma estrutura diferenciada de governança, valores, ritos e crenças próprias, entre outros.

Na perspectiva cartesiana cada dimensão do humano e do planeta deve ser separada, para então poder ser analisada por um dos departamentos da ciência. Um dos problemas desse “paradigma da simplicidade” é o enfraquecimento da nossa percepção global, do todo, a partir da fragmentação, que leva a um enfraquecimento da nossa responsabilidade, cabendo a cada um cuidar apenas da sua parte, e também da solidariedade (MORIN, 1990/1991 apud VASCONCELOS 2002). Morin propõe, então, como contraponto, o “paradigma da complexidade.” Segundo o autor,

há complexidade quando elementos diferentes são inseparáveis constitutivos do todo [como o econômico, o político, o sociológico, o psicológico, o afetivo, o mitológico], e há um tecido interdependente [...] entre o objeto do conhecimento e seu contexto, as partes e o todo, as partes entre si”. (MORIN, 1999/2000 apud VASCONCELOS 2002 p. 62)

Os fenômenos complexos são marcados pela interação ou implicação do observador/pesquisador, e sua análise depende sempre da perspectiva desse observador/pesquisador. (VASCONCELOS 2002) Buscando um olhar diferenciado para o Movimento de Ecovilas, e assumindo meu envolvimento com o tema e a vastidão deste campo interdisciplinar, que integra diversas fronteiras do saber, indo de encontro ao “paradigma da complexidade”, optamos por fazer uma etnografia das Ecovilas.

A pesquisa etnográfica prima pela presença do pesquisador no campo, por sua inserção no grupo a ser pesquisado. “O papel do etnógrafo é descobrir em que formas de ação simbólica residem tais significados compartilhados que dão sentido à vida numa determinada comunidade.” (GEERTZ, 1973 apud MELLO e SOUZA, 2003 p. 69). Para compreender o simbólico é preciso de alguma forma pertencer, vivenciar, para perceber as sutilezas do cotidiano. Para os etnógrafos, aquilo que é mais difícil de ser

verbalizado e justificado, geralmente é o mais importante, revelando a essência daquela organização cultural. (MELLO e SOUZA, 2003). Daí a importância crucial da inserção do pesquisador no campo, como veremos ao longo deste trabalho.

Cabe ainda destacar que “a produção de verdades nas ciências sociais é sempre atravessada pelos valores e concepções de mundo” dos envolvidos, (COUTINHO 1991 apud VASCONCELOS 2002 p. 109), o que nos leva a refletir até que ponto somos realmente originais ou apenas reprodutores de uma percepção padronizada pela cultura dominante. Buscando revelar o que ainda foi pouco traduzido e sistematizado a respeito do universo das Ecovilas, inspiramo-nos em Manoel de Barros, que já dizia: “As coisas não querem mais ser vistas por pessoas razoáveis: elas desejam ser olhadas de azul”. em busca de um novo olhar para a cultura e forma de vida das Ecovilas. (BARROS, 1993 apud VASCONCELOS 2002 p. 23)

A partir de um levantamento realizado, deu-se a escolha pela Ecovila Findhorn, localizada no norte da Escócia – Reino Unido, enquanto principal campo desta pesquisa, que se justifica por ser uma das experiências mais consagradas do Movimento de Ecovilas, se reconhecer enquanto uma Ecovila e possuir um trabalho diferenciado na difusão dos princípios, valores e práticas relacionadas à construção de um modo de vida sustentável e consciente. Findhorn é definida por seus membros como Ecovila, Centro de Aprendizagem e Comunidade Espiritual. Recebem cerca de 9.000 visitantes por ano, oriundos de mais de 50 países, e possuem uma Universidade Holística (o Findhorn College) que realiza diversas capacitações na área. (FINDHORN, s.d.). Além disso, em 2012, a comunidade completou 50 anos, o que permite uma análise mais consistente dos elementos a serem pesquisados.

Outro fator relevante para essa tomada de decisão foi o fato da comunidade ter se desenvolvido nas diversas dimensões da sustentabilidade, podendo-se ali verificar os aspectos ecológicos, econômicos, sociais, políticos e culturais que sustentam essa nova forma de vida. Também no âmbito institucional, Findhorn possui um papel de destaque em termos da representação do Movimento de Ecovilas. Foi a arena onde se deu a criação da Rede Global de Ecovilas (GEN), em 1995, e atualmente é a sede do escritório internacional da rede.

Em busca de um olhar ampliado sobre o Movimento de Ecovilas, seus princípios e práticas, deu-se também a opção por expandir esta pesquisa para além de Findhorn, incluindo uma investigação durante a Conferência Anual da Rede Global de Ecovilas, em 2014, realizada na Ecovila ZEGG, na Alemanha, permitindo o acesso às informações sobre o Movimento de Ecovilas e o aprofundamento das questões pesquisadas.

3.1 ANTECEDENTES: O MEU ENVOLVIMENTO COM FINDHORN E O MOVIMENTO DE ECOVILAS

Ao tratar dos aspectos relativos à inserção do pesquisador no campo e sua implicação com as questões pesquisadas, é necessário lembrar que, desde 2004, participo do Movimento de Ecovilas, tendo feito diversas formações na área. O fato de conhecer e de ‘fazer parte’ do Movimento, além de dominar a linguagem específica do grupo, me permitiu um aprimoramento na captação dos dados, a partir de um maior acesso às informações e à compreensão dos códigos locais. Por outro lado, reconhecendo a minha posição favorável ao Movimento de Ecovilas e às práticas por elas disseminadas, os dados foram registrados de forma cautelosa, além de serem apresentados e debatidos no grupo de pesquisa coordenado pela Professora Cecília de Mello e Souza, que inclui profissionais de diversas áreas, possibilitando uma maior neutralidade na análise, a partir dos diferentes olhares e contribuições.

Cabe ainda mencionar que a primeira vez que ouvi falar de Findhorn foi no ano 2000, quando conheci o então Centro de Vivências Nazaré (atualmente denominado Nazaré UNILUZ, localizado no interior de São Paulo), que se inspira na comunidade escocesa. De lá para cá, venho acompanhando o trabalho do grupo, que ganha força ano após ano. Em 2010, tive a oportunidade de passar 3 semanas em Findhorn, hospedada na casa de uma amiga, fazendo parte das atividades cotidianas da comunidade. Tudo isso também influenciou na escolha do campo desta pesquisa.

3.2 UM BREVE HISTÓRICO DE FINDHORN

A comunidade teve início em 1962, com a chegada do casal Peter e Eileen Caddy, seus três filhos, e Dorothy Maclean, para viver em uma “caravana” (um trailer), num

parque de trailers, próximo a Baía de Findhorn, no norte da Escócia. Eles vieram para a região anos antes, para trabalhar no então Hotel Cluny Hill, em Forres, e ficaram sem perspectivas com o término do contrato. Como passavam por dificuldades financeiras naquele momento, o cultivo de alimentos tornou-se fundamental, embora as condições do local não fossem nada favoráveis. Durante o processo, Dorothy descobriu o dom de se conectar com o ‘espírito das plantas’, que lhe deram instruções de como prosseguir, e os resultados foram surpreendentes. No solo árido ao redor da Baía de Findhorn, cresceram vegetais gigantes, flores e outras plantas. O caso acabou ganhando notoriedade e atraindo visitantes. Assim, outras pessoas vieram para contribuir com o trabalho, dando origem a uma pequena comunidade, comprometida com o caminho espiritual e com a expansão do plantio em harmonia com a natureza. (FINDHORN, s.d. – tradução nossa.)



Figura 4: *Original Caravan*. Findhorn. Foto: Taisa Mattos



Figura 5: *Original Caravan e Original Garden*. Findhorn. Foto: Taisa Mattos

Nos anos seguintes, o espaço físico da comunidade foi sendo construído, como as casas, o centro comunitário e o Santuário de meditação. Em 1972 a comunidade foi formalmente registrada com o nome de Fundação Findhorn e continuou a crescer, chegando a aproximadamente 300 membros, entre as décadas de 70 e 80. Em 1975, a Fundação comprou o antigo hotel Cluny Hill, para a acomodação de membros e realização de cursos, dividindo-se, a partir deste momento, em duas sedes: The Park e Cluny Hill. Seguiram investindo no aprimoramento do espaço, que hoje comporta um pequeno mercado de produtos orgânicos, um centro cultural para a realização de eventos e espetáculos, centro de arte, ateliês, escritórios, entre outros empreendimentos. (FINDHORN, s.d.)

O projeto da Ecovila iniciou-se nos anos 80, quando os princípios da sustentabilidade foram, aos poucos, sendo incorporados. Nessa época, deu-se início a produção de energia eólica e as primeiras construções ecológicas, que foram substituindo os trailers originais. A Ecovila busca combinar os aprendizados do grupo em relação à interconexão e cooperação com a natureza, fazendo uso de tecnologias ecológicas inovadoras para criar um ambiente e uma cultura sustentáveis. (FINDHORN, s.d.)

Criada em 1985, a Ecovila Findhorn é hoje um grande centro de educação holística, atuando nas dimensões: social, espiritual, cultural, ecológica e econômica. Possui uma enorme vitalidade social e cultural. Recebe visitantes e pesquisadores de todo o mundo. Tem uma economia local forte, com diversos empreendimentos e uma moeda social própria, o Eko. Possui um sistema de tratamento de água, produz sua energia e segue cultivando alimentos orgânicos. Um estudo recente revelou que Findhorn possui uma das menores pegadas ecológicas do mundo industrializado, sendo a metade da média nacional do Reino Unido ³⁰ (TINSLEY, GORGE, 2006; FINDHORN, s.d).

A relação formal com as Nações Unidas data de 1997, quando a Fundação Findhorn foi aprovada como uma ONG colaboradora. De lá para cá, Findhorn vem promovendo os princípios do desenvolvimento sustentável trazidos nas últimas décadas de conferências da ONU, tendo recebido, em 1998, o “*Best Practice Designation*” da

³⁰ A pegada ecológica média da Ecovila Findhorn é de 2.71 hectares per capita, enquanto a média do Reino Unido é de 5.4 hectares per capita (TINSLEY, GORGE, 2006).

ONU Habitat, a reconhecendo enquanto modelo de vida sustentável. (FINDHORN, s.d). O modo de vida das Ecovilas é uma resposta consciente de como viver de outra forma, mais simples, menos impactante e mais sustentável.

Mapa e Vista Aérea de Findhorn



Figura 6: Mapa localização Findhorn. Fonte: Findhorn Foundation.



Figuras 7 e 8: Vista aérea das sedes: The Park (à esquerda) e Cluny Hill (à direita). Fonte: <https://stelacramer.wordpress.com/tag/fundacao-findhorn/>

Obs. No Parque (The Park) é onde fica a Ecovila. Cluny Hill é o antigo Hotel, hoje sede do Findhorn College.

3.3 A REDE GLOBAL DE ECOVILAS: HISTÓRIA E ORGANIZAÇÃO GERAL

A Rede Global de Ecovilas (GEN) foi fundada em 1995, na Conferência *Ecovilas e Comunidades Sustentáveis - modelos de vida para o Século XXI*, realizada em Findhorn, na Escócia. Seu maior objetivo é encorajar o desenvolvimento de assentamentos sustentáveis ao redor do mundo, conectando as diversas iniciativas existentes e possibilitando a troca de experiências entre elas (GEN, s.d). É interessante atentar para o fato de que o Movimento de Ecovilas já emerge enquanto rede, e dessa forma se articula e se expande.

A GEN possui um papel crucial na difusão dos princípios e práticas do Movimento, além de conectar as diversas iniciativas e projetos relacionados. (SEVIER, 2008). Foi criada como uma confederação global de pessoas e comunidades, dedicadas a viver de forma sustentável, que se encontram para partilhar idéias, tecnologias, experiências culturais e educacionais. Realiza serviços internos e externos de comunicação, facilitando o fluxo e a troca de informações entre Ecovilas e outros projetos afins (a partir da criação de diretórios e informativos, e também da realização de encontros e conferências internacionais); faz articulações em rede e coordenação de projetos em áreas relacionadas a assentamentos sustentáveis; além de se dedicar a cooperação global e parcerias, especialmente com as Nações Unidas. (DAWSON, 2006).

De início, foram criados três núcleos: ENA (Rede de Ecovila das Américas), GENOA (englobando Ásia e Oceania) e GEN Europa, que servia também a projetos na África e Oriente Médio (DAWSON, 2006). Atualmente, a ENA se desmembrou em GENNA, que representa a América do Norte e, CASA (Conselho de Assentamentos Sustentáveis das Américas), representando a América Latina, atentando para suas especificidades culturais. Nos últimos anos, houve ainda a emergência da GEN África (2012), impulsionando a transição de vilas tradicionais e conectando as mais diversas experiências pela sustentabilidade no continente, e também da Next GEN, que surgiu para representar o movimento da juventude. (GREENBERG, 2013). GEN Europa e GENOA seguem atuando em suas regiões, e inicia-se o movimento em torno da criação de um núcleo específico no Oriente Médio.

3.4 O TRABALHO DE CAMPO

Entre os meses de maio e julho de 2014 dediquei-me ao trabalho de campo, inicialmente, passando um mês imersa na Ecovila Findhorn, na Escócia, e seguindo para pesquisar a Rede Global de Ecovilas (GEN, em suas iniciais inglesas), durante a Conferência Anual da GEN, realizada em ZEGG, na Alemanha. Para facilitar a compreensão, detalharei primeiramente a pesquisa em Findhorn para depois abordar a pesquisa sobre a rede.

Cheguei em Findhorn no fim da tarde de sexta-feira, dia 09 de maio, após uma longa e tranquila viagem, saindo do Rio de Janeiro para Frankfurt, na Alemanha, onde peguei a conexão para Aberdeen, na Escócia. De lá, um trem para Forres, a estação mais próxima da comunidade, onde fui recebida por duas amigas brasileiras, uma que mora na Ecovila e a outra que estava passando uma temporada por lá.

No dia seguinte, teve início a *Ecovillage Experience Week*, semana de experiência na comunidade com foco em investigar a Ecovila e os aspectos da sustentabilidade local. A *Experience Week* é a vivência básica na comunidade, pré-requisito para a maior parte das outras atividades realizadas em Findhorn. Acontece semanalmente, inclusive em diversas línguas, permitindo que pessoas oriundas de vários países possam conhecer e experienciar a vida comunitária e as especificidades da cultura local. Duas ou três vezes por ano é oferecida a *Ecovillage Experience Week*, um programa diferenciado cujo foco é apresentar aos visitantes os aspectos ligados à sustentabilidade. Optei por fazer a *Ecovillage Experience Week* por ser oficialmente a porta de entrada para os que têm interesse na Ecovila, com o intuito de compreender de que forma o estilo de vida, princípios e valores são disseminados aos que passam por lá.

Ao longo de todo o período, utilizei a técnica de observação participante, que implicou na minha participação nas atividades diárias da comunidade, como: cozinha, harmonização dos ambientes comunitários, plantio de alimentos orgânicos e trabalho nos jardins, simultaneamente, como observadora e participante. Meu principal interesse era investigar os aspectos sócios-culturais da vida comunitária como: a relação entre os membros, sua comunicação interna, a estrutura de gestão, a forma como tomam as decisões e como distribuem-se nas tarefas cotidianas, além dos aspectos mais sutis referentes à espiritualidade do grupo e sua conexão com a natureza.

Paralelamente, fiz anotações em um diário de campo, não apenas do que foi vivenciado e observado, mas também, a respeito de minhas percepções e inquietações sobre forma de vida da comunidade e os elementos que tornam visível a sustentabilidade da cultura local. Também fiz registros fotográficos ao longo do período em que estive por lá.

Outra técnica selecionada para este trabalho foi a de entrevistas semi-estruturadas, em profundidade. Entrevistei 13 membros da Ecovila Findhorn, com o objetivo de evidenciar de que forma as Ecovilas podem ser vistas como modelos de vida sustentável, além de reconhecer as ferramentas e tecnologias sociais, ecológicas e econômicas utilizadas por eles na implementação e manutenção da sustentabilidade a nível local, identificando, além das práticas, os valores e visões de mundo que sustentam a caminhada do grupo nessa direção.

A seleção dos entrevistados se deu buscando montar um mosaico balanceado em termos de gênero, idade, nacionalidade, área de atuação e trajetória em relação à Ecovila, com o intuito de revelar a diversidade do grupo, os bastidores das diversas áreas de interesse, além das articulações políticas existentes, capazes de evidenciar a relação do agir local com o pensar e conectar global. Desta forma, 02 dos entrevistados selecionados não são apenas envolvidos com a Ecovila em si, mas também com a Rede Global de Ecovilas e o Movimento de Ecovilas, de forma mais ampla, sendo um grupo representativo deste universo maior. Outros 05 podem ser vistos como lideranças, pelos cargos que ocupam, ou pelo tempo de permanência na comunidade. Entrevistei ainda, 06 moradores ‘comuns’, pessoas que não ocupam cargos de liderança e/ou que não são vistos pelo grupo como lideranças; e 01 vizinha da comunidade, buscando integrar suas perspectivas e compreender suas percepções a respeito da realidade local.

As entrevistas semi-estruturadas, em profundidade, tiveram duração média entre 1:30h e 2h, tornando possível o aprofundamento da relação para um mergulho nas questões pesquisadas. O contato com os entrevistados foi feito, em alguns casos, antes mesmo da minha chegada ao campo, para garantir as agendas, e em outros casos, ao longo da pesquisa de campo. Cabe informar que a maior parte das entrevistas foi realizada em inglês, com exceção de três entrevistadas que falavam português.

Além das entrevistas semi-estruturadas, outras entrevistas se deram de forma informal, durante os períodos de trabalho em grupo, nas refeições, nas caminhadas e deslocamentos pela comunidade, entre outros, contribuindo para um olhar ampliado em relação à vida comunitária em Findhorn. Estas entrevistas, também foram registradas e incorporadas aos dados.

A imersão na Ecovila, participando da *Ecovillage Experience Week* e das atividades cotidianas da comunidade, simultaneamente a observação participante, as entrevistas e a análise dos dados coletados permitiram compreender de que forma esta experiência pode ser vista como um laboratório de sustentabilidade, ou seja, um local onde novas ferramentas e tecnologias nas áreas social, ambiental e econômica, são desenvolvidas, vivenciadas no cotidiano e, aos poucos, aprimoradas e disseminadas através dos cursos e programas que realizam, contribuindo para a construção de uma nova cultura.

Dando continuidade à pesquisa de campo, segui para a Alemanha, para a Ecovila ZEGG, localizada em Belzig, perto de Berlim, que em 2014 sediou a Conferência da Rede Global de Ecovilas (GEN). Passei 15 dias em ZEGG, incluindo o período da Conferência, onde utilizei as mesmas técnicas acima citadas: observação participante, com anotações no diário de campo, e entrevistas semi-estruturadas, em profundidade, além de entrevistas informais e registro fotográfico. Meu interesse na Conferência era investigar o funcionamento da Rede Global de Ecovilas e o Movimento de Ecovilas, de forma mais abrangente, para complementar a pesquisa.

Durante a Conferência da Rede Global de Ecovilas, foram realizadas outras 2 entrevistas semi-estruturadas, em profundidade, com uma pesquisadora, que tem livro e artigos publicados sobre o Movimento de Ecovilas, e uma outra liderança da Rede, sendo que estas não possuem relação com Findhorn, mas com o Movimento de Ecovilas. Na sessão de análise de dados, constam tabulações com o perfil dos entrevistados que facilitam a compreensão do recorte da pesquisa.

Com o início da Conferência da GEN, cerca de 400 pessoas vieram para ZEGG para trocar experiências e aprofundar as questões relacionadas ao Movimento de Ecovilas. Nos dois dias que antecederam o início oficial da Conferência, foi realizada a Assembléia Geral de membros da GEN Europa, onde foi apresentado o relatório anual

das atividades da rede européia, fez-se uma avaliação do período, além de encaminhamentos de propostas e projetos, acolhida de novos membros, estratégias de captação de recursos, entre outros. Cerca de 50 pessoas, entre a equipe da GEN e representantes de iniciativas e redes ligadas ao Movimento de Ecovilas participaram da Assembléia. Paralelamente à Assembléia, aconteceu também um encontro da NEXT GEN, rede da juventude do Movimento de Ecovilas.



Figura 9: Assembléia Geral GEN Europe, 2014 – ZEGG, Alemanha. Foto: Taisa Mattos



Figura10: Encontro NEXT GEN pré-Conferência 2014. ZEGG, Alemanha. Foto: Taisa Mattos

Durante a Conferência da GEN, o grupo todo se reunia na tenda principal, pela manhã, onde ocorreram as grandes apresentações. O turno da tarde era dedicado à realização de workshops e palestras temáticas sobre, por exemplo: a experiência de algumas das grandes Ecovilas da Europa, como Damanhur (Itália), Tamera (Portugal) e Findhorn; formas participativas de governança e tomadas de decisão, como: sociocracia

e holocracia; comunicação não-violenta; amor livre e parceria, entre outros assuntos, que os participantes escolhiam livremente a partir de seus interesses. No fim da tarde, o grupo era novamente dividido em pequenos subgrupos, onde eram realizadas dinâmicas e conversas mais intimistas. No início da Conferência, cada participante teve a oportunidade de escolher em que subgrupo gostaria de estar. Entre as opções, grupos de Fórum, *Conselho*³¹, círculos de homens e mulheres, entre outros. As noites eram dedicadas a apresentações curtas sobre temáticas diversas relacionadas ao Movimento de Ecovilas e também à celebração. ZEGG possui bares e cafês internos, onde foram realizadas festas dançantes a pequenos shows. A noite era também um momento de confraternizar, conhecer pessoas e descansar.



Figura 11: GEN Conference, 2014 – Tenda Principal. ZEGG, Alemanha. Foto: Taisa Mattos



Figura 12: GEN Conference, 2014 – Tenda Principal. ZEGG, Alemanha. Foto: Taisa Mattos

³¹ *Conselho* é uma ferramenta inspirada nas tradições nativas norte-americanas onde pessoas sentadas em círculo partilham suas experiências. Será detalhada mais adiante.



Figura 13: GEN Conference, 2014 – Workshops temáticos. ZEGG, Alemanha. Foto: Taisa Mattos



Figura 14: GEN Conference, 2014 – círculo encerramento. ZEGG, Alemanha. Foto: Taisa Mattos

Participar da Conferência foi bastante relevante para atualizações a respeito do cenário global referente ao Movimento das Ecovilas, além de possibilitar uma compreensão mais concreta sobre a atuação da Rede Global de Ecovilas na conexão entre as diversas iniciativas, e na disseminação dos princípios e práticas das Ecovilas a nível global. Esta participação me permitiu compreender o panorama atual do Movimento, incluindo as últimas conquistas e desafios. O fato de poder compartilhar pessoalmente informações e experiências com ‘Ecovileiros’ do mundo todo, possibilitou uma visão mais ampla sobre as contribuições das Ecovilas enquanto agentes locais de transformação sócio-cultural. As descobertas do campo serão descritas mais adiante, no capítulo de resultados.

3.4.1 A Pesquisa de Campo em Findhorn

No período entre 09 de maio e 09 de junho de 2014, estive imersa na Ecovila Findhorn para a pesquisa de campo, participando do ritmo pré-estabelecido pela Ecovila e das atividades comunitárias, em parte do tempo, e em outros momentos dedicando-me à pesquisa, compilação e análise dos dados coletados.

Minha primeira semana em Findhorn foi intensa. Agenda cheia com a *Ecovillage Experience Week*, me reconectando com o lugar, com as pessoas que conheci quando estive lá em 2010, atualizando as conversas com as amigas brasileiras e aprendendo a ser oficialmente pesquisadora. Acordava às 6:30h da manhã para participar do Taize (cantos meditativos) e da meditação principal no Santuário, e seguia no ritmo do programa, chegando em casa por volta de 22/22:30h, quando ia fazer minhas anotações finais.

O grupo da *Ecovillage Experience Week* era bastante eclético, com pessoas oriundas de diversos países como: Índia, Nova Zelândia, Espanha, Reino Unido e Brasil. Éramos dez, ao todo, incluindo os focalizadores, Craig e Christine. Craig é australiano, permacultor e vive em Findhorn há 46 anos. É o responsável pela *Ecovillage Experience Week* e reconhecido como um dos *elders* da comunidade. Christine é jovem, nascida no Reino Unido, e está na comunidade há 4 anos. Foi a primeira vez que co-facilitou com Craig a semana com foco na Ecovila.

Fomos acomodados em duas casas comunitárias. Na que fiquei, denominada Diane's, éramos cinco, cada um em um quarto individual. O grupo era formado por pessoas maduras e interessadas, com faixa etária entre 25 e 75 anos, aproximadamente. Cada um estava ali por um motivo diferente. Chris (inglês) teve uma visão de que deveria vir para Findhorn, e veio. Joanne (irlandesa) está morando em Cluny há cerca de 2 anos e trabalha na Fundação com captação de recursos. Estava interessada em conhecer melhor o Park e aprender mais sobre a Ecovila. Já Elena (espanhola), veio aprimorar seu inglês. Ibtisam, uma psicóloga indiana, foi com quem mais me identifiquei. Abaixo uma foto do grupo da *Ecovillage Experience Week*.



Figura 15: Foto oficial do grupo da Ecovillage Experience Week. Fonte: Findhorn Foundation. (Da esquerda para a direita: Elena, Jennie, Christine, Taisa, Joanne, Chris, Sarah, Craig, Ibtisam e Claudia).

Durante a semana de experiência, tivemos conversas com os focalizadores e outros convidados, dinâmicas de grupo, tours pela comunidade, trabalhamos juntos no plantio, colheita e preparo de alimentos, e também fomos conhecer Cluny Hill, a outra sede da Fundação, e passear pela região. No período da manhã, dividimo-nos em duplas para integrar as atividades comunitárias. Alguns permaneceram no Park e outros foram trabalhar em Cluny. Meu departamento foi a cozinha do Park.



Figura 16: Cozinhando com o grupo da Experience Week. Cozinha do Park. Findhorn. Foto: Taisa Mattos



Figura 17: Em sala de aula com o grupo da Experience Week. Findhorn. Foto: Taisa Mattos



Figura 18: Conselho ao redor do fogo. Grupo da Experience Week. Findhorn. Foto: Taisa Mattos



Figura 19: Apagando a vela do centro. Grupo da Experience Week. Cluny Hill, Forres. Foto: Taisa Mattos

Tivemos ainda a oportunidade de participar de um *Community Meeting*, reunião interna da comunidade com os gestores, que acontece duas vezes ao ano, quando é feita uma avaliação do período nos mais diversos aspectos. Nesse momento, estava apenas como observadora. Foi de extrema importância para compreender como o grupo se organiza, as principais questões que merecem a atenção comunitária e principalmente os desafios que enfrentam no momento. Trarei as considerações a respeito desse encontro ao longo do capítulo de resultados.

A participação na *Experience Week* e o fato de ser introduzida à comunidade através do programa foi bastante relevante. Com isso pude compreender como os programas impactam na vida dos participantes, fazendo-os rever hábitos e valores.

Nas demais semanas, estava com um cronograma mais flexível, enquanto formalmente realizava o meu *Independent Study* pelo Findhorn College. Esta foi a maneira que encontraram para que eu pudesse estar formalmente ligada à instituição para conduzir a pesquisa. Segui participando dos cantos e meditação da manhã e geralmente me voluntariava para colaborar com o trabalho comunitário no período da manhã. Estive principalmente em Cullerne Garden, onde é realizado o plantio de alimentos. Durante a primavera e o verão, recebem voluntários para colaborar com as atividades de plantio, colheita e preparo do solo, já que o clima favorece e a demanda é maior. A equipe do departamento é bastante animada e a cada pausa para o lanche (*Tea Break*), havia muita conversa, música e celebração.



Figura 20: Trabalho Cullerne Garden, Findhorn. Foto: Taisa Mattos



Figura 21: Tea Break. Cullerne Garden, Findhorn. Foto: Taisa Mattos



Figura 22: Tea Break. Cullerne Garden, Findhorn. Foto: Taisa Mattos

As entrevistas semi-estruturadas, em profundidade, foram encaixadas a partir da disponibilidade das pessoas ao longo de todo o período em que estive na comunidade, concentrando-se mais na segunda e terceira semanas. Na última semana dediquei-me ao aprofundamento de algumas entrevistas e a conversas informais, além da análise dos documentos comunitários, para a complementação dos dados da pesquisa. Mantendo a observação participante, o registro no diário de campo e o registro fotográfico ao longo de toda a minha permanência na Ecovila.

Um fato relevante a ser mencionado é que a cada semana tive a oportunidade de me hospedar em um local diferente na Ecovila, o que me possibilitou ter perspectivas diversas em relação à vida na comunidade. Na primeira semana, fui acomodada em uma

das casas que a Fundação utiliza para receber os visitantes. Na semana seguinte, alojei-me em um dos *B&B* (*bed and breakfast* – hospedagem no estilo cama e café) particulares que fica dentro da comunidade. Na terceira semana, fui recebida na casa de um amigo, antigo morador de Findhorn e, na última semana, voltei ao *B&B* para uma troca, já que a proprietária estava viajando e precisava de alguém para cuidar da casa, do jardim e receber os demais hóspedes.

O fato de ser acolhida pela Fundação, por moradores ou pela comunidade do entorno faz muita diferença em relação à inserção na comunidade e a forma como a vivenciamos. Ao participar de um programa da Fundação, tem-se um cronograma repleto de atividades, além de todo o cuidado por parte de uma equipe que se dedica a acolher os hóspedes. Estando entre amigos, uma outra esfera da vida comunitária se revela, diferente daquela permeada por visitantes. Hospedar-se de forma independente, na comunidade do entorno já proporciona uma outra experiência, menos integrada à vida comunitária.

3.5 ANÁLISE DE DADOS

A pesquisa etnográfica leva a um processo circular de coleta e análise de dados. Através da observação participante, da análise do diário de campo e dos documentos comunitários, de entrevistas informais e semi-estruturadas, em profundidade, foram feitas articulações, comparações e triangulações de dados para que novas questões pudessem vir à tona.

A partir das entrevistas, foi feita uma tabulação dos dados com os principais aspectos dos entrevistados e seu envolvimento com Findhorn, ou com o Movimento de Ecovilas, de forma mais ampla, que incluiu abaixo para facilitar a visualização do recorte da pesquisa e questões investigadas. Com esse breve panorama, podemos compreender a diversidade do campo e a riqueza dos dados coletados, que serão detalhados no capítulo de resultados.

Conjuntamente aos dados levantados nas entrevistas em Findhorn e oriundos da observação participante, devidamente registrados no diário de campo, foram analisados a cultura material do lugar, que vai da organização do espaço físico a publicações, site,

material de divulgação, fotos, etc., e os documentos formais da instituição, como estatuto social e regimento interno, criando todo um corpo de informações que possibilitaram as conclusões finais deste trabalho.

Os dados relativos à pesquisa na Conferência Anual da Rede Global de Ecovilas, foram também incorporados, ampliando a perspectiva para, em alguns momentos, podermos tratar do Movimento de Ecovilas de forma mais abrangente.

Como o tema é relativamente recente e o material bibliográfico de referência ainda bastante restrito, a presença no campo foi de suma importância para o desdobramento deste trabalho e para a relevância das contribuições a respeito do modo de vida e da cultura das Ecovilas.

3.5.1 Perfil dos Entrevistados

Tabela 1: Entrevistas Findhorn

PSEUDÔNIMO	IDADE	GÊNERO	NACIONALIDADE	ÁREA DE ATUAÇÃO	TEMPO NA ECOVILA
Christopher	70+	M	Australiano	Permacultura Educação	46 anos
Ian	35+	M	Canadense	NFA Eventos Culturais	10 anos
George	60+	M	Neozelandês	Educação Construções Eventos/Conferências	9 anos
Jay	21	M	Escocês	NEXT GEN Eventos Culturais	nascido em Findhorn
Jenis	60+	F	Inglesa	Vizinha	Construindo casa em Findhorn
Joan	30+	F	Irlandesa	ADM/Captação de Recursos	2 anos

Karl	50+	M	Alemão	Jardins	32 anos
Marion	60+	F	Americana	Educação / Gestão	38 anos
Mel	35+	F	Sul-Africana	Educação	10 anos
Milla	30	F	Italiana	Jardins	4 anos
Natália	30+	F	Brasileira	GEN /Informática	6 meses
Nikolas	36	M	Grego	Cozinha	3 anos

Tabela 2: Entrevistas sobre a Rede Global e o Movimento de Ecovilas

PSEUDÔNIMO	IDADE	GÊNERO	NACIONALIDADE	ÁREA DE ATUAÇÃO	RELAÇÃO COM O MOVIMENTO DE ECOVILAS
Angela	50+	F	Sul-Africana	Rede Global de Ecovilas (GEN)	Mora há cerca de 2 anos em Findhorn e atua na GEN Internacional
Laura	50+	F	Americana	Professora universitária e pesquisadora	Tem livro e artigos publicados sobre as Ecovilas
Elisa	50+	F	Brasileira	Relação ONU Gaia Education	Morou 18 anos em Findhorn. Atua no Gaia Education e nas relações institucionais
Martina	50+	F	Alemã	Rede Global de Ecovilas (GEN)	Mora há 21 anos em Damanhur, na Itália, e atua na GEN Europa

3.6 ÉTICA NA PESQUISA

Para a realização da pesquisa em Findhorn, entrei em contato com a Ecovila que me encaminhou para o Findhorn College, instituição responsável por receber e acompanhar as propostas de pesquisa na instituição. O College demorou a responder. Aos poucos, as portas foram se abrindo, a partir do envio de um resumo do projeto de pesquisa, além de uma carta de apresentação minha, da UFRJ enquanto instituição, e um e-mail de suporte da minha orientadora.

Antes da minha chegada, os moradores de Findhorn foram informados, através de um comunicado do College, sobre a minha estadia e a realização dessa pesquisa etnográfica, estando cientes em relação às técnicas utilizadas para a coleta de dados. Dessa forma, a própria instituição colaborou para a obtenção do Consentimento Informado relativo à observação participante.

Em relação à pesquisa durante a Conferência da Rede Global de Ecovilas, escrevi para os organizadores me apresentando enquanto pesquisadora e me inscrevi para participar já informando sobre a realização da pesquisa.

Um resumo do projeto, juntamente com roteiro das entrevistas semi-estruturadas e o Termo de Consentimento Informado, foram traduzidos para o inglês, para facilitar o trabalho de campo e permitir o acesso dos entrevistados às informações. Cabe mencionar que o roteiro base foi adaptado para cada entrevista, buscando direcionar os depoimentos a partir da área de atuação e/ou experiência de cada informante. O roteiro base das entrevistas semi-estruturadas e o Termo de Consentimento Informado constam no anexo.

O Termo de Consentimento Informado foi lido e assinado pelos participantes antes do início das entrevistas, evitando qualquer mal-entendido. O local das entrevistas foi sugerido pelos próprios entrevistados, garantindo, assim, a sua privacidade e conforto. Optamos por não revelar a identidade dos participantes, garantindo a confidencialidade dos dados. Após a conclusão da dissertação, um resumo da pesquisa será traduzido para o inglês, e enviado à Ecovila Findhorn, ao Findhorn College, e à Coordenação da Rede Global de Ecovilas, contribuindo com os seus acervos. Uma cópia será também enviada a cada um dos entrevistados.

Os dados referentes a esta pesquisa serão mantidos em sigilo, podendo ser acessados apenas pelo grupo de pesquisa da Professora Cecília de Mello e Souza. Os profissionais recomendados para a transcrição e tradução do material foram informados em relação à privacidade dos dados, comprometendo-se em manter sigilo. Uma cópia do banco de dados será armazenada em um HD Externo, na sede do Programa EICOS, no Instituto de Psicologia da UFRJ, garantindo a sua proteção e preservação, por um período de 5 anos após a realização dessa pesquisa. Outras duas cópias estão armazenadas sob a responsabilidade da pesquisadora, que pretende ainda utilizar o vasto material coletado para desdobramentos em futuros trabalhos relacionados ao tema.

3.7 DESAFIOS RELACIONADOS À REALIZAÇÃO DA PESQUISA

Cabe ainda abordar os desafios relacionados à realização desta pesquisa, que incluem os altos custos da viagem e tempo de permanência no campo, uma vez que todo o trabalho foi financiado pela própria pesquisadora, além de outros desafios pontuais e subjetivos, como veremos neste item.

O fato de pertencer ao Movimento de Ecovilas me abriu portas. No entanto, viabilizar minha estadia e pesquisa em Findhorn, ao contrário do que imaginava inicialmente, não foi um processo simples. Estando lá, pude compreender melhor a situação, uma vez que são vários os pesquisadores que chegam com o mesmo intuito e acabam por dar trabalho à comunidade, além de, muitas vezes, não darem retorno em relação a suas pesquisas. Tive a oportunidade de encontrar 3 outros pesquisadores durante minha estadia lá. Uma delas, o que a comunidade denomina de quadro típico: desconhece o universo das Ecovilas, tem pouco tempo disponível, apenas alguns dias, e quer saber tudo, ou seja, gera demanda e não troca. Além disso, o Findhorn College passava por um período de reestruturação, com mudança de gestores, o que acabou dificultando a minha chegada. Mas uma vez o contato estabelecido com a pessoa certa, as portas se abriram.

Outro desafio foi relativo aos custos dos programas e permanência em Findhorn. A diferença entre moedas e o alto custo de vida no Reino Unido, fizeram com que minha permanência, enquanto pesquisadora sem financiamentos para a pesquisa de campo, fosse praticamente inviável. Mas, este estudo tornou-se possível pelo apoio de

amigos na comunidade, que me hospedaram por 1 semana sem custos, da minha família, que arcou com a passagem internacional e ainda pela Fundação Findhorn ter me concedido uma meia bolsa para a participação na *Ecovillage Experience Week*.

Em ZEGG, a comunidade foi bastante solidária pelo fato de alguns membros me conhecerem, cobrando custos mínimos para minha permanência. A Rede Global de Ecovilas também me liberou das taxas relativas à Conferência, em reconhecimento ao meu trabalho e engajamento no Movimento de Ecovilas, viabilizando a minha participação e a pesquisa.

Outro desafio com o qual me deparei no campo foi o meu envolvimento com o universo das Ecovilas. Uma das pesquisadoras que encontrei em Findhorn havia comentado, logo no início do meu trabalho de campo, o desafio que era ser simultaneamente pesquisadora e integrante da comunidade. E foi assim que me senti. Era difícil abrir espaço e me recolher para escrever enquanto a comunidade seguia seu ritmo fervilhante ‘lá fora’. Além disso, muitas coisas que poderiam vir a chamar a atenção de outros pesquisadores com distanciamento do tema, eram comuns para mim, incluindo as práticas e a linguagem do grupo. Ao mesmo tempo, ser uma ‘insider’, me garantiu o acesso a pessoas, lugares e informações que não seriam disponibilizados para um pesquisador comum, tornando-se um dos diferenciais deste trabalho.

3. RESULTADOS DA PESQUISA DE CAMPO

Neste capítulo apresentaremos os resultados da pesquisa de campo em Findhorn, através de uma descrição detalhada, análise e articulação dos dados que nos apontam para as bases da criação de uma nova cultura. Abordaremos também, os aspectos relativos ao Movimento e Rede Global de Ecovilas, que nos indicam as contribuições mais amplas das Ecovilas na construção de uma cultura regenerativa, além de alguns dos seus desafios.

4.1 A VIDA COMUNITÁRIA EM FINDHORN: VISÃO E PRINCÍPIOS FUNDADORES

Os valores primordiais para os integrantes das comunidades intencionais são diversos e estão diretamente relacionados ao propósito de cada grupo. Em Findhorn, evidenciam-se: a sustentabilidade, a espiritualidade, a simplicidade, a criatividade, a diversidade, a responsabilidade, a não-violência, a cooperação e a auto-organização.

A Fundação Findhorn é definida em seu documento de visão, como uma comunidade espiritual, uma Ecovila e um centro internacional de aprendizagem holística, contribuindo para o despertar de uma nova consciência humana e para a criação de um futuro positivo e sustentável. (FINDHORN, s.d. - tradução nossa). Os princípios fundadores, que continuam a guiar o grupo em todas as suas atividades, apesar da sua expressão ter variado ao longo dos anos, são: a escuta interior, buscando agir a partir dessa fonte de sabedoria; a co-criação com a natureza (e os demais seres vivos), e o serviço planetário, compreendido também como amor em ação (FINDHORN, s.d. - tradução nossa).

Através das atividades cotidianas, o grupo busca colocar em prática seus valores espirituais e demonstrar novas formas sustentáveis de se viver. Enquanto uma comunidade de aprendizagem para a mudança pessoal e social, meditam, atuam na construção de uma cultura de paz no dia a dia, investindo em outras formas de relacionamento; plantam alimentos orgânicos; constroem casas ecológicas; reciclam materiais; utilizam sistemas renováveis de energia; administram seus próprios negócios buscando não explorar as pessoas nem os recursos naturais; e utilizam sistemas econômicos complementares. A comunidade não segue nenhuma doutrina formal, praticando os valores universais comuns a todas as grandes religiões, tais como respeito a todas as formas de vida, simplicidade, busca pela igualdade, entre outros (FINDHORN, s.d.).

A meditação ocupa um lugar central na rotina da comunidade, sendo praticada em suas mais diversas formas. Sentar em silêncio, dançar, cantar, estar em contato com a natureza e trabalhar, tudo isso é estimulado em Findhorn como uma maneira de cada indivíduo se conectar com a sua própria sabedoria interior. Antes de cada atividade, fazem um *attunement* (sintonização), alinhando-se a essa sabedoria interna, também uns com os outros e com a tarefa a ser realizada. Dessa forma, acreditam estar se

conectando com a dimensão da consciência em cada indivíduo que reconhece a unidade e interdependência entre tudo o que vive. Daí vem o senso de motivação partilhada e o propósito do grupo que resulta em ação a serviço da vida como um todo (FINDHORN, s.d, tradução nossa).

O reconhecimento da interdependência entre tudo e todos é o coração dos aprendizados e práticas do grupo. A educação voltada para a espiritualidade e a sustentabilidade também possui um papel de destaque, sendo o foco do trabalho comunitário e atraindo inúmeros visitantes e novos membros. O aprendizado na comunidade dá-se de forma experiencial, sendo visto como uma jornada de auto-conhecimento integrada ao propósito do grupo.

4.2 O ESPAÇO FÍSICO DA COMUNIDADE EM FINDHORN E OS ASPECTOS ECOLÓGICOS

A Fundação Findhorn, além da Ecovila e comunidade localizada no antigo parque de trailers (the Park), hoje ocupa o prédio do antigo hotel Cluny Hill, em Forres, visto como uma de suas principais sedes. O espaço abriga diversos cursos e programas, sendo a base do Findhorn College, além de servir de acomodação para visitantes e cerca de 100 membros residentes. A Fundação também possui sedes nas ilhas de Iona e Erraid, ambas localizadas na costa oeste da Escócia. A comunidade maior envolve ainda alguns núcleos comunitários no entorno, como Newbold House, que um dia pertenceu à Fundação, mas atualmente é um espaço independente, onde residem alguns membros da comunidade. Além disso, muitos membros moram nas cidades e vilas vizinhas como: Forres, Kinloss e Findhorn Village. Há os que vivem no entorno e trabalham no Park, os que moram no Park e trabalham em Cluny, entre outros arranjos ³².

De acordo com meus entrevistados, o Park e Cluny Hill são sedes bastante distintas. Em Cluny, a vida se concentra em um único espaço, sendo a comunidade mais integrada e gerando um menor impacto ambiental. No Park, as construções espalham-se por toda a área, demandando mais energia para a sua manutenção, mas proporcionando mais privacidade e independência aos residentes.

³² Dados oriundos das entrevistas.



Figura 23: Cluny Hill. Forres. Foto: Taisa Mattos



Figura 24: Traigh Bhan. Iona. Foto: Findhorn Foundation

Em relação às demais sedes, Traigh Bhan é o nome da casa de retiros da Fundação Findhorn em Iona, geralmente utilizada por membros e visitantes no verão. Iona, localizada na costa oeste na Escócia, é considerada uma ilha sagrada, por ser um local histórico de peregrinação. (FINDHORN, s.d) Já a ilha de Erraid, também na costa oeste, tem sido casa de um pequeno grupo de membros da Fundação por mais de 30 anos. Fundada em 1978, a Comunidade de Erraid é vista como uma comunidade espiritual, integrada a Findhorn, e conta com um grupo de residentes que geralmente varia entre 6 e 10 pessoas, incluindo casais e famílias. Erraid é uma ilha privada, há anos gerida pela Fundação Findhorn (ERRAID, s,d).



Figuras 25 e 26: Ilha e comunidade de Erraid. Fonte: <http://www.erraid.com>

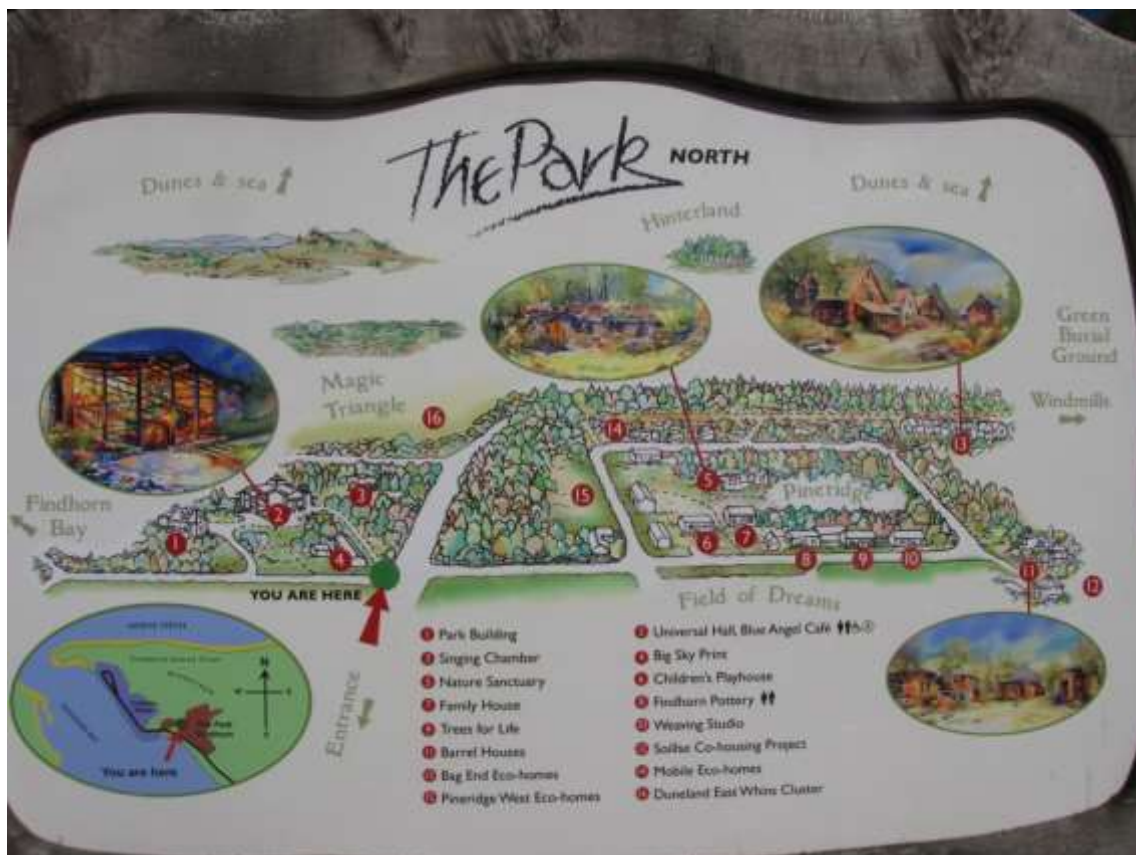


Figura 27: Mapa sede The Park. Findhorn. Foto: Taisa Mattos

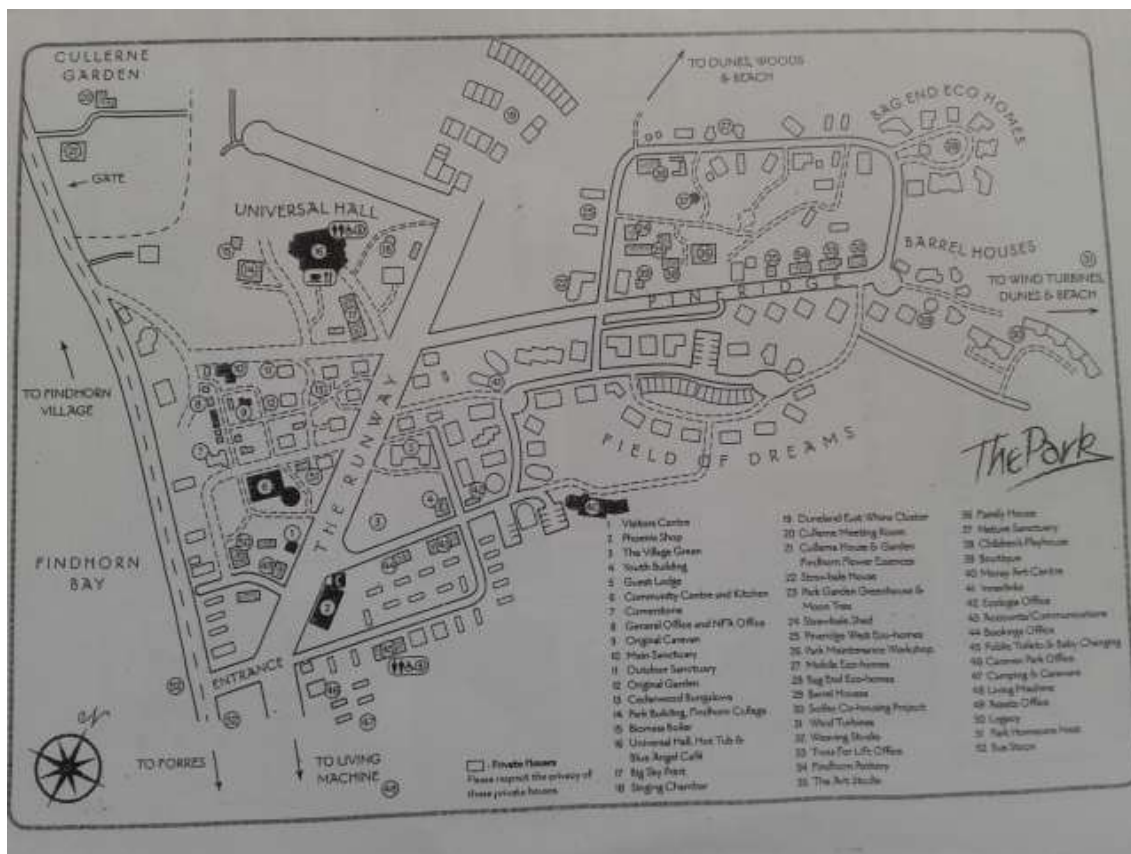


Figura 28: Mapa detalhado³³ The Park. Findhorn. Foto: Taisa Mattos

‘The Park’, sede principal da Fundação, possui uma área de 32 acres (cerca de 13ha ou 13.0000m²), que abriga, além da Ecovila e os departamentos da Fundação, diversos empreendimentos e outros núcleos comunitários. A área central é a mais antiga, onde vivem os membros que trabalham para a Fundação Findhorn. Esta área inclui as principais áreas comuns, como o centro comunitário, os santuários de meditação e as facilidades partilhadas (lavanderia, casa de ferramentas, entre outros), além da famosa ‘Vila dos Barris’, feita com antigos barris de whisky que foram reaproveitados nas construções. No entorno, os núcleos residenciais independentes expandem o círculo da comunidade, como o pioneiro Bag End, o tão sonhado Field of Dreams, e os mais recentes complexos habitacionais que funcionam como co-housings: East Whins, Soillse e, atualmente em construção, o West Whins. Logo na entrada está o Findhorn Bay Caravan & Holiday Park onde é possível acampar ou alugar um trailer por temporada.³⁴

³³ Este mapa é distribuído pela Fundação Findhorn aos participantes dos programas para que possam melhor se localizar.

³⁴ Dados oriundos das entrevistas.

O design do espaço físico do Park é, em essência, baseado nos princípios da Permacultura, buscando um melhor aproveitamento dos recursos e o menor esforço na gestão. Priorizam os caminhos de pedestres e criaram vários pequenos espaços de convivência, favorecendo as interações comunitárias. As construções são entremeadas por belos jardins, que trazem aconchego e harmonia para o ambiente. Nas construções usam principalmente materiais locais, como madeira e pedras, além de telhados verdes e a orientação solar adequada, para minimizar a demanda energética ³⁵.



Figura 29: Vila dos Barris de Whisky. Findhorn. Foto: Findhorn Foundation



Figura 30: Casa ecológica. Field of Dreams. Findhorn. Foto: Taisa Mattos

³⁵ Idem.



Figura 31: Santiago. Casa Ecológica. Findhorn. Foto: Taisa Mattos



Figura 32: Moon Tree. Espaço da equipe do Jardim. Findhorn. Foto: Taisa Mattos



Figura 33: Casa de pedras. Field of Dreams. Findhorn. Foto: Taisa Mattos



Figura 34: Soillse (Co-housing) Findhorn. Foto: Taisa Mattos

O Park está localizado entre a Baía de Findhorn e o mar, cercado de dunas, o que torna a área privilegiada em termos de natureza. Ao mesmo tempo, cabe dizer que em relação às construções, existem diversas limitações relativas à legislação local, o que faz com que os antigos trailers ainda sejam utilizados para a moradia de membros.³⁶

A comunidade gera atualmente a maior parte da energia que consome, através das 4 turbinas eólicas que possuem, além das placas solares. A geração de energia envolve ainda a utilização de geradores de biomassa, o aquecimento solar da água e lenha para o aquecimento de alguns espaços. Durante anos produziram mais energia do que precisavam para abastecer a comunidade. Nessa época, o excedente era redirecionado para a rede pública, gerando renda para a comunidade. Com a construção dos novos conjuntos residenciais no entorno, voltaram a consumir energia externa.³⁷

Para a gestão da água, criaram a *Living Machine* (cuja tradução literal seria Máquina Viva), uma sequência de tratamentos biológicos que cuida das águas servidas. Além disso, fazem a captação da água da chuva para regar as plantas e também criaram um lago artificial ao lado de Cullerne Garden, onde são plantados os alimentos, garantindo, assim, a irrigação da área. A comunidade faz a compostagem de seus resíduos orgânicos, que são transformados em adubo e utilizados no plantio, além de cuidarem da destinação adequada dos demais resíduos, reutilizando materiais e encaminhando o que não é necessário para a reciclagem. Realizaram, ainda, um trabalho

³⁶ Dados oriundos das entrevistas.

³⁷ Idem.

de recuperação da vegetação local, com posterior reflorestamento, sendo a iniciativa premiada pelo governo escocês (BRAUN, 2001 apud CUNHA, 2012).



Figura 35: Living Machine. Tratamento das Águas. Findhorn. Foto: L. Schnadt



Figura 36: Turbinas eólicas para geração de energia. Findhorn. Foto: Findhorn Foundation



Figura 37: Área de Reciclagem. Findhorn. Foto: Taisa Mattos



Figuras 38 e 39: Cullerne Garden. Plantio de alimentos. Findhorn. Fotos: Taisa Mattos / Findhorn Foundation

4.3 FINDHORN E A NOVA ECONOMIA

Em relação aos aspectos econômicos, Findhorn também inova. A comunidade desenvolveu e implementou diversas ferramentas para fomentar a economia local, estimulando a circulação de bens, produtos e serviços na região, entre elas: empreendimentos sociais, clube de carros, moeda complementar e até a criação um ‘espaço da abundância’, a *Boutique*, conforme detalharemos nesta sessão.

A criação de bancos e moedas comunitárias é uma ferramenta utilizada por muitas Ecovilas para aquecer a economia local. Findhorn criou a Ekopia Resource Exchange, uma cooperativa de beneficiamento comunitário que capta recursos para investir em empreendimentos da comunidade. Atualmente a Ekopia possui mais de 250 membros envolvidos e administra um capital de cerca de 1 milhão de libras esterlinas. Fundada em 2001, está registrada como uma ‘Sociedade de Previdência Industrial’ (*Industrial and Provident Society*). Os projetos comunitários que precisam de investimentos são identificados e os recursos necessários para sua implementação, ou revitalização, são captados dentro da própria comunidade. Entre as iniciativas beneficiadas estão: Findhorn Wind Park, Phoenix Community Stores, Park Ecovillage Trust, Newbold House, entre outros. (EKOPIA, s.d)

O sistema gera múltiplos benefícios para a comunidade. Os investidores se tornam co-proprietários dos negócios e estes evitam os financiamentos bancários que geralmente possuem altas taxas de juros, criando um ciclo virtuoso onde todos se beneficiam (DAWSON, 2006).

A Ekopia é também responsável pela criação da moeda social comunitária, o EKO, que tem paridade com a libra, moeda oficial local. Desde sua criação, em 2002, de 15.000 a 20.000 EKOS estão em permanente circulação. Os membros recebem parte de sua remuneração em EKOS e podem utilizá-los não apenas nos empreendimentos da comunidade como Phoenix Shop, Blue Angel Café e na própria Findhorn Foundation, mas também em empreendimentos da região, como a padaria de Findhorn Village e um bar local. Ao pagar em EKOS, é oferecido um desconto de 5% do valor do produto ou serviço, o que estimula a sua utilização. (EKOPIA, s.d).

Um estudo realizado em 2002 pela agência empresarial local sobre o impacto econômico da Fundação Findhorn na região relevou que a comunidade gera em torno de 400 empregos e mais de 5 milhões de libras em negócios anualmente no norte da Escócia. (DAWSON, 2006).



Figura 40: Moeda social EKO. Foto: Taisa Mattos



Figura 41: Lançamento EKOS. Phoenix Shop. Findhorn. Foto: Findhorn Foundation

Outro investimento comunitário da nova economia foi a criação do *Park Carpool*, um clube de carros com o objetivo de oferecer transporte acessível e apropriado para seus membros, além de minimizar o impacto ambiental. O empreendimento teve início em 2007, com 15 membros e 3 carros. Posteriormente receberam um fundo do governo (*Transport Scotland*) e compraram carros elétricos. Os clubes de carros comunitários funcionam muito bem com carros elétricos, uma vez que os carros são geralmente utilizados para curtas distâncias³⁸.

O clube de carros é um exemplo de como compartilhar recursos de forma a beneficiar a todos. Atualmente conhecido como *Moray Carshare*, possui mais de 45 membros e 9 carros, localizados em 3 pontos diferentes entre Findhorn e Forres³⁹. O sistema funciona através de um site onde os participantes agendam dia e hora em que vão precisar do carro, além do local de retirada. Nos custos para a participação, estão incluídas a gestão do sistema e a manutenção dos veículos. O clube é gerido de forma participativa pelos membros, através da utilização da sociocracia⁴⁰.

Um dos membros da comunidade reservou um dos carros do clube para me levar à estação de trem ao final da pesquisa de campo. Muitos utilizam os veículos também para fazer compras no supermercado da região ou resolver pequenas coisas nas vilas do entorno.

³⁸ Disponível em: <http://carpool.findhorn.cc/>

³⁹ Idem acima.

⁴⁰ Sociocracia é um método participativo de gestão, que inclui um processo de tomada de decisão e eleição próprio, entre outros. www.sociocracia.org.br/



Figura 42: Carro Moray Car Share. The Park. Findhorn. Foto: Taisa Mattos



Figura 43: Veículos Moray Car Share. The Park. Findhorn. Foto: Taisa Mattos

Outra inovação em termos do aproveitamento dos recursos e circulação de bens é a *Boutique*, um espaço na comunidade onde você pode deixar coisas (roupas, sapatos, livros, cds, brinquedos e etc.) que não usa mais, e também pode pegar o que quiser. Tem artigos para homens, mulheres e crianças, nos mais diversos estilos e estados de conservação. Existe um galpão anexo onde cada um coloca suas doações, e uma equipe é responsável por lavar as roupas, limpar os sapatos e organizar tudo na *Boutique*, que funciona como uma verdadeira lojinha da abundância.

É comum os viajantes deixarem roupas e objetos que não precisam mais, e também os moradores passarem para deixar coisas ou verificar se algo novo chegou. A

Boutique fica aberta permanentemente, sendo um local de livre acesso para membros e visitantes.



Figura 44: Fachada *Boutique*. Findhorn. Foto: Taisa Mattos



Figura 45: Interior *Boutique*. Findhorn. Foto: Taisa Mattos

Através da utilização desses sistemas alternativos, a comunidade fomenta não apenas a circulação de bens, mas os vínculos entre os membros, possibilitando o uso e a gestão compartilhada de recursos, o que estimula simultaneamente a reciprocidade nas relações comunitárias (MAUSS, 2003) e a emergência da ‘Economia do Amor’ (ARRUDA, 2009), uma economia, que visa o suficiente, a gratuidade, o trabalho voluntário, além de desenvolver os atributos não materiais do ser humano, em harmonia com o meio natural.

4.4 DIFERENCIAIS DA VIDA COMUNITÁRIA EM FINDHORN: BAIXO CONSUMO, BAIXO IMPACTO AMBIENTAL E ALTA QUALIDADE DE VIDA

Findhorn é reconhecida por seu baixo impacto ambiental. Uma pesquisa realizada na Ecovila, em 2006, pelo Centro de Pesquisa em Desenvolvimento Sustentável da UHI (*University of the Highlands and Islands*), confirmou que a Ecovila impacta significativamente menos o planeta, atingindo uma pegada ecológica média de 2.71 hectares per capita, enquanto a média do Reino Unido é de 5.4 hectares per capita. Significa que Findhorn usa 50% menos recursos para gerar 50% menos resíduos do que o usual (TINSLEY, GORGE, 2006).

Esse aspecto é comentado por um de meus entrevistados como uma das fortalezas da comunidade, que investe em diversas tecnologias e sistemas ecológicos para tornar a vida comunitária sustentável.

Acho que o aspecto mais desenvolvido é o chamado ‘*full features*’⁴¹ na definição de Ecovilas. Então temos moinhos eólicos, temos a *Living Machine* para tratar as águas, plantamos nossos alimentos, temos uma floresta sustentável [...] temos todas essas coisas que possibilitam um estilo de vida de baixo impacto. Essa é a nossa fortaleza. É o que faz de nós a mãe das Ecovilas. Não muitas outras Ecovilas tem todo esse leque de facilidades e estruturas (George).

A ‘Mãe das Ecovilas’, como Findhorn é conhecida, além do baixo impacto ambiental, proporciona uma ótima qualidade de vida, que se evidencia através dos relacionamentos na comunidade, da sensação de segurança, pertencimento e do apoio mútuo, e também dos cuidados com a saúde integral, que se dão através das práticas meditativas, da utilização de medicinas complementares, do consumo de alimentos orgânicos, entre outros. Isso sem falar na diversidade cultural e espiritual que enriquecem a vida na comunidade.

Ecovilas são lugares onde se vivencia outro estilo de vida, com mais interação social e menos consumo, mais segurança e acolhimento e menos interferência da mídia, como relataram algumas de minhas informantes quando perguntadas sobre o que mais gostavam em relação à vida em Findhorn: “O que mais gosto é de me sentir segura, baixar a guarda e de estar livre dos *inputs* da mídia, do consumo.” (Notas de Campo – conversa com Anuk). Outra entrevistada, moradora da comunidade, detalha: “Melhor qualidade de vida, sem consumismo, sem TV.” (Joan)

⁴¹ O termo pode ser traduzido como: características, estruturas ou tecnologias plenas.

Em Findhorn, as relações sociais e as atividades culturais preenchem grande parte das necessidades dos membros. Consome-se o essencial, o suficiente para garantir uma vida com qualidade. A conscientização e o acesso restrito à mídia (por opção), além de toda uma gama de ofertas culturais e oportunidades de aprendizado, possibilitam a emergência de uma nova cultura e forma de agir no mundo.

4.5 A EFERVECÊNCIA DA VIDA CULTURAL COMUNITÁRIA

Findhorn tem a sua própria cultura, que mescla aspectos de culturas tradicionais, como o reconhecimento da sabedoria dos mais velhos e a priorização dos encontros presenciais e da vida comunitária, dedicando tempo e espaço para o trabalho coletivo, celebrações e rituais comunitários; com outros ingredientes de diversas culturas, trazidos por cada indivíduo que decidiu abrir mão de suas raízes e se juntar à comunidade. Por lá, encontramos danças e cantos de todas as partes do mundo, ouvimos diariamente diferentes línguas, experimentamos a culinária dos mais diversos países.

Os aspectos culturais são uma das fortalezas da comunidade, que não apenas atraem como mantêm as pessoas por lá. O ritmo da vida é intenso e a cultura local, vibrante. Há uma atmosfera propícia para as interações e a expressão artística, de forma geral, como se evidencia na fala de um dos meus entrevistados:

Essa Ecovila particularmente produz sua própria cultura. Toda a vida cultural que qualquer um precisa [...] acontece aqui, seja no Hall, formalmente, ou informalmente nos pequenos grupos, seja como for. Vivemos uma vida cultural rica aqui. Muita música, muita dança, muitos rituais, celebrações. A cultura, e essa foi uma das coisas que me atraiu a este lugar, a cultura é muito rica aqui. O que torna fácil viver um estilo de vida de baixo impacto é você curtir os processos culturais como estava acostumado na cidade. Tenho tudo aqui, não preciso sair para ouvir música, ir ao cinema ou curtir arte. Temos nosso próprio centro de artes visuais, performances, temos tudo aqui (George).

Além de contar com o Universal Hall, o maior espaço de eventos de toda a região, com capacidade para aproximadamente 400 pessoas, que possui uma programação semanal incluindo shows, concertos, peças de teatro, filmes, entre outros, e também acolhe os grandes encontros comunitários, várias outras atividades artísticas e culturais são oferecidas frequentemente na comunidade, que conta ainda com um centro de arte, ateliês de cerâmica e tecelagem e um estúdio de dança. Todas essas atividades

buscam integrar a comunidade e despertar a criatividade do grupo, criando um ambiente propício para as mais diversas formas de expressão.



Figura 46: Universal Hall. Fachada. Findhorn. Foto: Taisa Mattos



Figura 47: Universal Hall. Salão Principal. Findhorn. Foto: Findhorn Foundation

Outro fator que merece destaque é o fato de Findhorn ser um centro internacional de vivências e aprendizagem, recebendo educadores dos mais diversos países ao longo do ano todo. A educação é foco e fortaleza da comunidade, que oferece semanalmente uma enorme variedade de programas e treinamentos sobre assuntos que vão do desenvolvimento pessoal às questões da vida comunitária, passando por tecnologias ambientais, metodologias sociais e novas ferramentas econômicas, além de outras temáticas inovadoras. Dessa forma, muito conhecimento circula pela comunidade, que preza pela diversidade e pela vanguarda em seus ensinamentos.

A questão cultural, claro que Findhorn ainda traz aquilo que há de mais vanguarda no pensamento contemporâneo. Então você não precisa se

preocupar se a onda é sociocracia, porque a sociocracia já chegou lá [...] Você não tem que ir a lugar nenhum para fazer curso, as coisas chegam lá. [...] É muito rico! Pelo contrário, se sair de Findhorn você se torna mais empobrecido nesse sentido. Então se você quer trabalhar com a vanguarda daquilo que está emergindo pra humanidade em termos de desenho social, ecológico e econômico, fica em Findhorn porque as pessoas chegam, elas gostam, Findhorn é magneto (Elisa).

Findhorn é um espaço para se viver, trabalhar, aprender e celebrar. A comunidade dá central importância às celebrações. Tive a oportunidade de participar de alguns momentos celebrativos marcantes durante a minha estadia por lá, entre eles, a comemoração do aniversário de 1 ano de uma bebê, nascida na comunidade, onde apesar da leve chuva o grupo fez um cortejo até o local escolhido pelos pais, para então, todos em círculo, plantarem uma árvore para a criança, e ali enterrarem a sua placenta, cantando e abençoando juntos a sua jornada. Outro momento de destaque foi o casamento de dois membros, para o qual toda a comunidade foi convidada. Uma linda cerimônia, regada de comidas, bebidas, música e dança. O ritual foi conduzido por uma outra integrante da comunidade, e vários membros contribuíram para preparar a grande festa. Isso sem mencionar os famosos rituais de solstício, organizados com esmero pela comunidade, que infelizmente não pude presenciar.

Um dos pontos fortes da comunidade é a beleza das celebrações [...] celebrações com música, com a natureza, espirituais... é uma das coisas que quando eu vejo que acontecem esses momentos, as pessoas realmente são nutridas em todos os níveis. E acredito que a beleza, que a arte, que de alguma forma chama-se cultura [...] a música, o teatro, acredito que as celebrações têm uma importância muito grande (Milla).

Para os que pensam que a vida em uma comunidade intencional cria algum tipo de limitação no acesso à cultura e à educação, Findorn nos mostra como pode ser diferente. Torna-se também relevante observar o quanto a riqueza da cultura local empodera a comunidade, fortalecendo os laços sociais e possibilitando que uma vida simples e de baixo impacto ambiental seja entremeada por belos rituais e celebrações, pela arte, pelo entretenimento e pelo acesso ao conhecimento.

4.6 RITMO E DETALHAMENTO DA VIDA COMUNITÁRIA COTIDIANA EM FINDHORN

Tabela 3: Ritmo atividades semanais Findhorn

HORA	DIA	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA
6:30 às 7:30h	Meditação em Silêncio no Santuário Principal (<i>Main Sanctuary</i>)					
8:00 às 8:30h	Cantos Meditativos (Taize) no Santuário da Natureza (<i>Nature Sanctuary</i>)					
8:35 às 8:55h	Meditação Guiada no Santuário Principal (<i>Main Sanctuary</i>)					
9:00 às 12:15h	Turno de atividades da manhã (serviço/trabalho, cursos e outros programas)					
10:30h	Pausa para o lanche da manhã (<i>Tea Break</i>)					
12:30	Almoço no Centro Comunitário					
14:00h às 17:00h	Turno de atividades da tarde (serviço/trabalho, cursos e outros programas)					
15:30h	Pausa para o lanche da tarde (<i>Tea Break</i>)					
17:40 às 18:00h	Meditação Guiada no Santuário Principal (<i>Main Sanctuary</i>)					
18:00h	Jantar no Centro Comunitário					
19:30h às 21:00h	Turno livre ou atividade da noite					

OBS. As meditações são atividades opcionais.

O ritmo da vida comunitária em Findhorn tem um pulsar bem intenso, que se inicia por volta de 6h da manhã e segue até aproximadamente 22h, sendo a grande maioria das atividades realizadas em grupo, demonstrando a centralidade da vida comunitária. Os princípios e valores que norteiam a caminhada do grupo estão presentes na rotina, e podem ser vistos nas diversas práticas meditativas oferecidas, que abrem espaço para cada um se conectar com o sagrado, consigo mesmo e com o todo; no trabalho realizado coletivamente para a manutenção do espaço e do propósito comum, reconhecido enquanto serviço, ou amor em ação; entre outros, conforme detalharemos ao longo desta sessão.

Em Findhorn, o dia começa cedo para os que querem meditar. De segunda à sexta tem meditação em silêncio no santuário principal, *Main Sanctuary*, de 6:30h às 7:30h. Em seguida, os que apreciam meditar cantando, seguem para o *Taize* (cantos meditativos) no santuário da natureza, *Nature Sanctuary*, de 8:00h às 8:30h, onde o grupo é dividido por vozes: soprano, contralto, baixo e tenor, e cantam em coro músicas

de todas as partes do mundo, em diversas línguas, com a ajuda de livros específicos. O *Nature Sanctuary* é das construções mais integradas da comunidade. Um pequeno espaço feito de pedras, com telhado verde, localizado bem no centro da Ecovila, em uma área cercada por árvores e trilhas. De lá, todos seguem para a meditação guiada no santuário principal, de 8:35h às 8:55h, que é a meditação mais cheia, contando com a presença de boa parte da comunidade e dos visitantes.



Figura 48: *Nature Sanctuary*. Findhorn. Foto: Taisa Mattos

Uma das coisas que me chamou a atenção desde minha primeira visita a Findhorn, em 2010, foi o fato do *Taize* e da meditação guiada serem em sequência, com diferença de 5 minutos entre elas, e em espaços distintos, gerando um certo momento de ‘*rush*’ na comunidade. Os mais velhos, saem antes do fim do *Taize* para dar tempo de se deslocarem para o outro santuário. Alguns, vão de bicicleta, outros, quase correm para que seja possível participar de ambas as meditações.

O *Main Sanctuary* é bem simples. Uma casa de madeira, pintada de lilás por fora e de madeira crua por dentro. Cadeiras estofadas com um veludo bege dourado formam duas rodas, uma encostada na parede e outra menor, mais central. Existe ainda um pequeno círculo de almofadas redondas em torno do centro, onde fica uma pequena mesa, também redonda, de madeira, com uma vela e um arranjo de flores. Cortinas e carpete verdes. Um tecido bem leve, como um véu branco, cobre as janelas, garantindo a entrada de luz e, ao mesmo tempo, aconchego e privacidade. A cada momento, um focalizador responsável conduz o processo. Primeiro, o responsável acende uma luz vermelha lá fora, indicando que a meditação está em curso. Quando a luz está acesa, não

se pode mais entrar no santuário. O pedido é para que se circule em silêncio nessa área da comunidade para não incomodar os que estão meditando. O focalizador, então, toca um gongo anunciando o início da meditação. Quando se trata de uma das meditações guiadas, o facilitador fala ou lê uma inspiração para o momento. Depois, o grupo segue meditando em silêncio até o gongo soar novamente, ao final do período. Dali, cada um segue para iniciar a sua jornada de trabalho. É importante dizer que as meditações são opcionais, portanto, algumas pessoas vão direto de casa para seus departamentos.



Figura 49: *Main Sanctuary*. Findhorn. Foto: Taisa Mattos

Apesar de fazer as refeições juntos ser um aspecto importante da vida comunitária, em Findhorn, isso ocorre apenas no almoço e no jantar. O café da manhã é preparado por cada um, em casa. As acomodações de visitantes possuem uma pequena cozinha, onde são deixados os ingredientes básicos para o café da manhã. Caso alguém queira alguma especiaria, é possível comprar no Phoenix, a lojinha da comunidade.

Dentro de cada setor, antes do início das atividades, os grupos fazem um ‘*attunement*’ (alinhamento, sintonização), em círculo, de mãos dadas, olhos fechados e em silêncio. Esse alinhamento é conduzido pelo focalizador do departamento. É a maneira que utilizam para conectar a energia dos participantes, e também, de cada um com o local e serviço a ser realizado. Após alguns minutos, ainda em círculo, faz-se um ‘*check in*’⁴², onde cada um é convidado a compartilhar como está se sentindo, entre outros. Em seguida, o focalizador apresenta as demandas daquele momento. Mais um minuto de ‘*attunement*’ e cada participante se coloca para realizar uma tarefa. Se

⁴² *Check in* é o termo utilizado para uma ‘checagem de abertura’, ou seja, uma breve rodada onde os presentes dizem como estão se sentindo.

estamos na cozinha, por exemplo, podemos escolher entre cortar legumes, lavar as verduras, montar as saladas ou preparar algum prato especial. No *Park Garden* (jardim do *Park*), as tarefas seriam: regar as plantas, tirar ervas daninhas, plantar, etc. As partilhas de ‘*check in*’, algumas vezes são breves, outras, mais longas e profundas. Sensibilizei-me ao ver como as pessoas realmente se entregam e partilham seus sentimentos e situações íntimas de suas vidas. Isso contribui para o grupo ir se conhecendo melhor e criar vínculos, enquanto servem juntos à comunidade.

Alguns trabalham em escritórios, realizando tarefas específicas, e outros, nos departamentos da Fundação. São eles: cozinha, *home care* (harmonização das casas e espaços comunitários), manutenção, *Park Garden* (que cuida dos jardins) e *Cullerne Garden*, onde são produzidos os alimentos. Os membros da comunidade geralmente passam períodos longos em cada departamento. Os que chegam para os programas, sejam de 1 semana ou 1 mês, são convidados a se integrar em um dos departamentos durante a sua estadia, e ali trabalham algumas vezes na semana, dependendo do ritmo de cada programa. A comunidade acredita que, dessa forma, a pessoa pode contribuir melhor e também aprofundar as suas relações. Ao final de cada período estabelecido, é possível mudar de departamento.

Trabalho, em Findhorn, é visto como amor em ação. O serviço é um dos princípios da comunidade. Isso vem desde os anos iniciais. ‘*Work is love in Action*’ é uma fala clássica do Peter Caddy, um dos fundadores. O turno de trabalho da manhã vai de 9h às 12:15h, com uma pausa para o *Tea Break* (intervalo do chá), quando os grupos param por cerca de 20 minutos e se dirigem ao Centro Comunitário, onde são servidos biscoitos com manteiga, geleia, além de chá e café. Vale dizer que ali há sempre chá e café disponível, a qualquer hora do dia. O *Tea Break* é um momento de encontros e conversas, uma pausa necessária para respirar, caminhar, descansar ou se conectar com os demais. Uma vez encerrado o *Tea Break*, cada um volta para terminar seu turno de trabalho. No final da manhã, um novo ‘*attunement*’ e o grupo está liberado.

Às 12:30h é servido o almoço no Centro Comunitário. Esse é o momento onde toda a comunidade se reúne. O almoço ovo-lacto vegetariano é bastante farto, contando com uma diversidade de pratos quentes, além de saladas e legumes produzidos em Cullerne. Há sempre opções para os que têm alguma restrição alimentar. Diariamente, depois das refeições, tem o *KP* (iniciais em inglês de *Kitchen Petrol* ou *Kitchen Party*),

onde os membros da comunidade se dividem em escalas, com cada grupo trabalhando uma vez por semana na harmonização da cozinha e do centro comunitário. Trata-se de um momento desafiador, já que muitos gostariam de seguir conversando ou de fazer uma *siesta*⁴³. Mas é necessário e dura em torno de 30 minutos.

O Centro Comunitário possui dois grandes salões com mesas, além da cozinha comunitária e banheiros. Do lado de fora, tem um gramado, além de mesas de madeira com bancos, onde as pessoas se espalham quando o tempo está agradável. O salão central é o mais usado. Costuma ficar cheio. O outro é mais tranquilo e silencioso. Existe ainda um salão no andar de cima, onde acontecem encontros e workshops. No salão central existe, também, uma área com sofás e alguns brinquedos para as crianças. Ali fica disponível o *Rainbow Bridge*, o jornal semanal da comunidade, arquivado em um fichário preto e branco florido. É através dele que ficamos sabendo as notícias, não só internas, mas também da região (Forres, Kinloss e Findhorn Village).



Figura 50: Área externa Centro Comunitário. Findhorn. Foto: Taisa Mattos

⁴³ *Siesta* é o termo usado para o momento de pausa e descanso pós-almoço. Muito comum em países como Espanha e Portugal.



Figura 51: Centro Comunitário - salão menor. Findhorn. Foto: Taisa Mattos



Figura 52: Centro Comunitário - salão central. Findhorn. Foto Taisa Mattos

À tarde, entre 14h e 17h, um novo turno de trabalho, com pausa para o *Tea Break*, às 15:30. A cozinha é o único departamento onde as pessoas trabalham apenas 1 turno por dia, pela manhã, por ser considerada uma atividade mais demandante. Seguindo o ritmo da tarde, de 17:40 às 18h ocorre a última meditação guiada do dia, no santuário principal, também opcional. Quando fui, estava bem vazia. Geralmente é o momento de cada um para si, ao término da jornada de trabalho. Independente disso há sempre um responsável comprometido em garantir o espaço da meditação.

Às 18h é servido o jantar no Centro Comunitário. Com exceção de sexta-feira, costuma ser um momento mais tranquilo, pois muitos membros preferem comer em casa para terem um pouco de privacidade. Nas sextas, ocorrem os jantares celebrativos

de encerramento de cursos ou vivências. É também quando os membros da comunidade se reúnem para jantar juntos. A comida é especial, mais elaborada, e é o único momento onde é servida uma sobremesa. Sexta à noite funciona também o bar no Centro Comunitário, e as pessoas bebem cerveja, vinho ou uísque, enquanto conversam e confraternizam. Geralmente, os membros vestem suas roupas mais arrumadas, de festa, para esse momento especial.

Ao longo da semana, existem ainda atividades à noite, no turno que vai de 19:30h às 21h, para os que estão participando de algum programa, e também atividades culturais, encontros ou reuniões comunitárias para os demais.

Durante o final de semana, o ritmo de trabalho é diferenciado. No sábado pela manhã a equipe de *home care* harmoniza as casas. Os hóspedes são convidados a sair até às 9h, para que possam limpá-las e prepará-las para os novos grupos. As equipes dos jardins trabalham em escalas, fazendo só com o primordial, já que é preciso regar algumas plantas e abrir e fechar as estufas. A cozinha também funciona. No sábado, com a equipe semanal, e no domingo, com os grupo do *KP* se alternando.

Domingo tem *Taize* especial no *Universal Hall* ou em um dos outros salões grandes da comunidade, de 9:30 às 10:45h. Nesse momento, a comunidade se reúne não apenas para cantar, mas também para dançar as danças circulares, geralmente, com música ao vivo, já que os músicos presentes são convidados a levarem seus instrumentos. O mais comum é o violão, mas participei de uma roda onde se tocou harpa, e outra ao som do violino. Belíssimo! É um dos momentos que considero mais especiais em Findhorn, ver a comunidade reunida, cantando, dançando e celebrando junto. Domingo é também dia de *Brunch*, às 11h no Centro Comunitário, substituindo o almoço. Muitas vezes, acontece também um bazar, onde as pessoas vendem ou passaam adiante roupas, calçados, utensílios e até móveis.

A vida em Findhorn é bem rica e ativa. Existem muitas opções culturais e de lazer. *Hot Tub*⁴⁴ no Park diariamente disponível nos fins da tarde e noites, sauna em Cluny Hill às quartas e sábados à noite. *Open Mike* (é como um sarau onde as pessoas são convidadas a tocar, cantar ou apresentar o que desejarem) no Centro Comunitário, de 15 em 15 dias. Nesses momentos, o bar funciona e os presentes aproveitam para

⁴⁴ *Hot tub* é uma pequena piscina aquecida.

conversar, dançar e descontraír. Isso além das inúmeras atividades que acontecem no *Universal Hall*, e de encontros mais informais, como reuniões e festinhas na casa de membros ou em algum outro espaço comunitário.

Vale ressaltar que nos países do norte as estações do ano costumam ser bem marcadas, influenciando bastante a rotina e o ritmo da vida na comunidade. O inverno costuma ser um período de recolhimento e introspecção, enquanto o verão, de intensidade e extroversão. O verão é a estação do ano em que a comunidade recebe o maior número de visitantes, e que concentra uma diversidade de cursos e workshops. Também é o momento de estar ao ar livre e interagir mais com o espaço e a natureza. Já o inverno é o período que dedicam para avaliações e planejamentos, conforme relata uma de minhas informantes:

No inverno é um pouco mais retirado [...] um tempo mais de planejar, de estudar de alguma forma, de fazer projetos que no verão você não tem tempo de fazer. No verão tá todo mundo do lado de fora [...] o verão é sempre mais cheio, vem mais gente visitar. [...] Então, todos os departamentos têm mais pressão durante o verão, e é quando a gente tem o maior fluxo de pessoas passando, então tem sempre grupos maiores. (Milla)

Durante o verão, os membros têm mais trabalho relacionado à acolhida dos visitantes e preparação dos programas, também em relação ao cultivo de alimentos. Os departamentos de jardim costumam abrir para voluntários, já que é preciso aproveitar a estação para produzir. Independente da estação, Findhorn está aberta para receber visitantes durante o ano todo, oferecendo uma vasta programação que disponibilizam em seu site.

4.7 HISTÓRICO DO DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO E DAS ORGANIZAÇÕES: A CRIAÇÃO DA ‘COMUNIDADE DE COMUNIDADES’ E SEU IMPACTO NA REGIÃO

Findhorn é conhecida como uma ‘Comunidade de Comunidades’. Alguns de meus informantes comentaram que essa expansão já existia na visão inicial de Eileen Caddy: criar uma comunidade, que se tornaria uma vila e mais tarde uma cidade, a cidade da luz, como os ‘nativos’ preferem chamar. Aprender a gerir uma estrutura desse porte é um dos grandes desafios do grupo, conforme veremos a seguir.

Segundo Marion, antiga moradora da comunidade, que atualmente integra o time de gestão, no início, estavam os fundadores, depois vieram alguns amigos e ao longo dos anos 60 e início dos anos 70, mais e mais pessoas chegaram, unindo-se ao grupo. Alguns compraram ou alugaram trailers no parque de trailers onde a comunidade se estabeleceu, outros, casas na região. Assim, a comunidade começou a se organizar. Em 1972, a Fundação Findhorn (*Findhorn Foundation*) foi instituída enquanto uma *Charity* (instituição filantrópica), com o objetivo de investigar os princípios espirituais, a essência de tudo, e colocar isso em prática, sendo também um local de demonstração desses princípios e práticas. Nesse momento, o grupo já tinha 10 anos de caminhada comunitária, mas a estrutura organizacional ainda era simples, uma vez que tudo o que era a comunidade fazia parte da Fundação Findhorn.

Durante os anos iniciais, diversos empreendimentos se estabeleceram a partir da comunidade, como a ONG de reflorestamento *Trees for Life*, a escola antroposófica *Steiner School*, a loja de conveniência da comunidade, *Phoenix Shop*, a editora *The Press*, uma empresa de painéis solares, o *Universal Hall*, entre outros. Sendo a Fundação uma instituição filantrópica, os empreendimentos que cresciam e se tornavam rentáveis, precisavam se tornar independentes. Empreendimentos ligados à sustentabilidade também não cabiam em uma *charity* espiritual, de educação. Foi então que, nos anos 80, esses empreendimentos começaram a se emancipar, aumentando a complexidade em relação aos limites da comunidade. Já não era mais tão simples delimitar quem pertencia e quem não pertencia, e de que forma, já que a grande maioria dos empreendimentos da região foi criada a partir da Fundação Findhorn, ou de pessoas que chegaram para se juntar à comunidade.

Nos anos 2000, formou-se a associação comunitária, NFA – *New Findhorn Association*, como uma tentativa de incluir os que gostariam de pertencer oficialmente à comunidade, alargando o círculo comunitário para além da Fundação Findhorn.

A NFA é vista como uma comunidade maior porque quem está na NFA, muitas vezes, não é parte da Fundação. Então quem vive dentro da Fundação, se sente representado pela Fundação, e quem está fora, se sente representado pela NFA. (Milla)

Desta forma, foram incluídos aqueles que gostariam de estar junto da comunidade, mas que, por algum motivo, não tinham como se vincular à Fundação, ou ofereciam trabalhos que não eram necessários para a Fundação. Como exemplo, podemos citar

mães com crianças pequenas, que não conseguem participar das atividades comunitárias por terem que se dedicar ao cuidado dos filhos, pessoas que necessitam de cuidados especiais, ou que precisam de mais recursos financeiros do que é possível gerar na Fundação, entre outros.

O *Park (The Park)*, comprado pela Fundação em 1982, possui atualmente uma estrutura que comporta diversos empreendimentos, entre eles: a NFD - *New Findhorn Directions*, subsidiária comercial da Fundação que provê infraestrutura, acomodação, entre outros serviços, e opera o *Findhorn Bay Caravan & Holiday Park* (local para camping e trailers de locação por temporada) e a *Living Machine* (sistema ecológico de tratamento de água). A *Duneland*, responsável pelos empreendimentos imobiliários; a *Ekopia*, a *Trees for Life*, o *Moray Art Center*, o *Universal Hall*, o *Blue Angel Café*, o *Phoenix Shop* e diversos outros empreendimentos. Isso sem falar nos *B&B* (acomodações temporárias para visitantes) e também, nos núcleos residenciais independentes: *Bag End*, *Field of Dreams*, *Soillse* e *East Whins*. Como relata uma de minhas entrevistadas: “Somos muito complexos. No passado estava ok. A comunidade hoje significa todos os círculos” (Marion).

É interessante observar que, apesar da comunidade estar em constante crescimento, a Fundação Findhorn permanece aproximadamente com o mesmo número de pessoas envolvidas, entre 80 e 120 membros, conforme detalha Marion:

A Fundação Findhorn não cresce há anos, há 30 anos. Tem 78 membros/funcionários, entre 20 e 40 voluntários e está cada vez mais focada em educação. No início era mais um *ashram*, um lugar de auto-desenvolvimento para os membros e visitantes. Havia programas para visitantes [...] Cada vez mais, uma variedade de coisas acontecem. Hoje são 24 organizações distintas no Park. Fiz um relatório sobre isso para os *trustees*⁴⁵, sendo 01 a Fundação, 01 os *B&B*, que são mais de 10, além de outros 21 negócios ativos a cerca de 10 milhas de distância. É difícil definir a nossa comunidade, desenhar o nosso círculo (Marion).

O crescimento da comunidade, além de trazer complexidade, traz também riquezas, não apenas para a comunidade, mas para a região do entorno. Esse impacto da comunidade na região, evidencia-se através do depoimento de outros informantes, que vêem Findhorn como um pequeno *hub* de empreendimentos sociais.

⁴⁵ *Trustees* são os administradores/representantes legais da Fundação Findhorn.

Em todas essas iniciativas, empreendimentos sociais e o *Transition (Town)* Forres, o impacto não é da Fundação Findhorn, mas da Comunidade Findhorn, que está crescendo e se fortalecendo e trazendo muito dinheiro e recursos e pessoas e entretenimento... fizemos dessa área um pequeno *hub* [...] Acho que esse é o lado dos benefícios mais amplos das Ecovilas, o que fazem além do que fazem para elas mesmas. Como é? Qual é o efeito, o impacto na área local. Aqui existe! “Pense globalmente, aja localmente”. Existe muito disso (Cristopher).

É um pequeno *hub* crescendo. Fizemos um estudo em 2002 sobre micro empreendimentos na região. É um hub de empreendimentos sociais, com aproximadamente 40 afiliados. Todos atribuídos à Fundação Findhorn. Não estariam aqui de outra forma (Marion).

Podemos sentir a quantidade de pressão na qual a Fundação se encontra, por toda a comunidade. Basta olhar para as casas, o desenvolvimento, as pessoas. Quero dizer que não há mais como nenhum de nós saber quantas pessoas estão aqui, ou quem são, porque são mais de mil pessoas ao redor, que estão aqui porque a Fundação de alguma forma criou um... o quê? Um tipo vibrante de espaço criativo. [...] Essa área tem uma das maiores quantidades de empresas sociais por população em toda Grã Bretanha! Ninguém ainda escreveu uma boa história sobre isso, mas o índice é realmente alto se comparado com... se formos ver, todas as outras vilas na Escócia, qualquer lugar a não ser que seja do lado de um grande centro ou perto de uma indústria, não há tanta sinergia, mas aqui temos muita (Cristopher).

Findhorn está claramente contribuindo para o desenvolvimento local sustentável da região, trazendo pessoas com conhecimentos diversos que estão implementando uma ampla gama de negócios cujo foco não é ganhar dinheiro, mas gerar trabalho e melhorar a qualidade de vida do entorno. O que antes era uma antiga península de férias é hoje uma referência em termos de revitalização local, empreendedorismo e novas formas de relações sociais e de trabalho, servindo de modelo e inspiração para muitas outras experiências afins.

Cabe ainda destacar o conceito de sinergia, citado acima por um de meus entrevistados, como um grande diferencial do modelo de desenvolvimento de Findhorn e de outras Ecovilas, em relação ao modelo convencional (*business as usual*). A comunidade funciona como um vórtice, atraindo pessoas interessadas na criação de uma outra forma de vida, mais integrada socialmente e menos impactante em relação ao meio ambiente. A sinergia ou conectividade gerada por Findhorn vai além das relações com o entorno, abrangendo também outras instâncias e organizações, como comenta Elisa:

Eu, pessoalmente, desde que cheguei lá fui polindo essa questão da conectividade com o *mainstream*, esse foi o meu chamado, com as Nações Unidas. A gente conseguiu trazer Findhorn pra se tornar *UN-HABITAT Best Practices Designation*, trouxe as Nações Unidas pra Findhorn, levei Findhorn pras Nações Unidas (Elisa).

Em outro trecho do depoimento, a entrevistada revela:

Mas eu sempre me interessei por isso. Por isso que o CIFAL Findhorn nasceu, um centro de treinamento da ONU [...]. Meu interesse era esse, trazer as autoridades locais para ver o experimento, levar o experimento de Findhorn para as autoridades locais, enquanto eu honro as raízes (Elisa).

A conectividade com o entorno e com o sistema dominante evidencia-se na criação do CIFAL Findhorn (Centro Internacional de Treinamento para Atores Locais), um centro de treinamento formalmente associado à UNITAR (Instituto de Treinamento e Pesquisa das Nações Unidas), que atua na capacitação de agentes locais, assim como, na relação do Findhorn College com instituições formais de ensino, permitindo aos alunos cursarem programas imersivos na comunidade como disciplinas, principalmente relacionados ao estudo de práticas e tecnologias ecológicas. As Ecovilas não apenas buscam essa conectividade com o entorno e demais instâncias, como também criam diversos tipos de alianças para permitir que o conhecimento gerado ali possa ser difundido e utilizado em outros contextos.

Não apenas Findhorn, mas muitas Ecovilas funcionam como verdadeiros *hubs* em suas regiões, atraindo pessoas, negócios, investimentos e contribuindo para o desenvolvimento local de forma mais ampla. Durante a conferência da Rede Global de Ecovilas realizada em ZEGG, na região de Bad Belzig, na Alemanha, o prefeito da cidade participou da sessão de abertura, agradecendo a presença da Ecovila na vizinhança, e os impactos positivos que trouxe para a região. O mesmo ocorre em relação à Sieben Linden, outra Ecovila na Alemanha, conforme citado por uma de minhas entrevistadas, antiga moradora de lá, que atualmente reside em Findhorn:

Se olhar para Sieben Linden, todas as vilas na região estão morrendo. Pessoas velhas, não há emprego, os jovens estão partindo. Sieben Linden é a única que está crescendo, que tem um número grande de famílias jovens, estão integrando os mais velhos, novos empregos surgindo... e os governos estão olhando para isso e dizendo: “Uau, o que vocês estão fazendo?! Não existe nenhum financiamento acontecendo aqui então o que é isso?” É o mesmo que estão perguntando no Senegal (Angela).

É também notório o impacto positivo referente ao estabelecimento da Ecovila Damanhur, na região de Piedmont, no norte da Itália, onde foram implementados diversos negócios sociais, entre eles o CREA, onde funciona um supermercado orgânico, um centro de arte, um café/restaurante e outras facilidades como consultórios médicos e cabelereiro, todos criados e geridos pela comunidade. O próprio prefeito da cidade é membro de Damanhur, evidenciando os fortes vínculos da Ecovila com a região, além de outros membros da comunidade que integram a equipe do corpo de bombeiros e da Cruz Vermelha local.⁴⁶ O fomento ao desenvolvimento local é, sem dúvida, umas das grandes contribuições das Ecovilas, de forma geral.

4.8 A GOVERNANÇA EM FINDHORN

Para compreendermos a governança em Findhorn, foi necessário investigar diversos aspectos relacionados à gestão comunitária. Do histórico da liderança a questões relativas às relações de poder e privilégios no grupo, os métodos de tomada de decisão utilizados, a visão de poder e o que se espera de uma liderança, além dos desafios da gestão de uma comunidade desse porte.

Ao buscarem novas formas de relação social, as Ecovilas buscam também implementar outras formas de compartilhar o poder, de defini-lo e de geri-lo cotidianamente. O poder é visto como matéria prima da liderança, e a intenção é passar do modelo hierárquico de poder SOBRE, para o modelo participativo do poder COM. Nessa perspectiva, o poder passa a ser visto como um processo transitório, que nasce da interação social e circula entre as pessoas, indo de encontro à noção de poder de Hannah Arendt, posteriormente desenvolvida por Habermas, onde o poder está relacionado à capacidade de ação coletiva, partindo do diálogo e de uma visão comum (ARENDT, 1970 apud HABERMAS, 1980). Em Findhorn, fala-se bastante em liderança circular, onde cada indivíduo é convidado a contribuir com seus dons e habilidades, de forma a fortalecer o grupo como um todo. A maior parte dos ‘Ecovileiros’ acredita que nenhum líder é capaz de trazer todas as respostas nesse momento de incertezas, e cada indivíduo é necessário para fazer a mudança acontecer.

⁴⁶ Fonte: Vídeo *Damanhur: for a culture of peace*, que me foi presenteado durante a Conferência da Rede Global de Ecovilas em ZEGG.

Redesenhar os processos de governança não é uma tarefa simples, uma vez que as estruturas hierárquicas estão enraizadas há muitos anos em nossa sociedade. Não existe uma fórmula, cada Ecovila está desenvolvendo o seu próprio processo de governança, a partir das suas experiências e possibilidades. Em Findhorn, apesar de muito já ter sido testado e implementado nesse sentido, evidenciou-se ao longo da pesquisa de campo que a governança e as relações de poder ainda são aspectos a serem revistos e aprimorados pela comunidade. Implementar processos descentralizados de gestão e processos decisórios realmente participativos e inclusivos são alguns dos aspectos a serem equacionados pelas Ecovilas, de forma geral, ao se colocarem enquanto modelos de uma nova ordem social.

4.8.1 Histórico da Liderança em Findhorn

Findhorn não foi estabelecida enquanto uma comunidade intencional. A comunidade aconteceu a partir do trabalho de cultivo de alimentos em parceria com a natureza. O casal Peter e Eileen Caddy, seus 3 filhos e a amiga Dorothy Maclean foram morar no parque de trailers porque essa era a sua possibilidade na época. O plantio de alimentos também se deu a partir de uma necessidade. Foi então que, de alguma forma, a *'mágica'* aconteceu. O termo nativo *'mágica'* é utilizado para falar do inesperado, do improvável ou inexplicável. Dorothy descobriu o dom de se comunicar com os espíritos da natureza, e assim recebeu instruções de como realizar o plantio. Nas condições mais adversas, os fundadores conseguiram não apenas produzir alimentos, mas alimentos orgânicos, com dimensões muito além das usuais. Foi isso que atraiu outras pessoas curiosas e interessadas em investigar essa relação com a natureza e com a espiritualidade, dando origem à comunidade.

Os fundadores não imaginavam fundar uma comunidade. Meditavam, tinham *'guiança'*. Estavam aqui com o propósito de colocar os princípios e valores espirituais na prática diária, cotidiana (Marion).

Segundo relatos, Dorothy tinha a habilidade de se comunicar com os espíritos da natureza e Eileen ouvia uma *'pequena voz interior'* que lhes davam coordenadas de como proceder. Enquanto as fundadoras exerciam suas lideranças de uma forma sutil e indireta, como *'guiança'*, usando o termo nativo, Peter Caddy, que era um ex-militar, exercia uma outra forma de liderança, bastante autoritária, pelo que pude compreender.

A liderança autocrática de Peter Caddy e a relevância desse estilo de liderança no princípio da comunidade evidencia-se na fala de Karl, um antigo morador:

Ele [Peter] era um líder muito autocrático e o estilo de liderança dele foi super importante. Nós precisávamos disso na Fundação, nos dias iniciais dessa comunidade. Mas quando essa comunidade enquanto entidade/ser começou a crescer e se tornar mais madura, não precisava mais do pai autocrático. E Peter não soube, não foi capaz na sua idade e com a sua personalidade de mudar seu estilo de liderança, de se ajustar a comunidade que estava mudando, que havia crescido mais para uma comunidade de consenso, uma comunidade que queria tomar decisões em círculo, com mais pessoas querendo ter voz, e não aquele autocrático *top-down*⁴⁷. E Peter não pôde mudar o seu estilo de liderança, ele era muito ele mesmo. [...] Quando falo essas coisas do Peter, não tive dificuldade com esse papel nos dias iniciais, e o aplaudo pela sabedoria de sair e não se colocar no caminho da comunidade crescendo (Karl).

É interessante observar o quanto o estilo de liderança e gestão foi mudando a partir do próprio processo evolutivo do grupo. No início, uma liderança mais direta conduziu o grupo em sua fase de estruturação. Seguiam as ‘guianças’ recebidas pelas fundadoras, ou os comandos de Peter Caddy. Não havia questionamentos ou discussões. O grupo simplesmente acatava e fazia o melhor para implementá-los. Após alguns anos de caminhada, com mais maturidade, a comunidade foi se empoderando para assumir essa gestão, e tomar as decisões coletivamente, como detalharemos mais adiante.

Chegou um momento na história de Findhorn em que Peter Caddy se afastou (1979) e as fundadoras também abriram mão de seu papel de conduzir o coletivo através de suas ‘guianças’. Foi então que o processo de liderança circular começou a acontecer, possibilitando a experimentação de uma nova forma de governança.

Atualmente, em Findhorn, não há um líder ou alguém que possa ocupar esse lugar. A comunidade, nesse meio tempo, cresceu e se complexificou. Existem hoje cerca de 600 pessoas diretamente envolvidas, além de diversas instituições, cada qual, com sua própria forma de gestão e liderança. Há quem sinta falta de um líder inspirador, como se evidencia na fala de um de meus informantes a seguir, que vive há mais de 30 anos na comunidade. Há também, quem se sinta estimulado por esse campo aberto para experimentações.

⁴⁷ *Top-down* é uma decisão autocrática, de cima para baixo.

A coisa engraçada nessa comunidade é que tivemos estruturas diferentes de governança, mas desde que Eileen, Peter e Dorothy deixaram seus papéis de liderança, temos sido muito relutantes em identificar uma liderança para essa comunidade. Acabamos com um círculo de *managers* (gestores) [...] mas na maior parte do tempo aqui acho que nos limitamos como comunidade por esse tipo de estrutura de governança, porque os gestores se certificam da gestão [...] mas na verdade, não temos um líder. Através da decisão deles, de alguma forma, estão liderando, mas a liderança, esse lugar, esse papel da liderança não lhes pertence. Faz muito tempo que não ouço uma liderança falar sobre uma visão inspiradora para essa comunidade (Karl).

Com o afastamento dos fundadores, a Fundação Findhorn foi criando seu próprio sistema de gestão, assim como cada outra instituição ligada, de alguma forma, à comunidade, incluindo formas diferenciadas de tomadas de decisão, como veremos mais adiante.

4.8.2 Outras considerações sobre liderança

Durante a pesquisa de campo, uma atenção especial foi dada a questão da liderança, no caso, das lideranças na comunidade. De fato, observa-se uma estrutura de governança, mas não a presença de um líder. Muitas comunidades intencionais formaram-se a partir da figura emblemática de um líder, o que, de certa forma, faz com que a estrutura funcione mais facilmente. No caso de Findhorn, de acordo com o depoimento de meus entrevistados, com o afastamento dos fundadores, a liderança foi se estabelecendo organicamente, a partir da implementação de estruturas de gestão e das potencialidades emergentes do próprio grupo.

Nas entrevistas que conduzi com diversos membros da comunidade, uma das perguntas dizia respeito à questão da liderança. As perguntas variaram de acordo com o foco da entrevista, mas a intenção era compreender se durante todos esses anos alguma liderança havia se destacado, porque o entrevistado a considerava uma liderança, que qualidades eram esperadas de uma liderança para esta comunidade, entre outros. Na maioria dos depoimentos, o nome de Peter Caddy foi citado como um grande líder na história da comunidade. Em relação ao momento atual, alguns nomes emergiram mais de uma vez, como o de Ana Rodhes, que há pouco deixou o cargo de diretora da Fundação, entre outros, sempre acompanhados por um adendo de que nenhum líder tem todas as qualidades, como exemplifico a partir dos trechos a seguir: “Não existem líderes completos.” (Milla). “Um verdadeiro líder, para mim, é aquele que satisfaz as

nossas necessidades [...] O que eu gosto em uma liderança é a capacidade de adaptação”.

(Mel)

[Exemplos de liderança?] Peter Caddy. Uma liderança hoje pode ser o *Listner Convener*⁴⁸ na NFA. Ouvir o que emerge, o que é necessário, quem precisa comunicar. Ajudar as pessoas a conectar, se relacionar. O *chair of management*, na Fundação Findhorn. O gerente das finanças também é uma liderança forte. Alguns facilitadores, alguns fortes como a Ana Rhodes. Cada organização tem seu círculo gestor, seu estilo de liderança. Existem lideranças emergentes, dependendo do assunto. As instituições trabalham juntas. Pessoas diferentes têm estilos diferentes. Não há espaço para uma liderança autoritária, para alguém dizer aos demais o que fazer. Tudo precisa de acordos e negociações. [...] A idéia é cada um encontrar a sua liderança no trabalho em círculo (Marion).

Temos *trustees*, mas é sempre nesse nível de gestão. Gerenciamos nossos problemas, gerenciamos nossas dívidas, gerenciamos nossos pequenos sucessos, nós gerenciamos. E somente nos últimos 4 anos que brevemente tivemos uma jovem mulher espanhola, Ana Rhodes, que teve mais, ao menos energeticamente, que ocupou esse lugar de liderança, dando direção, ao invés de apenas gerir. Numa comunidade como essa, quando você tem todos esses círculos e tanto individualismo, tanta diversidade, e cada um querendo fazer a sua coisa, a sua história, e ninguém querendo ouvir do outro o que deve ser feito, esse papel de liderança é realmente interessante (Karl).

A transição na liderança de Ana Rhodes para a atual gestora foi sentida por vários membros da comunidade. Segundo os depoimentos, Ana possuía muita habilidade para facilitar grupos, lidar com pessoas, enquanto a nova diretora tem mais dons administrativos. Essa mudança teve bastante impacto na comunidade, evidenciando os desafios de se gerir uma instituição dessa complexidade, e também o papel de cada indivíduo, principalmente quando se trata de ocupar uma posição de liderança.

Como exemplo, posso citar que um dos conflitos latentes na comunidade, durante a minha estadia, se referia à questão dos muros e cercas na divisão do espaço comunitário. Ana Rhodes, então, se colocou para facilitar um diálogo sobre o tema no *Universal Hall*. Não pude participar do encontro, mas segundo relatos, foi mais um exemplo de sua maestria na condução de grupos. Ela abriu a sessão mostrando fotos destes muros e cercas, e perguntando como cada um se sentia em relação a eles. A partir daí, abriu-se um espaço de conversa e reflexão, fazendo emergir os mais diversos sentimentos e percepções sobre o tema. O encontro resultou na criação de um grupo de

⁴⁸ Encarregado em ouvir as demandas da comunidade e encaminhar propostas e projetos, além de contribuir na resolução de conflitos.

trabalho para encaminhar uma proposta que possa conciliar a necessidade dos que querem ter cercas para cultivar alimentos, evitando a entrada de animais, com a daqueles que não as querem ver. Em relação à atual diretora, os entrevistados citaram o exemplo de um conflito entre membros, onde ela acabou por acionar a justiça para encaminhar a situação.

Alguns atributos que se evidenciaram na pesquisa relacionados ao que se espera de uma liderança para Findhorn são: carisma, boa comunicação (abertura ao diálogo/escuta ativa), habilidade de responder às situações que emergem, criatividade na busca de soluções, habilidades de relacionamento e inteligência emocional (saber trabalhar em grupo/lidar com pessoas), visão estratégica e flexibilidade/capacidade de adaptação. Parece que aí reside muito do segredo de Ana Rodhes.

Vale ressaltar que em comunidades desse tipo, a contribuição de cada indivíduo pode vir a ser extremamente relevante. Podemos citar, como exemplo, o papel de algumas lideranças como John Talbot, na implementação de tecnologias ecológicas, de Craig Gibsone e May East, na transição da comunidade para se tornar uma Ecovila, e da própria May East, na relação de Findhorn e posteriormente do Movimento de Ecovilas com as Nações Unidas, entre muitas outras lideranças, às vezes invisíveis que, de alguma forma, levam o grupo adiante (FORSTER, WILHELMUS, 2005). “Essa comunidade é construída a partir da visão de indivíduos. Quando o Jonathan [Dawson] saiu, muito da visão de construir uma economia local forte foi com ele. Quando a May [East] saiu, também passou-se a investir menos na Ecovila.” (Mel).

Cabe aqui uma reflexão sobre o papel de cada indivíduo no grupo, e o quanto importante é o empoderamento pessoal e a capacitação em uma comunidade que decide assumir uma liderança circular.

4.8.3 Modelo de funcionamento atual: a estrutura de gestão da Fundação Findhorn

Atualmente, o principal foco da Fundação Findhorn é a educação, uma educação voltada para o desenvolvimento espiritual e a sustentabilidade. A Fundação está organizada como uma *Charitable Trust* (instituição filantrópica) daí vem o nome de seus responsáveis legais, os *trustees*⁴⁹, escolhidos a partir de indicações e nomeações. Os *trustees* são vistos como guardiões dos princípios e propósito da Fundação, e geralmente ocupam o cargo por longos períodos. Atualmente são 9. Os *trustees* apontam o chefe do *management* (gestão executiva/administrativa) em cooperação com os membros. Os demais integrantes da equipe de gestão emergem de suas áreas específicas. Busca-se ter representantes das principais áreas na equipe gestora⁵⁰.

Os gestores (*trustees* e *managers*⁵¹) tomam as decisões maiores, enquanto as decisões menores são delegadas as suas próprias áreas. Na prática, os *trustees* delegam ao *management* a gestão do dia a dia, que busca tomar decisões de forma que atendam às necessidades do grupo. Cabe dizer que, por se tratar de uma organização filantrópica, os *trustees* são voluntários e os *managers* recebem um pagamento simbólico⁵².

Em relação aos processos decisórios, existe ainda um outro círculo, o conselho, que traz a voz dos membros. Esse conselho é formado pelos membros da comunidade que se interessam e se comprometem em contribuir com a gestão, como explica uma de minhas entrevistadas:

O *council* (conselho) é a voz dos *co-workers* (membros). [...] Então é assim: os *co-workers* são todos os trabalhadores, então na verdade, a participação é individual. Ninguém vem te dizer, claro, todo mundo convida, mas você participa o quanto você quer. Para o grupo que quer participar mais, quer ter uma voz que seja ouvida tão forte quanto o *management* (equipe de gestão), é a partir do *council*. Então, o *council* se encontra para discutir muitas das coisas que foram discutidas pelo *management* ou coisas que afetam e refletem o todo. [...] É aberto a todos os *co-workers* (trabalhadores) e você tem que fazer um *request to be part* (pedido para participar) e você tem que ir em três *meetings* (encontros), e nesses três *meetings* você só escuta, e a partir do terceiro *meeting* você participa. E todo *co-worker* pode ir no *council* como *silent observer* (apenas como observador, não pode se posicionar). [...] Quando você vira

⁴⁹ O termo *trustee* significa gestor. *Trustees* são aqueles em quem a Fundação deposita sua confiança.

⁵⁰ Dados oriundos das entrevistas.

⁵¹ *Manager* significa gerente.

⁵² Idem 46.

parte do *council* você é membro de direito e você tem direito de voto.
(Milla)⁵³

Em busca de uma gestão participativa, estes três grupos: *trustees*, *managers* e *council*, são ouvidos nos processos decisórios, participando ativamente das tomadas de decisão na Fundação. Os demais membros podem participar dos encontros enquanto observadores, ou podem também se engajar, vindo a fazer parte do conselho (*council*), caso tenham interesse e disponibilidade em contribuir efetivamente. Qualquer membro que esteja há mais de 1 ano na comunidade pode se engajar ao conselho, ganhando voz no processo a partir de sua participação nos encontros comunitários. Conforme relata Milla: Findhorn “é uma organização muito complexa, às vezes a gente não entende quando a gente chega aqui porque tem muitos diferentes níveis, muitos diferentes círculos” (Milla).

4.8.4 Processos participativos de governança e tomadas de decisão: do consenso para a sociocracia

Na Fundação Findhorn, o grupo optou por tomar decisões de forma participativa, usando o método do consenso. O consenso é uma das formas mais inclusivas de tomada de decisão, onde todas as vozes são ouvidas em busca de se chegar a um ponto de convergência. É um processo lento, que demanda capacitação em relação à metodologia, e também uma facilitação efetiva. Geralmente funciona bem com grupos menores, embora também possa ser usado em grupos maiores, com experiência. (BUTLER, ROTHSTEIN, 1998)

No consenso, cada proposta é apresentada e discutida pelo grupo, antes de se chegar ao momento da decisão. Dependendo do assunto, muita conversa e muitas reuniões ocorrem até que o grupo sinta-se apto a decidir. Não havendo consenso, nenhuma decisão é tomada. Torna-se necessário elaborar melhor a proposta ou apresentar uma nova proposta que possa ser ‘consensuada’ por todos. Chegado o momento de decisão, cada participante tem 3 opções: apoiar a proposta, caso seja favorável a ela; apartar-se, caso não queira interferir no caminho do grupo, mas não

⁵³ Por se tratar de uma comunidade internacional, é comum a alternância de línguas. Em relação a este trecho, a entrevista se deu em português, com alguns termos sendo ditos em inglês, conforme explicita a transcrição.

possa apoiar ou se comprometer com a sua implementação (geralmente por algum motivo pessoal); ou bloquear, quando impede que a proposta seja realizada. É muito raro haver um bloqueio num processo de consenso, podendo acontecer quando um dos membros acredita que aquela decisão vai contra os princípios ou valores do grupo, afeta a sua segurança ou algo nessa direção. (BUTLER, ROTHSTEIN, 1998).



Figura 53: Diagrama Tomada de Decisão por Consenso. Fonte: Potira Preiss⁵⁴

O maior desafio do consenso é que os grupos acabam elaborando demasiadamente as propostas, fazendo com que algumas coisas levem tempo demais para ser decididas e implementadas. Em certos casos, os participantes acabam sendo vencidos pelo cansaço. Diz-se então que houve um ‘cansenso’, quando finalmente chegam a uma decisão porque ninguém mais estava interessado em discutir o assunto. Uma vantagem é que além de ser um processo extremamente inclusivo, após tanta conversa e elaboração, a implementação costuma ser bastante ágil.

⁵⁴ Slide utilizado em aula sobre Processos de Tomadas de Decisão durante o Programa Gaia Education. SP, 2008.

Um caso clássico que aconteceu na Fundação Findhorn, na época em que a comunidade acreditava que todas as decisões deveriam ser tomadas por todos, em consenso, foi quando levaram em torno de 6 meses para decidirem a cor de um carpete. A partir da prática e também ganhando maturidade com o processo, o grupo acabou optando por integrar outras formas de tomada de decisão, delegando as decisões menores para seus grupos específicos e mantendo o consenso para as grandes questões comunitárias.

Quando perguntei a meus informantes sobre os processos decisórios, ficou claro o quanto esse aspecto ainda precisa ser aprimorado pela comunidade, principalmente devido ao tamanho e a estrutura organizacional comunitária, como podemos observar nos relatos de alguns entrevistados: “A Fundação Findhorn é realmente grande para os processos decisórios. [...] São muitos os desafios da tomada de decisão. (Mel)”

Tomamos decisões por consenso. Em grupos pequenos como nos *trustees*, se uma pessoa não concorda, seguimos adiante. Estamos começando a trabalhar com a sociocracia, mais e mais, consentimento. Acho que será bom estar mais ciente de quem é responsável pelo que, quem comunica o que, onde você descobre o que precisa... Mapear isso (Marion).

A Fundação Findhorn está alterando a sua forma de tomada de decisão, passando do método do consenso para a sociocracia, um processo de governança mais completo, mais simples e mais ágil, onde, a partir da prática, as questões vão sendo aprofundadas e aperfeiçoadas. O grupo parece estar animado com essa mudança, como evidenciam-se nos depoimentos a seguir: (sociocracia) “um processo mais representativo, mais ligeiro. Decidir a cor do carpete por consenso é uma canseira!” (Elisa).

Agora Sociocracia é um tema quente. Estamos colocando muita energia nisso. Vai ajudar a nos organizarmos, a sermos mais coerentes socialmente e a ouvir uns aos outros. Acho que por isso digo que continuamos crescendo, porque trabalhamos essas coisas (Cristopher).

Enquanto para alguns a mudança para um novo método de gestão e tomada de decisão é visto de forma positiva, demonstrando a abertura e o pioneirismo da comunidade em testar e implementar novas ferramentas e metodologias, outros, apesar de estarem cientes dessa mudança, ainda se incomodam com aspectos hierárquicos presentes na gestão comunitária, como se evidencia abaixo.

Tivemos hierarquia no início, funcionou, está funcionando. Talvez funcione por um longo tempo, não sei. [...] Estamos falando de hierarquia na Fundação Findhorn. Precisa se tornar parte da Fundação Findhorn antes de mais nada. Enquanto visitante você não percebe. Mas, por exemplo, como as decisões são tomadas. Por exemplo, a decisão se poderíamos ficar na Fundação eu, Eileen (companheira) e o bebê. A

decisão foi tomada pelo grupo do *management*, os que tomam as decisões. Eles levaram 3 meses para tomar a decisão enquanto não sabíamos o que estava acontecendo. [...] E acima do *management* estão os *trustees*, pessoas que não moram aqui. Então, se quero fazer alguma coisa acontecer, tenho que ir para o meu focalizador, que leva para o *management*, que leva para os *trustees* e todo esse processo. Funciona. [...] mas minha experiência com isso foi muito difícil. [...] Precisamos ter hierarquia, pois de outra forma nada seria feito. Porque levaram meses para decidirmos uma coisa, se quiséssemos consenso para tudo levariam anos para que todos nós, de *backgrounds* diferentes, decidíssemos algo. Então a hierarquia funciona porque faz as coisas acontecerem. Por quanto tempo vai funcionar? Não sei! Mas agora estão tentando implementar a sociocracia, que envolve mais pessoas. (Nikolas)

É intrigante perceber a existência da hierarquia também em uma comunidade intencional e Ecovila que busca a igualdade e os processos participativos. Por um lado, conforme citado por Nikolas, serve para criar uma estrutura funcional, mas por outro lado, isso deixa algumas pessoas desapontadas, de alguma forma, como demonstra outra entrevistada no trecho abaixo.

Para mim Ecovila é assim... ser o *optimum* (ideal) de um *settlement* (assentamento), uma comunidade, um assentamento ... e acredito também, de uma forma que seja inovação, um trabalho consciente de resolução de conflitos, de novas estruturas, novas estruturas sociais, mas também de alguma forma de liderança mais circular, que tem aspectos, mas na verdade a gente tem uma estrutura muito piramidal e, de alguma forma, o que eu sinto que falta é um *commitment* (comprometimento), é uma coerência (Milla).

Entretanto, o grupo reconhece a necessidade de se criar uma forma mais efetiva de gestão e de tomada de decisões, e está trabalhando nessa direção, investindo em capacitação e na transição do processo de consenso para o modelo sociocrático.

A sociocracia, que está sendo implementada em Findhorn, é um método de gestão que usa uma estrutura de círculos de elos duplos, onde cada área ou departamento é visto como um círculo e possui um representante eleito pelo grupo. Nos momentos de tomada de decisão, dependendo do tema a ser abordado, cada círculo indica um segundo representante, ou seja, cada subgrupo é representado por duas pessoas – os elos duplos – fazendo com que as informações circulem e estejam acessíveis a todos os envolvidos, além de garantir uma representatividade efetiva. Na sociocracia, as decisões são tomadas por consentimento, conforme detalharemos abaixo. O método envolve ainda uma estrutura de avaliação constante e um processo próprio para a eleição dos representantes (BUCK, VILLENES, 2007).

No processo de tomada de decisão por consentimento, a proposta é apresentada e abre-se uma rodada para perguntas e esclarecimentos. Depois disso, faz-se uma breve rodada de reações para checar se o grupo é favorável ou não à implementação daquela proposta. Então, ocorre a rodada de consentimento onde as possíveis objeções são levantadas. Aqui não importa se você considera a proposta excelente ou mediana, apenas se tem objeções a ela. Quem tem alguma objeção é convidado a apresentar também uma solução, ou seja, de que maneira isso poderia ser contornado. Assim, o proponente faz as adaptações necessárias para que a proposta possa ser implementada. No consentimento as decisões precisam ser boas por hora e seguras o suficiente para serem testadas. Não se espera chegar a nenhuma decisão incrível, apenas algo que possa ser testado e, a partir daí, continuamente avaliado e aprimorado pelo grupo (BUCK, VILLENES, 2007).

Ainda é cedo para avaliar se a sociocracia realmente será condizente às expectativas do grupo, mas a abertura para experimentar um novo processo já deixa a comunidade mais motivada. Tomar decisões em grupo não é uma tarefa fácil. Gerir participativamente uma comunidade com mais de 600 pessoas com trajetórias distintas, também não. Como vimos na fundamentação teórica, são muitos os desafios da gestão comunitária. A partir das conversas e entrevistas que fiz durante a pesquisa de campo, a governança foi o segmento que se mostrou mais insatisfatório na avaliação dos membros da comunidade, a partir das mais diversas perspectivas.

Ao investigarmos com mais profundidade a governança e as relações de poder, observamos que existem ainda outros fatores fundamentais a serem questionados e trabalhados pela comunidade para que possam realmente seguir um caminho não-hierárquico e participativo, como veremos a seguir.

4.8.5 Rank, poder e privilégio

Um aspecto que emergiu da pesquisa de campo e que merece ser analisado por revelar questões sutis das relações de poder é o *rank*. *Rank* pode ser definido como a ‘soma das privilégios’ de um indivíduo. É um tipo de poder que emerge a partir de aspectos culturais, sociais, espirituais ou psicológicos, podendo ser consciente ou

inconsciente (Mindell, 1995). Em Findhorn, *rank* é o termo geralmente usado pela comunidade para indicar questões relativas a poder e privilégios no grupo.

O *rank* acaba por gerar um tipo de hierarquia, visível ou invisível, nas mais diversas áreas. Por exemplo, um professor universitário tem mais *rank* (mais poder e privilégios) na academia do que um estudante. Um guru tem muito *rank* espiritual. O diretor de uma empresa tem *rank* naquele contexto. As características físicas, a etnia e o próprio gênero podem nos proporcionar mais ou menos *rank*, dependendo da situação. Nas culturas muçulmanas, as mulheres tem baixíssimo *rank*.

Em Findhorn, fala-se da importância de reconhecermos nosso *rank* em cada situação, para podermos nos beneficiar desses privilégios, ou para termos consciência dos aspectos sutis envolvidos nas relações sociais. É relevante observar o quanto o *rank* permeia os relacionamentos, garantindo mais poder a alguns, ou gerando conflitos, quando não assumido ou observado.

[O que gera *rank* aqui?] Tempo, experiência e poder pessoal. Então, existem vários tipos de *rank*: tem *rank* espiritual, tem *rank* de dirigência, tem *rank* de experiência, mas normalmente o tempo gera muito *rank*. Quanto tempo você serviu a Fundação gera muito *rank*, com quem você trabalhou e qual tipo de trabalho que você fez gera *rank* e acredito também diferentes personalidades geram mais ou menos *rank*. E também muito *rank* é gerado quando você é inconsciente do seu *rank*. Então as pessoas que não tem consciência do próprio *rank*, muitas vezes, impõe o *rank* delas em cima das outras pessoas. Quando você sabe que você tem *rank*, que você sabe que isso é um *edge* (limite) para outras pessoas, você pode controlar. Mas se você não tem consciência do seu *rank*, o seu *rank*, devasta a outra pessoa. E é posição também: se você é focalizador, você tem *rank* porque é uma posição, se você está em *management* (na gestão), você tem *rank* porque está em *management*, está em círculos que... mas o tempo, vou dizer, é uma das coisas que gera mais *rank* (Milla).

Na Fundação eu diria que de forma mais ampla é o mesmo que no mundo lá fora. Dinheiro gera poder. Se tem dinheiro compra uma casa grande aqui, automaticamente você tem muito *rank*. Infelizmente, numa comunidade espiritual é o mesmo que no resto do mundo (Karl).

A partir dos depoimentos, podemos observar que o tempo de permanência na comunidade é dos aspectos que gera mais poder ou privilégios para os membros, e ainda, que o poder do dinheiro também está presente em uma comunidade que preza por outra forma de economia e relações sociais.

O *rank* nos faz refletir sobre aspectos relativos às relações de poder, muitas vezes subjetivos, que são constantes geradores de conflitos. Em estruturas mais circulares e descentralizadas é extremamente relevante a conscientização em relação ao *rank* e aos privilégios que cada um tem no grupo, a cada situação, possibilitando, assim, que outras formas de interação, menos hierárquicas, possam se estabelecer.

4.8.6 Os desafios da governança em Findhorn

Os desafios da governança podem ser percebidos cotidianamente e são atribuídos a diversos fatores. Há os que reconhecem a governança como uma das fraquezas da comunidade, seja pelo porte ou pela complexidade da estrutura organizacional, pela falta de habilidades específicas no grupo, ou ainda, pela tentativa de construir um processo diferente, onde não há um único líder que dita regras e toma decisões sozinho, mas sim, a vontade de aprender a fazer de outra forma, em grupo.

O descontentamento em relação à gestão comunitária evidenciou-se em diversas entrevistas, conforme trechos a seguir. “Aqui em Findhorn temos reuniões intermináveis para tudo!” (Nota de campo – conversa com John); Não somos bons em governança nem em política. [...] Existem poucas pessoas com visão estratégica aqui. Oito, talvez dez” (Mel).

Acho que essa comunidade é muito disfuncional em termos de governança. Em parte porque é uma comunidade grande e diversa, o que foi uma das razões pelas quais eu vim para cá. Somos muito diversos em organizações: a Fundação é uma organização, o NFA é outra organização, existem outras ONG's, *charities*, negócios... e todas essas partes do corpo não se comunicam muito bem. Existem muitos departamentos, muitos níveis de tomada de decisão, e a comunicação entre os elementos geralmente não é efetiva. É disfuncional! E isso é uma frustração! (George)

Eu acho que aqui é particularmente mais difícil porque não temos uma estrutura hierárquica clara, onde um guru diz a todos o que fazer, ou um bom rei diz o que devemos fazer, ou temos morais e éticas claras e definidas que determinam, orientam o que cada um deve ser ou fazer. Somos muito abertos. Uma comunidade aberta a todas as tradições, todos os tipos de fé, qualquer um com boa vontade pode ser parte da comunidade. De fato, hoje, infelizmente, qualquer um que tenha dinheiro suficiente pode fazer parte da comunidade. Nos tornamos um pouco grandes demais, então qualquer um pode comprar uma casa aqui. Não há uma razão específica para virem, uma conexão real (Karl).

Cabe observar que quanto maior a comunidade, mais complexa se torna a estrutura de gestão, ao mesmo tempo em que a participação comunitária vai ficando mais restrita, passando a ser representativa em muitos momentos. O tamanho (escala) maior faz com que as pessoas deixem de ter vínculos diretos umas com as outras, dificultando os processos grupais e abrindo espaço para a convergência dos mais diversos interesses. Infelizmente, em Findhorn, assim como na sociedade hegemônica, o dinheiro continua sendo garantia de poder, como destaca outra entrevistada: “Uma grande parte do poder de tomada de decisão vive no mundo dos negócios.” (Mel)

A comunidade cresceu e diversos empreendimentos emergiram e se espalharam pelo Park e região, influenciando, direta ou indiretamente, os processos decisórios na Fundação Findhorn. Em alguns momentos, a voz de um membro, que também é responsável por um dos empreendimentos locais, acaba tendo um peso maior, uma vez que aquela decisão vai atrair mais recursos para a comunidade como um todo.

Outro desafio diz respeito ao número de pessoas envolvidas. O tamanho da comunidade e a forma como está estruturada a tornam bastante complexa. Não apenas é impraticável reunir cerca de 600 pessoas em cada encontro decisório, mas também manter vínculos com todos, ou seja, conhecer pessoalmente cada um dos envolvidos, saber da sua motivação para estar ali, entre outros. Tudo isso afeta diretamente o processo da governança, como relata George:

É parte da disfunção no nível da governança. [...] na escala da comunidade maior, sabe, não nos encontramos enquanto comunidade, não existem encontros da comunidade toda. Existem os encontros comunitários, mas aí vão 100 de 200/300 pessoas que moram aqui. Temos 500/600 no entorno, mas sabe, é difícil reunir 500/600 pessoas. Impossível! É impossível viver juntos.[...] Então, o processo decisório no nível da comunidade é realmente difícil. E geralmente leva muito tempo, muitos encontros, vários processos, muitos desentendimentos, indo e voltando na decisão. É um processo. Acho que é algo que poderíamos fazer muito melhor (George).

Não apenas a escala, mas a vontade de serem inclusivos faz com que os processos se tornem lentos. O que deveria servir para potencializar o coletivo, acaba por desestimulá-lo. A mudança do consenso para a sociocracia vem em busca de equacionar essas questões, tornando os processos decisórios mais ágeis e definindo os limites e as responsabilidades de cada círculo, uma vez que atualmente, embora haja vontade e

abertura para integrar outras perspectivas, a estrutura se mostra ineficiente, como se evidencia também no depoimento de uma das gestoras: “É difícil encontrar os limites de quem é responsável pelo quê. Os encontros são abertos para serem inclusivos, mas nem todos possuem todas as informações” (Marion).

Para que cada integrante da comunidade possa opinar a respeito das situações cotidianas que envolvem a gestão comunitária é preciso que as informações sejam acessíveis a todos, o que infelizmente não tem acontecido em Findhorn. Este é mais um dos motivos que levou o grupo a optar pela mudança do consenso para a sociocracia, uma vez que o modelo sociocrático envolve um cuidado maior em relação aos fluxos das informações e transparência nos processos.

Outro aspecto relevante a ser observado relaciona-se à estrutura, ainda hierárquica, de tomada de decisão, com um adendo: a grande maioria dos *trustees*, representantes legais e última instância nos processos decisórios relacionados à Fundação Findhorn, não moram na comunidade, estando desligados do processo cotidiano da vida comunitária. Alguns dos *managers* também não residem na Ecovila, mas na comunidade expandida. Todas essas questões são percebidas pela comunidade, gerando reações diversas. Há os que simplesmente observam: “A gestão está fora. As pessoas não moram lá, não estão lá no dia-a-dia. É um sistema complexo”. (Jenis) e os que analisam o impacto disso na vida comunitária: “Perdemos a capacidade de auto-regulação quando colocamos as decisões fora” (Christopher). Na perspectiva desse antigo morador, também permacultor, atento aos ciclos e a vitalidade dos sistemas vivos, o fato da gestão não fazer parte do cotidiano da comunidade os priva da capacidade de auto-regulação, tão essencial quando se trata da construção de um estilo de vida e de uma cultura que possam ser perpetuados.

A partir da pesquisa de campo fica claro que todos esses aspectos precisam ser observados e equacionados para que o grupo possa seguir seu caminho na criação de um novo modelo de vida. Existem ainda outras questões mais subjetivas a serem investigadas, como aponta Karl, que vive a mais de 30 anos em Findhorn:

O problema é que temos muita visibilidade, muitos holofotes apontados pra cá. Temos que ser/parecer perfeitos. E na vida real não é assim. As pessoas erram, fazem coisas ruins, mas isso não pode aparecer. Então segue-se adiante e espera-se o tempo ‘apagar’ [...] Um erro é que não avaliamos. Essa comunidade não revisa os processos. Como está a gestão

agora? Está lá nos documentos, mas não acontece. O problema não é que não foi pensado ou que não foi escrito, é que não é colocado em prática. Na prática, não acontece. Ao invés de parar e rever, tenta-se corrigir e seguir em frente. Fazem-se curativos. É preciso parar, olhar e mudar, e isso não se faz com ‘o carro andando’. Tenta-se consertar, não realmente rever (Karl).

O excesso de visibilidade e o *status* de ‘mãe das Ecovilas’ geram uma certa sobrecarga no grupo. Findhorn é um experimento, como muitos outros. Tem aspectos muito bem desenvolvidos e outros disfuncionais, que precisam ser aprimorados. Revisar os documentos do grupo e investir o tempo e a energia necessários para esses ajustes possam ser feitos torna-se uma demanda eminente no caminho da comunidade.

Vale ressaltar que as comunidades que conseguiram sobreviver aos anos iniciais possuem acordos claros e documentos que norteiam sua caminhada (CHRISTIAN, 2003). Findhorn é uma delas, embora as entrevistas nos mostrem que os documentos comunitários nem sempre são utilizados.

Como vimos, são muitos os desafios relacionados à gestão comunitária. Uma vantagem é que muitos desses desafios já estão sendo trabalhados pelo grupo. Em um grande encontro comunitário, que acontece duas vezes ao ano, onde é feita uma avaliação do processo da comunidade naquele período, a equipe de gestão reconheceu que ‘algumas estruturas não estão mais funcionando’ e que chegou o momento de ‘mudar as coisas, não consertá-las’ (Marion). E estão no momento, revendo o próprio propósito da Fundação Findhorn, buscando solucionar alguns de seus desafios atuais.

4.9 ESPIRITUALIDADE

A espiritualidade em Findhorn está presente desde o início, sendo a base para a formação da comunidade. Espiritualidade aqui não significa religião, mas conexão consigo mesmo e com ‘algo maior’. Está intimamente ligada à noção de interdependência e à relação com a natureza e os demais seres vivos. A crença de que seria possível cultivar alimentos no solo arenoso e pedregoso ao redor da Baía de Findhorn, e os vegetais gigantes que ali cresceram, atraíram pessoas de todo o mundo, muitas das quais decidiram se unir aos fundadores, dando origem à comunidade.

A vida em comunidade traz inúmeros benefícios, mas também desafios, devido à proximidade entre as pessoas e à intensidade dos relacionamentos. Evidenciou-se ao longo desta pesquisa o papel central da espiritualidade em Findhorn, enquanto uma prática cotidiana que favorece a relação entre os indivíduos e sua integração com o meio ambiente, além de contribuir para o desenvolvimento pessoal e comunitário.

Findhorn traz de volta o *sagrado* para o cotidiano. A comunidade reconhece o que há de sagrado nas pequenas coisas da vida, no desabrochar de uma flor, no encontro com um ‘irmão’ ou em uma conversa significativa. O sagrado está presente também nas celebrações e rituais comunitários, como faziam os povos tradicionais. O foco na espiritualidade e uma profunda reverência pela natureza criam um ambiente que favorece a vida comunitária em Findhorn, mantendo viva a noção de interdependência no cotidiano e garantindo a estabilidade do experimento ao longo dos anos.

Cabe aqui distinguirmos espiritualidade de religião. Enquanto a religião está associada a ensinamentos ou dogmas religiosos, rituais, orações e diversas tradições de fé, a espiritualidade relaciona-se com as qualidades do espírito humano, como amor e compaixão, paciência e tolerância, além da capacidade de perdoar. A espiritualidade está ligada à experiência, não a doutrinas ou dogmas (BOFF, 2001). Consolida-se na prática cotidiana, ao abrirmos espaço para vivenciá-la no dia-a-dia. Em Findhorn, o grupo medita junto, em silêncio, diariamente, além de praticarem outras formas de meditação ativa, como danças e cantos. O próprio trabalho comunitário também serve a este propósito, como veremos ao longo desta sessão.

No momento em que vivemos há uma demanda por valores não materiais, uma busca de sentido e de outros valores que possam contribuir para a manutenção da vida, de forma mais ampla. A espiritualidade vem sendo, portanto, revista enquanto uma dimensão profunda do humano. De acordo com o Dalai Lama, “espiritualidade é aquilo que produz no ser humano uma mudança interior” (apud BOFF, 2001, p.16). Partindo desta perspectiva, torna-se fundamental explorarmos o tema da espiritualidade, investigando de que forma a espiritualidade e os valores espirituais podem contribuir para a reestruturação social, de dentro para fora, do indivíduo para a comunidade e sociedade.

Os valores espirituais que temos aqui, não são necessariamente encontrados em outras comunidades [...] então, não acredito que seja essencial a espiritualidade, um sistema de valores espirituais comum. Mas no caso da nossa comunidade, com certeza isso ajuda. É um valor para nós, por certo. E ter pessoas meditando juntas é uma parte efetiva dos relacionamentos (George).

Nem todas as Ecovilas possuem o foco na espiritualidade, mas algumas das maiores e mais antigas, como Findhorn (Escócia), Auroville (Índia) e Damanhur (Itália) ou ainda comunidades mais recentes como Piracanga (Brasil), são exemplos claros da consistência que a espiritualidade traz para a vida comunitária.

4.9.1 Espiritualidade como suporte pessoal e comunitário

Durante o trabalho de campo em Findhorn tornou-se evidente o papel central da espiritualidade, não apenas atraindo pessoas, mas também, servindo à manutenção da comunidade a longo prazo, alinhando valores e práticas e garantindo a estabilidade do grupo, conforme demonstram algumas das falas dos entrevistados:

O caminho espiritual é a razão principal. Se não tivéssemos um caminho espiritual não estaríamos aqui por tanto tempo. O caminho espiritual é uma das grandes razões para estarmos aqui há mais de 50 anos. Qualquer aspecto ou forma de reza, boa vontade, disciplina é sentido como um trabalho espiritual. Mantém a comunidade, o grupo (Marion).

A espiritualidade, em Findhorn, pode ser vivenciada das mais diversas formas. Apesar da meditação ocupar um lugar central, a prática espiritual pode ser realizada através de danças, cantos, rituais ou da forma que melhor convir para cada um dos membros. Não há uma receita única e há espaço para acolher todas as formas de manifestação da espiritualidade.

Adoraria ter uma definição ampla do que é espiritualidade. Mas espiritualidade, na minha perspectiva, é ter algum tipo de prática. Não precisa ser meditação, mas é como... veja quantos tipos de dança nós temos. Acho que mais de 6, mais: clássica, circular sagrada, contato improvisação, biodanza, etc. Para algumas pessoas que fazem isso, essa é a prática espiritual delas. É isso e são consistentes com isso. E empodera as pessoas, as faz mais feliz, não apenas fisicamente. Então espiritualidade, dessa forma mais ampla, pode realmente fazer a comunidade funcionar (Cristopher).

Além de contribuir para o desenvolvimento pessoal e comunitário, o foco na espiritualidade também fortalece o grupo em um nível mais subjetivo, gerando um ambiente de confiança e acolhimento, e proporcionando o suporte necessário nas situações mais adversas. A espiritualidade contribui para o empoderamento de cada indivíduo e da comunidade, como um todo, para lidarem com os desafios cotidianos. A clareza da interdependência e a crença em ‘algo maior’, na vida de forma mais ampla, fortalece o grupo e os estimula a seguir adiante.

Ter a filosofia de que o ser humano tem mais sabedoria do que gera por si mesmo nos dá a possibilidade de sonhar mais alto. A alma e o espírito têm informações. Há muita ajuda e suporte. Não precisamos fazer tudo por nós mesmos (Marion).

A espiritualidade está presente não apenas durante as meditações coletivas e outras práticas espirituais, mas no próprio trabalho do grupo para a sustentação do espaço; nos relacionamentos, onde cada um busca a sua ‘conexão interior’ para então interagir com os demais; e mesmo na forma em que se comunicam. Trata-se de uma prática que permeia e alicerça todos os âmbitos da vida comunitária em Findhorn.

4.9.2 Meditação e outras práticas espirituais

A prática espiritual ativa a percepção, trazendo consciência e presença. Favorece a relação de cada indivíduo consigo mesmo, com os outros e com meio ambiente, contribuindo, portanto, para o fortalecimento da comunidade como um todo. Em Findhorn, a meditação, as danças e cantos são vistos como espiritualidade na prática, assim como, o serviço dedicado à manutenção dos bens comuns. Desde o início a meditação é incentivada no grupo, não como uma prática individual, mas como uma ação coletiva para criar o campo de estabilidade necessário para o desenvolvimento da comunidade.

[O papel da espiritualidade] era claramente definido nos anos iniciais. Isto é, você meditava todos os dias. Se não fosse meditar, Peter [Caddy] dizia: “Vá meditar!” Se não estivesse interessado, então você não estava no lugar certo. Não de forma negativa, que julga, mas era claro que meditar todo dia junto era muito importante. E meditar com a intenção/atenção focada num contexto mais amplo, não apenas na sua prática pessoal, sempre foi o esperado (Christopher).

A prática da meditação cria um campo de paz, de estabilidade. Isso tem sido pesquisado. Existem aspectos práticos em oferecer a meditação.

Muitas coisas podem dar errado. Somos tão sortudos por não ter dado errado! Temos um suporte adicional para lidar com as situações. Espere por um milagre! Os departamentos fazem um alinhamento juntos, a comunidade medita junto no santuário... tudo isso cria um campo, uma *matrix* que nos permite estar mais orientados, conectados. Não há muito ensinamento em relação à meditação. A idéia é sentar junto, em silêncio. Buscar estar presente. Existem muitas formas, grupos de dança, de canto... (Marion).

Em Findhorn, acontecem diariamente três sessões de meditação no santuário principal, além do *Taize*, meditação com cantos, no santuário da natureza, conforme detalhado anteriormente. Além disso, sessões das mais diversas tradições de dança são realizadas semanalmente nos salões da comunidade. Meditar em Findhorn é abrir espaço para a escuta interior e a conexão com o sagrado, a natureza e os demais seres vivos. Cada um medita do jeito que achar melhor. Há os que preferem sentar em silêncio, os que gostam de cantar ou dançar em grupo, entre outras possibilidades. Não há um ensinamento em relação a isso.

Cabe ressaltar que a meditação, apesar de presente desde os tempos iniciais da comunidade, foi estimulada de forma diferenciada ao longo dos anos. Enquanto no início era quase que uma obrigação o grupo sentar junto para meditar, como mencionou Christopher, atualmente é mais um convite a esse momento de conexão e presença, podendo ser realizada da forma que mais agradar a cada um, no horário e local de preferência de cada um.

4.9.3 Serviço como espiritualidade na prática

O serviço também foi estimulado enquanto uma prática espiritual desde o início da vida comunitária em Findhorn, sendo um dos princípios do grupo. Como ficou consagrado em uma frase emblemática do Peter Caddy: '*work is love in action*', ou seja, trabalho é amor em ação, e cada membro da comunidade é convidado, desta forma, a servir diariamente ao grupo e ao propósito comum, através do trabalho comunitário consciente.

Eileen usava o termo: 'divine ordinary' (divino ordinário), Dorothy: 'ordinary mystic' (ordinário místico) e Peter: '*work is love in action*' (trabalho é amor em ação). Colocar valores espirituais em prática. Isso foi o que me atraiu. A proposta de co-criar com os outros, com a inteligência da natureza. A intenção de viver nosso sonho, nossas

aspirações, com o *feedback* dos outros, com o suporte dos outros, com obstáculos co-criados por todos (risos). Acho que é o que faz com que a maior parte das pessoas decida ficar (Marion).

No ritmo cotidiano da comunidade, é comum o trabalho em grupo. Existem diversos departamentos e muitas tarefas a serem realizadas. Geralmente os membros mais antigos realizam tarefas específicas, enquanto os que estão chegando contribuem com as atividades diárias para a manutenção da comunidade, como o plantio ou colheita de alimentos, cozinha ou harmonização das casas e espaços comunitários. O serviço é visto como um tipo de meditação ativa que a pessoa é convidada a fazer para, ao mesmo tempo, se perceber melhor, perceber como está interagindo com os demais e aprofundar seus relacionamentos, além de contribuir para o funcionamento do espaço. É a prática através da qual os membros servem voluntariamente à comunidade e ao propósito comum. Difere do termo trabalho, geralmente utilizado quando estamos realizando uma atividade remunerada para alguém.

Não é trabalho. É ser! Estou interessado em co-criar com a natureza. No início, a comunidade era um lugar de serviço, e nós servíamos. Vivíamos no amor da ação, do fazer. Não havia workshops. Encontrávamo-nos para meditar pela manhã e dividíamos as tarefas. Éramos como “escravos do templo” (*temple slaves*) nos 20 anos iniciais. Trabalhávamos sem esperar nada em troca. Tínhamos comida e uma cama para dormir (Cristopher).

Fica evidente nos depoimentos dos membros o quanto estão ali para servir ao propósito comum de viver em comunidade, co-criando com a natureza e com os demais seres vivos. No início, Findhorn era vista, por alguns, como um lugar sagrado, um templo, e cuidar desse templo, fazendo a vida comunitária funcionar, era a tarefa principal dos membros. Não havia dinheiro envolvido. O trabalho era realizado enquanto uma forma de auto-desenvolvimento, além de servir como troca pela alimentação e hospedagem na comunidade.

Aqui novamente evidencia-se o princípio da reciprocidade voluntária como base das relações sociais em Findhorn. A troca das ‘dávivas’, do serviço ou força de trabalho, para a manutenção do espaço e do propósito comum, pela permanência e aprendizados advindos da vida comunitária (MAUSS, 2003).

4.9.4 O sagrado no cotidiano

O sagrado está presente na vida comunitária em Findhorn, e essa relação com o sagrado evidencia-se nas pequenas ações do dia-a-dia, na forma como as pessoas interagem, no trabalho comunitário e nos inúmeros rituais que realizam. Há um forte sentimento coletivo de reverência e gratidão pela vida. Cada pequena coisa é feita com uma atenção especial, com um cuidado amoroso, evocando o que há de sagrado em cada situação.

A conexão com o sagrado é expressa na fala de muitos moradores e pode ser facilmente percebida no cotidiano da comunidade. Segundo Milla, Findhorn não foi o primeiro grupo a cultivar o sagrado naquele local:

Esse era um lugar sagrado para os *Picts*, que era uma população, populações célticas de antes. Não é o primeiro foco de luz desse lugar. Então de alguma forma é algo que está sendo revivido aqui. E essa nova dimensão de entrar em contato com o Anjo do lugar, com Anjo de Findhorn, com os espíritos da natureza, traz todo um outro nível, e não é uma fantasia, isso é uma realidade aqui. E é uma realidade tangente, tangível pra qualquer pessoa que se conectar (Milla).

A dimensão do sagrado é integrada à rotina da comunidade. Uma das ferramentas ou práticas utilizadas pelo grupo é o *attunement*, ou sintonização. Antes do início de cada trabalho ou atividade, os presentes são convidados a dar as mãos, fechar os olhos e silenciar por alguns momentos buscando uma sintonia fina, um refinamento da conexão, não apenas entre as pessoas mas também com o todo, o sagrado. O *attunement* é também realizado nos processos de tomada de decisão, na resolução de conflitos e no preenchimento de vagas de trabalho na Fundação. O grupo acredita que a partir dessa sintonia vem a clareza do que deve ser feito.

Essa coisa é assim, muito interessante. Porque a gente convida um espírito para fazer parte. O espírito de Findhorn e nem só, o destino, Deus, quem você quiser convidar, a gente convida outro elemento, não é só o nosso mental. Infelizmente nem tudo é *attunement*, no momento tem muita reunião e conversa também. Dá para entender, e ao mesmo tempo, tem os puristas que falam: tem que ter *attunement* para tudo, porque isso é Findhorn (Milla).

O sagrado está também presente na meditação, nos cantos, danças, nas celebrações comunitárias, na certeza da co-criação com a natureza e na conexão com os demais seres vivos.

4.9.5 Co-criação com a Natureza e o Divino: conexão com ‘algo maior’

A espiritualidade e a co-criação com a natureza possuem um papel central na história de Findhorn. Dorothy Maclean descobriu, logo de início, o dom de se comunicar com os espíritos da natureza, os quais denominava *Devas*. Foi através dessa ‘*guiança*’ que o cultivo de alimentos prosperou. Essa relação de parceria com a natureza e com os demais seres vivos é cultuada na comunidade, sendo uma de suas fortalezas.

Uma das especificidades de Findhorn é a dedicação profunda ao espírito/espiritual. Nossos fundadores enfatizavam: coloque o espírito antes de tudo. Temos uma vela no centro de cada círculo. É uma representação de colocar isso no centro da sua vida, de tudo o que faz. Essa dedicação forte ao espírito eles demonstravam através de suas vidas. Ao mesmo tempo em que começaram a viver aqui, veio a conexão com os espíritos da natureza, os *Devas*, através da habilidade de ouvir a Deus, ao espírito e quase que acidentalmente surgiu a possibilidade de comunhão com a natureza. Construíram então essa conexão com a natureza e a espiritualidade profunda. São duas coisas que, combinadas, não encontrei em muitos lugares e que ressoam profundamente em mim (Karl).

Aqui novamente evidencia-se o papel central da espiritualidade na vida comunitária de Findhorn, uma espiritualidade que possibilita a conexão com o Divino, com o sagrado, com a natureza e os demais seres vivos. Em minhas visitas à comunidade não ouvi falar muito a respeito dos *Devas*, a não ser quando os moradores contam a história do lugar. No dia-a-dia, é bem forte a presença dos Anjos. Os Anjos passaram a integrar o cotidiano da comunidade a partir da criação do *Jogo da Transformação*, nos anos 70, um jogo de tabuleiro com foco no desenvolvimento pessoal, criado por 2 membros para contribuir com a caminhada de auto-conhecimento em grupo. O jogo inclui diversas cartas, entre elas, as cartas dos Anjos, que acabaram ganhando vida própria na comunidade.

Ao chegar para participar de um dos cursos ou programas da Fundação, cada pessoa recebe um Anjo, que a acompanhará durante aquele período. Na perspectiva do grupo, esse Anjo traz uma qualidade que você está representando naquele momento, ou algo que precisa desenvolver. Quando cheguei à Findhorn para a pesquisa de campo, fui recebida e direcionada para uma das casas comunitárias que serve de hospedagem aos visitantes. Sobre minha cama estava o Anjo do Poder. Foi um convite a investigar essa qualidade, esse elemento. Durante as atividades comunitárias, também é comum tirarmos as cartas dos Anjos. Pode ser um para cada participante ou um só Anjo para todo o grupo.

A presença dos Anjos e a reverência ao sagrado pode ser percebida no dia-a-dia da comunidade, vista por muitos membros como um foco de luz.

[Findhorn] tem muitos níveis. A nível espiritual é um foco de luz, é um lugar onde a gente é dado espaço e a gente convida e a gente vive em relação com vários seres, então, de alguma forma, os Anjos são reais em Findhorn, os seres da natureza são reais em Findhorn. A gente reconhece isso. A gente permite essa dimensão de existir e a gente, de alguma forma, cultua essa dimensão de existir. [...] esse lugar mudou muito, tem história, tem magia, tem milagres, tem assim... espiritualmente não é uma historinha. Tudo isso existe e acredito que são realmente as pessoas que permitem uma coisa existir mais do que outra. (Milla)

Outro aspecto que me chamou a atenção durante a pesquisa de campo foi perceber que o cartão de visitas da comunidade vem com os dizeres: ‘*Expect a Miracle*’ (em português: espere por um milagre). Essa crença é bem forte na comunidade que quando não tem respostas para alguma situação, deixa sempre o espaço aberto para que um milagre possa acontecer. Os milagres cotidianos foram relatados por alguns entrevistados, estando relacionados aos mais diversos aspectos da vida, geralmente trazendo uma solução pouco provável ou não imaginada, mas providencial, para uma determinada situação, como no exemplo abaixo:

Eu vim finalmente fazer o *Ecovillage Training* (Treinamento em Ecovilas) e foi assim transformador [...] vim para passar um mês e não tinha nenhum compromisso depois disso, mas também não tinha dinheiro, então a minha idéia de que para estar aqui precisa de ter muito dinheiro porque Findhorn custa, mas na verdade se o espírito de Findhorn abre as portas para você, tudo é possível. E eu realmente senti que o espírito de Findhorn abriu as portas para mim, porque no último dia do *Ecovillage* eu fui na meditação e eu senti essa *guidance* (‘guiança’) que me disse: “seria legal se você ficasse mais!” e eu tava “ Yes! Claro adoraria ficar!” aí, assim, em dois dias toda uma historia aconteceu. Precisava de gente na cozinha. “Você quer trabalhar na cozinha?” a gente... eu falei: “sim, eu adoraria mas não tenho dinheiro.” Eles falaram: “não, a gente está precisando, então a gente ajuda.” Então no fim, em uma semana eu consegui... hamm, assim, nos dias finais do meu *Ecovillage Training* eu consegui uma parceria com a Fundação e eles me pagaram para fazer o meu LCG que é o *Living in Community Guest*, para que eu pudesse... é um programa transitório para poder trabalhar na Fundação. Então eu lembro que assim, no ‘*attunement*’ normalmente por mês é ao redor de 300 a 400 pounds. Eu lembro que eu paguei tudo o que eu tinha, era 70 pounds, e assim, eu paguei tudo o que eu tinha e tive fé e depois disso eu acabei ficando 6 meses [...] eu senti que Findhorn abriu as portas pra mim, mesmo sem ter dinheiro, e aqui a gente fala que os milagres são possíveis quando você está alinhado. E ai foi perfeito, porque eu pude estar aqui (Milla).

Fica claro que, em Findhorn, cada acontecimento é visto como parte de algo maior, cada ação é, na verdade, uma cooperação com o todo, com a teia da vida

(CAPRA, 1997). Pelo que pude perceber, essa crença de que o inesperado pode acontecer a qualquer momento, gera uma tranquilidade nos membros, no sentido de não precisarem ter todas as respostas ou soluções. Não é necessário fazer tudo sozinho. Faça a sua parte e a vida se desdobrará. Basta estar aberto e alinhado, disponível para escutar e perceber. Nas situações mais difíceis, espere por um milagre!



Figuras 54 e 55: 'Cartão de Visitas' Findhorn (frente e verso). Fotos: Taisa Mattos

4.9.6 Espiritualidade socialmente engajada

Findhorn apresenta uma espiritualidade coletiva, que passa pela conscientização e pela prática de um novo estilo de vida, pautado em outros valores. As Ecovilas, de forma geral, buscam afastar-se da cultura do consumo, optando pela simplicidade voluntária (ELGIN, 1981), uma filosofia pautada em um modo de vida simples e consciente. Em Findhorn é evidente o quanto o culto à matéria, tão presente na sociedade de consumo, é substituído pelo culto ao sagrado, o quanto a necessidade da posse, do TER, é substituída por uma constante busca de presença, do SER.

Os valores da sociedade de consumo são todos externos. “Vivemos numa sociedade extrovertida”, já que o sistema atual “precisa da extroversão para vender produtos”. Vemos o culto à aparência, ao corpo, ao status, ao ter. Não há pausas para reflexão. Somos estimulados a primeiro agir, para depois pensar. Os impulsos do desejo pelo consumo conduzem muitas de nossas ações enquanto acumulam-se vontades e desejos irrealizados. Lidamos o tempo todo com consumidores vorazes, não com

indivíduos conscientes de suas reais necessidades, capazes da maior das liberdades, a de refletir e de fazer escolhas por si próprios. (TAVOLA em BOFF, 2001, p. 90)⁵⁵

A espiritualidade, a presença do sagrado no cotidiano e as diversas práticas espirituais realizadas diariamente em Findhorn abrem espaço para um olhar interno, para a reflexão e o auto-conhecimento, e possibilitam que novas escolhas sejam feitas, escolhas alinhadas às necessidades de cada um, ao propósito e valores compartilhados pelo grupo. Em Findhorn e em muitas Ecovilas que têm a espiritualidade como base, a construção de uma nova cultura se dá diariamente, a partir da busca da essência, do sagrado e do humano, que tanto se perderam na sociedade de consumo. É interessante observar que os que fazem parte desses experimentos têm a clareza de que trabalham não apenas por si, mas de que estão contribuindo para a criação de outras socialidades, mostrando que é possível viver de outra forma, a partir de outros valores.

Para mim, grande parte do meu sistema de valores é uma vida de baixo impacto, não materialista, um estilo de vida sem o consumismo. Mesmo vivendo bem confortável, eu não vou ao shopping. Detesto ir ao shopping, fazer compras... não suporto! Então, para mim, isso é uma prática espiritual...viver! Minhas roupas, todas as minhas roupas vêm da *Boutique*⁵⁶, ou me foram dadas por amigos ou parentes. E não tenho TV, máquina de lavar, não tenho micro-ondas, ferro de passar... eu não consumo coisas. Então viver esse tipo de... o que é chamado simplicidade voluntária, é uma prática espiritual, então, para mim, essa é uma parte importante. Viver a vida em termos de fazer o seu melhor, a cada momento, ter um estilo de vida consciente, de coração aberto, combina com o que falei antes da necessidade das pessoas se sentirem ativas. É um tipo de 'ativismo sagrado' (George).

A espiritualidade, enquanto prática cotidiana para a transformação do ser e da realidade faz emergir uma nova visão, a da espiritualidade socialmente engajada. Espiritualizados não são apenas aqueles que devotam a vida a cultivar o espírito, ou que se retiram para meditar em lugares remotos, mas também, cada um que reconhece o sagrado nas pequenas coisas, que tem consciência da interdependência e que se coloca a serviço, de certa forma, de utilizar a sua potência criativa para contribuir com a transformação social, de dentro para fora. Uma espiritualidade com propósito e valores, praticada coletivamente, promovendo o engajamento social para a ação coletiva da criação de uma nova cultura.

⁵⁵ Artur da Távola. **O sacerdote ecumênico**. Posfácio ao livro de Leonardo Boff.

⁵⁶ *Boutique* é um espaço comunitário onde artigos diversos como: roupas, sapatos, livros, cds, brinquedos e etc. são deixados por membros ou visitantes e podem ser retirados por quem os desajar.

Me surpreendi ao ver uma forma de espiritualidade que é realmente coletiva. A minha experiência com meditação era de uma prática individual. Existe outra forma de ver a espiritualidade, que é coletiva, e as Ecovilas estão nisso. Não é apenas uma prática, mas isso traz as pessoas junto, as torna mais conscientes (Laura).

O foco na espiritualidade e possibilidade de se engajar em uma ação coletiva e consciente que contribui para a transformação social é o que atrai muitas pessoas para a vida comunitária em Findhorn, como podemos observar nos depoimentos abaixo. A oportunidade de viver com um propósito e valores compartilhados, de fazer parte desse experimento, trazem esperança e motivação, ingredientes escassos em nossa sociedade atual. “O que mais atrai as pessoas é a questão espiritual, seja já como for chamada. Podem viver um estilo de vida mais consciente, esperançoso” (Cristopher).

O que mais ajudou esse lugar a ser bem sucedido foram as bases que nossos fundadores nos deram em relação ao lugar, ao propósito e a prática espiritual. Fazemos por nós mesmos, fazemos pelos visitantes e também pela consciência coletiva, pela paz no planeta, para criar soluções para o planeta. Há propósito no que fazemos! E valores partilhados (Marion).

Findhorn tem um propósito espiritual maior [...] o que acontece aqui, o que a gente resolve aqui tem uma repercussão para todo o planeta, então é o que a gente chama de nível planetário. Tem uma parte que é experimental, que é a relação com a natureza, com os níveis espirituais, co-criar com a natureza. E também, acho que a base de tudo é a prática espiritual [...] a meditação também tem uma parte muito importante, mas o trabalho que inclui o *attunement*, que inclui as meditações coletivas [...] é um dos fundamentos desse lugar, é uma das práticas que a gente não pode esquecer porque é a essência de tudo (Milla).

Ter um propósito que vai além da dimensão local inspira o grupo em sua prática cotidiana. O fato de se sentirem interligados ao todo, evidencia o que o grupo chama de dimensão planetária. Para muitos integrantes da comunidade, a motivação de estar ali é contribuir com a melhoria das condições de vida no planeta, servindo de exemplo prático de como viver de outra forma.

[Findhorn] é um lugar único nesse planeta, onde encontrei uma comunidade que se alinhava a valores muito próximos aos meus, que me conectam ao todo sagrado. Meus valores pessoais estão refletidos nos valores dessa comunidade. Eileen falava da visão da Cidade da Luz. Algumas pessoas estão ocupadas construindo a cidade, construindo casas. Eu estou interessado em mais luz. Não me preocupo com a quantidade de casas ou de pessoas, apenas com a qualidade e quantidade de luz que podemos trazer para esse planeta. Luz como esclarecimento, luz para tornar as coisas mais leves. Estão muito pesadas! Luz como mais consciência, conscientização, mais atenção plena, mais gentileza, compaixão, amor. Escolhi ser parte desse experimento, desse projeto de

construção da cidade da luz. Estou contribuindo para isso. Sinto que está curando, inspirando muitas pessoas no planeta (Karl).

Enquanto a regra na modernidade é a fragmentação, separar, dividir, criar diferentes nichos, nos dificultando a visão do todo, nas Ecovilas há uma busca pela integração, pela unidade, por juntar os mais diversos aspectos da vida, como sociedade e natureza, sagrado e profano, afastando-se da dualidade e fazendo emergir uma consciência do todo.

Vejo as Ecovilas como monastérios seculares, de certa forma. São lugares onde você não precisa anunciar que a vida é uma vida espiritual, apenas vive a vida de forma holística. É essa a questão, é o ponto (Christopher).

Visão holística e apreço pela diversidade são aspectos cultivados pelas Ecovilas, possibilitando uma forma diferenciada não apenas de ver o mundo, mas de agir no mundo.

As pessoas que moram em Ecovilas tem uma busca por algum tipo de ideal, ou espiritualidade. Algumas Ecovilas não são espirituais, muitas são. Existe também uma apreciação pela diversidade e uma pesquisa da espiritualidade. Dar voz, abraçar a diversidade como um todo. Entender a diversidade como enriquecedora e não como um elemento de separação. Dessa forma eu penso que as Ecovilas são altamente políticas (Martina).

Como evidenciou-se ao longo desta sessão, a espiritualidade não é apenas uma das chaves da vida comunitária em Findhorn, gerando conexão e consciência, favorecendo os relacionamentos de forma geral, criando estabilidade e minimizando os conflitos no grupo, mas também é o propósito, a essência do trabalho comunitário. Uma espiritualidade coletiva, alicerçada por uma visão holística que faz emergir um tipo de ‘ativismo sagrado’. Essa espiritualidade socialmente engajada transforma não apenas os que a praticam, mas abre espaço para uma responsabilidade compartilhada, que favorece os vínculos e serve de base para a emergência de uma nova cultura. Uma espiritualidade diversificada, que representa a liberdade da relação de cada um com a transcendência, com o sagrado. A espiritualidade em Findhorn, manifesta em suas mais diversas formas, é vista como um serviço planetário, uma ação em prol do despertar da consciência para a criação do ‘mundo que queremos ver’.

4.10 RELACIONAMENTOS

Uma das chaves para garantir a vitalidade da vida comunitária, talvez a mais importante, são os relacionamentos. Como as pessoas se relacionam e com que

qualidade de interação revela muito sobre a comunidade em si. Os relacionamentos são o coração da vida comunitária, o que fortalece o grupo, ou o que pode colocar tudo a perder. Em Findhorn, muita atenção é dada aos relacionamentos entre as pessoas (membros, visitantes), com a natureza e também com outros seres, como evidenciaremos ao longo desta sessão.

As relações sociais em Findhorn, pelo que pude perceber durante a pesquisa de campo, de forma geral, são bastante cordiais e afetuosas. A cada encontro, as pessoas cumprimentam-se com olhares, sorrisos, beijos ou abraços. Geralmente há contato físico na expressão dos sentimentos e um clima de respeito e amorosidade. O aspecto social é reconhecido como uma das fortalezas da comunidade. É o que atrai diversas pessoas para lá, criando diversidade e enriquecendo a vida comunitária, como se evidencia na fala de um antigo morador: “O aspecto social é a nossa fortaleza. O Peter (Caddy) falou em algum momento dos anos 70: Paramos de cultivar vegetais, agora cultivamos pessoas” (Cristopher).

Cabe lembrar que a comunidade em Findhorn originou-se a partir da relação com os espíritos da natureza, os *Devas*, que resultou no cultivo de alimentos gigantes, atraindo pessoas de várias partes do mundo. Essa reverência pela natureza e pelos relacionamentos de forma mais ampla, continua visível nos dias atuais. Em determinado momento da caminhada do grupo, o foco do trabalho mudou. Já não priorizavam o cultivo de alimentos, mas o cuidado com as muitas pessoas que não paravam de chegar para unir-se ao grupo, ou simplesmente para passar uma temporada e ver o que acontecia por lá.

O foco passou a ser o cuidado de si e do outro, receber e acolher bem os visitantes, manter o espaço aberto para a escuta e o diálogo, favorecer os encontros, as *partilhas*⁵⁷ e a vida social de forma geral. Findhorn é hoje uma instituição voltada para a educação, para o desenvolvimento pessoal e comunitário. Existe o propósito de contribuir para o crescimento pessoal de cada indivíduo que passa por lá, possibilitando assim o desenvolvimento comunitário, de forma mais ampla. Os relacionamentos com outros seres vivos e a natureza também são estimulados na busca de harmonia, escuta e

⁵⁷ *Partilha* é um momento de troca, de expressão e escuta, onde o grupo geralmente senta-se em círculo para abordar as questões essenciais para cada um dos presentes naquele momento. A *Partilha* será detalhada em item específico.

integração com o todo. Os espaços comunitários e o ritmo diário de atividades favorecem os encontros e os relacionamentos de forma geral. Conforme o relato de Milla, que transcrevo a seguir, Findhorn é um lugar de encontros.

[Findhorn] é um lugar de encontros, onde muita gente vem e vai e passa. É um lugar onde as pessoas aprendem a abrir o coração [...] acho que a fortaleza, o que Findhorn faz bem são as relações. Então, o jeito como a gente trata uns aos outros, na maior parte dos casos [...] tem uma cultura de respeito, de amor, e tem uma cultura que a gente quer trabalhar junto. E também tem suas aberrações, porque somos todos humanos (Milla).

Embora os relacionamentos sejam considerados uma fortaleza da comunidade, também são evidentes os desafios no âmbito das relações humanas. A vida em comunidade demanda a disponibilidade de estar o tempo todo convivendo e aprendendo com as relações. Cada indivíduo tem a sua própria história e conjunto de valores. Conviver com a diversidade de visões e opiniões não é uma tarefa simples. Os conflitos são inevitáveis em qualquer relacionamento e a comunidade vem criando estratégias para melhor lidar com eles. Em Findhorn, fala-se muito em ter abertura, flexibilidade e vontade para seguir caminhando em parceria.

Relação significa “um direcionamento intrínseco (necessário) de uma coisa em direção a outra”, trata-se de um conceito que envolve uma percepção dialética (GUARESCHI, 1996, p. 83). As relações comunitárias, que constituem uma verdadeira comunidade, são relações onde além de existir uma dimensão afetiva, as pessoas possuem os mesmos direitos e deveres, ou seja, onde todos têm voz e são reconhecidos em suas singularidades (GUARESCHI, 1996).

Para favorecer os relacionamentos, alguns elementos são essenciais, como a confiança, a convivência e a partilha. Estimular a convivência, para que a empatia e os vínculos possam se estabelecer; abrir espaço para o diálogo e partilhas comunitárias, onde as relações possam ser cultivadas e aprofundadas; garantir o fluxo da comunicação, para que as informações circulem e possam ser acessadas por todos, gerando confiança no grupo e transparência nos processos. Estas são algumas das ações e práticas realizadas em Findhorn para garantir a vitalidade comunitária e harmonizar as relações.

4.10.1 Confiança, a base dos relacionamentos

A confiança é considerada por muitos como a base dos relacionamentos, a essência através da qual os vínculos entre as pessoas se aprofundam. Precisa ser constantemente cultivada para que as relações sociais possam florescer e a comunidade se fortalecer através do suporte comunitário que emerge uma vez estabelecida a confiança no grupo.

Um dos grandes desafios da atualidade é reestabelecer a confiança entre as pessoas. A cultura ocidental moderna é reconhecida como a ‘cultura do medo’. Vivemos em um constante estado de alerta e de desconfiança. Reaprender a confiar, não apenas nas pessoas, mas também no processo da vida comunitária, é uma das demandas para os que optaram por outra forma de vida e relacionamento. A confiança vai sendo construída a partir da convivência e, uma vez estabelecida, serve como suporte para o processo grupal, como se evidencia na fala de um dos entrevistados abaixo:

Para mim, comunidade é sobre relacionamentos, sobre pessoas, então você precisa ter uma compreensão disso e investir nisso para viver de forma bem sucedida. Outra coisa são os níveis de suporte, suporte social, suporte na prática. Através dos bons relacionamentos a confiança se constrói, se desenvolve, e através da confiança vêm bons níveis de suporte e compaixão e compreensão. E com esse nível de confiança vem partilhas e partilhas práticas, sociais (George).

Para se viver bem em comunidade é preciso confiar no grupo, nos processos, no tempo das coisas e em si mesmo. E a cada demonstração de entrega e confiança, aprende-se mais sobre a reciprocidade (MAUSS, 2003), e aprofunda-se a experiência do viver em relação. De fato, “a reciprocidade rege o princípio das relações entre grupos” (LAVAL, 2006 apud SABOURIN, 2008, p. 135) favorecendo os vínculos e o cuidado com o outro. A confiança é uma atitude em relação à vida, e o grau de confiança depende de cada interação, como relata Milla:

Tem pessoas que confiam, pessoas que não confiam. Eu mesma confiei em pessoas e não confiei em outras, e acredito que essa seleção natural vá acontecendo com o viver da relação. Tem pessoas que eu sei que posso contar 100%, tem pessoas que eu posso contar 10%. Eu acho que cada pessoa tem a sua porcentagem baseada na própria experiência. Acho que não tem uma regrinha, a gente vai vivendo e aprendendo (Milla).

Em se tratando de uma Ecovila, uma comunidade cujo foco é a sustentabilidade, um local que se propõe a ser um espaço de vivência e demonstração de novas formas de

se viver, e que trabalha muito com educação, desenvolver a habilidade de confiar torna-se um dos ingredientes fundamentais para a manutenção do propósito do grupo. Em minhas investigações durante a pesquisa de campo, ficou claro o quanto os membros tem consciência em relação à centralidade da confiança na vida comunitária, e o quanto o grupo investe em aprimorar a habilidade de confiar, nos mais diversos níveis, como se evidencia nos depoimentos a seguir:

Se nos vemos como um centro de aprendizagem, uma das coisas que aprendemos é a confiar no processo, confiar em nós mesmos. ‘*Attune*’ (sintonizar, conectar). Teremos desafios. Se fosse tudo harmonioso não aprenderíamos tanto (Marion).

[maior aprendizado] Confiança, confiança no processo, confiança no espírito [...] Presença. É isso! Esses foram os meus maiores aprendizados: confiança e presença (Nikolas).

4.10.2 A Convivência e os aprendizados sobre a natureza humana

A convivência é outro aspecto fundamental da vida comunitária. A convivência nos ensina sobre nós mesmos e sobre as pessoas de forma geral, nos proporcionando ‘espelhos’ constantes e nos permitindo compreender melhor a natureza humana. São vários os aprendizados relacionados à convivência cotidiana com outras pessoas, mas muitas vezes, conviver de forma tão próxima pode ser desafiador. Os benefícios do contexto social e da rede de apoio que se cria com a vida comunitária vêm junto com os desafios de aprender a lidar com as ‘sombras’ e as diferenças.

Os aprendizados e desafios da vida comunitária se evidenciam nos trechos abaixo, extraídos do depoimento de Karl, que vive em Findhorn há mais de 30 anos.

Antes de eu vir morar aqui tinha esse sonho, essa fantasia de quão lindo seria viver em comunidade. Porque vivia numa situação antes onde tinha meu apartamento, meu trabalho... tinha uma vida fracionada de certa forma. Tinha grupos aos quais frequentava, mas ninguém me conhecia ao todo, por completo. Cada uma conhecia uma fração, uma parte. O grupo de proteção ambiental, o de meditação, o trabalho, o grupo de ativistas sociais, cada um deles conhecia uma parte de mim, e eu queria encontrar um jeito que fosse mais integrado [...] então aqui estou. [...] Mas a realidade é diferente, porque é cheio de gente. As pessoas com seus egos, com o que gostam e o que não gostam (Karl).

A maioria das pessoas vem aqui por uma semana, um programa e saem completamente apaixonadas por esse lugar. Elas não se dão conta do desafio que é fazer isso funcionar. Percebi o quão eremita eu sou [...] não é o meu estado natural viver com um monte de gente. Vim aqui para aprender isso. Aprender a viver com outras pessoas. Mas não posso dizer

que sou bom nisso, ainda estou aprendendo muito. Continuo aprendendo sobre mim mesmo (Karl).

A vida em comunidade oferece ‘espelhos’ constantes e muita oportunidade de auto-conhecimento e de aprendizados sobre o ser humano de forma geral. O culto ao individualismo da modernidade e o isolamento por ele gerado, acabaram por limitar as nossas habilidades relacionais. É na convivência que se aprende sobre as relações e o relacionar-se, é na convivência que aprendemos sobre nós mesmos e sobre os demais. O outro está ali, o tempo todo, nos refletindo o que precisamos ver, nos lembrando o que precisamos aprender.

Quando sento num círculo com mais de dez nacionalidades diferentes e todos começam a falar de suas vidas e vamos nos conhecendo enquanto grupo, se torna mais claro para mim o quanto somos ‘espelhos’ uns dos outros em questões e situações diferentes. Essa foi uma das coisas que aprendi sobre as pessoas aqui. Agora o que aprendi sobre mim mesmo enquanto ser humano, não posso nem começar a fazer a lista... tanto! O que aprendi sobre a natureza humana aqui, cada dia que interajo profundamente com as pessoas, e aqui interagimos profundamente [...] o que aprendi sobre a natureza humana é tão vasto, não daria para listar (Karl).

Na medida em que a gente vai se conhecendo, e que a gente vai conhecendo também como são as pessoas, quais são as dificuldades pessoais da pessoa, quais são as dificuldade de vida das pessoas, é o que eu chamo de trabalho pessoal, trabalho espiritual, psicológico, é que a gente vai vendo, entendeu? Trabalhar em grupo é muito essencial. [...] Viver em comunidade são ‘espelhos’, são ‘espelhos’ toda hora e são ‘espelhos’ nas relações [...] não tem muita escolha. Quer ver, veja, não quer ver, veja! (risos) (Milla).

Os desafios da convivência evidenciam-se em diversos depoimentos, lembrando-nos que nem sempre estamos prontos a lidar com nossas próprias limitações, ou as dos demais. A demanda de estar o tempo todo se trabalhando, se conhecendo melhor, além da profundidade e da intensidade dos relacionamentos proporcionados pela vida comunitária, fazem com que muitas pessoas não sejam capazes de permanecer no grupo. Como vimos no trecho relacionado aos desafios sociais e culturais da vida em comunidade, no capítulo de fundamentação teórica, a convivência e proximidade das relações levam as pessoas a reverem hábitos muitas vezes enraizados, podendo gerar desconforto ou conflitos, e resultando, inclusive, na saída de membros do grupo.

Chamou-me a atenção, durante a pesquisa de campo, que as pessoas e as relações interpessoais foram citadas repetidamente enquanto o que há de melhor e, ao mesmo tempo, o maior desafio da vida comunitária.

O que mais gosto são as pessoas que aparecem. O que menos gosto são as pessoas com as quais eu vivo. (risos). É claro que somos desafiados pela própria natureza humana, nossas próprias limitações a cada momento. E as vemos nos outros, como um ‘espelho’, e é mais fácil vê-las nos outros, e se tornam exageradas lá fora, nos outros. Então, morar aqui não é fácil! (Karl).

A convivência nos ensina sobre nós mesmos, sobre nossas fortalezas e limitações. Nos permite mostrar-nos aos outros como realmente somos e também enxergar os outros integralmente. Geralmente, na vida social, fomos ensinados a expor apenas os nossos aspectos ‘luminosos’ enquanto nos esforçamos para ‘camuflar’ ou esconder o que não gostamos. Quando se vive em comunidade, convivendo diariamente, as diversas facetas do nosso ser emergem, e é preciso integrar as partes. Este é um dos grandes aprendizados da vida comunitária, que favorece em muito o crescimento pessoal, como veremos mais adiante.

4.10.3 Partilha, a essência da vida comunitária

Outro ingrediente fundamental para a vida comunitária é a *partilha*. *Partilha* é um momento de troca, de expressão e escuta, de empatia e empoderamento, onde cada um é convidado a se colocar abertamente falando de si, como está se sentindo, quais os seus desafios ou motivações atuais, e o grupo, geralmente organizado em círculo, cria o ambiente de acolhimento necessário. As *partilhas* contribuem para que as pessoas possam conhecer melhor umas às outras, aprofundando os relacionamentos no grupo. Em Findhorn, são muitos os espaços de *partilha*. No início e término de cada atividade realizada em grupo para a sustentação da comunidade, os presentes são convidados a ‘partilhar’ como estão se sentindo, como foi participar daquela atividade, entre outros. Também os grupos de trabalho se reúnem constantemente para ‘partilhar’. Garantir o espaço para a *partilha* é essencial na vida em comunidade.

Durante minha estadia na comunidade, tive a oportunidade de participar de vários círculos de *partilha*, com o grupo da *Experience Week*, durante o trabalho nos departamentos, além de momentos mais informais, com amigos e conhecidos. Em diversas situações, me comovi com a abertura das pessoas ao partilharem questões significativas no grupo. Trago um exemplo da *Experience Week*, onde um dos facilitadores partilhou emocionado sobre como era para ele cuidar da filha que estava

doente. Disse que isso lhe dava a oportunidade de acolhê-la de uma forma que não fazia desde que ela era pequena. A jovem mora com o pai e tinha uma viagem de férias marcada que estava para ser cancelada após vários dias de cama. Outro exemplo foi quando um dos facilitadores da equipe da cozinha partilhou que não estava bem naquele dia, pois precisava se mudar e encontrou uma pessoa para assumir o seu quarto, mas isso não foi aprovado pelo grupo de residentes. Muitas vezes, uma simples *partilha* cria um ambiente de conexão, gerando não apenas a compreensão do momento do outro, mas também parceria e compaixão, o que favorece bastante as relações no grupo.

As *partilhas* proporcionam um espaço para que as ‘trocas de dádivas imateriais’ ocorram, fortalecendo os vínculos e a reciprocidade no grupo. (MAUSS, 2003). *Partilha* é a essência da vida comunitária nas Ecovilas (LITFIN, 2014), sendo um aspecto central para a sustentabilidade social em Findhorn.

4.10.4 Os relacionamentos e a vida em comunidade

Existem muitos benefícios práticos e benefícios ecológicos que são ótimos e importantes mas, para mim [vida em comunidade], é basicamente sobre as relações sociais. [...] Você passa a conhecer pessoas em muitos níveis diferentes, então as relações se aprofundam e se tornam mais autênticas do que seriam, mais espontâneas, mais amorosas, mais de coração aberto, mais compassivas, mais gentis. É isso que para mim é o importante (George).

Em Findhorn, muita atenção é dada aos relacionamentos, a como as pessoas se relacionam entre si, com o meio ambiente e os demais seres vivos. Há uma busca pela harmonia nas relações a partir do reconhecimento das diferenças e da diversidade no grupo. A comunidade, ao longo dos anos, foi desenvolvendo estratégias e ferramentas para fomentar as relações sociais e minimizar os conflitos. Buscam implementar de uma cultura de paz, onde confiança e cooperação ganham central importância.

A vida comunitária emerge enquanto uma grande ‘*mestra*’, que contribui para o desenvolvimento pessoal e profissional dos envolvidos, proporciona um senso de pertencimento e favorece o apoio mútuo. Ao contrário do que alguns autores sugerem (BAUMAN, 2003), a vida comunitária em Findhorn parece não restringir a liberdade dos membros, como veremos mais adiante.

4.10.4.1 Crescimento pessoal e grupal

O crescimento pessoal de cada indivíduo, que emerge a partir da vida comunitária, favorece também o crescimento do grupo como um todo. Em Findhorn, o estímulo ao trabalho interior (*inner work*) dá-se através das diversas práticas espirituais que possibilitam a reflexão, o auto-conhecimento e um olhar aprofundado para as relações.

O propósito de Findhorn é um propósito espiritual [...]. É muito importante, pelo menos aqui, lembrar qual é o propósito, e eu acho que é muito importante que cada um trabalhe a si mesmo pra gente poder se ver e trabalhar junto. Tem muita dificuldade que acontece a nível da organização e que são problemas pessoais (Milla).

Para poder escolher trabalhar junto, para poder viver junto é muito importante o trabalho pessoal e espiritual, o desenvolvimento pessoal [...] quando eu cheguei tinha muito mais foco nisso [...]. É muito mais fácil para o coletivo quando cada um toma a responsabilidade sobre as próprias emoções, sobre os próprios problemas, e pode trabalhar em cima de si mesmo, sabe? O que eu ví no decorrer dos anos é uma projeção para o outro, e isso cria muita dificuldade para trabalhar junto, cria muita historinha [...] acredito que é necessário relembrar qual é a proposta, saber o que a gente veio fazer aqui, desenvolver pessoalmente, espiritualmente, viver em comunidade, e como a gente faz isso junto (Milla).

É importante ressaltar o quanto as questões pessoais se refletem no grupo e vice-versa. Quanto mais as pessoas se conhecem, mais as interações sociais são favorecidas e também a vida em comunidade como um todo. O reconhecimento das limitações individuais e das limitações do grupo, e a aceitação disso, tornam a convivência mais harmônica. Em Findhorn, há um campo de acolhimento e aceitação que favorece, de forma significativa, o desenvolvimento pessoal e comunitário.

Uma das coisas que mais gosto em Findhorn é [...] *everything is welcome* (tudo é bem-vindo), então, você é bem-vindo de vir com as suas feridas, com as suas dificuldades, vamos trabalhar junto, sabe?! [...] é aceito, então estamos todos aqui para crescer, para aprender, na mesma jornada. E essa é uma parte muito legal de aceitação de tudo, e vamos trabalhar junto. Tem essa proposta dentro, é esse o desenvolvimento pessoal (Milla).

Alguns exemplos relacionados não apenas ao crescimento pessoal, mas também ao desenvolvimento de habilidades específicas a partir da vida comunitária, podem ser encontrados nos depoimentos de Karl e Nikolas abaixo:

Aprendi que quase não há limites para o que eu posso fazer aqui, na comunidade. A comunidade me permitiu crescer e me expandir, e mostrou partes de mim que eu não sabia que existiam. [...] Estava tão longe da idéia de quem eu era quando cheguei aqui. [...] A verdadeira liberdade é ser capaz de ser qualquer coisa, tudo. Não se apegar a nenhuma identidade particular. Então, tive muitas identidades aqui, muitas funções, papéis, trabalhos (Karl).

O meu dom de conduzir grupos emergiu. Também estava me testando em relação a isso, porque para mim, falar para grupos era um desafio. Quando mais jovem eu gaguejava. Não podia falar quando era mais jovem. Isso era um problema sério. Ser capaz de conduzir grupos, sentar em *conselhos*, falar com a comunidade no (Universal) *Hall*, algumas vezes, nos encontros, para mim foi incrível! E pude fazer isso com inspiração. Sim, esse lugar é realmente transformador! (Nikolas).

A vida em comunidade possibilita um olhar aprofundado sobre si mesmo, seus talentos e desafios, e também sobre os demais, contribuindo para o aprendizado de habilidades específicas relacionadas ao viver em grupo e para a integração de nossos aspectos ‘sombrios’ e ‘luminosos’, levando a uma maior compreensão da nossa humanidade e limitações. Tudo isso favorece os relacionamentos, além de resultar no crescimento pessoal de cada um dos envolvidos e da comunidade enquanto grupo.

O crescimento pessoal está diretamente relacionado aos princípios e práticas do grupo em Findhorn: escuta interior e meditação para que cada um possa se conhecer melhor e, conseqüentemente, se relacionar melhor com os demais e a natureza. Para que, através do ‘amor em ação’, possam co-criar uma nova forma de habitar o planeta. O despertar de cada indivíduo favorece a toda a comunidade, servindo também para o desenvolvimento comunitário.

4.10.4.2 Suporte comunitário, senso de pertencimento e apoio mútuo

Um dos benefícios da vida em comunidade é o suporte comunitário. O fato de pertencer a um grupo faz com que as pessoas se apoiem mutualmente, seja ao partilharem valores, um estilo de vida ou mesmo de forma mais sutil, existe um senso de pertencimento, que gera um ambiente acolhedor e fortalece a cada um dos envolvidos nessa caminhada conjunta. É bastante relevante observarmos o poder dos grupos, o poder da comunidade que, de certa forma, sustenta a todos os seus membros, atribuindo-lhes uma identidade coletiva.

Sempre tem pessoas que se perdem no processo mas, no geral, sinto para mim mesmo muito suporte. Para ser mais presente, mais verdadeiro comigo mesmo, verdadeiro com os outros. E não... espero que meus amigos façam isso também por mim, eles notarão se eu estiver triste e irão perguntar: “você está bem?” ou refletirão para mim meu estado de ser. Isso é fantástico, realmente! E esse é um desafio para a humanidade. A humanidade se tornou esse grupo enorme, anônimo, de pessoas [...] Aqui é praticamente o oposto, mas continua sendo um grande desafio para muitas pessoas. Mesmo aqui elas dizem: “esse é o meu trabalho, meu sei lá... meu tempo (Cristopher).

A vida em comunidade tem seus prós e contras. Ao mesmo tempo em que cria um ambiente de acolhimento, cria também desafios em relação aos limites do que é individual e do que é coletivo, como detalharemos no item a seguir.. Não é qualquer pessoa que se adapta a uma vida compartilhada. Alguns sentem-se oprimidos pelo grupo ou sentem falta de sua individualidade. Outros sentem-se seguros e acolhidos, empoderando-se para outros aprendizados.

Você precisa de um certo nível de inteligência emocional, eu penso. E algumas pessoas não tem, mas também não duram muito aqui. Você precisa ser forte, sabe, é difícil imaginar alguém que seja muito vulnerável, ou deprimido, seja o que for, vivendo muito tempo em comunidade. Temos algumas pessoas assim que conseguem ficar, mas é preciso amor, compreensão e suporte para que sejam capazes de ficar. E compreender que talvez não apareçam para um encontro da comunidade, ou para o *KP*⁵⁸, seja lá o que for, então precisam de muito suporte. A maior parte das pessoas é forte emocionalmente, psicologicamente, porque você precisa disso para lidar com pessoas tão perto como fazemos.(George).

Existe tempo para ser mais auto-reflexivo, e isso vem com muitos desafios, quando você começa a ser mais honesto consigo mesmo. Mas precisa continuar trabalhando isso. E ser espiritual não é fácil, tentar viver isso, com isso. Se você quiser, há suporte. E esse suporte pode ser direto, pessoal, ou você passa tempo apoiando um ao outro, apoiando a sua prática, seja qual for, ou apenas sendo amigo. [...] Existe uma rede de suporte por toda parte. Não importa em que estágio você esteja, está lá, é só pegar, mas novamente é muito fácil simplesmente voltar a dormir. [...] Sobra para você disciplinar a si mesmo. Você quer tocar piano, vá praticar. Quer emagrecer, corra. Você tem que fazer o trabalho. E as pessoas continuam achando que viver aqui tornará isso mais fácil. Ao contrário, será mais puxado, porque tem ‘espelhos’ enormes na sua frente. (Cristopher).

O suporte comunitário vem junto com os desafios da vida em comunidade. Algumas pessoas prezam pelo senso de pertencimento e pelo apoio mútuo que emerge da vida comunitária, e assumem a responsabilidade de fazer a sua parte para contribuir com o processo. Outras acabam optando pelo moderno isolamento.

⁵⁸ Kitchen Petrol ou Kitchen Party, o turno de trabalho pós almoço para a harmonização da cozinha e centro comunitário.

4.10.4.3 Comunidade x Individualidade

Quando se fala em vida comunitária, algumas das grandes questões que emergem são os limites entre o individual e o coletivo, entre a liberdade e a segurança. A comunidade, muitas vezes, é vista como algo incompatível com a liberdade individual, tão importante para a maioria dos indivíduos e, ao mesmo tempo, geralmente proporciona segurança. Como manter a individualidade na comunidade? Como garantir a privacidade? São algumas das reflexões em torno da opção pela vida comunitária.

A questão comunidade x individualidade foi um dos meus focos de investigação durante a pesquisa de campo. A vida comunitária em Findhorn parece não limitar a privacidade dos membros, uma vez que cada indivíduo tem o seu próprio espaço de uso privado, mesmo que seja apenas um quarto. Ao invés de ser vista como uma limitação à privacidade, uma restrição à liberdade individual, a vida comunitária é justamente celebrada como algo que proporciona mais liberdade e autonomia aos membros da comunidade, conforme relatam alguns entrevistados: “A comunidade dá mais liberdade para ser quem você é, para escolher seus valores, garante mais autonomia” (Nota de Campo – conversa Anuk).

Sinto que aqui tenho mais liberdade de ser eu mesmo e de expressar a minha natureza real, de certa forma, do que ... me sinto apoiado ao invés de com alguma restrição. Claro que um dos desafios da vida em comunidade é que parece não haver privacidade suficiente. É muito transparente. É difícil aqui não se sentir muito bem. Você não quer demonstrar e é a primeira coisa que alguém vem te perguntar. (Cristopher)

A experiência dos entrevistados, a princípio, se contrapõe ao que diz Bauman. Segundo o autor, “há um preço a pagar pelo privilégio de viver em comunidade [...]. O preço é pago na forma de liberdade, também chamada “autonomia”, “direito à autoafirmação” e “à identidade”. (BAUMAN, 2003, p. 10). Para Bauman, a comunidade é vista como algo que as pessoas buscam para sentirem-se seguras frente aos desafios da atualidade, mas que, ao mesmo tempo, restringe a sua liberdade (BAUMAN, 2003). Os membros com os quais conversei trouxeram uma perspectiva diferenciada. Para eles, a comunidade não apenas é vista como um lugar seguro, e aqui falamos de segurança física e emocional, uma vez que se sentem seguros e acolhidos por pertencerem ao grupo, mas também um espaço onde é possível se expressarem como são, vivenciarem seus próprios valores, o que para eles significa ter mais liberdade e autonomia.

Em relação à privacidade, os depoimentos também mostram o quanto os membros se sentem contemplados com sua própria privacidade na comunidade, apesar disto poder vir a ser um desafio. “Privacidade sim, é possível. Cada um tem seu próprio espaço” (Marion).

Como você pode ver, eu tenho [privacidade] aqui. Sou muito sortudo em relação a isso. Tenho minha própria casa. Posso viver só ou com uma parceira e posso simplesmente fechar a porta e esquecer da comunidade. Para mim, isso é importante. Sou do tipo introvertido, reflexivo. Para mim é muito importante ter um lugar para vir depois de um dia cheio, com muitas interações, muitos hóspedes, muitos membros da comunidade. Ter um lugar para vir que é tranquilo, psicologicamente e espiritualmente nutridor. E poder ouvir música, ou ler, ou socializar com amigos no fim do dia... é muito importante para mim. Então sim, tenho esse equilíbrio, e ter essa base me permite ser pró-ativo na comunidade e no mundo. Então é muito importante. Sei que algumas pessoas, ou muitos na comunidade não tem esse tipo de equilíbrio. Partilham acomodações então não tem essa coisa da privacidade. Deve ser uma questão, mas você tem que perguntar a eles. (George)

Outra questão a ser considerada é o quanto a vida em comunidade ensina sobre limites, a aprender a dar limites claros para garantir a sua individualidade e o seu espaço na comunidade. De acordo com meus entrevistados, as pessoas mais introspectivas têm mais facilidade de abrir espaço para estarem só, consigo mesmas, enquanto os mais extrovertidos acabam sendo absorvidos pela intensidade da vida comunitária, como afirma Marion: “Se você for muito extrovertido, pode ser mais desafiador [viver em comunidade]. São oportunidades!” (Marion). Independente do perfil, a oportunidade de aprendizado se revela.

O aprendizado em relação aos limites e às demandas constantes da vida comunitária parecem ser fatores que desafiam os membros, como evidencia-se no depoimento abaixo:

A demanda de estar em contato com os sentimentos, de comunicar bem, conectar. Esse é que parece ser o desafio. As pessoas se sentem cansadas. Não por fazer as horas de trabalho que são solicitadas. O desafio é ter que estar constantemente *ON* (ligado), aprender a se cuidar, a se gerir e a se desligar também. É algo que temos que aprender. Se todos estão alinhados e sabem o que fazer, o quebra-cabeça está completo. Não preciso fazer a sua parte, nem você a minha. Meu trabalho é me conectar ao que é meu (Marion).

Os limites físicos em relação ao que é o espaço individual ou coletivo também são questões recorrentes. Durante minha temporada presenciei algumas conversas

relacionadas a esta fronteira entre os direitos individuais e coletivos. Um quer construir um muro para ter mais privacidade ao redor de sua casa ou impedir a entrada dos animais que geralmente destroem os jardins. Outros sentem-se desrespeitados por terem que conviver com muros na comunidade. Aqui evidenciam-se as diferenças entre os mais diversos estilos e personalidades que compõem a comunidade e a necessidade de flexibilizar e chegar a acordos para que todos possam conviver bem.

Comunidade e individualidade são aspectos a serem constantemente ajustados na construção de uma vida coletiva harmônica. Aprender a se colocar no grupo, a dar limites claros e a usar a força da comunidade a seu favor, é um processo a ser conquistado por cada um dos membros. Quanto mais as pessoas se conhecem e aprendem a cuidar de si, mais simples se tornam as suas caminhadas em comunidade.

A questão da diversidade também merece ser investigada. Findhorn é vista por muitos como um lugar para conhecer a si mesmo e também para aprender a conviver com a diversidade. Recebem pessoas de todas as partes do mundo para participar dos programas e workshops que oferecem, muitas das quais decidem ficar e se integrar à comunidade. A constante circulação de pessoas e a intensidade da vida comunitária são vivenciados, na maioria das vezes, como aspectos benéficos que favorecem os encontros e as trocas, gerando ainda mais aprendizado para o grupo.

O que mais gosto em relação a viver aqui, além das coisas e da ética da comunidade que já comentei, os valores, é que pessoas maravilhosas como você vem para cá. Pessoas de todas as partes do mundo. Há um fluxo de pessoas constante, pessoas com as quais me identifico, onde sinto um senso real de conexão de alma, um senso real de encorajamento mútuo (Karl).

Findhorn é um campo, um jardim de pessoas e essa dinâmica está sempre mudando. [...] Mas para mim, é um lugar de passagem, de energias, e um solo fértil para se testar em muitos níveis. Um solo fértil para fazer os sonhos acontecerem, para se encontrar pessoas com visões parecidas (Nikolas).

Conheço muito poucas comunidades que são tão internacionais quanto Findhorn. Viajei por várias comunidades antes de vir para cá. Aqui é realmente internacional e o mundo vem para cá. É sensacional! Amo isso! [...]. E os ideais de Findhorn podem ter tanto significado e relevância para pessoas de todas as diferentes partes do mundo (Karl).

Embora seja uma comunidade internacional, que recebe um fluxo constante de visitantes, cabe observar que não há tanta diversidade em termos étnicos ou de classes sociais representadas, conforme releva George:

Não há muita diversidade aqui em Findhorn em termos de etnia. A maioria de nós tem um *background* europeu ou americano, anglo-saxão. Poucos latinos, poucos asiáticos. Predominantemente classe-média ocidental. [...] Mas dito isso, temos um grau de diversidade já que temos muitas nacionalidades representadas, diversidade de idades, temos diversidade de opiniões – isso com certeza! (risos) Então temos diversidade suficiente para nos manter desafiados. Acho que é suficiente (George).

A busca da unidade na diversidade faz parte do propósito do grupo. Uma diversidade de pessoas unidas com o objetivo de viver em comunidade, a partir de valores compartilhados, continua a ser uma das grandes riquezas de Findhorn, contribuindo para que cada um dos envolvidos possa aprimorar suas habilidades de relacionamento.

4.10.5 Findhorn e as Relações

São muitas as formas de relacionamento existentes em uma comunidade como Findhorn. Relações de família, de amizade e trabalho muitas vezes se sobrepõem. Existem ainda as relações com os visitantes, que chegam para conhecer a comunidade ou para passar períodos maiores, e as relações com a comunidade do entorno, que abrange diversas localidades. Os relacionamentos, de forma geral, são estimulados pela vida comunitária dando origem aos mais diversos arranjos sociais.

4.10.5.1 As Muitas Visões de Família

Família, na perspectiva de muitos dos meus entrevistados, não são apenas as pessoas com as quais temos laços sanguíneos, mas também podem ser consideradas pessoas com as quais temos outras formas de conexão, como valores e um propósito de vida comum. Alguns reconhecem como família o grupo no qual se sentem pertencentes e reconhecidos. A vida em comunidade possibilita uma nova visão de família, uma família ampliada, conforme podemos observar nos depoimentos a seguir: “Ahh, [senti que era parte] na primeira vez que cheguei, quando falei com Peter e Eileen. Foi

imediatos! Fui bem recebido, era família! “Você pode fazer isso, aquilo...” Me senti em casa [...] houve uma aceitação” (Cristopher).

[Família] são pessoas que eu tenho uma grande ressonância, são pessoas que de alguma forma, eu me sinto aceita como eu sou, eu sinto que tem um carinho, eu sei que eu cuido delas e elas cuidam de mim. [...] Tem vários níveis entre família, amizade e comunidade (Milla).

Tenho uma família de sangue [...] mas num sentido mais profundo, acredito que algumas pessoas tem uma afiliação tribal umas com as outras. Que reconhecem as outras por um processo de ressonância. [...] Conheço pessoas aqui e as pessoas entram na minha vida e existe esse senso de conexão que vai além de gênero, idade, nacionalidade. Isso eu descreveria como uma antiga conexão tribal. E de forma mais ampla, existe meu senso de família de mãe, filhos, irmãos do espírito, de valores partilhados, intenções partilhadas. Mas não tão simples quanto isso. Se você acredita em vidas passadas, diria: senso de que nos conhecemos antes, de outra forma, em algum outro lugar. E esse senso de familiaridade com o outro, com o espírito do outro, para mim é família, é quando ‘chego em casa’ (Karl).

Enquanto para alguns a comunidade favorece a vida em família, já que multiplica as referências de pais e filhos e amigos, além de representar o aconchego do lar, para outros a intensidade da vida comunitária torna a vida familiar mais complexa e desafiadora. São muitas as demandas e os apelos e acaba sendo mais difícil para algumas pessoas manterem suas próprias famílias em Findhorn, conforme relata Nikolas, que conheceu sua companheira e teve seu primeiro filho na comunidade. “Depois de quase 3 anos vivendo no Park, acho um desafio viver aqui em família [...] quero aos poucos sair da intensidade daqui” (Nikolas).

Não há uma receita ou fórmula que sirva para todos os perfis ou personalidades. Enquanto algumas pessoas consideram a vida comunitária intensa demais para poderem se dedicar à família, outros a vêem como um lugar ideal para se ter família e criar os filhos, não apenas por poderem contar com o suporte da comunidade, mas também pela segurança e todas as possibilidades que a vida comunitária oferece.

No sentido da comunidade, não tem lugar mais incrível para uma criança crescer, para ter família do que lá [Findhorn]. Eu vejo o resultado disso nas meninas, casa que não tranca, várias referências de mãe. Tinha eu e minhas melhores amigas [...] mais de dez mulheres ajudavam a cuidar das meninas (Elisa).

Aprender a viver em comunidade implica em descobrir o que é melhor para si, a partir de seus próprios valores e referenciais, e também em compreender que cada um é

diferente, que o que é bom para um, pode não servir para o outro. O respeito à diversidade emerge enquanto um dos grandes aprendizados da vida comunitária.

4.10.5.2 As Relações Conjugais: encontros e desencontros

A comunidade, ao mesmo tempo em que propicia inúmeros encontros, gera também desencontros. O fluxo intenso de pessoas e as várias possibilidades que isso traz, somados à demanda constante de um olhar interno, de cuidar de si e estar ciente de suas próprias vontades, virtudes e limitações, faz com que algumas relações conjugais cheguem ao fim.

É fácil para casais ou famílias romperem, se separarem aqui. Às vezes refletimos sobre isso. Peter e Eillen se separaram aqui. Está na *matrix*. Isso também é comum na Modernidade. Tem a ver com o desenvolvimento pessoal, a realização pessoal, etc. Não julgamos tanto desde que seja comunicado adequadamente, desde que as crianças estejam bem cuidadas e haja o suporte necessário. Podem ter suporte para fazer de uma forma suave. Eu e meu marido nos separamos quando nossos filhos tinham 3 ½ anos e 6 ½ anos. Morávamos um de cada lado da rua. Em alguns momentos, cada filho morava com um. Vivemos assim até eles terem 15 e 18 anos. Pessoas diferentes fazem de formas diferentes (Marion).

Findhorn favorece simultaneamente aqueles que optaram por levar uma vida só, proporcionando o acolhimento necessário, e aos que buscam um relacionamento a dois. Muitos casais se conheceram na comunidade, que também é reconhecida como um lugar de encontros.

O que tem sido de sucesso em relação aos relacionamentos são os encontros que aconteceram aqui. Muitos casais se conheceram aqui. A separação tem a ver com o momento atual. Provavelmente simplificamos aqui. Aqui é mais fácil. Não temos condicionamentos sociais constrangedores (Marion).

Muitos relacionamentos começaram em Findhorn, assim como alguns casamentos chegaram ao fim com o processo da vida comunitária. Há diversos casais, famílias com filhos, e também pessoas que optaram por estar sós, sentindo-se preenchidas pela própria vida em comunidade. Não há regras nem julgamentos em relação a isso.

É como nos relacionamentos. Finalmente você encontra uma relação que é muito boa e pode sentir como consegue atingir esse objetivo na vida. A comunidade preenche isso. Há muitos solteiros aqui, percebo ao olhar ao redor, homens e mulheres. A comunidade é ideal para apoiar essa outra parte de mim (Cristopher).

Em Findhorn, assim como em diversas outras comunidades intencionais, muito da demanda por parceria é preenchida pela própria vida comunitária. Diferente do estilo de vida moderno convencional, onde há um certo isolamento e cada um vive a sua própria vida, na sua casa, a comunidade proporciona interações constantes e apoio mútuo, diluindo, muitas vezes, a necessidade de buscar em um relacionamento a dois essa vontade de parceria.

4.10.5.3 O Lugar das Crianças

Muitas pessoas vêm para a comunidade pensando nos filhos, em oferecer um ambiente seguro e saudável para o desenvolvimento das crianças e esperam ter o suporte comunitário para o cuidado das crianças. Na prática, isso vai depender do momento em que a comunidade se encontra, e também, da rede de pais que se forma em torno disso. Ao longo dos anos, existiram estruturas diferenciadas de suporte às famílias com crianças em Findhorn, geralmente relacionadas com o número de crianças presentes na comunidade.

No passado, criaram várias coisas, criaram uma escola *Waldorf* aqui, que depois precisou crescer então foi para mais perto de Forres. Teve grupos auto-gestionados de pais que se revezavam em turnos para que pudessem trabalhar na Fundação, mas isso há 20 anos atrás. Depois teve 10 anos sem crianças porque tinha uma ou duas, então todas essas estruturas decaíram. Então no momento não existe nenhuma estrutura interna [...] cada um cuida do seu e a gente um pouco se ajuda entre nós [...] mas não existe uma estrutura que ajude os pais, que ajude a criança (Milla).

Na época em que meus filhos eram pequenos, havia muitas crianças aqui. Depois esse número caiu. Hoje temos um número bom de pessoas na faixa dos 30 tendo filhos. São crianças menores de 5 anos agora. Já estamos na 4ª geração. Meus filhos continuam bem próximos aos amigos que cresceram juntos aqui. Tem uma estrutura forte, saudável, suporte comunitário (Marion).

Observa-se a partir dos depoimentos e também da presença no campo que hoje são poucas as crianças em Findhorn. No início, muitos jovens vieram e constituíram família na comunidade, o que culminou inclusive com a criação de uma escola, a partir

da demanda. Depois houve um intervalo com poucas crianças na comunidade e atualmente esse número está voltando a crescer. As crianças nascidas ou criadas em Findhorn possuem um forte vínculo entre elas e também com a comunidade.

Cabe mencionar que há um certo ressentimento em relação à questão das crianças na comunidade, não apenas pelo fato de atualmente haver pouca estrutura de apoio a famílias com crianças pequenas, mas também em relação ao próprio lugar da criança na estrutura comunitária, como evidencia-se no relato de Milla:

Sendo mãe eu sinto falta de ter as crianças no centro, aqui é uma comunidade que não é focada nas crianças, que as crianças ainda não tem um lugar dentro da estrutura, dentro da Fundação, dentro da história desse lugar. [...] É uma comunidade para adultos. E realmente acho que traria muita vitalidade, muita alegria se as crianças tivessem mais espaço, que é um espaço interior, não é muito externo, é uma participação, é uma importância dentro da comunidade (Milla).

O papel das crianças na comunidade foi um dos aspectos que mais me chamou a atenção durante a pesquisa, também os desafios atuais de ter o apoio necessário para o cuidado dos filhos. Muitos vêm para ter seus filhos na comunidade sem se dar conta que a Fundação Findhorn, enquanto instituição voltada para a educação e o desenvolvimento pessoal e espiritual, não tem como sustentar famílias e crianças. Entretanto, existem diversos cenários. Quando se refere a antigos membros da comunidade, todo o suporte é dado, a mulher tem direito a licença maternidade e faz um plano para retornar aos poucos ao trabalho na Fundação, como é o caso de Úrsula, que se afastou de suas tarefas cotidianas para ter seu bebê e está agora num processo gradual de retomada de suas atividades, nunca tendo deixado de receber sua remuneração durante todo o período. Mas quando se trata de pessoas que decidiram vir para ter seus filhos na comunidade, geralmente os casais se frustram pela instituição não poder acolhê-los como gostariam, como podemos observar nos exemplos abaixo:

Chegamos três semanas antes do bebê nascer. Decidimos que esse seria o lugar onde nossa criança deveria crescer. [...] Foi frustrante no início. Queria, tinha muito a oferecer, mas não pude entrar para a Fundação. Tinha uma criança e esposa. Era muito dependente. A fundação não podia sustentar isso (Ian).

Quando soubemos que estávamos ‘grávidos’, estávamos ambos na Fundação. Eu como contratado e ela como LEAP (em um programa). Mas acharam que não estávamos aqui tempo suficiente para nos apoiarem (Nikolas).

Cabe observar a grande expectativa que há em torno dessa acolhida da comunidade, que na prática recaí sobre a Fundação Findhorn. E a Fundação, como a grande maioria das outras instituições filantrópicas, muitas vezes não consegue arcar com esse tipo de demanda, o que é percebido por cada indivíduo de uma forma diferente.

Uma vez que está na Fundação você tem sua acomodação, eles cuidam de você, você não precisa pagar contas. Mas como minha parceira estava grávida, a Fundação, aos meus olhos, nos rejeitou. Eles não nos queriam. Do ponto de vista deles estava ok, pois não tinham dinheiro (Nikolas).

Existem ainda outras perspectivas. Karl, que vive a mais de 30 anos em Findhorn, comentou em uma de nossas conversas que nunca foi tão bom para as crianças como é atualmente, pois no início, eles tinham muito menos a oferecer enquanto comunidade.

O desafio de lidar com a questão das crianças/filhos, e o fato disso ter uma implicação direta na participação ou não dos pais na Fundação Findhorn, foi um dos fatores que impulsionou o surgimento da NFA – New Findhorn Association, uma associação criada para incluir os que fazem parte da comunidade maior, como indivíduos ou organizações, mas que não estão diretamente ligados à Fundação Findhorn. A Fundação, que durante muitos anos serviu para representar a comunidade como um todo, a partir do crescimento da comunidade, acabou assumindo apenas questões ligadas a educação e ao desenvolvimento pessoal e comunitário. Atualmente a NFA acolhe os que não estão vinculados à Fundação, e dedica-se a pensar nas questões relativas ao cuidado com as crianças e os mais velhos na comunidade, busca incluir os jovens, entre outros, conforme relata uma de suas lideranças:

É necessário ter consciência da necessidade das famílias, trazer a perspectiva das famílias, cuidar dos mais velhos. Existem tensões. É uma comunidade ou um ashram? No ashram o foco é o indivíduo, olhar para dentro, cuidar de si. Na comunidade são as famílias, o todo. Sempre falam dos 3 fundadores. Eram 6 incluindo as crianças e elas não estão no mito da fundação. Essa história não é contada e precisa ser. [...] Geralmente a comunidade tem um fundador, um princípio fundador. Aqui eram vários, vários estilos e princípios. Precisamos recriar o mito da fundação, reescrever a história para que a realidade possa mudar em relação ao cuidado e à reverência às crianças (Ian).

O papel das crianças é bastante questionado quando se aborda a história da comunidade, uma vez que os adultos, o casal Peter e Eillen Caddy e Dorothy Maclean são sempre lembrados como fundadores enquanto os três filhos do casal nunca são

mencionados. Isso é visto, principalmente pelos pais da comunidade, como algo que precisa ser superado para que as crianças possam, então, ocupar o seu devido lugar em Findhorn.

É o meu sonho de ver essa relação, que a Fundação cure essa ferida que tem em relação às crianças, porque é uma ferida forte. Porque os três fundadores na verdade são seis fundadores, porque tinham três crianças, e na verdade tudo isso foi feito pelas crianças, porque as crianças precisavam comer (Milla).

Após mais de 50 anos, talvez seja o momento de refletir sobre a história e seu impacto na vida da comunidade, abrindo espaço para um olhar mais cuidadoso em relação ao que representam as crianças na vida comunitária em Findhorn. Outro aspecto que merece ser observado é a questão da identidade híbrida da Fundação Findhorn, vista simultaneamente como Ecovila, instituição filantrópica e ashram, o que dificulta, muitas vezes o seu posicionamento.

4.10.5.4 O Cuidado com os Mais Velhos

Atualmente são muitos os ‘*elders*’, como são chamados os mais velhos em Findhorn, afinal, trata-se de uma comunidade de mais de 50 anos. Isso cria uma demanda de cuidado com os idosos, ao mesmo tempo, uma preocupação de como o grupo irá lidar com esta situação a longo prazo. Por se tratar de uma comunidade no Reino Unido, a parte financeira fica parcialmente resolvida, já que o governo paga uma pensão para os idosos que os permite arcar com seus custos de vida, mas a questão do cuidado em si, precisa ser resolvida pela comunidade. Aqui novamente emerge o dilema comunidade x instituição, uma vez que, em breve, serão muitos os que não poderão mais contribuir da mesma forma com o trabalho comunitário, tratando-se, ao mesmo tempo, de membros antigos que merecem o devido acolhimento.

De acordo com meus entrevistados, existe um grupo na comunidade dedicado ao cuidado com os mais velhos. Observei essa rede funcionar, principalmente no cuidado com Dorothy Maclean, que ainda reside em Findhorn e está atualmente com 95 anos de idade. Um dos membros da equipe da cozinha fica responsável por levar suas refeições em casa, um grupo de apoio se reveza acompanhando-a diariamente em sua caminhada pela comunidade, entre outros.

As opiniões a respeito do cuidado com os mais velhos na comunidade divergem. Há aqueles que acreditam que haja o suporte necessário e os que se preocupam com o futuro dos *elders*, por não saberem como a comunidade será capaz de cuidar deles a longo prazo, conforme evidencia-se nos relatos a seguir: “Existem diversas redes dos mais velhos. Eles se encontram para tomar chá e fazer coisas juntos. Não estou pronto para isso! [...] Mas algumas pessoas precisam disso” (Cristopher).

Nós vamos ter entre 20 e 30 idosos nos próximos 10 anos. [...] Na verdade, sempre foi um problema. Um dos problemas que é muito frequentemente levantado porque tem várias pessoas que estão aqui desde os seus 20 anos, e que olham para o futuro com um grande ponto de interrogação. Tem que ir embora? O que vai ser feito, sabe, é muito duro, é muito dolorido na verdade não ter ainda uma solução para isso. É muito dolorido porque são membros dessa comunidade, porque são pessoas muito queridas, pessoas que se doaram muitos anos (Milla).

A partir dos dados revelados na pesquisa de campo, seria necessária uma investigação mais aprofundada em relação a este aspecto. Sendo a faixa etária média do grupo em torno de 55 anos, é um fator a ser equacionado em um curto prazo.

Apesar do clima de incerteza em relação ao cuidado dos mais velhos, um de meus entrevistados, que tem mais de 70 anos e vive em Findhorn há 4 décadas, comenta: “É onde moro, onde minhas filhas nasceram. Vou morrer aqui! Esse é o lugar onde vou passar o resto da minha vida ao invés de ficar buscando uma utopia em algum outro lugar” (Cristopher). Em outro trecho do depoimento, ele enfatiza: “tem um grupo forte de pessoas que cuidam da morte e dos que estão morrendo” (Cristopher), demonstrando bastante confiança no processo.

4.10.5.5 A Comunidade e as Fases da Vida

Para muitos, a comunidade é um lugar propício para se vivenciar todas as fases da vida. A infância, a juventude, a idade adulta e também a velhice. Há os que chegam com o sonho de criar os filhos em comunidade e também os que já vêm com uma idade avançada, acreditando que ambiente comunitário seja o ideal para passarem seus últimos anos de vida. A partir das entrevistas, ficou claro o quanto a vida em comunidade é propícia, em qualquer idade.

Poderia dizer que quando mais jovem, quando era solteiro e livre, era ótimo! Quando não precisava me preocupar com o mundo, pensão [...] era um ótimo momento, porque você realmente trabalha e se dedica. Outro momento que foi bom para mim foi ter família, filhos. E havia outros na mesma situação, então havia muita troca. Partilhar a paternidade com outros. Acho que a maior parte das pessoas jovens que voltam, voltam para ter filhos porque eles amam a forma das crianças terem uma família expandida. É seguro. Você pensa: “meu Deus, cadê meu filho?” e ele estará na casa de um vizinho. [...] Não me sinto velho para saber como será, mas eu apoiei muitas pessoas a morrerem aqui. O governo aqui apoia as pessoas para morrerem em suas próprias casas, então você pode ter ajuda. Acho que será bom também. Será um bom lugar para morrer. E nós temos um cemitério próprio, perto do lugar onde foi o casamento. Estávamos dançando sobre ele (Cristopher).

Acho que tem benefícios para todas as idades, particularmente para crianças. Sempre digo que o grande benefício das comunidades é o que trazem para a criação das crianças. A socialização das crianças nas comunidades. Eu observei e experienciei com minhas próprias crianças. A melhor forma de construir um mundo melhor é ajudar a nutrir a próxima geração e ficar com eles, ajudá-los a se desenvolver, ter muito mais compaixão e uma visão de mundo coletiva, ao invés de individualista. No sistema dominante as pessoas crescem em grupos isolados, os modelos são individualistas. Aqui é muito mais coletivo, muito mais social, mais humano. Temos tipos diferentes de pessoas crescendo num lugar como esse. [...] então eu acho que é perfeito para crianças, mas acho que é bom para pessoas de todas as idades. Acho também que é particularmente bom para pessoas que são marginalizadas pelo sistema dominante, como mães solteiras, pais solteiros, eu diria... gays, lésbicas, idosos. Esses grupos que geralmente são marginalizados na sociedade hegemônica, podem se beneficiar muito em viver em comunidade (George).

Apesar dos desafios demográficos, a comunidade continua sendo vista como uma boa opção para passar todas as fases da vida, sendo esse o desejo da maior parte dos membros e a proposta do grupo como um todo.

4.10.5.6 Revendo as Concepções de Amizade

As amizades são vistas de formas diversas pelos membros da comunidade. Enquanto para alguns, todos os membros da comunidade podem ser considerados como amigos, outros, ao falarem das amizades referem-se às pessoas mais próximas. Entretanto, a intensidade e a profundidade dos relacionamentos também se revelam nas relações de amizade na comunidade, como podemos observar nos depoimentos a seguir: “Meus amigos íntimos são as pessoas que trabalham comigo, que estão ao meu redor. Talvez seja da minha natureza” (Marion).

Poderia dizer que todos na comunidade são meus amigos. Em um nível, é verdade. E a palavra amizade é desafiadora para muitos que vêm aqui, quando são novos, porque têm certos conceitos, ideais do que amizade significa. Quando eu costumava viver na cidade, eu ligava para meus amigos e marcava de encontrá-los no bar, talvez 2x por semana. Então 2x por semana nos encontrávamos e tínhamos conversas significativas. Aqui vou trabalhar de manhã cedo, encontro meu grupo, chegam os visitantes, vamos trabalhar juntos e tenho conversas profundas e significativas com estranhos, quase todos os dias. Então nessas conversas com estranhos ou com meu time, geralmente com estranhos, a qualidade da troca é a mesma, ou quase a mesma que tinha com meus verdadeiros amigos 2x por semana lá fora. [...] O senso de conexão com as pessoas, o que conseguia 2x por semana quando vivia na cidade, tomando cerveja, é uma constante aqui (Karl).

Essa entrega e abertura para as relações é um grande diferencial na vida das comunidades intencionais. As pessoas que optaram por viver ali, se propõem a um outro tipo de interação social, e a comunidade, enquanto grupo, se trabalha nesse sentido. Isso cria um campo de sustentação que propicia aos que estão apenas de passagem, seja participando de um programa ou visitando, poderem também experimentar um encontro profundo ou uma conversa significativa, mesmo em um curto espaço de tempo. Os vínculos aprofundam-se com a vida comunitária, e o afeto que existe entre os membros acaba sendo também estendido aos visitantes. As amizades acabam sendo favorecidas na vida em comunidade.

4.10.5.7 As Relações de Trabalho

O trabalho é essencial para a manutenção do espaço e visto como uma prática espiritual a serviço do desenvolvimento pessoal de cada indivíduo, e do desenvolvimento do grupo. *Work is love in action*, trabalho é amor em ação. Espera-se que cada membro ou visitante contribua com o trabalho comunitário. É fato que alguns acabam por deixar a comunidade, acreditando que trabalham demais ou pelo fato de que o trabalho cotidiano, somado à intensa convivência e ao foco no desenvolvimento pessoal e espiritual, fazem emergir diversos processos internos a serem encarados por cada um dos membros.

As pessoas acreditam que trabalham muito aqui. [...] Na verdade, não são 6 horas de trabalho cheias, mas a vida aqui é muito intensa, e a história aqui é que Findhorn trabalha em muitos níveis, é um polo de cura e de transformação muito forte, então os processos internos começam a sair [...] muita gente não consegue trabalhar em grupo [...] começa a ver que tem problemas, porque nem todo mundo é perfeito (Milla).

O trabalho, também visto como um serviço para a comunidade, apesar de ser um dos princípios do grupo, acaba por revelar aspectos a serem investigados por cada membro da comunidade no que se refere à sua real capacidade de servir, além de fazer emergir outras questões pessoais relacionadas à habilidade de cada indivíduo de trabalhar em conjunto, ou ainda questões relativas às relações de poder (a partir dos cargos ocupados, entre outros), sendo, inclusive, motivo para a saída de muitos membros da comunidade.

No ano passado, muita gente saiu. Nós perdemos em torno de 20 pessoas. A maioria porque achava que trabalhava muito. [E eram pessoas que estavam aqui há muito tempo?] Ah, não. Não, algumas pessoas estavam aqui há muito tempo. As pessoas que estavam aqui há muito tempo estavam precisando de uma mudança na própria vida. Estavam precisando achar a si mesmas de alguma forma. Algumas pessoas foram trabalhar, estavam aqui há oito anos e coisas assim. Nós tivemos três pessoas que saíram, acredito, também porque estava um momento difícil na Fundação, porque estava um momento de pouca grana, muito trabalho, muita pressão, e as pessoas novas não conseguiram segurar o balanço e ouvi muito as pessoas dizerem: “ah preciso de tempo para mim mesmo”. Então de alguma forma Findhorn absorve você. Absorve porque você está sempre em processo, você tem que estar trabalhando com outras pessoas, porque você não tem tempo para si mesmo porque tem sempre muita coisa acontecendo, porque muita coisa que você quer fazer e você não consegue fazer tudo. Então tem muito “panaranuê” pessoal (risos) (Milla).

O Trabalho em Findhorn significa simultaneamente trabalho interno e externo, trabalhar a si mesmo para estar apto a viver em comunidade e trabalhar para a sustentação da comunidade em si. Para algumas pessoas, isso é simples. Para outras, pode gerar todo tipo de conflito. Seja uma insatisfação por não encontrar tempo para si ou o fato de sentir-se sobrecarregado com as demandas comunitárias. Existe ainda um desafio relacionado aos aspectos financeiros, uma vez que a remuneração oferecida pela Fundação é praticamente simbólica.

Muita gente por aqui vai embora porque não consegue se sustentar. No meu caso tem a questão do visto, não poderia trabalhar [...] mas além da questão legal, tem a questão mesmo do financeiro. O pessoal que trabalha na Fundação ganha uma ninharia (Natália).

A Fundação nunca pagou o suficiente para viver. As pessoas precisavam ter dinheiro guardado ou algum tipo de entrada, ou outro trabalho. Não é possível viver a longo prazo pela Fundação, a não ser que se opte por uma vida frugal (Marion).

A questão financeira emerge enquanto um aspecto a ser equacionado pelo grupo. A Fundação remunera a todos da mesma forma, existindo apenas uma diferenciação em

relação aos que residem na comunidade e recebem também alimentação e moradia em troca, e os que não residem, que recebem um valor um pouco maior, conforme relatado abaixo por uma de minhas entrevistadas:

Então, sendo *residential* (morador) eles te dão comida e acomodação e 200 pounds ao mês. *No residential* (não-morador) eles dão por volta de 800 pounds e você tem que procurar a sua acomodação e a sua comida. E vou dizer que viver na Escócia, não te sobra muito. Sobra quase nada, o aluguel é por volta de uns 500, mais comida, luz e coisas (Milla).

Na Fundação Findhorn, como citamos anteriormente, grande parte do trabalho é realizado nos departamentos de serviço, ocupando a maior parte dos membros e também os visitantes. Além disso, existem os escritórios que cuidam de atividades mais específicas como as questões administrativas e financeiras, a comunicação, a acolhida dos visitantes, programação de cursos e eventos, captação de recursos, entre outros. Vale destacar que independente do trabalho realizado, a remuneração é a mesma, o que começa a ser questionado pelos membros, como podemos observar no depoimento da Marion: “Na Fundação, todos recebem o mesmo. Se você está na gestão ou na cozinha, não importa. Já não valorizo mais isso!” (Marion).

Em relação a que tipo de trabalho ou tarefa realizar, tudo depende das vagas disponíveis. Conforme explica uma de minhas entrevistadas: “ toda posição oficial sai no jornalzinho [*Rainbow Bridge*], tem um *advertising* (anúncio) e qualquer pessoa pode “aplicar” (se candidatar) para a posição” (Milla). Em outro trecho da entrevista, ela traz alguns exemplos:

Quando existe uma vaga qualquer um “aplica”, até *management* (gestão). Vamos dizer, se a Camila (atual diretora) tiver que sair vão dizer: “essa linha está disponível. Quem tá podendo? Quem está a fim? Quem está achando que poderia estar naquela posição? [...] ia fazer o *application*, ia fazer a reunião, o *attunement*, e aí ia ver. Essa questão, reunião é uma entrevista, *attunement*, e aí decisão. E também tem coisas que às vezes rola um *attunement*, sem a pessoa. Por exemplo, [...] eu convido você, a gente conversa, duas, três vezes, a gente vê quais são suas intenções, quais são suas dificuldades, quais são seus *gifts*, quais são suas coisas, depois a gente faz o *attunement* para ver se tem ou não a ver. [...] A primeira vez que eu fiz para cozinha eu vi a cozinha cheia de flores, ninguém disse se eu precisava ir para o jardim ou para cozinha, entendeu? Mas essa coisa é assim, muito interessante (Milla).

Outro aspecto a ser observado refere-se às habilidades disponíveis no grupo. Em Findhorn, assim como na maior parte das Ecovilas, não importa muito a bagagem dos

envolvidos. Parte-se do princípio de que cada um está ali para aprender a viver de outra forma, e isso implica no aprendizado de novas habilidades, o que por um lado possibilita desenvolverem novas capacidades. Entretanto, conforme se evidencia no depoimento abaixo, os recursos ou talentos individuais poderiam ser mais bem aproveitados:

Mas tem muita coisa, pequenas coisas que poderiam trazer vitalidade para o todo. Então as estruturas de alguma forma, são um pouco fixas, é difícil mudar as coisas porque tem 50 anos de tradição, porque a gente sempre fez assim, porque a gente sempre fez assado, porque eu acho que a Fundação não desperta na forma que utiliza os recursos. Se tem um cozinheiro porque vai colocá-lo no jardim? Poxa no jardim ele vai ter que aprender tudo, na cozinha ele vai usar o que é próprio. E assim de alguma forma essa coisa que aqui “ah a gente não se importa com os diplomas que você já teve, entendeu? O que é importante são as experiências que você tem aqui.” Pô, bacana por um lado, por outro lado, quanta energia a gente desperdiça. (Milla).

Não há consenso em relação a isto. Alguns membros acreditam que é importante aprenderem a realizar outras tarefas ou ocuparem novas posições, enquanto outros vêem isso como uma forma de desperdício de recursos ou talentos.

Em relação aos trabalhos contratados pela Fundação, geralmente são aqueles que demandam algum tipo de habilidade específica, não disponível na comunidade, como relata Milla:

[Que trabalho é contratado aqui?] Bom, o trabalho que ninguém tem capacidade de fazer. Então se no momento a Fundação precisa, se na Fundação tem trabalho de eletricidade e ninguém sabe fazer a gente paga alguém para fazer. Se a gente precisa de uma pessoa em *IT* (informática/tecnologia) e não tem pessoas que saibam fazer o trabalho, a gente paga uma pessoa para fazer. E acredito que tem trabalhos que ninguém queira fazer (Milla).

Conforme evidenciou-se ao longo desta sessão, as relações de trabalho merecem uma atenção do grupo no sentido de um melhor aproveitamento das capacidades individuais, podendo otimizar o trabalho do coletivo e gerar mais satisfação para os envolvidos, e também podendo vir a contribuir para a permanência dos que gostariam de ficar na comunidade mas não disponibilizam de recursos.

A questão financeira foi citada em diversos depoimentos como um dos atuais desafios do grupo, relacionando-se não apenas à atual crise financeira na Europa, o que reduziu o número de interessados em visitar ou participar de programas na comunidade,

mas também pelo fato de que atualmente, diversas outras Ecovilas e comunidades intencionais oferecem cursos afins, muitas vezes, a custos mais baixos, já que não cobram em libras, gerando uma certa concorrência e fazendo com que os interessados possam optar por realizar programas em lugares mais acessíveis, em termos de custos e também de localização.

4.10.5.8 A Comunidade e sua Relação com o Entorno

A relação da comunidade com o entorno foi se estabelecendo ao longo dos anos. De acordo com meus entrevistados, no início, havia um estranhamento forte da vizinhança em relação ao grupo, mas com o passar dos anos, a interação foi acontecendo. Atualmente a comunidade é bem vista, de forma geral, pelo desenvolvimento positivo que criou na região, atraindo pessoas e uma diversidade de negócios.

Nas Ecovilas, existe uma intenção clara de contribuir com o desenvolvimento da bioregião, o que nem sempre acontece. São muitas as diferenças de visão, valores e estilos de vida entre os ‘Ecovileiros’ e a sociedade hegemônica. Em Findhorn, a implantação da comunidade no local provocou reações adversas, como podemos observar nos depoimentos abaixo.

Essa comunidade recebeu muita publicidade negativa ao longo dos anos. Pessoas do *mainstream* desconfiam do que é diferente e, particularmente, desconfiam de pessoas que têm um estilo de vida diferente. Então acho que é muito comum para comunidades intencionais como essa terem desafios de relacionamentos com as pessoas de fora. E geralmente leva décadas para as relações se estabilizarem, que foi o que aconteceu aqui. Acho que a resistência que essa comunidade teve no início basicamente desapareceu (George).

Muita resistência veio da Findhorn Village, as pessoas viveram lá toda a sua vida, aí esse bando de *hippie* chegou nos anos 60 e 70 e estabeleceu uma comunidade que chamaram de Findhorn e se tornaram conhecidos pelo mundo como Findhorn. Findhorn agora é essa comunidade e não a vila que costumava ser. Então existe um rancor em relação a isso. Mas basicamente existe um ressentimento em relação aos de fora, do entorno e a diferença de estilo de vida. [...] Mas muito desse ressentimento se dissipou, e as pessoas reconhecem que essa comunidade traz vários benefícios econômicos e também benefícios sociais e culturais. Então acho que hoje em dia somos bem aceitos (George).

No momento [a relação com o entorno] está muito pacífica. Foi amigável e não amigável ao longo dos anos. Fazemos esforços para conectar. Já não somos mais tão estranhos. Mas claro, podemos sempre assumir o papel do ‘outro’, quando o ‘outro’ é necessário. Mas não há nenhum desafio atualmente, está tranquilo. Muitos visitam a comunidade (Marion).

Enquanto alguns acreditam que a relação de Findhorn com o entorno é boa, outros percebem que é uma relação superficial, precisando ainda ser aprofundada. É fato que hoje a vizinhança frequenta a comunidade, principalmente para ter acesso às atividades culturais realizadas no *Universal Hall*, o maior espaço de eventos da região. Alguns participam também de cursos ou workshops oferecidos pela Fundação. Mas muitos mantêm uma distância, talvez pela diferença de estilos de vida, ou pelo foco na espiritualidade, que ainda causa um estranhamento, como confirma Jenis: “As pessoas do entorno vêm ao *Universal Hall* para ver filmes, shows, peças. Não estão interessadas na comunidade. Achem as pessoas estranhas” (Jenis). Em outro momento da entrevista, ela afirmou:

As pessoas do entorno não gostam de Findhorn. Em Findhorn Village os preços subiram muito por causa da comunidade. É uma antiga vila de pescadores, local tradicional de férias. Agora está ocupada pela comunidade, ficou cara (Jenis).

Jenis é vizinha da comunidade e acaba de comprar um terreno para construir sua casa no Park. Participou de programas e é simpática à comunidade, mas sua perspectiva é que a maior parte dos moradores da região têm ressalvas em relação à Findhorn. “Findhorn é uma bolha. Tem seu próprio modelo, sua forma de ser. Os programas são caros. Não é bem vista pela comunidade [entorno]. Muitas pessoas são céticas em relação à Findhorn”. Ela aponta ainda outras questões relativas à convivência com a comunidade: “É difícil se relacionar aqui. Existem vários grupos, famílias diferentes. Não é muito amigável para quem vem de fora” (Jenis). Aqui emergem as controvérsias relacionadas à interação da comunidade com o entorno.

Natália, que vive há alguns meses em Findhorn, traz ainda outros questionamentos, percebendo a complexidade da situação e apontando para alguns dos desafios do relacionamento com a vizinhança.

O maior desafio é... acho que são vários! Acho que o que me veio principalmente é a coisa da integração com os vizinhos, com a comunidade local. Sinto muito isso, muito das Ecovilas que eu visitei num isolamento. Pelo fato de ter um laboratório fechado, vamos testar aqui, uma das coisas que faltam testar é: tá bom, então, como que a gente cria links econômicos, comunitários, com as pessoas que moram ao

redor? E pelo que conheço mais ou menos da história de Findhorn, muitos dos vizinhos de Forres e de Findhorn Village não gostam da Ecovila, da espiritualidade. Eu acho que a parte da sustentabilidade é o que está mais atraindo agora, porque está em voga. As pessoas estão começando a mudar o conceito sobre Findhorn, então eles trazem a família pra visitar, fazer um *tour*, vira um ponto turístico. Então tem um aspecto legal desse aspecto mais ecológico. Mas o lado da espiritualidade separa, isola. E aí, as pessoas de fora sentem que não fazem parte do processo. Então eu sinto que o maior desafio é justamente mostrar como esse núcleo tem uma influência positiva nos seus ambientes regionais. E aí é muito trabalho, com a comunidade local, com as empresas, com os moradores, de trazer gente para visitar e ir fazer projeto local. Eu sei porque a gente acaba fazendo projeto do outro lado do mundo, mas não olha pra cá. Inclusive os visitantes, tem gente que vem do mundo inteiro, vem gente do Brasil, da África, da Ásia, do mundo inteiro vem pra Findhorn, mas será que as pessoas da Escócia conhecem? (Natália)

É relevante observarmos as diferentes visões e perspectivas trazidas pelos membros da comunidade e vizinhos no que se refere à relação de Findhorn com o entorno. Para alguns, a sustentabilidade atrai e a espiritualidade assusta. Ao mesmo tempo, a espiritualidade é a grande ‘cola’ que faz com que novos membros e visitantes não parem de chegar, interessados em conhecer a proposta e a experiência do grupo. Atualmente, a sustentabilidade também é um grande foco de interesse dos visitantes.

Buscando solucionar algumas destas questões, Findhorn criou um núcleo chamado *Building Bridges* (construindo pontes) que se ocupa, entre outros, em fazer as conexões locais, criando programas específicos, com tarifas diferenciadas, para que grupos da região possam conhecer e participar de atividades na comunidade.

4.10.6 Estratégias para favorecer os relacionamentos

Com o intuito de favorecer os relacionamentos, a comunidade desenvolveu e se utiliza de diversas estratégias e ferramentas a nível físico, institucional e operacional/prático, conforme veremos neste item.

4.10.6.1 Nível físico: preparando o espaço para acolher o grupo

Alguns aspectos podem ser considerados no sentido de favorecer as relações sociais. O planejamento do espaço físico da comunidade é um deles. Da criação de um

centro comunitário, que possa acolher as mais diversas atividades do grupo até a construção de praças e caminhos de pedestres que favorecem as interações sociais, são algumas das estratégias utilizadas para estimular a convivência.

O espaço físico em Findhorn é um convite à vida em comunidade. São várias as opções para se estar confortavelmente em grupo. Pequenos espaços, muito bem cuidados, com bancos nos jardins, convidam a uma boa conversa. Espaços para eventos, cursos e meditações em grupo. Espaços dos mais diversos tamanhos para melhor atender as demandas da comunidade. Cozinha comunitária onde ocorrem as refeições de membros e visitantes, lavanderia compartilhada também pela comunidade e visitantes. Área de lazer, com quadra de vôlei e gramado, *hot tub*, um café que funciona diariamente dentro da comunidade, entre outros, são aspectos que, sem dúvida, favorecem o convívio. As inúmeras atividades culturais realizadas na comunidade também servem ao propósito de estimular os relacionamentos. São espaços onde as pessoas têm a oportunidade de interagir de outra forma e, portanto, de aprofundar as relações.

Ter um ritmo de vida coletivo contribui de forma efetiva para estimular os relacionamentos. Membros e visitantes meditam juntos, fazem juntos as refeições e trabalham nos mesmos horários, embora cada um em um departamento ou escritório. Os horários livres também são comuns, o que favorece as interações.

Estas são algumas das estratégias utilizadas em Findhorn para fortalecer as conexões no grupo e os relacionamentos de forma geral. Nas sessões abaixo, veremos algumas ferramentas e práticas que a comunidade desenvolveu ou introduziu com o intuito de favorecer as relações sociais.

4.10.6.2 Nível institucional: criando acordos, documentos e procedimentos para facilitar os processos de convivência

À nível institucional, foram criados acordos no grupo e documentos comunitários para facilitar a gestão da comunidade e os relacionamentos de forma geral. Servem como diretriz de como os membros devem se comportar e também incluem procedimentos para a mediação de conflitos, entre outros.

O documento guia da Findhorn Foundation chama-se *Common Ground*, que em português pode ser traduzido como ‘território em comum’. O *Common Ground* serve como um balizamento das atitudes e práticas da comunidade. Ele foi criado pelo grupo e vem sendo adaptado ao longo dos anos. A versão atual é bastante sintética, o que chega a ser questionado por alguns membros. A intenção era simplificar ao máximo para que todos pudessem não apenas compreendê-lo mas mantê-lo vivo no dia-a-dia. De acordo com Karl, o *Common Ground* surgiu a partir de uma crise, conforme relata:

Ele surgiu de uma crise, quando nos demos conta de que estávamos nos comportando de forma completamente antiética. Tínhamos ido parar tão longe de onde dissemos que estaríamos indo. [...] percebemos que precisávamos criar um código de ética para dar limites, ‘guiança’, nos ajudar a nos manter próximos da linha que define nosso curso. [...] A intenção é traduzir os nossos ideais e o espírito do lugar em como se vive isso (Karl).

O documento é revisado e levemente modificado de tempos em tempos, mas a base continua a mesma. A partir de uma análise do documento em sua versão atual, revisada pelo grupo em 2012, e uma antiga versão, podemos compreender Karl quando diz que o documento ficou “*meio lavado*”. A versão anterior era mais detalhada, de certa forma, mais robusta. A atual é poética em termos de linguagem, mas também um tanto vaga, deixando aspectos importantes a serem interpretados por cada indivíduo.

Quando questionei sobre a efetiva utilização do documento no dia-a-dia da comunidade, os membros responderam que o *Common Ground* serve como um guia para a conduta do grupo, não sendo tão utilizado cotidianamente, mas sim nos casos de conflitos e crises, como evidencia-se no depoimento abaixo:

Não acho que as pessoas o seguem tanto. Sabe, a razão pela qual foi criado é justamente porque as pessoas não fazem. Mas existe esse suporte, essa ‘guiança’ para quando as coisas ficam extremas. [...] Nos dá uma certa orientação [...] Nos permite medir o quanto desviamos do curso ideal (Karl).

[processo de resolução de conflitos] Tem o *Common Ground* que seria a base da base, que você toma a responsabilidade pelas suas emoções que... não sei se você leu o *Common Ground*? Então, você deveria falar com a pessoa diretamente que você tem conflitos, ... tem algumas *guidelines* mas não vou dizer que a gente... que assim, eu acredito que deveria ser mais integrado e realmente ser feito como sagrado porque dentro dali, na verdade, tem... no *Common Ground* tem a receitinha do que deveria ser feito (Milla).

Ao longo dos anos os documentos da Fundação Findhorn e da nova associação de moradores, NFA, foram convergindo, facilitando o processo de governança da comunidade como um todo.

São compromissos. Toda vez que... toda pessoa que assina um contrato, assina o *Common Ground*, toda pessoa que entra aqui, aceita o *Common Ground*. Atualmente, a Findhorn Foundation e a NFA - New Findhorn Association utilizam o mesmo documento o que facilita a gestão da comunidade como um todo (Milla).

No intuito de colaborar com os processos de relacionamento no grupo, foram criados ainda departamentos e funções específicas, tanto na Fundação Findhorn como na NFA. Na Fundação, um departamento chamado *Spiritual and Personal Development* (Desenvolvimento pessoal e espiritual) apoia o desenvolvimento pessoal de cada membro, e o convívio entre eles, contribuindo para um bom funcionamento das equipes de trabalho e da comunidade de forma geral.

Então o papel do SPD, *Spiritual and Personal Development*, então eles fazem treinamentos para que as pessoas fiquem *update*, continuem a trabalhar a si mesmas, eles oferecem vários tipos de treinamentos, eles oferecem suporte, resolução de conflitos, não sei quanto funciona mas é o papel deles. E oferecem supervisão, então a pessoa externa que vem falar de conflitos internos (Milla).

Já a NFA - New Findhorn Association, criou o cargo do *Listener Convener*, onde os encarregados, geralmente uma dupla, um homem e uma mulher, eleitos pela comunidade a cada 2 anos, têm como função ouvir os membros, identificando questões relevantes a serem cuidadas pelo grupo e colaborando na mediação de conflitos, articulação de propostas, projetos, entre outros.

Fica claro quanta atenção é dedicada a facilitar os processos de convivência do grupo e as relações interpessoais, buscando minimizar os conflitos e criar uma estrutura que sirva como base para sustentar a comunidade e seus processos ao longo dos anos.

4.10.6.3 Práticas: criando comunidade a partir das práticas cotidianas

Diariamente, diversas práticas realizadas também servem ao propósito de conectar as pessoas e favorecer os relacionamentos na comunidade. Antes de qualquer atividade ou serviço comunitário faz-se um '*check in*', ou seja os presentes são

convidados a falar brevemente como estão se sentindo ou partilhar o que for necessário para poderem estar inteiros e/ou sentirem-se confortáveis no grupo. Também é usual, no início e no término de cada atividade, o grupo fazer um *'tune in/tune out'*, ou seja, uma sintonização dos participantes entre si, com o lugar e também com a tarefa que irão realizar. Tudo isso cria um campo de acolhimento e harmonia no grupo, favorecendo os relacionamentos de forma geral.

Outra prática comum na comunidade que serve para aprofundar os relacionamentos e criar conexão no grupo são os círculos de partilha, onde cada um é convidado a compartilhar com o grupo o seu processo pessoal, vivência na comunidade ou qualquer outro tema específico.

Findhorn é conhecida como um local que contribui para o desenvolvimento de habilidades de facilitação de grupos. São muitos anos de processos grupais onde esse conhecimento foi sendo criado e disseminado. Em cada círculo, para cada atividade, existe sempre um facilitador. O facilitador conduz o grupo em sua caminhada, gerindo o processo e contribuindo com as interações entre os participantes do grupo. Alguns se inspiram nos facilitadores mais experientes, outros vão desenvolvendo seu próprio repertório de facilitação com a prática.

Eu aprendi tudo lá em Findhorn, toda essa coisa de grupo. [...] Tudo que eu aprendi foi morando num lugar onde tudo é feito com o grupo. Eu não me lembro se algum dia eu fiz um curso de como facilitar grupo. Foi fazendo foi aprendendo, foi errando. Foi fazendo péssimas facilitações, foi observando quem facilita super bem, muita gente na minha frente fazendo coisa muito incrível, só observando: olha só como é que ele fez, olha como ela faz. E aí praticando (Elisa).

Há mais consultores e facilitadores aqui do que em qualquer outro lugar do Reino Unido, então sempre existe a possibilidade de trabalhar as situações (Marion).

A prática da facilitação de grupo serve não apenas ao empoderamento dos indivíduos para a partilha da liderança, como também contribui efetivamente na gestão dos processos de grupo de forma mais ampla. Ao facilitar um círculo, cada um é também convidado a olhar para si mesmo, compreendendo melhor suas habilidades e limitações. Como revela um de meus entrevistados: “a comunidade tem sido um ótimo lugar para me testar em conduzir grupos, cuidar da energia. [...] encontrar meus gatilhos, o ego. [...] Interessante observar o meu processo, como me tornei flexível” (Nikolas). Assim, ao disponibilizar-se para conduzir um grupo, os membros também têm a

oportunidade de praticar a facilitação e de se aprofundarem em seus processos pessoais. O fato de ter um facilitador sempre presente faz com que o grupo caminhe de forma mais objetiva e com que haja o devido acolhimento para qualquer situação que precise de cuidado.

Atualmente, uma das ferramentas mais utilizadas pela comunidade para fortalecer as conexões no grupo e aprofundar os relacionamentos e o processo grupal de forma mais ampla, contribuindo também para a gestão de conflitos no grupo é o *Process Work*, também conhecido como *Process-oriented Psychology*, criada por Arnold Mindell. Conforme descrita por uma de minhas entrevistadas:

Pop é *Process-oriented psychology* e de alguma forma é uma constelação sistêmica de grupo. O Pop trouxe muito conhecimento para comunidade, muita ferramenta para trabalhar em grupo. Porque a gente conseguiu entender que existia um *field*, que é um campo de energia, que o que não é dito vira os fantasmas, os *ghosts*, que a gente constela uma posição que nem sempre é uma posição pessoal mas uma posição do campo, então de alguma forma sai um pouco do pessoal para entrar no que é o coletivo. Traz a voz do coletivo, traz as vozes que não foram escutadas ainda, então isso traz um outro nível de trabalho. [...] eu acredito que essas são as grandes ferramentas que ajudam a gente a trabalhar em grupo. Porque a gente constela esses problemas e aí a gente consegue ver igual uma constelação familiar, a gente consegue ver com clareza quais são os problemas e muitas vezes manifestar os problemas invisíveis. Porque o que a gente percebe que são esses problemas que a gente não consegue ver no dia-a-dia, que têm muita importância (Milla).

O *Process Work* ajuda a dar visibilidade ao que precisa ser visto e trabalhado pelo grupo, ao atuar a nível sistêmico. Outra ferramenta utilizada em Findhorn como forma de favorecer os relacionamentos e as interações na comunidade é o *Conselho*, onde o grupo senta-se em círculo e, numa forma ritualística, cada um é convidado a ir ao centro para partilhar suas questões, perspectivas ou sentimentos. Detalharemos o conselho mais adiante, no item comunicação.

A utilização de todas estas ferramentas e processos cria um clima de acolhimento e mostra a disponibilidade do grupo de estar constantemente investigando e aprofundando as relações inter-pessoais e grupais.

4.10.7 Conflitos nos relacionamentos

Os conflitos fazem parte das relações humanas e apesar de muita atenção dedicada a favorecer os relacionamentos e minimizar os conflitos no grupo, eles são inevitáveis. Existem conflitos entre casais, conflitos interpessoais, intergeracionais, grupais e estruturais. Ao longo dos anos, foram-se criando estratégias para lidar com eles da melhor forma, como algumas citadas anteriormente.

Os temas geradores de conflitos variam de questões mais simples e pontuais para outras extremamente complexas. Em Findhorn, diz-se que um conflito é um convite a aprofundar o relacionamento com aquela pessoa, a investigar o que essa situação pode estar revelando de forma mais ampla, enquanto aprendizado, para contribuir com o seu crescimento pessoal e com o crescimento do grupo.

Muitas vezes os conflitos resultam de mal entendidos, ou de pré-julgamentos equivocados. Podem também emergir a partir de perspectivas diferentes em relação a uma determinada situação e da incapacidade de chegar a um acordo. É evidente o quanto os conflitos pessoais são responsáveis pela saída de membros da comunidade, como pude presenciar em relação a um conflito que emergiu na equipe do jardim e afastou simultaneamente as duas pessoas envolvidas e, também, o quanto alguns grandes conflitos ou crises servem para unir o grupo. De acordo com Ian: “nada une mais a comunidade do que as crises”.

Segundo Marion, antiga moradora e parte da equipe de gestão, são muitos os conflitos que emergem, sendo alguns deles recorrentes, conforme detalha abaixo:

Alguns são constantes, como a questão dos muros ou estacionamento. Questões de responsabilidade, quem é responsável pelo que. Precisa estar claro em relação às responsabilidades. Grandes conflitos que requerem advogados em grupos de trabalho. Conflitos no cuidado com as crianças, na partilha de recursos, todas as coisas ordinárias! Mas existe sempre uma solução, quando olhamos para o passado, vamos que funciona (Marion).

Em outro trecho do depoimento, Marion aponta ainda outras situações: “Quase todas as construções geraram algum tipo de conflito. [...] Conflitos de acomodação entre a Findhorn Foundation e o College. É um trabalho constante de encontrar o que é justo, o que está bom para as partes” (Marion).

Quando perguntei sobre a existência de algum conflito ou crise em especial que marcou o processo da comunidade, Marion respondeu: “o conflito do momento é sempre mais complexo!” Em seguida detalhou o que na sua visão foi uma das grandes crises pela qual a comunidade passou:

Nos anos 80 houve uma grande crise financeira. Não tínhamos dinheiro para pagar o aluguel. A solução foi comprar o Park, que aconteceu em 1982. Isso trouxe a comunidade junto. Talvez tenha sido a última vez em que a comunidade trabalhou junto por um objetivo comum (Marion).

É muito interessante observar o quanto as pessoas se unem em situações de crise e o quanto isso pode ser aproveitado a favor do grupo, caso haja consciência nesse sentido. Na visão de outro antigo morador: “Existem sempre crises que são como febres. Quando Eileen deixou de dar ‘guiança’ houve uma febre. Depois disso, quando Peter partiu foi uma febre. Sabe, perdemos nossos líderes!” (Karl).

Certamente, ao longo de seus mais de 50 anos, a comunidade viveu os mais diversos tipos de conflitos e crises, e foi criando meios para superá-los e seguir adiante. Lidar com estes processos de forma continuada, errando e aprendendo, e seguindo na prática e na busca de novas ferramentas fortalece bastante o grupo, fazendo-o amadurecer ao longo dos desafios da caminhada. Como sugeriu Marion em outro trecho de seu depoimento: [Conflitos?] “Aprenda e deixe-o ir. Essa é também uma prescrição geral para manter a saúde” (Marion).

É importante usar os conflitos como fontes de aprendizado e crescimento, e também aprender a liberá-los quando for o momento, uma vez que esse tipo de situação demanda muita energia, gerando desgastes físicos e emocionais. Ao longo desta pesquisa tornou-se evidente o quanto os conflitos, mesmo que pessoais, acabam por afetar a comunidade como um todo. “Conflitos não são tão privados pelo impacto que geram no sistema como um todo” (Marion). Vale também ressaltar que nos grupos, assim como no universo, as questões estão relacionadas, interligadas, e que, portanto, como bem destacou Marion em outro trecho do depoimento: “a parte do sistema que mostra o sintoma não precisa ser cortada”, ou seja, de nada adianta excluir um membro numa situação de conflito uma vez que geralmente a situação apenas revela uma disfunção do sistema como um todo que precisa ser vista e cuidada pelo grupo. Afastar o problema não costuma resolver a situação, mas sim acaba por agravá-la.

Parece que no passado conflitos graves que levavam à saída de membros eram mais comuns. Atualmente já não acontecem tanto uma vez que os procedimentos em relação ao que fazer em situações de conflitos estão mais claros e o grupo mais maduro, de forma geral.

Costumava acontecer mais. [...] Nos anos 80 muitos saíram chateados, cansados, desmotivados. Você doa muito para a Fundação e fica sem perspectivas ao sair, ninguém para te apoiar. Se espera por algo assim, vai se frustrar. Tem todo um processo de atração e repulsão, amor e ódio. Às vezes você precisa criar algum drama ou incidente se você precisa mover algo e não está movendo. Seja lá o que for, vai acabar ficando doente ou em conflito ou bloqueado, porque a mensagem é: é hora de seguir adiante! Acho que existem mais processos agora de *attunement*, checagem, encontros, etc., antes era mais solto. (Marion)

Apesar disso, pude acompanhar um conflito que começou a nível pessoal e foi levado as últimas consequências, culminando com o afastamento de ambos os envolvidos.

Um conflito entre *staffs*. Desacordos em relação a quem deveria fazer o que, como deveria ser feito, quem está fazendo um bom trabalho. É difícil avaliar! São estilos, diferentes opiniões, não negligência (Marion).

Outros membros emitiram opiniões diferentes a respeito da mesma situação, apontando para uma possível falha da gestão comunitária na forma de encaminhar a questão, o que acabou contribuindo para o agravamento da situação.

Outra questão a ser considerada é o fato de muitas pessoas não se posicionarem quando estão diante de uma situação de conflito no grupo, seja por medo do conflito ou mesmo pela opção do não envolvimento, ou ainda, de vários membros acabarem apoiando um dos lados, mesmo sem terem conhecimento de causa, fomentando o conflito, ao invés de trazerem a sua perspectiva pessoal, seja ela qual for, e buscarem caminhos de conciliação. Processos assim acabam gerando rupturas e o afastamento de membros.

Destacar-se muito nos grupos também é algo que geralmente leva a conflitos, assim como, propor muita inovação e transformação.

Então, essa coisa do empreendedor mais dinâmico, ela pode ser mal interpretada, dependendo de quem está dirigindo [...] eu acho que pode ser um dos disparos, ou gatilhos dos conflitos. Não só lá, como em outros experimentos de meme verde, de consenso (Elisa).

Outra questão tradicionalmente geradora de conflitos é o aspecto financeiro. Seja referente ao que cada um deve pagar para a manutenção da comunidade ou o que se tem a receber por um serviço prestado. Nessa sociedade movida pelo dinheiro, o ter ou não ter, receber mais ou menos, acaba levando a conflitos e discussões.

Conflitos nunca são simples. O que aprendi nesses anos de caminhada comunitária é que quanto antes vierem à tona e foram trabalhados pelo grupo, melhor. Infelizmente, muitas vezes, os conflitos acabam sendo jogados para baixo do tapete, por não serem temas agradáveis de serem abordados ou mesmo pela falta de habilidade para lidar com eles. É evidente, que continuam a emergir, mesmo em grupos antigos, apesar de utilizarem-se das mais diversas ferramentas para evitá-los ou mediá-los.

Outra questão relevante de ser considerada é que algumas vezes achamos que temos alguma questão a ser resolvida com alguém, algum tipo de conflito ou mal entendido, quando, na verdade, trata-se apenas de uma impressão equivocada, conforme o exemplo abaixo:

Eu mesma percebi, quando eu fui para resolução de conflitos, quando eu fui capaz de dizer “mas qual é o seu problema comigo?” Muitas vezes o problema se dissolve porque você tem a coragem de ver qual é o problema e às vezes já aconteceu “eu achei que você não gostava de mim” “eu achei também que você não gostava de mim” e foi, era só isso. (Milla)

A resolução de conflitos, no caso acima mencionado, se trata apenas de abrir espaço para o diálogo, com o apoio de mediadores, pessoas da própria comunidade, que não estão diretamente envolvidas com a situação, e que auxiliam para que a questão se resolva. Na maior parte das situações de conflito, uma comunicação efetiva é uma grande aliada para que a questão seja esclarecida e superada.

Existem ainda aspectos mais sutis a serem investigados no que se refere aos conflitos na comunidade conforme ressalta Karl:

O maior desafio é que estamos numa ‘Egovila’ mais do que numa Ecovila. No início dessa comunidade, éramos conhecidos como o cemitério do ego. Era um dos nossos rótulos. Se você tivesse um ‘egão’ e viesse aqui, você encontrava o Peter Caddy e tinha que abrir mão do seu ego. Ele era o ‘egão’ *mor* e todos tinham que servir a ele. (risos). Era o cemitério dos egos. Era muito simples. Petter Caddy estava no comando. Dizia para você fazer isso ou aquilo. Você deveria partir se ele dissesse que era a hora de você partir. Não havia como argumentar. Mas hoje os egos cresceram tanto quanto os repolhos costumavam crescer nos primeiros

anos. São grandes egos, isso gera muito conflito. Esse é um dos nossos grandes desafios. Tivemos um encontro da comunidade, por exemplo, onde falamos dos muros. As questões são: o meu jardim, eu quero cultivar o meu alimento ou eu olho pela minha janela e vejo o seu muro. Sabe, é tudo sobre o eu e o meu. Então todas essas pessoas estão tentando viver em comunidade e isso não é fácil. Tem muita fricção, muita tensão. É difícil 'segurar' (manter/conduzir) com integridade (Karl).

Aqui a questão do reconhecimento dos limites e do espaço do outro, e a necessidade de aprender a lidar com o ego se evidenciam. Também a individualidade exacerbada da cultura moderna ocidental e as questões de poder e posse, que tanto geram conflitos e separações, não só nas comunidades mas na sociedade de forma mais abrangente.

[O que gera mais conflitos na comunidade?] *Rank*. Saber lidar com *rank*, não saber lidar com *rank*, pessoas que têm responsabilidade, sabe, o *rank* tem um peso muito forte e cria ressentimento para as pessoas que não conseguem lidar com *rank* porque tem toda uma categoria de pessoas que sabotam e que não conseguem encarar isso. É o que eu chamo de rala ego, né? Tem um tanto de rala ego. E acredito que tem tanto rala ego porque não tem muito trabalho pessoal que a gente chama de *inner work*. Quanto mais você tem *inner work* mais você sai da sua posição cristalizada, mais você pode ver os outros com compaixão, também porque a compaixão é uma parte muito importante (Milla).

Aprender a lidar com as relações de poder é um desafio social constante. Aprender a gerir os conflitos também demanda tempo, energia e prática, além de boas ferramentas e procedimentos.

Há ainda muito a ser investigado e vivenciado para aprendermos, enquanto comunidade humana a cuidar melhor de nossos relacionamentos, com outros seres humanos, com outras espécies, com a natureza e o planeta, de forma mais ampla.

[Desafio?] passar da 'Egovila' para a Ecovila. Isso tem o Satish Kumar, ele fez uma conferência sobre isso. [...] Falou que o grande desafio para o ser humano é passar da personalidade ego para a personalidade eco. E quando você passa para a sua personalidade eco, você está conectado com o todo, porque a natureza é nível sistêmico, onde uma coisa suporta... uma coisa depende da outra, está tudo inter-relacionado. O ego acha que ele está sozinho. [...] O ego é separado, o eco é junto (Milla).

Esse é um grande desafio, não apenas das Ecovilas, mas da humanidade. Compreender a interdependência de forma mais profunda e começar a agir em prol do todo, desenvolvendo a 'responsabilidade universal' e as habilidades necessárias para nutrir bons relacionamentos e contribuir para o cuidado da vida no planeta.

4.11 COMUNICAÇÃO

Apesar da comunicação ser parte integrante dos relacionamentos, optamos por abordá-la em um item à parte, com o intuito de evidenciar a sua centralidade na vida comunitária de Findhorn e das Ecovilas, de forma geral. A busca de uma comunicação colaborativa e sustentável está presente no cotidiano das Ecovilas. Uma comunicação onde cada um tenha a oportunidade de se expressar com profundidade, onde haja espaço para o diálogo e a escuta, além de suporte comunitário para apoiar o grupo nesse caminho de aprendizagem. Cada comunidade desenvolveu procedimentos e metodologias próprias para facilitar seu processo de comunicação e expressão, favorecendo o fluxo de informações e possibilitando o aprofundamento das relações.

A comunicação colaborativa ocupa um papel central na construção de uma nova cultura, assim como, na vida comunitária de modo geral, possibilitando outras formas de interação entre as pessoas, gerando conectividade, favorecendo o aprofundamento das relações e minimizando os conflitos. Segundo John Croft, a comunicação efetiva é o coração do desenvolvimento comunitário, visto que uma comunidade é caracterizada pela qualidade da comunicação entre os seus membros (CROFT, 1991 apud SIMAS, 2013).

4.11.1 A comunicação em Findhorn

Em Findhorn, muita atenção é dada a questão da comunicação. Há um cuidado em abrir espaço para que a comunicação possa acontecer efetivamente, além de utilizarem ferramentas e técnicas para auxiliar o grupo nos processos de comunicação. Partindo do '*I statement*', onde cada um é convidado a falar de si, a partir da sua perspectiva pessoal, passando pela abordagem da comunicação não-violenta e pela cultura de dar e receber apreciações e *feedbacks*, além da realização de círculos de *partilha* e *conselhos*, a comunidade está em constante investigação e aprendizado em relação às formas de comunicar e ao impacto disso nos relacionamentos, como veremos ao longo desta sessão.

4.11.1.1 Ferramentas utilizadas por Findhorn para a comunicação interpessoal e grupal

A comunicação com outros seres, os espíritos da natureza, também chamados de *Devas*, fez com que Findhorn crescesse enquanto comunidade e se tornasse conhecida mundialmente. A comunicação inter-pessoal e comunitária também são aspectos que merecem cuidado e atenção na Ecovila escocesa.

Uma das ferramentas logo ensinadas a qualquer um que chega para participar de um programa na comunidade é o '*I statement*', ou 'fale de si'. Cada um é estimulado a se conectar com a sua essência e trazer a sua própria voz (visão ou perspectiva). 'Seja lá o que for, fale, mas fale de si, da sua experiência, da sua própria verdade'. Geralmente nos comunicamos de forma mais abstrata ou indireta, como se estivéssemos dizendo uma verdade absoluta, ou então, incluímos os outros na nossa visão, como se todos tivessem uma opinião comum a respeito daquele assunto, quando, na verdade, trata-se apenas de uma opinião pessoal. O estímulo a falar de si mesmo ajuda a lembrar que se trata de uma perspectiva individual, abrindo espaço para que outras vozes possam vir à tona.

Outra ferramenta bastante utilizada na comunidade é o *feedback*, também em sua versão positiva, a apreciação. *Feedback*, como o próprio nome em inglês sugere, significa retro-alimentação, ou seja, a partir da comunicação podemos retro-alimentar ou nutrir o sistema ao qual pertencemos. Se não gostei da forma como algo foi feito, vou lá e digo. Se gostei bastante de algo que vi, isso também merece ser apreciado. O *feedback* é ensinado no *Gaia Education*⁵⁹ com uma fórmula, para facilitar a memorização dos aspectos que devemos atentar ao oferecer um *feedback* a alguém. A fórmula tem o nome da Deusa Grega da nutrição: CERES, onde o 'C' significa claro, ou seja, quando vai falar algo para alguém, seja claro e objetivo para que outro possa compreendê-lo. O 'E' vem de equilibrado, isto é, é importante atentar para trazer tanto *feedbacks* quanto apreciações. Se sempre dou *feedbacks* a uma mesma pessoa, talvez tenha algo mais a investigar nessa relação. O 'R', de regular, para que possamos alimentar o ciclo dos *feedbacks*, tornando-os constantes, e não falar com alguém hoje sobre algo que aconteceu no ano passado. Isso contribui para que as relações estejam

⁵⁹ *Gaia Education* é um programa de educação para a sustentabilidade criado por um grupo de educadores do Movimento de Ecovilas.

sempre fluindo bem. O segundo ‘E’ vem de específico, para lembrarmos de abordar um tema de cada vez, e para terminar, o ‘S’, de seu, ou seja, fale por si mesmo, a partir da sua própria verdade. Vale lembrar que antes de trazer um *feedback* é importante checar com o outro se é o momento adequado, se a pessoa tem disponibilidade para a escuta. Caso não seja, agenda-se a conversa para um momento mais oportuno.

Apesar de ser uma ferramenta simples e de efetivamente ser utilizada pela comunidade, alguns ajustes ainda precisam ser feitos, como demonstra a fala de uma de minhas entrevistadas, evidenciando os desafios da comunicação de forma geral:

A forma base da Fundação, a receitinha é o *feedback*. *Feedback*, apreciação... é uma parte que existe muito trabalho a ser feito. Não acredito que seja o ideal e nem todo mundo é capaz de se comunicar na forma... e aí entra de novo o tal do *rank*. Tem gente que consegue, tem gente que não consegue dizer o que pensa, tem gente que realmente precisa de ajuda para dizer o que sente, então é uma questão muito complicada [...]. Cada pessoa é diferente e cada pessoa tem níveis diferentes de expressão, tem gente que tem dificuldade com a língua, tem gente que tem dificuldades pessoais, tem todo tipo de gente. Existe o SPD (Spiritual and Personal Development) que seria para ajudar nesses casos, mas nem sempre ajuda (Milla).

O fato da comunidade ser composta por pessoas oriundas de muitos países, e das mais diversas culturas, faz com que mais atenção deva ser dedicada aos processos de comunicação e integração do grupo. Para facilitar esses e outros processos relacionados ao acolhimento e à integração dos membros, além do desenvolvimento pessoal e espiritual de cada um, a Fundação Findhorn criou o departamento *Spiritual and Personal Development* (desenvolvimento pessoal e espiritual), conforme citado anteriormente.

Ao longo da pesquisa de campo evidenciou-se o quanto os membros se apreciam mutuamente em Findhorn, e também aos visitantes. Em nossa cultura, o *feedback* muitas vezes é visto como uma crítica e mesmo a apreciação, que deveria ser encarada como um reconhecimento ou elogio, também não é muito bem recebida. Fomos educados a expressar uma ‘falsa modéstia’ onde quando recebo um elogio, ao invés de simplesmente agradecer, retruco dizendo algo como: “imagina, são seus olhos!” Durante minha estadia em Findhorn, pude comprovar o uso constante das ferramentas *feedback* e apreciação, tendo sido diversas vezes apreciada por pequenas coisas que fiz ou atitudes. Percebi o quanto isso traz uma sensação de acolhimento e de

reconhecimento, que não é usual em outros contextos, e fortalece a conexão entre as pessoas.

Outra ferramenta bastante utilizada na comunidade são os círculos. Num círculo, estamos todos equidistantes ao centro. Simbolicamente, não há hierarquia nas relações, ou seja, partimos do princípio da igualdade, onde cada um tem espaço para trazer a sua voz, expressar a sua verdade. O tempo todo em Findhorn estamos em círculos. O grupo medita em círculos, canta em círculos, dança em círculos, abençoa o alimento antes das refeições também em círculo, todos de mãos dadas. No início e ao término de cada atividade, fazem-se outros círculos. Existem os círculos de *partilha*, já mencionados, os *conselhos*, inspirados nas tradições nativas norte-americanas onde o grupo senta-se em círculo e no centro fica um objeto denominado “bastão da fala” (*talking stick*). Cada um é convidado a ir ao centro quando sentir um impulso, ou ‘o chamado’, como dizem, pegar o bastão e se expressar a partir do coração. Os demais se calam para ouvir. É um lindo ritual, onde cada um dos presentes tem a oportunidade de aprimorar a sua habilidade de comunicar de forma sintética e profunda, além da habilidade de escuta ativa, ou empática.

A importância da escuta e a abertura ao diálogo evidenciam-se também em situações onde há conflitos. Incluo aqui um trecho extraído do diário de campo, sobre uma conversa que tive com uma das participantes do meu grupo da *Ecovillage Experience Week*, que é psicóloga e trabalha principalmente com casais, após presenciarmos uma situação de conflito na comunidade:

Abrir espaço para a escuta é muito importante. Geralmente é o que as pessoas precisam, falar a sua verdade, a sua perspectiva do que aconteceu e serem ouvidas. Assim tornam-se explícitas as falhas na comunicação. Muitas vezes o que o outro ouviu ou interpretou, não foi o que eu quis dizer. Ou é possível que, a partir desse novo olhar, um compreenda o ponto de vista do outro. Nesse momento é possível abrir um espaço de perdão. É aí que a magia acontece. Cria-se um ambiente seguro, de acolhimento, onde é possível fazer um pedido de desculpas e seguir adiante. É importante tornar simples a situação e não perder a visão comum, o propósito, o elo de conexão entre as pessoas (Notas de Campo – conversa com Ibi).

Durante um grande encontro da comunidade, que acontece duas vezes por ano, onde os círculos de gestão (*managers*, *trustees* e *council*) fazem uma avaliação do período, levantam questões a serem tratadas e aprimoradas pela comunidade, apresentam um balanço financeiro, entre outros, as questões de relacionamento,

comunicação e conflitos também vieram à tona. A partir de um conflito que culminou com a saída de membros, uma das conselheiras expôs as suas considerações a respeito do desafio de se encontrar um equilíbrio entre a transparência e a confidencialidade, e que esse é um aspecto a ser investigado mais profundamente pelo grupo.

[transparência e confidencialidade] é uma dança. Confidencialidade geralmente para proteger alguém. É desafiador, complexo! Às vezes, para proteger ao grupo. [...] Queremos ser transparentes, mas algumas vezes não é legalmente correto ou apropriado, então, como comunicar o suficiente? Estamos trabalhando nisso agora (Marion).

Ao mesmo tempo em que é importante garantir a privacidade dos membros, e não expô-los a determinadas situações ou possíveis julgamentos, o fluxo de informações garante a saúde e vitalidade da comunidade, como se evidencia em outros trechos de seu depoimento: “coisas escondidas aumentam os problemas” e ainda “existe um medo de falar das coisas, mas é importante falar, gera confiança” (Marion). Os conselheiros aproveitaram a situação para trazer à tona o quanto é importante que os ruídos de comunicação e conflitos sejam prontamente encaminhados: “É importante agir logo, não deixar para depois, pois no caso dos conflitos, a tendência é que eles cresçam.”

Cabe aqui mencionar que, em Findhorn, também são praticadas metodologias colaborativas para facilitar a comunicação no grupo e possibilitar a participação efetiva de todos os interessados em encontros grupais, reuniões comunitárias, de trabalho, entre outros, como o *World Café*, o *Open Space* e o *Aquário*, por exemplo. Essas metodologias permitem que a comunicação e a participação ocorram de forma fluida em grandes grupos, criando ambientes favoráveis para que cada participante possa trazer o seu ponto de vista, contribuindo com o processo como um todo, e também possa ouvir os demais. Durante o encontro comunitário acima citado, foi usada a metodologia do *Aquário*, onde os gestores encontravam-se no centro e a comunidade ao redor. A partir de uma conversa iniciada entre eles, foi possível, em um curto espaço de tempo, ouvir cada uma das perspectivas. Depois foi aberto um espaço para perguntas e complementações.

Apesar de estarem atentos e cientes do papel central da comunicação na vida comunitária, alguns entrevistados pontuaram a comunicação como algo que ainda precisa ser aprimorado em Findhorn, principalmente quando envolve a relação entre um

indivíduo e uma das instituições presentes na comunidade, entre os departamentos da Fundação ou entre instituições, como evidencia-se na fala abaixo:

Falta comunicação entre a *Dunelands* (organização responsável pela construção das novas casas na comunidade) e os compradores, futuros moradores. Ocorreram diversos atrasos na obra e eles simplesmente não comunicam (Jenis).

A Fundação é uma organização educacional para adultos. Não sabe dizer não, aí sai de qualquer jeito. Não deixa claro os limites. É preciso deixar claros os acordos, os limites. Falta clareza na comunicação! [Notas de campo: conversa com Rosana].

Apesar dos desafios visíveis, principalmente a nível institucional, como pesquisadora, me chamou a atenção a abertura do grupo em relação a comunicar seus sentimentos e perspectivas. As pessoas falam o que estão sentindo, vivendo, o que realmente acreditam. Buscam estabelecer o diálogo e pedem ajuda para abordar temas que para elas são delicados. Tive várias conversas profundas em rápidos encontros. É realmente um diferencial em relação aos inúmeros encontros e conversas vazias que temos nos grandes centros urbanos hoje em dia.

4.11.1.2 Comunicação interna e regional: o Rainbow Bridge

Para facilitar o fluxo de informações, semanalmente Findhorn publica o *Rainbow Bridge*, um jornal comunitário que traz as notícias do que vai acontecer na comunidade e região (Forres, Findhorn Village e Kinloss), além de anúncios sobre cursos e workshops, informações sobre eventos e até mesmo oportunidades de trabalho, casas para alugar, coisas para vender, entre outros. Do chamado para o encontro geral da comunidade, ao convite de casamento de membros e divulgação de eventos da escola local, ou aulas de yoga e dança nas cidades vizinhas. Tudo que acontece na região, passa pelo *Rainbow Bridge*.

O *Rainbow Bridge* é enviado aos membros da comunidade por e-mail e fica também disponível no centro comunitário para ser acessado pelos visitantes. Cabe mencionar que trechos da ata dos encontros comunitários também são publicados no informativo, mas isso está sendo revisto atualmente, pois certas informações, trazidas sem o devido contexto, acabavam gerando ruídos na comunidade ampliada. A intenção era não divulgar processos internos da comunidade para a vizinhança ou visitantes, uma

vez que estes não teriam a visão completa da situação. Mas os limites entre o que deve ou não ser publicado ainda é algo que estão investigando.

Publicávamos [no Rainbow Bridge] aí entravam “assuntos reservados”. Tem a ver com as barreiras entre privilégio e responsabilidade. Podemos ser muito transparentes com certas pessoas envolvidas e não com outras. Abrir muito dilui. Não nos ajuda a lidar com a situação. Acredito que a Sociocracia pode ajudar, mostrando a que círculo pertence cada coisa, em relação ao que precisa ser informado. (Marion)

Independente de publicar ou não atas de reuniões comunitárias, o *Rainbow Bridge* tem um papel extremamente importante enquanto principal veículo de informação da ‘Comunidade de Comunidades’.

4.11.2 O papel central da comunicação nos relacionamentos

A comunicação ocupa um papel central nos relacionamentos, e mudar a forma de se relacionar consigo mesmo, com os demais e com a vida é a essência da criação de uma nova cultura. Partindo dos estudos empíricos da vida em comunidade, grande parte dos ‘fracassos’ de comunidades estão relacionados ao fato das pessoas, em geral, terem poucas habilidades de comunicação (CHRISTIAN, 2003). Isso se revela, principalmente, na quantidade de conflitos que emergem nos grupos. Dos desafios de se expressar à baixa qualidade da escuta, passando pelo apelo a uma comunicação agressiva, são questões a serem observadas por cada indivíduo que deseja manter bons relacionamentos.

Nossa cultura ocidental moderna nos estimula a uma comunicação bélica, onde enquanto um fala, o outro ‘prepara as munições’ para contra atacar, ou seja, contra argumentar. Nesse modelo, não há espaço para a escuta. Palavras tornam-se armas. Partimos do princípio de que temos razão e lutamos pelo nosso ponto de vista. Embora seja este o modelo usual, existem outras perspectivas e formas de comunicação. Vale ressaltar que a forma de comunicar está diretamente relacionada à visão de mundo. Trago aqui o exemplo dos *Quakers*, protestantes ingleses que viveram no Séc XVII. Eles acreditavam que *Deus* estava em cada um (VELAYUTHAM, 2013), que cada pessoa que vinha ao mundo trazia uma parte da grande verdade e que, para podermos enxergar a verdade como um todo, era necessário ouvir e integrar as diferentes perspectivas. Buscavam a unidade e a não-violência. Nos oferecem um belo exemplo,

com sua crença na igualdade e nas práticas inclusivas, além de mais de 300 anos de experiência em tomadas de decisão em grupo, por consenso. (HARE, 1973)

O cuidado com a comunicação de forma geral e o uso de ferramentas para apoiar os processos de comunicação em grupo tornam-se, portanto, uma demanda para a vida comunitária das Ecovilas, viabilizando a construção de novas formas de relacionamento e de uma nova cultura. A comunicação pode servir para abrir portas, mas pode também, quando mal utilizada, colocar-nos em enrascadas, gerando conflitos. É um aspecto chave a ser trabalhado, como expresso na bela poesia de Ruth Bebermeyer, extraída do livro Comunicação Não-Violenta, “palavras são janelas ou são paredes, elas nos condenam ou nos libertam” (em ROSEMBERG, 2003, p. 17).

A relevância da comunicação enquanto forma de conexão entre as pessoas e a necessidade de se criar novas formas de comunicar, deram origem à Comunicação Não-Violenta ou CNV, uma das ferramentas mais usadas pelas Ecovilas. A CNV busca desenvolver habilidades de comunicação que fortaleçam a nossa humanidade, mesmo em situações adversas. Como relata seu criador, Marshal Rosenberg:

Enquanto estudava os fatores que afetam nossa capacidade de nos mantermos compassivos, fiquei impressionado com o papel crucial da linguagem e do uso das palavras. Desde então, identifiquei uma abordagem específica da comunicação – falar e ouvir – que nos leva a nos entregarmos de coração, ligando-nos a nós mesmos e aos outros de maneira tal que permite que nossa compaixão natural floresça. Denomino essa abordagem Comunicação Não-Violenta. (ROSEMBERG, 2003, p.21)

Na CNV, cada indivíduo é convidado a falar de si, de forma não-violenta, sem acusações ou julgamentos, mas expressando os seus próprios sentimentos e necessidades, além de abrir espaço para realmente ouvir o outro e se conectar com as necessidades do outro. A partir do estabelecimento de uma efetiva conexão entre as pessoas, a verdadeira comunicação acontece, permitindo solucionar os maiores conflitos.

Uma boa comunicação e o diálogo constante são peças chave no processo de organização social, na criação e manutenção dos objetivos do grupo. (MARQUES NETO, 2005). Diálogo é troca, fluxo de informações, sentimentos e percepções. É preciso não apenas dedicar tempo e espaço para as conversas, mas desenvolver habilidades específicas de comunicação que possibilitem uma verdadeira conexão entre as pessoas. Uma comunicação de qualidade possibilita que a transparência e a confiança

se estabeleçam no grupo, além de permitir a cada indivíduo se expressar a partir da sua própria verdade. Também contribui para promover uma cultura de *feedback*, onde os fatos e sentimentos são naturalmente trazidos à tona e compartilhados pelo grupo, nutrindo o sistema como um todo e não minando a energia coletiva através de fofocas, conflitos e mal-entendidos.

Como se evidenciou ao longo deste item, a comunicação é uma peça chave na criação de novas formas de vida e relacionamentos, sendo um aspecto que merece uma pesquisa aprofundada. Apesar de diversas ferramentas, metodologias e abordagens terem sido criadas e estarem sendo utilizadas e aprimoradas pelas Ecovilas, muito pouco desse conhecimento foi sistematizado até o momento.

4.12 REDE GLOBAL DE ECOVILAS: O MOMENTO ATUAL - NOVA DEFINIÇÃO, VISÃO DE FUTURO E DESAFIOS

A GEN vem aos poucos ampliando a sua visão e perspectiva e atualmente funciona como uma organização ‘guarda-chuva’ que articula e apoia projetos e iniciativas que trabalham pela sustentabilidade. Não apenas Ecovilas, mas comunidades intencionais, vilas tradicionais, iniciativas ligadas ao Movimento Cidades em Transição e outras experiências afins (GEN, s.d.).

No site da instituição, a definição de Ecovilas também foi renovada. No novo conceito, Ecovila é vista enquanto “uma comunidade intencional ou tradicional que usa processos locais participativos para holisticamente integrar as dimensões ecológica, econômica, social e cultural da sustentabilidade, a fim de regenerar o ambiente natural e social”. (GEN, s.d.- tradução nossa). Vale atentar para o fato do termo regeneração também ter sido incluído, oficialmente, nos objetivos do Movimento de Ecovilas.

A lista de membros da Rede Global de Ecovilas inclui grandes redes como Sarvodaya (2.000 vilas sustentáveis no Sri Lanka); projetos de recuperação urbana como Los Angeles EcoVillage e Christiania, em Copenhagen; Institutos de Permacultura como Crystal Waters (Australia); diversas pequenas Ecovilas rurais, como Huehucoyotl (México), Aldea Feliz (Colômbia) e Terra Una (Brasil); além de grandes

e consagradas Ecovilas como Damanhur (Itália), Auroville (Índia) e Findhorn (Escócia), entre outros. (GEN, s.d.)

Em entrevista realizada em Findhorn, Angela, liderança da Rede Global de Ecovilas, observou que a GEN começou muito focada em comunidades intencionais e também com a idéia de ‘ilhas’, pequenos laboratórios/experimentos de novas tecnologias e formas de vida e relacionamento e foi assim em seus 10 anos iniciais. Nos 10 anos seguintes, estão mais interessados nas inter-relações entre as Ecovilas e suas regiões, e a sociedade como um todo. Trouxe o exemplo de Findhorn, que começou enquanto uma comunidade e atualmente inclui muitas outras pessoas que não estão diretamente ligadas à comunidade, mas vivem ao redor. Segundo ela, o mesmo ocorreu em ZEGG e Sieben Linden, duas Ecovilas na Alemanha, evidenciando que as comunidades antigas atualmente possuem redes mais abrangentes, ou seja, maior conectividade.

Acho que na GEN agora são 80% de comunidades intencionais e 20% de iniciativas para a transição e vilas tradicionais. Acredito que em breve será o inverso, com 10% de comunidades intencionais e 90% de outros assentamentos em transição, incluindo cidades, favelas... É nessa direção em que vejo o conceito de Ecovilas avançando (Angela).

Um diferencial da Rede Global de Ecovilas é ter representação em todos os continentes, além de um conselho e grupos de trabalho internacionais, dedicados às mais diversas áreas, o que garante a diversidade e a torna efetiva enquanto rede global. Uma das contribuições recentes que podem ser destacadas é a criação da *Solution Library*, disponível no site da GEN, para dar visibilidade e compartilhar as diversas soluções criadas por iniciativas locais, que podem ser adaptadas e utilizadas por outras Ecovilas e/ou em outros contextos.

Em relação aos desafios vivenciados pela rede atualmente, podemos destacar o desafio financeiro, já que grande parte do trabalho é feito de forma voluntária, e também o desafio da linguagem, isto é, de encontrar a forma certa de comunicar que viabilize que os conhecimentos gerados pelas Ecovilas possam ser amplamente disseminados. Como afirmou Martina, liderança da GEN Europa, em entrevista que me foi concedida durante a Conferência da GEN em 2014: “precisamos de tradução em todos os níveis”,

ao reconhecer que os ecovileiros possuem uma linguagem própria, e que isso pode dificultar o acesso ao conhecimento gerado pelas Ecovilas mundo afora.

Dentro das Ecovilas temos quase uma linguagem própria, e às vezes essa linguagem não é compreendida por pessoas que não tiveram essas experiências. Também porque ecovilas estão esbarrando num novo paradigma, estão criando um novo paradigma e isso precisa ser traduzido. Temos nossa própria língua que compreendemos porque somos parte do processo mas isso não é necessariamente entendido pelas pessoas que não viveram esse tipo de processo. Precisamos de tradução, de ferramentas de relações públicas. Precisamos de pessoas que sabem, podem falar a linguagem que os políticos falam no nível local, da ONU, também acadêmicos (Martina).

Torna-se evidente o interesse da Rede Global de Ecovilas em ampliar os seus ‘círculos’ e difundir os conhecimentos gerados a partir da práxis das Ecovilas com outras iniciativas e em outros contextos, de forma a contribuir com a transição necessária para um modo de vida mais integrado e uma cultura regenerativa.

O Movimento de Ecovilas, cujo foco inicial era criar práticas sustentáveis locais a nível individual e comunitário, cada vez mais se expressa globalmente. Ao mesmo tempo em que estão construindo comunidades locais sustentáveis, constituem uma rede global para a educação e transformação social. “Sua contribuição fundamental, é o poder do exemplo” (LITFIN, 2009, p. 141 – tradução nossa). A ênfase está na responsabilidade individual e no empoderamento para a ação conjunta. Os grupos assumem a responsabilidade por suas vidas e buscam alternativas sociais. Não se trata de fenômenos isolados, mas de comunidades locais que estão interconectadas em rede. Partem do engajamento comunitário para fazer frente às aos desafios globais (LITFIN, 2009).

4.12.1 O Movimento de Ecovilas no Brasil: relatos a partir da experiência vivencial

No Brasil, o Movimento das Ecovilas encontra-se ainda fase de estruturação, com a maior parte das experiências no país em fase de criação e/ou consolidação. O Movimento chegou oficialmente ao Brasil em 2002, quando foi realizado o primeiro Treinamento em Ecovilas, organizado pela ENA (Rede de Ecovila das Américas), no então Centro de Vivências Nazaré (atual UNILUZ) no interior de São Paulo. Após o primeiro Treinamento, houve mais dois, nos anos que se seguiram (2003 em Belo

Horizonte e 2004 itinerante pelo Brasil), capacitando diversos interessados na criação de iniciativas sustentáveis e fazendo emergir a rede nacional, ENA Brasil. Nessa época, aconteceu o mesmo que no cenário internacional. Vimos além da criação de algumas Ecovilas, a adaptação de antigas comunidades e institutos de Permacultura, para que pudessem ser considerados como tal.

Em 2006, foi lançado em São Paulo o Programa Gaia Education - um programa dedicado a investigar os diversos aspectos da sustentabilidade, elaborado a partir do conteúdo dos antigos Treinamentos em Ecovilas, mas muito mais abrangente, que passou a ser realizado anualmente, espalhando-se, aos poucos, por diversos Estados brasileiros. O currículo abrange quatro grandes áreas: social, ecológica, econômica e cultural (denominada visão de mundo), dando um panorama geral dos aspectos que devem ser explorados na busca pela sustentabilidade. De metodologias sociais a tecnologias ecológicas e ferramentas para a criação de economias locais, passando por rituais e celebrações, aulas práticas e teóricas, incluindo dinâmicas de grupo e imersões em projetos já atuantes. Apesar de inspirado nas experiências das Ecovilas, o programa é bastante adaptável, podendo ser aplicado em outros contextos e instituições. É interessante observar que a maior parte dos programas no Brasil ocorreu em grandes centros urbanos, como São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília, Curitiba, Salvador, Porto Alegre e Belo Horizonte, e apesar de impulsionarem a difusão dos princípios do movimento, praticamente não resultaram na criação de novos experimentos comunitários, mas sim na aplicação dos princípios e ferramentas em outras iniciativas e organizações, além de mobilizarem pessoas para integrarem Ecolivas já existentes.

Atualmente, são diversas as iniciativas de Ecovilas no Brasil, que se reconhecem como tal e integram o movimento, entre elas, podemos citar: Arca Verde e Morada da Paz, no Rio Grande do Sul; Clareando, Tibá e Visão Futuro, no Estado de São Paulo; Terra Una, em Minas Gerais; Piracanga e Terra Mirim, na Bahia. Além destes, somam-se outros experimentos comunitários, rurais e urbanos, em estágio inicial. Existem ainda institutos de Permacultura e Bioconstrução, como o IPEC (Instituto de Permacultura do Cerrado) e o IPEMA (Instituto de Permacultura e Ecovilas da Mata Atlântica) e muitas outras comunidades intencionais, como a Vila Yamaguishi (SP), que possuem princípios e práticas afins.

A Rede ENA Brasil ficou adormecida por anos dificultando a articulação e a troca de experiências entre os grupos, enquanto emergiram diversas iniciativas particulares buscando criar registros do Movimento no Brasil, principalmente, através de vídeos e sites. Atualmente, integrantes do movimento estão trabalhando para a estruturação da Rede CASA Brasil, em consonância aos esforços internacionais, com o objetivo de conectar não apenas Ecovilas, mas iniciativas urbanas de transição (Cidades em Transição), comunidades tradicionais (quilombolas e indígenas), grupos ligados à Permacultura, agroecologia, entre outros, buscando uma articulação maior para o fortalecimento dos diversos grupos envolvidos com a prática da sustentabilidade no país.

O interesse do público cresce a olhos vistos, assim como a divulgação das experiências da mídia, e proliferam-se as pesquisas acadêmicas sobre o tema. Para exemplificar, quando entrei no EICOS, em 2013, era a única interessada em Ecovilas em um grupo interdisciplinar que pesquisava, entre outros, meditação, bem-estar, saúde integral e felicidade. Atualmente, somos 4 pesquisadores investigando as Ecovilas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A busca pela criação de um modo de desenvolvimento sustentável faz parte da nossa caminhada enquanto humanidade nas últimas décadas. Apesar da ênfase na sustentabilidade ambiental, a sustentabilidade social emerge na atualidade enquanto um desafio maior a ser equacionado. A cultura dominante, através de seus instrumentos de difusão e controle, acabou por gerar uma enorme apatia social. O uso das tecnologias para facilitar a comunicação, ao mesmo tempo em que conectam pessoas e iniciativas ao redor do mundo, as afastam diariamente das relações presenciais, comprometendo nossas habilidades de relacionamento. Os valores do individualismo e da competição dificultam o estabelecimento de vínculos e a emergência da confiança, gerando consequências adversas e comprometendo nossa capacidade de fazer frente a tais desafios.

A partir de um estudo sobre as Ecovilas, comunidades intencionais que emergem enquanto respostas ao descontentamento com a forma de vida nas sociedades contemporâneas, propondo novas maneiras de se viver e relacionar, observa-se que o principal desafio na criação de um novo modelo de vida é social, reaprender a viver juntos, a trabalhar juntos, a lidar com a diversidade e as diferenças para manter a ação coletiva em prol de um objetivo comum. Os estudos empíricos sobre as comunidades intencionais mostram que a grande maioria desses experimentos fracassa em seus anos iniciais, dada a dificuldade de harmonizar as relações sociais e orquestrar uma ação coletiva, entretanto, as experiências exitosas, nos indicam caminhos que merecem ser investigados.

Através da realização de uma pesquisa etnográfica na Ecovila Findhorn, na Escócia, uma das experiências mais antigas e consagradas do Movimento de Ecovilas, evidenciaram-se três chaves que contribuem para a sustentabilidade social na vida comunitária e alicerçam a caminhada do grupo há mais de 50 anos. São elas: o foco na espiritualidade, a busca por uma governança participativa e um cuidado especial com os relacionamentos, principalmente com a forma de comunicar.

A espiritualidade pode ser vista como a base da vida comunitária em Findhorn e a principal aliada na trajetória de ‘sucesso’ do grupo. Uma espiritualidade que está relacionada à conexão de cada indivíduo consigo mesmo, com a natureza e os demais

seres vivos. É o propósito comum do grupo, que estimula simultaneamente o crescimento pessoal dos envolvidos e o desenvolvimento comunitário, fortalecendo a comunidade como um todo e garantindo a sua prosperidade a longo prazo. Trata-se de uma espiritualidade coletiva, socialmente engajada, pautada na filosofia da simplicidade voluntária, que se manifesta nas pequenas coisas do dia-a-dia, no trabalho comunitário, na sacralização do cotidiano, fazendo emergir um tipo de “ativismo sagrado” no cuidado com a vida, como revelou um de meus entrevistados. Ao favorecer o autoconhecimento e a abertura, e elucidar a noção de interdependência, contribui para a emergência de uma responsabilidade para com o todo, a ‘responsabilidade universal’, e gera o engajamento para a ação coletiva da construção de uma nova forma de vida e cultura. A espiritualidade, apontada por Fotopoulos (FOTOPOULOS, 2000) como um fator perigoso por demonstrar a irracionalidade das Ecovilas, emerge nesta pesquisa como uma das chaves para essa mudança paradigmática na forma de agir e se relacionar.

Outro aspecto que chamou a atenção neste trabalho por seu potencial de contribuir com a implementação e manutenção de uma nova ordem social foi a governança participativa. Processos hierárquicos geram apatia e reduzem a capacidade das pessoas de responderem às situações, além de perpetuarem relações de poder, o que acaba resultando em insatisfação e conflitos. As Ecovilas investem em processos participativos de governança e tomadas de decisão, tais como o consenso e a sociocracia, capacitando os grupos para uma gestão coletiva. O fato de poderem efetivamente contribuir com os rumos da vida comunitária, torna os Ecovileiros co-responsáveis pelos desdobramentos de sua vida cotidiana, tornando-se conscientes dos processos desafios comunitários. Os resultados disso são um maior engajamento comunitário, empoderamento pessoal, senso de pertencimento, satisfação e autonomia. Em Findhorn, apesar dos esforços na implementação de uma governança participativa, a pesquisa de campo revela ser este um dos aspectos que ainda precisa ser aprimorado pela comunidade, o que parece já estar acontecendo com a substituição da forma de governança e tomada de decisão para o modelo sociocrático.

O estímulo à vida comunitária e a criação de ferramentas e estratégias para favorecer os relacionamentos e a gestão dos conflitos, além de uma atenção especial dada à forma de comunicar, e a utilização de abordagens e metodologias específicas para garantir espaço para a expressão e o diálogo, também destacam-se como fatores

essenciais na implementação e manutenção de outra forma de vida, contribuindo para o estabelecimento de vínculos e da reciprocidade, e fortalecendo o grupo em sua trajetória. Cabe ressaltar que não é comum encontrarmos reciprocidade social na contemporaneidade além dos pequenos círculos das famílias nucleares ou de amigos íntimos. Os vínculos são pontuais, geralmente movidos por interesses. Quando não nos servem mais, se 'liquefazem' (BAUMAN, 2001). Entretanto, a reciprocidade é uma condição básica da vida social. Somos seres relacionais, e as relações se sedimentam nas trocas, materiais e imateriais. (MAUSS, 2003) Sem troca não há relação, mas isolamento. Daí a importância dos grupos, da comunidade. Comunidade como espaço de acolhimento, de pertencimento, de reconhecimento, de ressignificação. Onde é possível criar novas formas de relacionamento, pautadas na confiança, elemento fundamental para orquestrar a ação coletiva.

Como outros movimentos sociais e iniciativas, as Ecovilas trazem suas contribuições, e também seus desafios e contradições, que merecem ser investigados, como, no caso de Findhorn, o lugar das crianças e o atual crescimento e envelhecimento comunitário. Dado o pouco tempo para a realização de uma pesquisa desse porte, essas questões não puderam ser aqui aprofundadas. Apesar disso, o estudo das Ecovilas e comunidades intencionais parece ter muito a contribuir por revelar aspectos que já foram equacionados por esses grupos no sentido da viabilidade de uma vida comunitária resiliente, como vimos ao longo deste trabalho, apresentando-se como um vasto campo de pesquisa que merece nossa atenção.

Em relação à Rede Global de Ecovilas (GEN), o trabalho constante de articulação e fortalecimento da rede, ao mesmo tempo conectando e dando visibilidade às iniciativas parece de suma importância para a consolidação do movimento, ao mesmo tempo em que os desafios relacionados à diversidade das experiências, falta de critérios claros na definição de Ecovilas, poucos recursos financeiros disponíveis e o fato de terem uma linguagem própria, dificultam uma maior interação com outros setores e instituições.

Um aspecto que tangenciou este trabalho e que merece uma pesquisa aprofundada é a ação política inerente ao Movimento de Ecovilas, na criação de uma nova práxis e de novas subjetividades que se consolidam em um estilo de vida que pode

ser perpetuado, servindo de exemplo para outros grupos, instituições e movimentos que também estão buscando outras formas de organização social.

Outro fator que merece ser investigado em futuros trabalhos é a contribuição das Ecovilas na promoção da saúde, não apenas da saúde individual, mas também, coletiva e planetária, ao atuarem na conscientização para o cuidado de si, do outro e da natureza, no fortalecimento dos laços comunitários, na redução do impacto ambiental, na conscientização em relação ao consumo, na melhoria da qualidade de vida, promovendo o bem-estar, a segurança física e emocional, entre outros.

Em resposta à Garden (2006), em relação à sua objeção ao Movimento pelo fato das Ecovilas sugerirem que um estilo de vida ecológico e sustentável não seja possível na sociedade dominante, parece não ser possível com os valores da sociedade capitalista dominante. As Ecovilas dependem da sociedade dominante em diversos aspectos e, à princípio, reconhecem essa interdependência, ao mesmo tempo em que trabalham para conquistar a maior autonomia possível em relação aos recursos necessários para sustentar suas vidas. Em relação aos conflitos e contradições, como mencionamos anteriormente, torna-se necessário aprender a lidar com eles, não declarando guerras, mas buscando soluções. Para alcançarmos a mudança cultural da qual estamos falando, não precisamos de quantidade, mas de qualidade, e o poder de bons exemplos não deve ser subestimado.

Como se evidencia ao longo deste trabalho, é importante a reflexão acerca do modo de vida convencional nas sociedades ocidentais e as consequências diversas decorrentes desta forma de habitar o planeta. A transição para um estilo de vida simples, alicerçado por novos valores e práticas é um caminho que está sendo trilhado por diversos grupos, entre eles as Ecovilas. A partir de experiências concretas, novas ferramentas e metodologias sociais são desenvolvidas e aprimoradas, favorecendo as relações sociais; novas tecnologias ecológicas são implementadas, reduzindo o impacto ambiental; e novos arranjos econômicos emergem, viabilizando o fortalecimento de economias locais. Tudo isso nos indica que existem outras formas de se viver e de se relacionar, menos impactantes e mais integradas, que merecem uma investigação aprofundada.

As sociedades sustentáveis dependem não apenas da utilização de novas tecnologias ecológicas, mas de uma mudança de hábitos, valores e posturas, que nos conduzirão da ‘sociedade de consumo’ para uma ‘comunidade de vida’. O engajamento social para uma ação coletiva emerge nesta pesquisa enquanto peça fundamental desta engrenagem, e a mudança na forma de ver o mundo, da fragmentação cartesiana para o reconhecimento da interdependência de tudo que vive, parece ser um caminho.

Hoje já não basta criar sistemas sustentáveis, que possam ser continuados num futuro indefinido. Após tantos anos de degradação, torna-se necessária a construção de sistemas regenerativos, capazes de contribuir para a regeneração do tecido social e do ambiente, fazendo emergir uma nova cultura, novas práticas, valores e uma nova ética no cuidado com a vida. As chaves que se evidenciaram na pesquisa a partir da *praxis* de Findhorn podem contribuir com esta reflexão.

REFERÊNCIAS

ABRAMS, P.; McCULLOCH, A., et al. **Communes, Sociology and Society**. Cambridge, Cambridge University Press, 1976

ARRUDA, Marcos. **Educação para uma Economia do Amor**: educação da práxis e economia solidária. Idéias & Letras, 2009.

_____. **Tornar Real o Possível**. A formação do ser humano integral: economia solidária, desenvolvimento e o futuro do trabalho. Editora Vozes. Petrópolis, Rio de Janeiro, 2006.

AZATI, Aharon . The Archives of the Kibbutz Movement as Agent of Memory. In: MELTZER, Graham (Ed). *Conference Proceedings*. Proceedings of the 11th International Communal Studies Association Conference, ICSA 2013 - Communal Pathways to Sustainable Living. P. 223. The Findhorn Foundation, Forres, UK, 2013.

BANG, Jan Martin. **Ecovillages**: A Pratical Guide to Sustainable Communities. New Society Publishers, 2005.

_____. A Change of Direction? In: MELTZER, Graham (Ed). *Conference Proceedings*. Proceedings of the 11th International Communal Studies Association Conference, ICSA 2013 - Communal Pathways to Sustainable Living. P. 9. The Findhorn Foundation, Forres, UK, 2013.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade**: A Busca Por Segurança No Mundo Atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

_____. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

_____. **Capitalismo parasitário**: e outros temas contemporâneos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.

BENSON, M. H. ; CRAIG, R. K. The end of sustainability. **Society & Natural Resources: An International Journal**, v.27, Issue 7, p.1-6, 2014.

BISSOLOTI, Paula Miyuki Aoki. **Ecovilas**: um método de avaliação de desempenho da sustentabilidade. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

BOFF, Leonardo. **Saber Cuidar**: ética do humano, compaixão pela terra. Petrópolis-RJ: Ed. Vozes, 1999.

_____. **Espiritualidade**: um caminho de transformação. Rio de Janeiro. Sextante. 2001.

BÔLLA, Kelly. **Perspectivas da Visão Transdisciplinar Holística e suas contribuições para a construção de uma sociedade ecológica: o caso da Ecovila Terra Una, Liberdade – MG**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), Criciúma, SC, 2012.

BOLTANSKI, L. e CHIAPELLO, E. **O Novo Espírito do Capitalismo**. Martins Fontes, 2009.

BROWN, Susan Love. (Org.) **Intentional Community: An Anthropological Perspective**. Suny Press, 2002.

BUBER, Martin. **Sobre comunidade**. São Paulo: Perspectiva, 1985.

BUCK, J. e VILLENES, S. **We the people**: consenting to a deeper democracy. A guide to sociocratic principles and methods. Sociocracy.info. Washington D.C, 2007

BUTLER, Lawrence; ROTHSTEIN, Amy. **On Conflict and Consensus**: A Handbook on Formal Consensus Decision-Making. Foods Not Bombs Publishing, 1998.

CAPRA, Fritjof. **A Teia da Vida**. São Paulo: Ed. Cultrix, 1997.

CARSON, Rachel. **Primavera Silenciosa**. Ed. Gaia (Brasil), 1964.

CARTA DE OTTAWA - PRIMEIRA CONFERÊNCIA INTERNACIONAL SOBRE PROMOÇÃO DA SAÚDE. Ottawa, Canadá, novembro de 1986.

Disponível em:

<http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/declaracoesecarta_portugues.pdf>

Acesso em: março de 2014

CEVASCO, Maria Elisa. **Dez lições sobre estudos culturais**. São Paulo: Boitempo, 2003.

CHIRAS, Dan; CHRISTIAN, Diana L. It takes an Ecovillage. Creating Community. **Mother Earth News**, p56, June-July 2003.

CHRISTIAN, Diana Leafé. **Creating a Life Together**: Practical Tools to Grow Ecovillages and Intentional Communities. New Society Publishers, 2003.

COATES, Chris. Message from Chris Coates, current ICSA Chair. In: MELTZER, Graham (Ed). *Conference Proceedings*. Proceedings of the 11th International Communal Studies Association Conference, ICSA 2013 - Communal Pathways to Sustainable Living. P. 10. The Findhorn Foundation, Forres, UK, 2013.

COHEN, Sheldon. Social Relationships and Health. **American Psychologist**, pg 676-684, 2004.

COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO. **Nosso futuro comum**, Rio de Janeiro, Fundação Getulio Vargas, 1988.

CORNWALL, A., ROMANO, J.O. e SHANKLAND, A. Pós-fácio. Culturas da política, espaços de poder: contextualizando as experiências brasileiras de governança participativa. In: ROMANO, J.O., ANDRADE, M. de P. e ANTUNES, M. (orgs.) *Olhar Crítico sobre Participação e Cidadania*: a construção de uma governança democrática e participativa a partir do local. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

CRAIG, R. K.; BENSON, M. H. Replacing sustainability. *akron law Review*, v.46, p.841-80, 2013.

CREMA, LELOUP, J. e WEIL, P. **Normose** – A patologia da normalidade. Campinas: Verus, 2003.

CUNHA, Eduardo V. da. **A Sustentabilidade em Ecovilas:** práticas e definições segundo o marco da economia solidária. Tese de doutorado - Escola de Administração, Universidade Federal da Bahia. Salvador, Março, 2012.

CÚPULA DOS POVOS NA RIO+20 POR JUSTIÇA SOCIAL E AMBIENTAL - EM DEFESA DOS BENS COMUNS, CONTRA A MERCANTILIZAÇÃO DA VIDA. DECLARAÇÃO FINAL. 2012. Disponível em:
<http://www.secretariageral.gov.br/internacional/consultapos2015/declaracao-cupula>
Acesso em setembro de 2013.

D'AVIGNON, Alexandre e CARUSO, Luiz A. C., O caráter necessariamente sistêmico da transição rumo à economia verde. **Política Ambiental**. Economia verde: desafios e oportunidades. Nº 8, P. 24 a 35. Belo Horizonte: Conservação Internacional, junho, 2011.

DAWSON, Jonathan. **Ecovillages:** New Frontiers for Sustainability. Green Books, 2006

_____. From Eco-Kooks to Eco Consultants. **Communities Magazine**, No 137, pág 48 -51. Winter, 2007.

_____. Ecovillages and the Transformation of Values. In World Watch Institute (eds), State of the World 2010. W.W Norton & Company, New York/London, 2010.

DECLARAÇÃO DE ALMA-ATA - CONFERÊNCIA INTERNACIONAL SOBRE CUIDADOS PRIMÁRIOS DE SAÚDE. Alma-Ata, URSS, setembro de 1978.
Disponível em:
<http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/declaracoesecarta_portugues.pdf>
Acesso em: março de 2014

ECODESENVOLVIMENTO: EcoDesenvolvimento.org – Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. Disponível em:
http://www.ecodesenvolvimento.org/posts/2015/janeiro/conheca-os-17-objetivos-de-desenvolvimento?utm_source=dlvr.it&utm_medium=facebook#ixzz3PyjA17p3
Acesso em janeiro de 2015.

EISLER, Riane. **O cálice e a espada:** nossa história, nosso futuro. Rio de Janeiro: IMAGO, 1987.

_____. **A verdadeira riqueza das nações:** criando uma economia solidária. São Paulo: Cultrix, 2008.

ELGIN, Duane. **Simplicidade Voluntária.** São Paulo: Cultrix, 1981.

ERGAS, Christina. A Model of Sustainable Living: Collective Identity in an Urban Ecovillage. **Organization & Environment**, Vol.23(1), pp.32-54, 2010.

EVANS, P. Collective capabilities, culture and Amartya Sen's Development as Freedom, *Studies in Comparative International Development* 37 (2), Symposium on Development as Freedom by Amartya Sen. 2002.

FELICIDADE INTERNA BRUTA - FIB. Disponível em:
<http://www.felicidadeinternabruta.org.br/> Acesso em janeiro de 2015.

FELLOWSHIP FOR INTENTIONAL COMMUNITY. Disponível em: <www.ic.org>
Acesso em: janeiro, 2014.

FINDHORN. Disponível em: <www.findhorn.org>. Acesso em: dezembro 2013.
História: < <https://www.findhorn.org/aboutus/vision/history/>>
Ecovila: < <https://www.findhorn.org/aboutus/ecovillage/ecovillage-at-findhorn>>
Pegada Ecológica: < <https://www.findhorn.org/aboutus/ecovillage/ecovillage-at-findhorn/>>
Relação com a ONU: <<https://www.findhorn.org/aboutus/ecovillage/united-nations/history/>>
NFA: <http://findhorn.cc/>
Carpool: <http://carpool.findhorn.cc/> www.moraycarshare.com/
Erraid: <http://www.erraid.com>
Ekopia: <http://www.ekopia.org.uk/>

FORSTER, P. M., WILHELMUS, M. The Role of Individuals in Community: Change Within the Findhorn Intentional Community. **Contemporary Justice Review** 8, 367–79. 2005.

FOTOPOULOS, Takis. The Limitations of Life-style Strategies: the Ecovillage 'Movement' is NOT the Way Towards a New Democratic Society. **Democracy & Nature** 6.2 287-308, 2000.

FOIS, Francesca ; FORINO Giuseppe. The self-built ecovillage in L'Aquila, Italy: community resilience as a grassroots response to environmental shock. **Disasters**, 38(4): 719–739, 2014.

FLEMING, Rob. **Design Education for a Sustainable Future**. Routledge. 2013.

GAIA EDUCATION. Disponível em: <www.gaiaeducation.net> Acesso em: janeiro 2014.

GAIA TRUST. Disponível em: < <http://www.gaia.org/gaia/gaiatrust/> > Acesso em: janeiro 2014.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das Culturas**. (Versão original em inglês de 1973). Rio de Janeiro, LTC, 2008.

GEN. Global Ecovillage Network. <<http://gen.ecovillage.org>> Acesso em: dezembro de 2013.

GIRARDET, Herbert. **Regenerative Cities**. World Future Council. 2010. Disponível em:

<http://www.worldfuturecouncil.org/fileadmin/user_upload/papers/WFC_Regenerative_Cities_web_final.pdf> Acesso em outubro de 2014.

GLOBAL FOOTPRINT NETWORK, 2011 Disponível em: www.footprintnetwork.org/en/index.../publications Acesso em: dezembro de 2013.

GUATTARI, Félix. **As Três Ecologias**. Campinas: Editora Papirus, 1990.

GILMAN, Robert e GILMAN, Diane. **Ecovillages and Sustainable Communities**. A Report for Gaia Trust by Context Institute; Bainbridge Island, WA, 1991.

_____. The ecovillage challenge: The challenge of developing a community living in balanced harmony - with itself as well as nature - is tough, but attainable, **In Context**, vol. 29, pp. 10-14, 1991.

_____. Keynote Address: The Dynamic Planetary Context for Intentional Communities. In: MELTZER, Graham (Ed). *Conference Proceedings*. Proceedings of the 11th International Communal Studies Association Conference, ICSA 2013 - Communal Pathways to Sustainable Living. pp. 13-35. The Findhorn Foundation, Forres, UK, 2013.

GUARESCHI, Pedrinho A. Relações Comunitárias – Relações de Dominação. In: CAMPOS, Regina H. F. (Org.). **Psicologia Social Comunitária: da Solidariedade à Autonomia**. Petrópolis, Ed.Vozes. pp 81-99. 1996.

GREENBERG, Daniel. Ecovillages. *Achieving Sustainability: Visions, Principals and Practices*. Cengage learning. pp 272-276, 2013.

_____. Why Academia needs Ecovillages. Disponível em: <http://sustainabilityeducation.livingroutes.org/2011/05/> Acesso em dezembro de 2013.

HABERMAS, J. O conceito de poder de Hannah Arendt. In: FREITAG, B.; ROUANET, S.P. (orgs.) *Habermas*. São Paulo: Ática, 1980.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003.

HARE, A P. Group Decision by Consensus: Reaching Unity in the Society of Friends. **Sociological Inquiry** vol:43 iss:1 pg:75 -84, 1973.

INTERNATIONAL UNION FOR CONSERVATION OF NATURE – IUCN. **The Future of Sustainability: Re-thinking Environment and Development in the Twentyfirst Century**. Report of the IUCN Renowned Thinkers Meeting. 2006 Disponível em: < http://cmsdata.iucn.org/downloads/iucn_future_of_sustainability.pdf> Acesso em novembro de 2013

IPCC – Painel Intergovernamental Sobre Mudanças do Clima. *Climate Change 2014 Synthesis Report Summary for Policymakers*. Disponível em:

http://www.ipcc.ch/pdf/assessment-report/ar5/syr/AR5_SYR_FINAL_SPM.pdf>
Acesso em março de 2015.

IRVING, Marta. Sustentabilidade e *O futuro que não queremos*: polissemias, controvérsias e a construção de sociedades sustentáveis. **Sinais Sociais** v.9, n.26. Rio de Janeiro, 2014.

JACKSON, J. T. Ross. The Ecovillage Movement. **Permaculture Magazine** 40, 25-30, 2004.

JENKIN, Sarah; ZARI, Maibritt Pedersen. **Rethinking our built environments: Towards a sustainable future**. Ministry for Environment. 2009. Disponível em: <
<http://mfe.govt.nz/publications/sus-dev/rethinking-our-built-environment/rethinking-our-built-environment.pdf> > Acesso em: 08 de fevereiro de 2015.

JOSEPH, Linda; BATES, Albert. What Is an “Ecovillage”? **Communities Magazine** No 117 - Ecovillages - What Have We Learned? 2003. Disponível em:
<http://gen.ecovillage.org/iservices/publications/articles/CM117WhatIsanEcovillage_E.pdf> Acesso em novembro de 2013.

JOUBERT, Kosha. Ecovillage Transition – Scaling up Community-Led change Processes. 2014. Disponível em: <http://sites.ecovillage.org/node/5111> Acesso em janeiro de 2015.

KAHN, Charles H. **Pitágoras e os Pitagóricos** - Uma breve História. Edições Loyola, 2007.

KASPER, D. Redefining community in the ecovillage. **Human Ecology Review**, Vol.15(1), pp.12-24, 2008.

KESSLER, Sarah. Eco-Villages. Studying in sustainable communities throughout the world. **A Broad View Magazine**. P. 62-63. Spring 2008. Retrieved from
< http://gen.ecovillage.org/iservices/publications/articles/av_08_spring_ecovillages.pdf >
Acesso em: dezembro de 2014.

KIRBY, Andy. Redefining social and environmental relations at the Ecovillage at Ithaca: A case study. **Journal of Environmental Psychology**, Vol.23(3), pp.323-332, 2003.

_____. Domestic Protest: The Ecovillage Movement as a Space of Resistance. **Bad subjects**, no 65, January 2004. Retrieved June 14, 2012, from
<<http://bad.eserver.org/issues/2004/65/kirby.html>> Acesso em: dezembro de 2014.

KOZENY, G. **Intentional Communities: Lifestyles Based on Ideals**. Fellowship for Intentional Community, 1995 Disponível em: <
www.ic.org/pnp/cdir/1995/01kozeny.php > Acesso em: janeiro de 2014.

KUNZE, Iris. Social Innovations for Communal and Ecological Living: Lessons from Sustainability Research and Observations in Intentional Communities. **Communal Societies: Journal of the Communal Studies Association**. V. 32, N. 1, 2012.

LACOSPSYCHELOGOS - Laços de Psicologia e Psicopatologia. Psicologia Social: grupos, liderança e redes de comunicação. **Disponível em:** <https://sites.google.com/site/lacospsychelogs/sss/psicologia-social/psicologia-social-grupos-lideranca-e-rdes-de-comunicacao> _Acesso em abril de 2015.

LITFIN, K. Reinventing the future: The global ecovillage movement as a holistic knowledge community. In: KÜTTING, G.; LIPSCHUTZ, R. (Ed.). *Environmental governance: power and knowledge in a local-global world*. p. 124-144. Routledge, 2009

_____. **Ecovillages: Lessons for Sustainable Community**. London: Polity Books, 2014.

LOCKYER, Joshua P. Intentional Communities and Sustainability. **Communal Societies** 30 (1) , pp. 17-30, 2010.

LOUREIRO, Carlos Frederico B. **Sustentabilidade e Educação**: um olhar da ecologia política. São Paulo, Cortez 2012.

LOVELOCK, James. *Gaia: A New Look at Life on Earth* (original de 1979). New York: Oxford University Press, 2000.

MACIEL, Tania Barros. Da sustentabilidade à sustentabilidade do ser: por um desenvolvimento humano durável in *Tecendo o Desenvolvimento*, org. D'Ávila, Maria Inácia et Pedro, Rosa, Mauad, 2003.

MARQUES NETO, Murillo. **A Construção da Solidariedade**: Um Estudo de Caso da Comunidade Campina. Dissertação de Mestrado em Psicossociologia e Ecologia Social. Programa EICOS, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

MAUSS, M. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In _____. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo, Cosac Naify, 2003.

MEADOWS, Donella H. et al. **Limites do crescimento**, SP: Editora Perspectiva, 1973.

MELLO E SOUZA, Cecília de. O conceito de cultura e a metodologia etnográfica: fundamentos para uma psicologia cultural. In: D'Ávila, M.I. e PEDRO, R. (Orgs) *Tecendo o Desenvolvimento*. Rio de Janeiro, Mauad, 2003.

MELTZER, Graham. **Sustainable Community**: Learning from Cohousing Model, Trafford, 2005.

_____. *Ecovillages and Cohousing: A personal take on their similarities and differences*. 2013.

METCALF, Bill. Utopian Struggle: Preconceptions and Realities of Intentional Communities. In: ANDREAS, Marcus; WAGNER, Felix (Editors) *Realizing Utopia*. Ecovillage Endeavors and Academic Approaches. P. 21-29. RCC Perspectives. Germany. 2012

_____; CHRISTIAN, Diana Leafé. Intentional Communities. In: *Encyclopedia of communities: from the village to the virtual world*. Vol. 2. Great Barrington: Berkshire, 2003.

MFA – Ministry for the Environment, New Zeland Government. Disponível em : www.mfe.govt.nz Acesso em: janeiro de 2015.

MILLER, Timothy. Continuity and Change: The evolution of intentional communities. In: MELTZER, Graham (Ed). *Conference Proceedings*. Proceedings of the 11th International Communal Studies Association Conference, ICSA 2013 - Communal Pathways to Sustainable Living. P. 96. The Findhorn Foundation, Forres, UK, 2013.

MINDELL, Arnold. **Sitting in the fire**: large group transformation using conflict and diversity. Lao Tse Press, 1995.

MOLLISON, Bill. **Introdução à Permacultura**. Tyalgum (Austrália): Tagari Publications, 1994.

NISSEN, Ditlev. *Lifestyle Change as Climate Strategy*. Artigo escrito para a 6th Living Knowledge Conference at Aalborg University. Copenhagen, Dinamarca, 9 a 11 de abril de 2014. Disponível em: www.livingknowledge.org/lk6/ Acesso em agosto de 2014.

NORBERG-HODGE, Helena. Why Ecovillages? **The Ecologist** Vol. 32. No 1, February, 2002.

OLIVEIRA, F. de. **Aproximações ao Enigma: que quer dizer desenvolvimento local?** São Paulo: Instituto Polis, 2001.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Projeto Milênio das Nações Unidas**. 2005. Disponível em: <<http://www.pnud.org.br/milenio> > Acesso em: dezembro, 2013. Objetivos do Milênio. Brasília. 2000. Disponível em: <<http://www.objetivosdo.milenio.org.br> > Acesso em: dezembro, 2013.

_____. O Futuro que queremos. Declaração final Rio + 20. 2012.

Disponível em:

http://www.apambiente.pt/_zdata/Políticas/DesenvolvimentoSustentavel/2012_Declaracao_Rio.pdf (português) Acesso em novembro de 2013.

<http://www.uncsd2012.org/thefuturewewant.html> (inglês)

OVED, Yaacov. The Globalisation of Communes. Proceedings of the 11th conference of the International Communal Studies Association - ICSA 2013. **Social Sciences Directory** Vol. 2, No. 3, 93-96, September 2013.

PNUD - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. Disponível em: http://www.pnud.org.br/IDH/DesenvolvimentoHumano.aspx?indiceAccordion=0&li=li_DH Acesso em 15 de fevereiro de 2015.

REED, B. Shifting from ‘sustainability’ to regeneration. *Building Research and Information*. 35: 674–80. 2007.

ROSEMBERG, Marshall. **Comunicação Não-Violenta**. São Paulo: Editora Agora, 2006.

ROYSEN, Rebeca. **Ecovilas e a construção de uma cultura alternativa**. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

SABOURIN, Eric. Marcel Mauss: da dádiva à questão da reciprocidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 23, nº. 66, fevereiro de 2008.

SANFORD, A. Whitney. Being the Change: Gandhi, Intentional Communities and the Process of Social Change. Proceedings of the 11th conference of the International Communal Studies Association - ICSA 2013. **Social Sciences Directory** Vol. 2, No. 3, 106-113, September 2013.

SANTOS, Sara Jane. **Comunidades sustentáveis: autoridade e autonomia em questão**. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Serviço Social, PUCRS. Porto Alegre, 2011.

SANTOS JR, Severiano José dos. Ecovilas e Comunidades Intencionais: Ética e Sustentabilidade no Viver Contemporâneo. In: Encontro da ANPPAS, III, 2006, Brasília – DF. *Anais...* Brasília: Associação Nacional Pós-graduação e Pesquisa em Ambiente e Sociedade, p.1-16.2006.

_____. **Zelosamente Habitando a Terra: Ecovilas, Ethos e Sustentabilidade no Viver Contemporâneo. Uma Contribuição sobre a Realidade Brasileira**. Tese (Doutorado) Universidade de Brasília – UNB - Centro de Desenvolvimento Sustentável. Brasília – DF, junho/ 2010.

SAWAIA, Bader Burihan. Comunidade: A apropriação científica de um conceito tão antigo quanto a humanidade. pp 35-53 In: CAMPOS, Regina H. F. (Org.). **Psicologia Social Comunitária: da Solidariedade à Autonomia**. Petrópolis, Ed.Vozes. 1996.

SCHUMACHER, E. F. **O negócio é ser pequeno** (Small is Beautiful), São Paulo: Editora Zahar, 1977.

SEN, A. **Desenvolvimento como Liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SENGE, Peter et al. **The Necessary Revolution: How Individuals and Organizations Are Working Together to Create a Sustainable World**. 2008.

SEVIER, Laura. Ecovillages: a model life? **The Ecologist**, Vol.38(4), p.36-37, May, 2008.

SIMAS, Ana Carolina Beer F. **Comunicação e Diferença: estratégias de comunicação colaborativa para a sustentabilidade comunitária**. Tese de Doutorado em Comunicação Social, ECO / UFRJ, Rio de Janeiro, 2013.

SIRNA, Tony. **What Is Ecovillage? Intentional Communities**. IN: FELLOWSHIP FOR INTENTIONAL COMMUNITY. 2000. Disponível em: <www.ic.org/pnp/cdir/2000/08ecovillage.php> Acesso em dezembro de 2013.

SOMÉ, Sobonfu. **O Espírito da Intimidade** – Ensinaamentos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar. Odysseus Editora Ltda., 2003.

TAVARES, Carlos A. P. **O que são comunidades alternativas?** São Paulo, Nova Cultural/Brasiliense, 1985.

TRANSITION NETWORK. Disponível em: <https://www.transitionnetwork.org> Acesso em outubro de 2014.

THE RESILIENCE ALLIANCE. Disponível em: www.resalliance.org. Acesso em fevereiro de 2015.

THEOPHILO, Roque. **A Transdisciplinaridade e a Modernidade**. Disponível em: <<http://www.sociologia.org.br/tex/ap40.htm>>, s.d. Acesso: março de 2014.

TINSLEY, S., GORGE, H. **Ecological Footprint of the Findhorn Foundation and Community**. Forres: Sustainable Development Research Centre. 2006.

TÖNNIES, Ferdinand. **Community and association: Gemeinschaft und Gesellschaft**. Tradução de Charles P. Loomis. London: Routledge & Kegan Paul, 1955.

TRAINER, F.E. The global sustainability crisis. The implications for community. **International Journal of Social Economics**, Vol. 24 No. 11 pp. 1219-1240, MCB University Press. Sydney, Australia, 1997.

TRAINER, Ted. The Global Ecovillage Movement: The Simpler Way for a Sustainable Society. **Social Alternatives** 19.3, 19-24. 2000.

_____. Debating the significance of the Global Eco-village Movement: A reply to Takis Fotopoulos. **Democracy & Nature**, Vol. 8, No. 1 (March 2002).

UCHINO, Bert N. **Social Support and Physical Health: Understanding the Health Consequences of Relationships**. New Haven, Connecticut: Yale University Press, 2004.

UNESCO, United Nations Decade of Education for Sustainable Development (2005-2014): International Implementation Scheme. 2005.
<http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001486/148654e.pdf>

UNITED NATIONS. (1987). Report of the World Commission on Environment and Development (General Assembly Resolution 42/187). Retrieved May 24, 2008, from <<http://www.un.org/documents/ga/res/42/ares42-187.htm>> Acesso em março de 2014.

VASCONCELOS, E.M. **Complexidade e pesquisa interdisciplinar: epistemologia e metodologia operativa**. Petrópolis, Ed. Vozes, 2002.

VEIGA, José Eli da. Indicadores de sustentabilidade. **Estudos Avançados**, 24 (68), 2010.

_____. O âmago da sustentabilidade. **Estudos Avançados**, 28 (82), 2014.

VELAYUTHAM, Sivakumar. Governance without boards: the Quakers. **Corporate Governance: The international journal of business in society**, Vol. 13 Iss 3 pp. 223 – 235, 2013.

VOGEL, Erika. Consumidores e cidadãos: um estudo exploratório sobre consumidores que problematizam suas práticas de consumo. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia – EICOS. Rio de Janeiro: 2012.

WAGNER, Felix. Ecovillage Research Review. In: ANDREAS, Marcus; WAGNER, Felix (Editors) *Realizing Utopia*. Ecovillage Endeavors and Academic Approaches. RCC Perspectives. Munich, Germany. 2012

_____. Ecovillages: Cradles for a culture of sustainability? In: MELTZER, Graham (Ed). *Conference Proceedings*. Proceedings of the 11th International Communal Studies Association Conference, ICSA 2013 - Communal Pathways to Sustainable Living. P. 215. The Findhorn Foundation, Forres, UK, 2013.

WAHL, Daniel. **Transformative Resilience**. In Designing Ecological Habitats – Creating a Sense of Place. MARE, Chris & LINDEGGER, Max (eds.) Permananet Publications, UK, 2011.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Pioneira, 1967.

WEIL, Pierre. A normose informacional. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 61-70, maio/ago. 2000.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 2011a.

_____. **Cultura e materialismo**. Trad. André Glaser. São Paulo: Editora Unesp, 2011b.

_____. Base e Superestrutura na Teoria Cultural Marxista. **REVISTA USP**, São Paulo, n.65, p. 210-224, março/maio 2005. (Edição original: Raymond Williams, “Base and Superstructure in Marxist Cultural Theory”, in Problems in Materialism and Culture, London, 1997).

YORK, R. e DUNLAP, R.E. Environmental Sociology. *The Wily-Blackwell Encyclopedia of Globalization*, 1st edition. Ritzer, G.(ed). Blakwell Publishing Ltd. 2012.

ANEXO I – TERMO DE CONSENTIMENTO TRADUZIDO

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Programa EICOS

Projeto de Pesquisa: Ecovilas e a Construção de uma Cultura da Sustentabilidade

Discente: Taisa Mattos

Orientadora: Cecília de Mello e Souza

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Taisa Mattos, pesquisadora e mestranda do Programa EICOS da Universidade Federal do Rio de Janeiro, fundadora da Ecovila Terra Una (MG) e membro da Rede Global de Ecovilas, está conduzindo uma pesquisa e gostaria da sua contribuição.

A pesquisa tem por objetivo investigar o modo de vida das Ecovilas e sua contribuição para a construção e difusão de uma cultura da sustentabilidade. Para isso serão realizadas entrevistas com pessoas relacionadas ao movimento de Ecovilas, membros de Ecovilas e participantes de programas de educação realizados nas Ecovilas.

A entrevista é na verdade uma conversa, onde não existem respostas certas nem erradas. A proposta é compreender como as Ecovilas funcionam, os aspectos da sustentabilidade que são trabalhados internamente e de que maneira podem ser vistas como modelos de vida sustentável, atuando na construção e difusão de uma nova cultura.

É importante informar que poderá haver a solicitação de mais de uma entrevista, para o aprofundamento da pesquisa, e que cada entrevista pode durar até 2 horas.

A entrevista será gravada (áudio) e depois transcrita para que os dados sejam apreendidos da melhor maneira. Somente a equipe da pesquisa terá acesso aos dados (gravação e transcrição da entrevista). As gravações serão destruídas logo após sua transcrição. As transcrições serão arquivadas pela pesquisadora e terão uma cópia guardada na sede do Programa EICOS, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, por um período de 2 anos, sendo depois descartadas.

Sua participação na pesquisa será mantida em sigilo, bem como as informações fornecidas. Só terão acesso às entrevistas o grupo de pesquisadores envolvidos e a orientadora da pesquisa, a professora Cecília de Mello e Souza. Você terá acesso aos resultados da pesquisa assim que o estudo estiver concluído.

A participação na pesquisa não oferece riscos, uma vez que os dados serão sigilosos, mas também não oferece nenhum benefício direto a você. Cabe destacar que essa participação é voluntária e que você poderá, a qualquer momento, desistir de dar a entrevista ou interrompê-la, sem haver nenhum tipo de penalidade por isso. Além disso, você tem a liberdade de se recusar a responder qualquer pergunta que considere inapropriada ou desconfortável.

Caso haja alguma dúvida com relação à pesquisa, ou sugestão, você poderá entrar em contato comigo através do email: taisamattos@hotmail.com

Se você tiver alguma reclamação a respeito de sua participação, ou considera que sua participação na pesquisa lhe trouxe algum dano, favor entrar em contato comigo ou com a orientadora responsável, através dos dados abaixo. Suas sugestões também são muito bem-vindas.

Profa. Dra. Cecília de Mello e Souza
E-mail: ceciliams@ufrj.br
Telefone EICOS :(+ 55 21) 3873-5349
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Instituto de Psicologia
Programa EICOS
Av. Pasteur, 250 - Pavilhão Nilton Campos - Praia Vermelha
Rio de Janeiro - RJ- Brasil
CEP: 22290-250

Todas as reclamações ou sugestões serão mantidas em sigilo.

É importante que as informações aqui contidas estejam claras. Caso tenha alguma dúvida, estamos à disposição para esclarecê-la a qualquer momento.

Sua entrevista está pré-agendada para o dia ____ de _____ de 2014, às ____ h. Posso sugerir um local ou a/o encontro onde for melhor para você. Por gentileza, confirme se o dia, horário e local da entrevista são convenientes para você e assine o termo de consentimento para o uso das informações através da entrevista.

Ressaltamos que sua participação é muito importante para a compreensão dos objetivos dessa pesquisa.

Recebi uma explicação completa a respeito da pesquisa e concordo em participar.

Local e Data: _____

Nome do participante: _____

Assinatura: _____

ANEXO II – ROTEIRO DE ENTREVISTA

Basic Interview Guide

As you know, I am conducting a research study on Ecovillage's sustainability and culture. I will ask you several questions. You may think some are dull or obvious but it is part of the process to ask them, right? Would you mind if I record our chat? It will help me to keep a record of everything you say and I will be able to listen to it again whenever necessary. I will also make some written notes because the tape recorder has let me down a few times. It is important to make it clear that the identity of the people interviewed as well as the responses given will be kept in secrecy.

1 – What is Findhorn for you? How would you define it? (for the ones who recognize it as an Ecovillage) Can you explain to me what an Ecovillage is? What is it that designates you as an Ecovillage?

2 – Tell me about you, your personal life history and how you ended up here (Ecovillage). How did this project develop in your life?

3 – What are the objectives of your Ecovillage/Community? Which values is it ruled over?

4 – Describe a regular day in the Ecovillage.

5 – How does the Ecovillage work? Who are its members? How many are they? Describe its members' path and the processes or stages they are going through. Is there any kind of hierarchy? Is there any leadership? What is the role of each person? Who are the main leadership for you? Why?

6 – What is the division of labor like? Do you work together? Do the roles rotate? And the source of income? (One-to-one? Group enterprises?) Do you get paid for the community work? What kind of work is hired?

7 – What kind of products and services are produced / offered here? Do you miss anything? What do you consider/value the most?

8 – How is the relationship between the Ecovillage and the community around it? How is the Ecovillage seen by its neighbors? Do they visit it?

9 – How do you deal with the issue of houses' ownership? Everybody owns them? Some? Is there an economical differentiation among its members?

10- How are the decisions made? Has it always been this way? What do you think about this model? Do you make an evaluation of the process?

11 – What is the communication among its members like? Is there an opening for discussion? Do you use any specific tool? Which one? Have you tried other ways?

12- Tell me about the relationships in the Ecovillage. How do people build trust among them in here? Do you realize any difference between inside here and outside? Is there intimacy? Is there affection among people in general? And solidarity? How do you feel the care in Ecovillage? And the exchanges? Do you feel any differences between the relationships that there are inside here and outside? Who is family for you?

13 – How does it feel to belong to a group? When did you really feel that you were part of it? What did the community life reveal about you that you were not aware? And about others?

14 – What do you like the most in the community life? What do you like the least? What is the restriction to your freedom that bothers you the most? What are the biggest challenges in the community life? What is the individuality like? Is there time to be alone?

15 – The motivation to live here has changed as time went by? How?

- 16 – In your opinion, is there any stage of life in which is best to live in community? In which is worst? Do you realize significant differences among the generations concerning their abilities to live in community? Can you give examples?
- 17 – What is the childcare like? And the elderly's? Any differential from the model outside? Are they integrated with the community's activities? In which way?
- 18 – What happens to the sons of the Ecovillage? (property, are they members?) And the elderly? When they are not able to work anymore?
- 19 – What is the health care like in the Ecovillage?
- 20- What is the education like in your Ecovillage? Are there any schools? The knowledge generated in the Ecovillage stays in the Ecovillage? How is this knowledge scattered?
- 21 – What is the culture like in the Ecovillage? (cultural activities, get-togethers, rituals, celebrations...) does everybody participate? What cultural aspects differentiate Ecovillages from other places? Is there any register / memory of your trajectory?
- 22 – What is spirituality like in here? Is there a religion? Do you think that the spirituality contributes to Ecovillage's day after day? In which way? And for maintenance in the long term? What is the importance of the sacred for you?
- 23 – In your opinion, what attracts most people who wants to enter in the Ecovillage? What are the adaptation's challenges they face? What makes the adaptation/integration easier? What makes residents go away? Please, tell me about people who have left the Ecovillage.
- 24 – What is the main factor of conflicts? How are the conflicts dealt with (interpersonal and group)? Describe the process. Is there any evaluation/appraisal? Has it always been like that? How was it before? How did you come to this model? Have you ever lived any conflicts? Can you talk about it? Was it solved? How?
- 25 – In your opinion, what was the worst crisis that the Ecovillage experienced? Why do you think it was the worst? How did you overcome it? What other crisis do you remember since you started living here?
- 26 – Is there a concern about sustainability in the Ecovillage? In which aspects (social, ecological, economic, others)? How can we see it in practice here? In your daily actions? How does it show in the drawing (physical space) and in the Ecovillage's processes?
- 27 – In what ways do your daily habits differ from the daily habits of a common citizen/someone outside?
- 28 – Do you think that the Ecovillage still copy social, economical, and political models from outside? Which ones? How? In your opinion, how did the Ecovillage innovate the most?
- 29 – What has changed in your life / yourself after you knew/joined an Ecovillage? What did you learn with the experience of living in an Ecovillage? What was the most difficult challenge? Do you realize the change in other people?
- 30 – Which do you consider to be basic values to live in an Ecovillage? Do you think your values have any impacts on your habits? Which values are these? How and why do they cause impact?
- 31 – Do you think that “be different /do in a different way” affected your social relations in any way? How? Why? Have you ever felt prejudice against being part of an Ecovillage? Which one? What kind?
- 32 – In your opinion, what is the major contribution that the Ecovillages offer? In your opinion, what is the biggest challenge of Ecovillages?
- 33 – Is there anything that I have not asked and that you would like to add?

ANEXO III – DOCUMENTO ‘COMMON GROUND’ DE FINDHORN (diretrizes de conduta)